

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS – FFLCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

RICARDO DEVIDES OLIVEIRA

O NEXO TURISMO/PETRÓLEO EM TIMOR-LESTE:
Discursos, estratégias e a dialética da modernização territorial

Versão original

SÃO PAULO
2022

RICARDO DEVIDES OLIVEIRA

O NEXO TURISMO/PETRÓLEO EM TIMOR-LESTE:

Discursos, estratégias e a dialética da modernização territorial

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor.

Área de concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Doutor André Roberto Martin

Versão original

SÃO PAULO

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

0048n Oliveira, Ricardo Devides
O nexu turismo/petróleo em Timor-Leste: Discursos, estratégias e a dialética da modernização territorial / Ricardo Devides Oliveira; orientador André Roberto Martin - São Paulo, 2022.
253 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Geografia Política. 2. Timor-Leste. 3. Petróleo. 4. Turismo. 5. Modernização territorial. I. Martin, André Roberto, orient. II. Título.

OLIVEIRA, Ricardo Devides. **O nexo turismo/petróleo em Timor-Leste: discursos, estratégias e a dialética da modernização territorial.** Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2022

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Dedico esta tese a Max Stahl (1945-2021), jornalista britânico que filmou o massacre do Cemitério de Santa Cruz, em 1991, e mostrou ao mundo o genocídio que estava acontecendo em Timor. Max, o malai mais timorense

Percurso pessoal e convite para um mergulho no oriente

A primeira vez que se olha para o mar fica-se com a vontade de fazer uma viagem para o outro lado, atravessando essa enorme extensão de águas. Não sei se é essa a razão que faz com que muitos se tenham virado para o mar, em busca de liberdade, de paz, do silêncio, da solidão, da explicação da vida, deles próprios, a fuga ou o retorno. Razões íntimas que ultrapassam os enredos que cada um possa forjar, para explicar o apelo do mar.

(Luís Cardoso de Noronha, O apelo do Mar, 2014)

O fragmento de texto de Luís Cardoso¹, escritor timorense e autor de obras essenciais para compreender Timor-Leste, tais como “Crônica de uma travessia – A época do *ai-dik-funam*”² (1997) e “Réquiem para o navegador solitário”³ (2007), me ajudam a refletir sobre a importância de conhecer o desconhecido, de trilhar caminhos desafiadores e das experiências que as viagens nos proporcionam. A viagem, que para mim significa movimentar-se em direção à novos aprendizados, é um acontecimento geográfico por excelência, pois nos deslocamos no tempo-espaço e somos transformados não só pelo que acontece no destino final, mas também ao longo do caminho. Essa vida de viajante, que permite “guardar as

¹ Luís Cardoso de Noronha, nascido no ano de 1958 em Cailaco, pequena vila e subdistrito de Bobonaro, é considerado um dos mais importantes escritores timorenses. Tendo estudado em colégios de missionários e no Seminário da Dare, adquiriu uma sólida base intelectual, concluindo seus estudos em Portugal quando do período de ocupação indonésia. Formou-se em silvicultura pelo Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, através do qual pode conhecer as obras científicas e poéticas de Ruy Cinatti. Suas obras literárias, traduzidas em diversas línguas e reconhecidas com diversos prêmios, percorre temáticas tais como as travessias entre o mundo físico e o sobrenatural, oferecendo uma imersão na cultura e história essenciais para compreender Timor. Seu último livro, “O Plantador de Abóboras”, venceu o Prêmio Oceanos 2021.

² Romance inaugural de Luís Cardoso, por onde é construída uma linha narrativa atravessada por fatos e referências concretas somadas a contornos autobiográficos de caráter memorialista, através do qual ocorre a tessitura de uma imagem unificadora de Timor-Leste. RAMOS, Ana. M. Literatura timorense: da emergência à legitimação. **Caderno Seminal Digital**, v. 18(18), 2012.

³ Em “Réquiem para um navegador solitário”, publicado dez anos após o primeiro romance, a questão da identidade e da história é percorrida em termos individuais e nacionais, através do qual a protagonista Catarina, jovem chinesa iludidas por sonhos amorosos, é apanhada numa encruzilhada histórica anterior ao início da Segunda Guerra Mundial, quando o território timorense já reflete imagens de desgostos, injustiças e sofrimento. RAMOS, Ana. M. Literatura timorense: da emergência à legitimação. **Caderno Seminal Digital**, v. 18(18), 2012.

recordações das terras onde passei”⁴, como musicou Luiz Gonzaga⁵, está no cerne da minha geograficidade e da travessia que realizei em direção à Timor, por onde será possível contar a história desta tese, que é parte da minha história.

Durante a maior parte da infância pobre e feliz que tive no bairro de periferia da cidade onde nasci, adorava sair soterradamente de casa e ultrapassar os limites espaciais delimitados pelos meus pais, sempre preocupados com a violência constante na região. Eu sempre teimava em ir além, no anseio de encontrar uma nova árvore frutífera e fazer novos amigos para jogar bola, desafiando o tempo-espaço da minha consciência e as condições da minha bicicleta velha e capenga. Assim fui crescendo, ora fugindo de casa, ora fugindo da escola, porque o mundo lá fora parecia mais interessante. Por estes tempos meu pai, que trabalhava como eletricitista e encanador nas mansões dos bairros nobres de Campinas, cidade do interior de São Paulo, trazia para casa os objetos descartados pelos ricos, dentre os quais móveis e madeiras velhas, bolas de futebol, quadros quebrados, gibis e revistas.

Como não tínhamos televisão e nem rádio, meu passatempo em casa era a leitura, e dentre as revistas que chegavam aos montes e de todos os tipos, uma em especial me deixou extremamente curioso e funcionou como um gatilho geográfico poderoso: uma edição da revista *National Geographic*⁶ com reportagens sobre a Ásia, das mulheres de pescoço alongado da tribo *Karen*⁷, ao norte da Tailândia,

⁴ Canção composta por Luiz Gonzaga e Hervê Cordovil, em versão registrada no álbum 'Gonzagão e Gonzaguinha: a vida do viajante' (1981), é vista por muitos como um hino do retirante nordestino, esse sujeito histórico que vive sob condições de seca e pobreza extrema, expropriado da sua terra e modo de vida, mobilizando-se para um dia descansar feliz.

⁵ Luiz Gonzaga (1912-1989), músico nordestino conhecido como o Rei do Baião, responsável por levar a todas as regiões do país a cultura musical nordestina através de ritmos e estilos tais como o baião, xaxado, xote e forró pé-de-serra.

⁶ Iniciada em 1888 como um jornal acadêmico ligado a *National Geographic Society*, dos EUA, as publicações da *National Geographic*, considerada uma das revistas mais lidas de todos os tempos, foram precursoras do fotojornalismo e protagonista na divulgação de informações históricas e geográficas de culturas e lugares de praticamente todos os continentes. Há inúmeros artigos dedicados a analisar o famoso periódico, com destaque a dissertação de Serra (2020), que percorreu alguns blocos temporais para compreender as mudanças paradigmáticas e ideológicas da NAT GEO frente à globalização, as questões climáticas e problemáticas relativas às minorias identitárias. SERRA, S. R. de S. V. *National Geographic: A metamorfose de uma revista: Análise de conteúdos entre 1989-1991 e 2017-2019* Dissertação (mestrado). Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, 2020.

⁷ Muito exploradas como atração turística e conhecidas popularmente como 'mulheres-girafa', este grupo minoritário da etnia *karen*, são originários do Myanmar e refugiadas na Tailândia há muitas décadas. As argolas no pescoço é uma tradição secular, por onde alguns narrativas argumentam

aos dragões da ilha de Komodo⁸, na Indonésia. Aquelas informações e imagens causaram em mim um encantamento, e naquele momento eu percebi o tamanho do mundo que me cercava, e tornei-me um sonhador, desejando, ainda moleque, com poucas perspectivas de futuro, algum dia conhecer estes lugares e culturas.

Cresci e trabalhei em muitos lugares. Fui camelô, lavador de carros, ajudante de pedreiro e ajudante de meu pai, e com o dinheirinho que guardava pude fazer um cursinho popular, decidido a cursar geografia porque este conhecimento me parecia o ideal diante dos meus objetivos. Depois de algumas tentativas e graças a nota do ENEM⁹, fui aprovado no curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) em Presidente Prudente. Primeira grande viagem, primeiro da família a conseguir acessar o ensino superior, primeiro entre os amigos. Foram anos magníficos de vivências e aprendizados, e mesmo com muitas dificuldades financeiras consegui terminar a licenciatura e me tornei professor.

De volta a Campinas e com curso superior – como minha mãe gostava de dizer a todos! – iniciei o mestrado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), consegui uma bolsa pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e iniciei minha fase pesquisador, investigando o processo de formação e institucionalização científica da Geografia na Alemanha. A defesa da dissertação de mestrado, que contou com as contribuições dos professores Antonio Carlos Robert de Moraes e Marcos Bernardino de Carvalho, foi um momento incrível. Lembro do professor Tônico me dizer: “colega, você tem instinto para a pesquisa. Espero que continue sua caminhada com um doutorado”, e ouvir esse tipo de mensagem de nossas maiores referências foi definitivamente estimulante.

que a prática é ligada a necessidade de defesa contra animais, e outras referem-se a uma estratégia para impedir a escravização destas mulheres.

⁸ Ilha de Komodo ou *Pulau Komodo* em *bahasa* indonésia, é uma pequena ilha pertencente a Indonésia e notável por ser o habitat dos Dragões de Komodo, uma espécie de réptil de grande porte e endêmico na ilha.

⁹ Exame Nacional do Ensino Médio.

Cheio de confiança e com os sonhos de geografia ao alcance, logo adentrei no curso de doutorado em Geografia, também pela UNICAMP, e seguindo a mesma linha de pesquisa em Epistemologia e História do Pensamento Geográfico. Porém, sem conseguir uma bolsa de pesquisa para me manter e ‘sustentar’ o doutorado, comecei a trabalhar em várias escolas públicas como professor-substituto. Nestes tempos tudo parecia fora do lugar. Meu objeto de pesquisa sobre o pensamento e as obras da maturidade do geógrafo alemão Friedrich Ratzel¹⁰ não me agradava mais, e com excesso de trabalho nas escolas, não conseguia encontrar tempo para ler e pesquisar, e muito menos estudar alemão para dar conta de realizar a transcrição e tradução das obras do geógrafo alemão que ainda se encontravam na língua de época. E para piorar, me envolvi com pessoas erradas em lugares perigosos da periferia, troquei a noite pelo dia e tinha que trabalhar ainda mais para manter o vício em cocaína. Não se espante, prezados(as) leitores e leitoras, pois é preciso humanizar nossa trajetória, porque por detrás de toda carreira acadêmica existe um ser humano que erra, sofre, passa dificuldades e supera obstáculos.

Então eu me lembrei da música do Gilberto Gil: *“Se oriente, rapaz; pela constelação do Cruzeiro do Sul. Se oriente, rapaz; pela constatação de que aranha vive do que tece, vê se não se esquece, pela simples razão de que tudo merece...consideração”*¹¹. E a orientação que mudou profundamente minha vida veio de longe quando, no início de 2013 meu querido amigo ‘Chico’, hoje docente na Universidade Federal do Mato Grosso, à época realizando doutorado-sanduíche em Coimbra, Portugal, compartilhou comigo uma notícia da abertura de um edital para professores brasileiros participarem de um programa de cooperação

¹⁰ Friedrich Ratzel (1844-1904), geógrafo alemão e um dos principais responsáveis pela sistematização da ciência geográfica de matriz européia, legando ao conhecimento geográfico essenciais contributos teóricos que lançaram a base para a consolidação da geografia humana, da biogeografia e da geografia política. Para aprofundar nas múltiplas geografias de Ratzel, ver: SEEMANN, J; OLIVEIRA, R. D. Friedrich Ratzel: a geografia mora nos detalhes e no todo. **GEOgraphia**, 2021.

¹¹ ‘Oriente’ é um das canções mais marcantes do cantor e compositor baiano Gilberto Gil, integrando o álbum ‘Expresso 2222’ (Phillips/1972). Lançado alguns meses após Gil retornar do exílio da ditadura militar, a música citada põe em diálogo o pensamento ocidental e oriental como um contraponto ao Brasil eurocêntrico, trazendo outras perspectivas epistemológicas atravessadas por ritmos de matrizes orientais e africanas. Merece menção o fato de Gil ter realizado um show de divulgação do álbum, em 1973, a pedido dos estudantes da Universidade de São Paulo como uma forma de protesto pelo sumiço do estudante de geologia conhecido como Minhoca, visto pela última vez nas dependências do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Informações extraídas de TANNUS, Lana (2021). Disponível em: <https://bityli.com/GEjvZ5>. Acesso em 10 dez. 2021.

internacional na Ásia, e havia vagas para a área de geografia. Li a proposta e o edital, e diante da grandeza da oportunidade, aquilo me pareceu tão distante da minha realidade já que não me imaginava capaz de integrar um seleto grupo de profissionais da educação para atuar em cooperação internacional no, até então desconhecido para mim, Timor-Leste.

Mas aquela memória dos sonhos asiáticos de infância me alcançou, e eu percebi que uma real oportunidade de mudança e realização se oferecia a mim. Estudei detalhadamente o edital, realizei uma profunda pesquisa sobre o Timor-Leste, elaborei um projeto de atuação docente intitulado “Alfabetização dos conceitos e habilidades geográficas: Observação, Descrição e Análise; Espaço, Região, Território, Paisagem e Lugar” e submeti ao Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa Brasil – Timor-Leste (PQLP)¹², de responsabilidade da CAPES/MRE/UFSC.

Para minha grande surpresa, fui avançando nas etapas de Análise de Currículo, Análise do Projeto e Entrevista, até receber a notícia final da aprovação e o convite oficial para participar presencialmente da reunião do PQLP na CAPES, em Brasília. Tomei parte do projeto de cooperação e de tudo que o envolvia, conheci as pessoas incríveis que iriam trabalhar comigo, tranquei o doutorado na UNICAMP com a ciência e apoio do meu orientador, Professor Antonio Carlos Vitte, e após meses de preparação, embarquei em muitos voos rumo ao extremo oriente. Brincamos entre nós, brasileiros que estiveram em Timor, que perdemos um dia das nossas vidas, pois viajamos através do oceano pacífico e a lógica dos fusos horários “tira um dia” da gente. Coisa mais geográfica de se pensar não existe!

E assim abandonei vícios e ultrapassei mares em busca do novo. A foto abaixo, registrada pela janela do pequeno avião entre Darwin e Díli, foi o primeiro

¹² Instituído em 2004 com base no decreto 5.104, de 11 de julho de 2004, como parte de um esforço do Estado brasileiro de fortalecer a cooperação sul-sul, o PQLP iniciou sua primeira missão em Timor-Leste no ano de 2004, quando o território insular ainda estava emergindo como nação independente. Apoiado pela Capes, Ministério das Relações Exteriores (MRE) e Universidade do Estado de Santa Catarina (UFSC), o PQLP foi responsável uma vasta atuação formativa em Timor, envolvendo a maioria das licenciaturas, e com especial atenção ao ensino de língua portuguesa, uma das maiores demandas do país. O Projeto encerrou suas atividades em Timor em 2015/2016, pois foi severamente impactado pela mudanças ideológicas na política externa brasileira, o que foi motivo de muita consternação para ambos os lados envolvidos, diante de um projeto pensado a longo prazo. Mas informações sobre a história e atividades do programa podem ser acessados em www.pqlp.ufsc.br

contato visual com a paisagem e os contornos da ilha de Timor. *Timor-Lorosa'e*¹³, terra onde nasce o sol. A fotografia possibilita encontros – entre percursos e teses de pesquisa – e traduz um pouco do encantamento e imersão pessoal e profissional que uma travessia dessa magnitude me oportunizou.

Foto 1: Vista panorâmica da baía de Díli, capital de Timor-Leste, ao nascer do sol.



FONTE: do autor (2013)

É preciso recortes de recortes para falar de Timor.

A experiência de quase dois anos em Timor-Leste, rica e intensa em todos os sentidos, se desdobrou profissionalmente em um conjunto de atuações em diversas demandas de competência da Cooperação Brasileira, dentre as quais a docência na Universidade Nacional Timor *Lorosa'e* (UNT¹⁴), nos cursos de

¹³ Expressão em língua tétum, que em português pode significar 'terra do sol nascente' ou 'onde nasce o sol'.

¹⁴ A mais importante universidade pública do país. Fundada em 2000, a UNTL remonta a Faculdade de Educação, centro de ensino superior à época do Timor português. Em 1999, as forças indonésias, através da operação Terra Queimada, destruiu a maior parte das infraestruturas educacionais do país, inclusive a própria Universitas Timor Timur (UNTIM), gerenciada pelos indonésias durante a ocupação. A reconstrução, após 2000, foi financiada pela USAID e outras agências de desenvolvimento internacional. Infelizmente, a UNTL sofre ainda atualmente com a falta de investimentos, mantendo-se majoritariamente como um centro de formação de graduados, sem

Geologia & Petróleo, onde ministrei as disciplinas de Metodologia de Pesquisa, Geologia Geral e Geomorfologia; e no curso de Turismo, onde ministrei a disciplina de Geografia do Turismo de Timor-Leste. Estas práticas, em especial, permitiram conhecer melhor como se situavam ambos os setores no interior das políticas econômicas e da construção do Estado, e de que forma estas economias eram problematizadas nos espaços da universidade. Isso em um ambiente e sociedade onde parecia que a invasão indonésia tinha se encerrado no ano anterior, dadas as precárias condições das infraestruturas e também dos próprios estudantes, quase sempre em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

A atuação em Timor definitivamente me humanizou, pois lembro claramente de ministrar aulas em espaços com buracos na parede, sem teto e energia, sem água potável disponível e sem os materiais didáticos necessários. Nós fornecíamos tudo o que era possível e que estava ao nosso alcance para prover as necessidades básicas dos estudantes que entravam na sala de aula com um brilho nos olhos e uma energia para aprender que impressionava. Porém, não eram raros os casos de desmaio em sala de aula, na maioria das vezes por fome. Mesmo diante dos obstáculos sociais e também epistemológicos, ou seja, do desafio de “ensinar” o outro de forma horizontal, evitando a imposição de conhecimentos e atitudes, o trabalho foi incrível, e muitos timorenses que foram meus alunos em Timor estiveram no Brasil para fazer graduações, inclusive em cursos de Geografia e de Turismo.

Nos trabalhos de campo e visitas técnicas realizados para diversas localidades do interior da ilha, foi possível notar, por exemplo, que o curso de Geologia & Petróleo gozava de *status* acadêmico diferenciado em relação aos outros cursos, por onde dispunha de melhores infraestruturas e recursos financeiros para realizar suas atividades científicas. Eu mesmo, como professor deste curso em específico, era tratado de forma diferente, sendo convidado para reuniões políticas no interior de alguns ministérios. Além disso, foi notório perceber, já neste período que antecedeu em alguns anos o presente doutorado, como era forte a crença na prosperidade rápida ofertada pelo petróleo, uma questão que a

grandes avanços na institucionalização de grupos de pesquisa e pós-graduação, ressalvados alguns casos específicos.

investigação viria então a problematizar. Por outro lado, a experiência em disciplinas do curso de Turismo da UNTL permitiu compreender melhor os limites do currículo do curso, mas principalmente a visão dos estudantes sobre este conhecimento, que girava em torno de desejos da turma em “trabalhar em um grande hotel” e “mostrar as paisagens e a cultura de Timor para o mundo”.

Praticar turismo em Timor-Leste foi uma experiência muito particular. Lembro bem que os colegas brasileiros, timorenses e portugueses, falavam deste o início que a capital Díli, cosmopolita e internacionalizada, não era tão interessante. Que era preciso conhecer o ‘timor profundo’¹⁵, o timor das montanhas, do interior, dos extremos, da costa sul ainda pouco explorada, o timor dos *liu’rais*¹⁶ e *lia’nais*¹⁷. Diziam que neste Timor era como adentrar em um outro tempo-espaço, em uma real imersão cultural e natural, espiritual de fato. E assim fui, com minha moto, conhecer esse tal ‘timor profundo’, ciente da ausência de infraestruturas básicas em muitas localidades, tais como estradas, hospedagens, restaurantes e meios de comunicação.

Quando se tinha a sorte de conseguir vencer os obstáculos das estradas com enormes crateras, árvores caídas e laterais desbarrancadas, sobretudo no período das chuvas torrenciais – as chamadas meias-monções – era necessário conseguir hospedagem, onde em muitos lugares só foi possível batendo nas casas das famílias timorenses e pedindo um cantinho para dormir. O acesso à internet era bastante limitado e a própria comunicação verbal era difícil, pois só ocorria em *tétum* e na língua materna do distrito. Apenas os lesetimorenses mais velhos conseguiam se expressar minimamente em português, pois viveram o Timor antes

¹⁵ Na esteira de uma transição política de base global que alçou rapidamente a capital Díli como centro geográfico e político-econômico da ilha, com características cosmopolitas, criou-se uma narrativa, sobretudo entre os internacionais que vivenciaram o interior de Timor, ainda pouco conhecido, sobre o timor profundo, para referir-se a lugares mágicos ainda pouco atingidos pela globalização, onde seria possível conectar-se a um Timor mais verdadeiro.

¹⁶ Expressão em língua *tétum* para referir-se aos chefes locais, autoridades timorenses dotadas de poderes sobre a terra, a justiça e a guerra. Também pode significar pequeno rei, expressão em língua portuguesa cunhada no contexto da colonização portuguesa, já que estes comumente investiam títulos de reis aos chefes locais como parte de estratégias militares para controle territorial. GUNN, Geoffrey. **Dicionário histórico de Timor-Leste**. Lanham: Scarecrow Press, 2011.

¹⁷ Expressão em língua *tétum* para designar os mestres das palavras, que são os contadores de histórias, sujeitos de suma importância no interior de uma cultura marcada pela oralidade.

da ocupação indonésia. Era o turismo na sua forma mais umbilical e primitiva, sem a consciência efetiva destes encontros em sua dimensão econômica e de mercado.

Com exceção do Enclave de Oecussé-Ambeno, pude conhecer todos os distritos de Timor: Bobonaro, Baucau, Liquiça, Díli, Manatuto, Lautém, Cova-Lima, Ainaro, Manufahi, Viqueque, Ermera e Aileu. Vi paisagens deslumbrantes e selvagens, senti a energia dos lugares e o peso, no povo, da história recente de traumas e massacres. Estive em um cemitério num dia 12 de novembro, data em que ocorreu o massacre de Santa Cruz, em 1991, e foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida. Subi o *Foho Tatamailau* (Monte Ramelau)¹⁸, que em dialeto *Mambai* significa “Avô de Todos os Montes”. Também alcancei as partes superiores do *Foho Matebian*¹⁹, “Montanha das Almas” em dialeto *Macassai*, em Quelicai, subdistrito de Baucau.

¹⁸ É a montanha mais alta de Timor-Leste, com 2.893 metros. Localizada no distrito de Ainaro, ao sul de Díli, o monte Ramelau (em língua tétum, Tatamailau) foi durante muito tempo tratado como o ponto mais alto do império português, expressão territorial e epistemológica característica de países colonizadores. O Tatamailau tem um significado religioso e é local de peregrinação anual, no dia 25 de Março, em homenagem a Virgem Maria. Importante reduto de pássaros endêmicos, a montanha e suas áreas contingentes sofreram inúmeros ciclos de desmatamento, restando atualmente uma pequena cobertura florestal original.

¹⁹ Localizado no distrito de Baucau e dotado de uma altitude de 2.316 metros, O Matebian é um lugar poderoso e têm um enorme simbolismo, pois parte da história de Timor pode ser contada através da montanha, um dos principais refúgios dos timorenses e centro de resistência das forças das FALINTIL na época do período indonésio.

Foto 1. Conversa entre o autor da pesquisa e um senhor timorense, em um cemitério no caminho para Baucau.



FONTE: Do autor (2014)

No entanto, foram nas ilhas da “metade da ilha” que tive interessantes *insights* e percebi que o turismo era um ponto sensível do desenvolvimento. No ilhéu de Jaco²⁰, localizado no extremo oriente da ilha, uma porção de terra incrivelmente bela e preservada, com apenas 8km², local sagrado onde não era possível pernoitar, as narrativas sobre turismo ofereciam muitos contrastes. Alguns timorenses diziam que ali, no futuro, seria construído um grande *resort*, enquanto outros defendiam que os *malais*²¹ não deveriam nem sequer ter o direito de acessar o local, que é sagrado e centro geográfico-histórico de origem da ilha. Eu, naquele tempo-espço, na condição contraditória de turista, também acreditava que seria melhor o desenvolvimento não alcançar aquele cantinho do mundo.

Já a ilha de Ataúro seguia uma lógica turística com maior dinamismo. Situada a aproximadamente 25 km da capital Díli, com 117 km² de extensão e cerca

²⁰ *Malai*, língua tétum (estrangeiro, viajante, os de fora). Tem uma etimologia bastante plural, mas a referência mais corrente aponta para uma ressignificação do *malaio*, língua austronésia dos malasianos, um dos primeiros estrangeiros a chegarem na ilha

²¹ Parte do subdistrito de Tutuala, distrito de Lautém, o ilhéu de Jaco está localizado no extremo oriente da ilha, tem apenas 8 km quadrados e é inabitada por ser considerada um território sagrado, sendo o pernoite proibido e apenas a visitação diurna permitida. Considerada a ‘menina dos olhos’ de Timor, é um local paradisíaco e também ecologicamente bastante vulnerável.

de 10 mil hab., Ataúro já poderia ser considerada um destino turístico doméstico, embora extremamente concentrado no litoral sul e próximo aos povoados da ilha. A sua localização estratégica, próxima a capital e as ilhas indonésias, proporcionava maiores fluxos turísticos de pessoas e mercadorias. Nas visitas a Ataúro, me impressiona notar que as melhores pousadas pertenciam à estrangeiros, por onde os timorenses trabalhavam como serviçais e empregados domésticos. Aos timorenses pertencentes às comunidades locais, os serviços de transporte em pequenos barcos e de guias para o interior da ilha eram os mais praticados; exceção à cooperativa “Bonecas de Ataúro”²², formada por mulheres da Vila Maumeta, por onde a sua produção e venda das bonecas forneciam e ainda fornece o sustento de muitas famílias. Entretanto, na minha visão, não parecia correto a presença de estrangeiros explorando a mão-de-obra local e direcionando água e alimentos para abastecer turistas, enquanto as famílias viviam em vulnerabilidade econômica e social, sem água potável, energias elétrica e segurança alimentar. Essa dialética do turismo em localidades pobres, que coloca em evidência os contrastes sociais, deveria ser problematizada.

As percepções adquiridas ao longo da minha estadia na Ásia, pelo qual pude conhecer também destinos turísticos massificados, como Bali, na Indonésia, e muitos lugares da Tailândia, Vietnã, Malásia e Camboja, me fizeram interessar pelo turismo como objeto de estudo, porque eu mesmo já não conseguia perceber e vivenciar estes lugares sem uma postura crítica. E em Timor, eu havia identificado que, assim como em relação ao petróleo, ocorria também uma forte tessitura social e de marketing no tocante aos benefícios do turismo para o desenvolvimento do país. Com a participação de outros colegas da cooperação, chegamos a publicar um capítulo de livro intitulado ‘Reflexões sobre o desenvolvimento do turismo em Timor-Leste’, que integrou a obra ‘Professores sem Fronteiras: Pesquisas e práticas pedagógicas em Timor-Leste’ (2015).²³

Ao retornar ao Brasil, no ano de 2015, plenamente realizado por ter vivido uma experiência única e, como professor, ter contribuído para a formação de cerca de 350 estudantes timorenses, como consta no Relatório Final do PQLP enviado à

²² Disponível em <https://bityli.com/POuH7y>. Acesso em 11 dez. 2021.

²³ Guedes, Maria D. *et al.* **Professores sem fronteiras: pesquisas e práticas pedagógicas em Timor-Leste**. Florianópolis: NUP/UFSC, 2015.

CAPES, e diante do meu desligamento do doutorado na UNICAMP²⁴, decidi entrar novamente na Pós-Graduação em Geografia, elencando Timor como objeto de pesquisa, pois almeja dar também essa contribuição ao país que me encantou e transformou completamente minha vida. Além disso, já em terras tupiniquins e dialogando com os pares da geografia, me impressionou o nível de desconhecimento sobre Timor-Leste, com muitos acreditando ser um país localizado no continente africano.

Entre 2015 e 2017, mesmo sem estar vinculado à uma Universidade, participei de inúmeros eventos científicos com o intuito de apresentar minhas reflexões sobre Timor e ter alguns *feedbacks* das minhas proposições de pesquisa. Dentre estes eventos, destaco: *From The Decolonization to Postcolonialism: A Global Approach* (Porto, Portugal), Encontro Nacional de Geógrafos (São Luís, Brasil), Encontro de Geógrafos da América Latina (La Paz, Bolívia), III Encontro Internacional do Laboratório de Interlocações com a Ásia: Timor-Leste – Horizontes Comunitários Supranacionais, consensos e contradições (São Paulo, Brasil) e ENANPEGE (Porto Alegre, Brasil). Nestes espaços pude estabelecer diálogos sobre Timor com professores de renome, tais como Vicente Paulino, João Carlos Vicente Sarmiento, Ruy Moreira e Carlos Valter Porto-Gonçalves.

O projeto inicial pelo qual adentrei no doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da USP, em 2017, tinha como proposta inicial analisar o processo de construção da Política de Turismo de Timor-Leste, e diante da especificidade do tema, fui direcionado à orientação do Professor Eduardo Abdo Yazigi. Assim, os primeiros 18 meses de doutorado foram dedicados às leituras e discussões sobre o planejamento territorial do turismo, buscando associar este conhecimento com as especificidades histórias, territoriais e político-econômicas de Timor. Em minhas sínteses de pesquisa e fichamentos, havia sempre um componente geopolítico internalizado, com a problemática do petróleo em diálogo com o turismo, porém de forma secundária e nas entrelinhas do texto. Perante estas constatações, meu orientador refletiu sobre seu limitado conhecimento da referida realidade empírica e da dificuldade em me orientar com a devida qualidade,

²⁴ O regimento da pós-graduação em geografia da UNICAMP permitia o trancamento por apenas um ano, e como eu decidi ficar mais tempo em Timor-Leste, chegamos à conclusão de que a melhor opção seria desligar-se do programa sem prejuízos as partes envolvidas.

e sugeriu a orientação do Professor André Roberto Martin, *expertise* em geografia política e território.

Estas rupturas e mudanças, que hoje percebo como benéficas, acabou refletindo em alguns problemas de pesquisa que ficaram visíveis no momento da qualificação do doutorado, no ano de 2019. E aqui é primordial sublinhar as contribuições da banca de qualificação, ao apontar que a problemática e hipótese de pesquisa à época, o qual seja, de que *“a construção de uma Política de Turismo autodeterminada e economicamente viável em Timor-Leste passa pela compreensão de uma gestão equilibrada das limitações e potencialidades de sua geografia insular em articulação com as diferentes formas de governança caracterizadas pela coexistência de diferentes atores territoriais”* (Relatório de Qualificação, 2019: 25), já delineava algumas respostas que se encontravam desenvolvidas em resultados e leituras presentes no próprio documento. Assim, questionou-se: Qual é sua questão de pesquisa?

Além de outros contributos relativos ao fortalecimento da fundamentação teórico-metodológica, dos recortes de pesquisa e métodos de análise, era preciso clarificar com urgência a questão da pesquisa. Assim iniciei uma fase de leitura crítica e reflexiva de todos os textos e sínteses produzidas até então, estabelecendo conexões com meu conhecimento empírico de Timor bem como observando os discursos e narrativas que permeiam seu desenvolvimento. Como em um passe de mágica, a questão de pesquisa saltou aos olhos, o qual seja, de problematizar a construção e o desenvolvimento de Timor por onde os setores de turismo e petróleo pareciam estar associados ao longo da história do território e nos discursos e práticas econômicas pretéritas e presentes.

Buscando requalificar a pesquisa e dar andamento ao doutorado, defini como prioridade vasculhar os arquivos e documentos relativos à Timor, dispersos e pouco consolidados, além de estabelecer contatos com uma rede científica mais ampla de grupos de pesquisa e investigadores das questões lesetimorenses. Após ser aprovado em primeiro lugar no Programa Institucional de Internacionalização (Print/Capes) de doutorado-sanduíche em Portugal, junto à Universidade do Minho, e ser impedido de participar do intercâmbio por conta da pontuação insuficiente na prova de proficiência em língua estrangeira, fui novamente aprovado pela

renomada Cátedra Jaime Cortesão²⁵, da FFLCH/USP, para realização de estágio de curta duração para pesquisa arquivística e documental sobre Timor-Leste nos acervos portugueses (ANEXO A), sob orientação do Professor Rui Graça Feijó, do Centro de Estudos Sociais (CES)²⁶ de Coimbra.

A coleta de dados, que será explicitada no tópico de Procedimentos Metodológicos e ao longo da tese, mostrou-se acertada na medida em que os documentos analisados, sobretudo aqueles do período anterior à invasão indonésia, forneceram condições de comprovar alguns dos pressupostos contidos na questão de pesquisa. Após este período de pesquisa arquivística em Portugal, a coleta de dados foi substancialmente ampliada para espaços arquivísticos virtuais, por onde pude identificar outros discursos, em diferentes contextos e conjunturas, que contribuíram à qualificação desta investigação e corroboraram os objetivos geral e específicos da pesquisa.

Cogitou-se ainda a realização de um trabalho de campo para Timor-Leste através de um investimento particular, já que não houve meios de conseguir financiamento pelas agências de fomento. No entanto, esta opção foi descartada por conta dos altíssimos custos de viagem à Ásia, e por todos os obstáculos de mobilidade impostos pela pandemia de Covid-19 no mundo. A aplicação de questionários junto aos estudantes lesetimorenses do ensino superior que se encontram em diferentes países e em Timor, bem como realização de entrevistas com atores-chave, também foram consideradas, mas por conta da dificuldade de estabelecer contatos com estes sujeitos e diante das limitações de acesso à internet por muitos destes estudantes, a referida coleta de dados não foi realizada.

Finalizar a tese, que apresenta uma discussão autêntica, porém limitada de referências específicas sobre as relações entre turismo e petróleo, foi laboriosa e demandou extensa pesquisa bibliográfica em diferentes línguas, profunda reflexão

²⁵ Criada em 1991 a partir do acordo entre a Universidade de São Paulo e o Governo Português, foi reformulada em 1997 com o convênio do Instituto Camões, e em 1998 desvinculou-se do Instituto de Estudos Avançados da USP e vinculou-se a FFLCH. A cátedra, além de ofertar financiamentos de pesquisas e estágios de curta duração, dispõe de biblioteca e um rico acervo documental e arquivístico. Para mais informações acessar <https://cjc.fflch.usp.br/>.

²⁶ Um dos mais importantes centros de estudos em ciências humanas e sociais do mundo. Fundado em 1978 e vinculado à Universidade de Coimbra, o CES constitui um laboratório único de pesquisas multidisciplinares com especial atenção a investigações em diálogo com o norte e sul globais. Para mais informações acessar <https://www.ces.uc.pt/pt>.

e seriedade no tratamento das discussões, aprofundando-se em outros desdobramentos de pesquisa, entretanto sem distanciar-se do foco central da análise. Diante dos obstáculos, mantive a ousadia de buscar comprovar a existência dos nexos discursivos – simbólicos e materiais – entre ambos os setores, porque acredito na contribuição desta discussão para pensar o desenvolvimento deste pequeno território insular.

Sendo esta explanação de ordem pessoal e reflexiva, é importante sublinhar que não me considero um pesquisador de excelência, e tenho dificuldades com a escrita científica e o manuseio de certas ferramentas metodológicas. Ainda estou aperfeiçoando algumas etapas e aspectos do fazer científico. Também há o fato de que sempre olhei a geografia como um todo, e meu interesse atravessa inúmeras áreas e temas. Portanto, foi moroso definir um objeto de pesquisa e investigá-lo em seus componentes específicos. Além disso, ter realizado um doutorado praticamente sem bolsa de pesquisa durante todo o percurso, trabalhando na maior parte do tempo 40 horas semanais, tornou o processo extremamente desgastante, e em muitos momentos estive próximo de desistir. Mas de algum modo optei pela continuidade, não por obrigação, mas por acreditar que esta tese consolida uma etapa importante da minha formação acadêmica e se estabelece como um instrumento de reflexão e apoio aos lesetimorenses.

Assim, faço este convite para um mergulho no oriente, agora não mais como uma narrativa pessoal e sim na condição de uma tese de doutorado em Geografia Humana. Para finalizar, reforço o convite por meio de três fotografias, seguidas de suas legendas e descrições, que fiz quando de minha estadia no país, e que foram selecionadas para uma exposição fotográfica virtual e física, em Díli, quando da realização, em 2020, do Colóquio Internacional Timor-Leste: A ilha e o Mundo, promovido pelo *Timor Leste Studies Association* – TLSA, da Austrália.

Foto 3: Grupo de crianças timorenses observando uma aula prática do curso de Geologia & Petróleo, no distrito de Viqueque, próximo ao Mundo Perdido²⁷.



FONTE: do autor (2014)

²⁷ Quando fui professor no curso de Geologia & Petróleo da UNTL, fazíamos trabalhos de campo e aulas práticas por todos os distritos de Timor-Leste. Em Viqueque, saímos para coletar amostras de rocha próximas ao Mundo Perdido, e este grupo de cinco crianças se aproximaram para observar nosso trabalho científico. Quando batíamos na formação rochosa com o martelinho, eles comentavam o ocorrido e compenetravam-se ainda mais. Olhavam, mas pareciam não entender...talvez sim! Fiquei comovido, pensei no futuro deles, de Timor, reparei na camisa do Barcelona, percebi que eles já estavam conectados ao Mundo, mas não da forma como deveria ser. Me aproximei, imaginei-os como futuros estudantes universitários e tirei uma fotografia

Foto 4: Mulher timorense com seus filhos, voltando da trilha, seguindo em direção ao litoral, em Com, no distrito de Lautém²⁸



FONTE: Do autor (2014)

²⁸ Só se pode conhecer alguns lugares em Timor com a ajuda de guias ou mediante autorização, se o local for sagrado. Em Com, próximo ao litoral, havia uma lagoa considerada sagrada, e uma mulher timorense que estava com seus filhos nos levou até o local, por sinal muito bonito e cheio de significados. No retorno, uma bela paisagem saltou aos olhos, pois representava uma conjunção de símbolos que integram a cultura lesetimorense: a família, as crianças, a madeira, os búfalos, a casa sagrada, o mar. Tudo em uma mesma vista, no mesmo espaço-tempo, sem sobreposições. Um cantinho da ilha, uma parte do mundo

Foto 5: Imagem panorâmica da metade do ilhéu de Jaco, vista pelo mirante localizado ao lado das grutas de *Ili-kere-kere*, subdistrito de Tutuala, Lautém²⁹.



FONTE: Do autor (2015)

²⁹ O ilhéu de Jaco, com apenas 8 km², é um lugar maravilhoso, sagrado, preservado, portal para algo maior. Quem viaja para o extremo-orientado de Timor objetiva sempre conhecer as belezas naturais do ilhéu, mas antes existe uma parada obrigatória: as grutas de *Ili-kere-Kere* com suas pinturas rupestres que contam a história dos lestemorenses, assim como Jaco. Lá de cima, nas cavernas, é possível ver Jaco, ou melhor, metade da ilhazinha, assim como o é a ilha principal. Entre metades que são metades e metades que são inteiras, é incrível poder imaginar Jaco como o centro histórico e geográfico do mundo. Literal ou decolonial, é a ilha e o Mundo.

AGRADECIMENTOS

Início meu enorme agradecimento ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, um dos mais antigos e qualificados programas de pós-graduação em Geografia da América Latina e o pioneiro da área no Brasil, e que recentemente completou 50 anos de existência. Sinto-me orgulhoso de pertencer a este quadro intelectual por onde passou mestres e mestras tais como Milton Santos, Armando Correa da Silva, Livia de Oliveira e mais uma centena de intelectuais que tive oportunidade de conhecer em obras e presencialmente. Estendo este agradecimento à Universidade de São Paulo, a maior e mais conceituada universidade brasileira em diversos rankeamentos internacionais, uma instituição pública e gratuita, que nos torna privilegiados frente um país tão desigual.

Estendo meus cumprimentos ao meu primeiro orientador, professor Eduardo Abdo Yazigi (*in memoriam*), pelo qual nutro um sincero respeito e admiração por ter fornecido as orientações iniciais e me mostrado a importância do planejamento territorial do turismo. Seus livros foram inspiradores, e a saída de campo pela cidade de São Paulo, parte integrante das atividades da disciplina “Requalificação Urbana: Funções Sociais, Econômicas, Culturais e Turísticas” mostrou-se uma verdadeira aula sobre o planejamento que mora nos menores detalhes da ambiência urbana. Fiquei muito triste com sua partida mas também feliz pela oportunidade de tê-lo conhecido.

Ao professor, orientador e amigo André Roberto Martin, é imensurável minha gratidão por ter aceitado orientar um acadêmico que desejava de toda forma pesquisar um país tão distante da nossa realidade concreta, o tal Timor-Leste. Desde os conselhos de quando eu me encontrava perdido e preocupado com o andamento da pesquisa até os documentos raros sobre Timor que o professor me presenteou, só tenho a agradecer por ter sido tão certo em sua falas e se mostrado tão calmo e sereno no tratamento de questões teóricas, bibliográficas e de toda documentação necessária em diferentes fases do doutorado. Muito Obrigado.

A querida professora Marta Inez Medeiros Marques, pelo apoio e ensinamentos oferecidos em sua disciplina “Crítica da Produção da Natureza sob o Capitalismo”, por onde pude qualificar minhas leituras críticas sobre Timor-Leste sob uma perspectiva marxista. O artigo produzido na referida disciplina, intitulado “Produção da Natureza e Turismo em Timor-Leste”, constituiu-se em um qualificado material de consulta. E não poderia deixar de mencionar que sem a flexibilização fornecida pela professora, eu não teria condições de cursar a disciplina viajando de Florianópolis para São Paulo a cada quinze dias.

À renomada Cátedra Jaime Cortesão, da FFLCH/USP, que compreendeu a importância, para minha tese de pesquisa, em realizar a pesquisa arquivística e documental sobre Timor-Leste nos arquivos portugueses. Após um rigoroso processo de seleção onde geralmente os doutorandos das áreas de História, Filosofia e Letras são privilegiados, obtive o financiamento para o estágio doutoral de curta-duração em Lisboa, sem o qual esta investigação não teria sido concluída.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, por ter me oferecido uma bolsa de doutorado, ainda que somente nos seis meses finais. Acredito que o fato de ter estado sempre trabalhando durante o doutorado me impediu de ser prioridade na seleção de bolsas, situação em que a investigação foi extremamente prejudicada pela falta de tempo para me dedicar a pesquisa. No entanto, por obra do acaso, a bolsa de emergência me foi concedida pelo PPGH no mesmo momento em que fiquei desempregado, tornando possível dedicar-se exclusivamente à pesquisa.

Ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o qual nutro uma admiração gigantesca pela sua história de vida severina e por tudo que realizou pelo povo brasileiro. A partir de sua assinatura do termo de cooperação entre Brasil e Timor-Leste, o Programa de Qualificação Docente em Língua Portuguesa (PQLP) tornou-se realidade. Neste interim, dilato meus agradecimentos aos funcionários da CAPES e do Ministério de Relações Internacionais, e também da coordenação do referido programa, encabeçada pelos professores da UFSC, Sílvia Coneglian, Suzana Cassiani e Irlan von Linsingen. Foi através da atuação destes colegas que pude participar da cooperação internacional em Timor-Leste durante dois anos.

Aos professores e professoras, mestres e mestres, a nata da *intelligentsia* geográfica brasileira e também de outros mares e oceanos, os quais admiro tanto, e que de diferentes formas contribuíram para a concretização deste doutorado. Eduardo Abdo Yazigi, André Roberto Martin, Rita de Cássia Ariza da Cruz, Mônica Arroyo, Thiago Allis, Carlos Walter Porto-Gonçalves, Ruy Moreira, Jörn Seemann, Antônio Carlos Vitte, João Carlos Vicente Sarmiento, Maurício Waldman, Rui Graça Feijó e muitos outros e outras que não pude lembrar.

Amplio meus agradecimentos aos funcionários e funcionárias da Secretária do PPGH e em especial a Rosângela, por ter sempre me atendido prontamente e me ajudado na resolução de questões institucionais e de documentação.

Ao meu pai, Francisco de Assis Oliveira, retirante nordestino dos sertões da paraíba (Teixeira) e da terra do repente pernambucano (São José do Egito). Pessoa simples e de muita fé, que fugia de casa para tentar estudar e mesmo assim só conseguiu concluir a quarta série. Em São Paulo, tornou-se eletricitista e encanador das mansões campineiras e com muito esforço fez de tudo para me fornecer condições de seguir nos estudos. A minha mãe, Maria Helena Devides Oliveira, agricultora dos cafezais paranaenses, mulher honrosa, *master chef* das cozinhas de fogão à lenha e profunda conhecedora das plantas. Também só concluiu a quarta série, trabalhou de cozinheira e empregada doméstica, depois cuidou do lar, e cuidou de mim, e me ensinou sobre a vida, e me estimulou a estudar para conquistar o que ela apenas sonhou. Minha gratidão por vocês é imensurável.

Não posso deixar de mencionar meus amigos e amigas do Jardim Florence, bairro pobre da periferia de Campinas, onde nasci e vivi boa parte da minha vida. Com tantos sonhos que tínhamos, alguns continuaram a seguir em frente e conquistaram uma vida digna, mas muitos não puderam romper a barreira da desigualdade de condições, e inclusive perderam a vida para o tráfico de drogas e para a polícia. O apoio incondicional de vocês me serviu de base e eu criei asas e voei, e como disse Mano Brown, a gente sai da periferia mas a periferia não sai da gente. Dedico esta conquista a vocês!

A minha eterna companheira Livia, um ser iluminado que apareceu na minha vida e a mudou completamente, sobretudo por me mostrar que a dimensão

espiritual é muito mais importante que a material, além de ter me transmitido paz, resiliência e tranquilidade nos meus piores momentos. Companheira de viagens em Timor e parceira de aventuras e desventuras em série, que me apoiou e ainda me apoia incansavelmente, e tem uma importância ímpar na minha vida e na nossa conexão com o outro lado do mundo. Você é um anjo! Obrigado por existir!

Aos vinhos, livros e todo um universo musical que me acompanharam no trabalho solitário da reflexão e escrita acadêmica. Bob Dylan, Nina Simone, José Saramago, Guimarães Rosa, Pink Floyd, Hemingway, Mantras Tibetanos, Racionais Mc's, Ego Lemos, Luís Cardoso, Elis Regina, Umberto Eco, Gabriel Garcia Marques, Gilberto Gil, Milton Nascimento e mais uma centena de apoios nos momentos de relaxamento e concentração.

Ao povo lesetimorense, por tudo que me ensinaram sobre humanidade e da importância de acreditar num futuro melhor, lutando contra todas as mazelas, sempre com um sorriso esperançoso e sincero no rosto. Eu compreendi melhor a vida depois de estar com vocês!

Obrigado *Barak! Hau Hadomi O/Sira*
(Muito Obrigado/Eu amo vocês)

RESUMO

OLIVEIRA, Ricardo Devides. **O nexo turismo/petróleo em Timor-Leste: discursos, estratégias e a dialética da modernização territorial.** Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2022.

A construção do Estado de Timor-Leste e seu projeto de modernização em curso é um processo contraditório, orientado por meio do desenvolvimento econômico territorialmente seletivo pelo qual, ao invés de gerar empregos e superar a pobreza crônica, vem ampliando as desigualdades socioespaciais e de acesso entre os lesetimorenses. A política econômica do país e os recursos financeiros advindos dos campos petrolíferos do Mar de Timor o inserem numa condição de Petro-Estado clientelista e patrimonialista, marcado por alta dependência do petróleo, através do qual o turismo é constantemente associado, nos discursos e nas práticas sociais e econômicas, como alternativa à dependência e central no desejo de diversificação econômica do país. Objetivando compreender a dialética deste processo, a presente tese buscou, apoiando-se na perspectiva geohistórica, analisar as ações geopolíticas e os interesses econômicos no interior da complexa formação territorial de Timor-Leste. Percorrendo contextos, conjunturas, eventos e transições políticas, identificou-se as origens dos fundamentos econômicos ligados aos setores de petróleo e turismo, bem como suas trajetórias específicas crivadas por multiautores em diferentes escalas. Porém, com o advento da independência e a conquista da soberania, consolidada em 2002, observamos a constituição de nexos discursivos entre ambos os setores, operados de forma estratégica diante dos interesses na manutenção do petróleo como prosperidade rápida, ao mesmo tempo em que perspectiva o turismo como alternativa à dependência do petróleo, situando-o como uma economia do futuro sob a ideologia da sustentabilidade. A metodologia, que contou com extensa pesquisa e análise arquivística e documental, além do estudo do Plano Estratégico de Desenvolvimento (PED 2011-2030) e da Política Nacional de Turismo (PNT 2016-2030), possibilitou, apoiado no método de Análise Crítica do Discurso e mediante uma leitura histórica e geográfica, compreender os nexos discursivos entre petróleo e turismo, e como estes estão sendo atualmente metamorfoseados pela fase dos megaprojetos que integram a modernização territorial seletiva em curso. Este processo indica uma lógica de desenvolvimento em Timor-Leste que se orienta por uma relação de dependência econômica e uma visão de futuro que contradiz os princípios constitucionais e as demandas mais urgentes do seu povo.

Palavras-chave: Timor-Leste. Discursos. Turismo. Petróleo. Modernização. Território

ABSTRACT

OLIVEIRA, Ricardo Devides. 2022. **The oil-tourism nexus in East Timor: discourses, strategies and the dialectics of territorial modernization.** Thesis (PhD in Human Geography). Faculty of Philosophy, Languages and Human Sciences University of São Paulo, 2022.

Both the construction of the State of East Timor and its subsequent development process reveal major contradictions, chiefly guided by a “territorially selected” economic development that does not tackle unemployment and moves forwards to overcome extreme poverty, but indeed increasing socio-spatial inequalities and hindering East Timorese’s access to land. The economic policy and financial resources coming from the oil fields of Timor Sea position the country as a pork-barrel petrostate with a patrimonial administration in which tourism is commonly associated, both in speeches and in social and economic practices, as an alternative to the country’s reliance on the oil sector, and towards a desired economic diversification. To understand the dialectic behind this process, this thesis sought, from the geo-historical perspective, to analyze the geopolitical movements and economic interests within the complex territorial formation of East Timor. Examining specific contexts, conjunctures, events, and political transitions, it has become clear the foundations of this oil-and-tourism-based economy as well those many actors involved and operating through different scales. However, with the country’s independence and conquered sovereignty, a process consolidated in 2002, we observe the structuring of two discursive practices between both sectors, which strategically sought to reinforce the idea of oil as synonymous of rapid growth and prosperity, at the same time in which they position tourism as an alternative to this dependence, placing it as an economy of the future under the ideology of sustainability. The methodology, which included extensive research, archive and documentary analysis, the study of the Strategic Development Plan (PED 2011-2030), and the National Tourism Policy (PNT 2016-2030), was supported by Critical discourse analysis, together with a historical and geographical approach, made it possible to grasp the discursive links between the oil sector and tourism, and their metamorphosis following the megaprojects integrating the selective nature of territorial modernization in progress. This process discloses a logic of development in East Timor guided by relations of economic dependency and a vision of the future that works against constitutional principles and the most imperative demands of its people.

Keywords: East Timor. Discourses. Tourism. Oil. Modernization. Territory.

RESUMEN

OLIVEIRA, Ricardo Devides. **El nexo turismo/petróleo en Timor-Leste: discursos, estrategias y dialéctica de la modernización territorial.** Tesis (Doctorado en Geografía Humana). Facultad de Filosofía, Letras y Ciencias Humanas, Universidad de São Paulo, 2022

La construcción del Estado de Timor-Leste y su proyecto de modernización en curso son procesos contradictorios, guiados por un desarrollo económico territorialmente selectivo que, en lugar de generar empleo y superar la pobreza crónica, han aumentado las desigualdades socioespaciales y de acceso entre los timorenses. La política económica y los recursos financieros provenientes de los campos petroleros del Mar de Timor posicionan al país como un Petro-Estado clientelista y patrimonialista, con una alta dependencia al petróleo, debido a ello, el turismo aparece constantemente, tanto en los discursos como en las prácticas sociales y económicas, como la alternativa a dicha dependencia y como objetivo central de la aspiración de la diversificación económica del país. Con el objetivo de comprender la dialéctica de este proceso, la tesis presentada buscó, desde la perspectiva geohistórica, analizar las acciones geopolíticas y los intereses económicos dentro de la compleja formación territorial de Timor-Leste. A través de contextos, coyunturas, eventos y transiciones políticas, se identificaron los orígenes de los fundamentos económicos vinculados a los sectores petrolero y turístico, así como las trayectorias específicas, atravesadas por diversos actores y en diferentes escalas. Sin embargo, con la llegada de la independencia y la conquista de la soberanía, consolidada en 2002, observamos la construcción de nexos discursivos entre ambos sectores, los cuales operan de manera estratégica frente a los intereses que pretenden mantener al petróleo bajo la perspectiva de rápida prosperidad, al mismo tiempo en el que posicionan al turismo como la alternativa a la dependencia del petróleo, colocándolo también, como economía de futuro bajo la ideología de la sostenibilidad. La metodología, que incluyó una amplia investigación, análisis de archivo y documental, el estudio del Plan Estratégico de Desarrollo (PED 2011-2030) y la Política Nacional de Turismo (PNT 2016-2030), se apoyó en el Análisis Crítico del Discurso y, con una lectura histórica y geográfica, hizo posible comprender el nexo discursivo entre petróleo y turismo, y cómo estos están siendo metamorfoseados actualmente por la fase de megaproyectos que integran la modernización territorial selectiva en curso. Este proceso indica una lógica de desarrollo en Timor-Leste que se guía por una relación de dependencia económica y una visión de futuro que contradice los principios constitucionales y las demandas más urgentes de su pueblo.

Palabras-clave: Timor-Leste. Discursos. Turismo. Petróleo. Modernización. Territorio.

ÍNDICE DE MAPAS, QUADROS, IMAGENS E FIGURAS

Mapas

Mapa 1 – TIMOR-LESTE: localização geográfica.....	43
Mapa 2 – TIMOR-LESTE: trechos de mapas de Timor do livro de Francisco Rodrigues (1513).....	93
Mapa 3 – TIMOR-LESTE: <i>Essai Sur la géographie de l'île Timor</i> /Ensaio sobre a geografia da ilha de Timor (1820).....	96
Mapa 4 – TIMOR-LESTE: Recortes da cartografia antiga de Timor (1613, 1656, 1773) e 1825, de Louis-Claude de Freycinet.....	96
Mapa 5 – TIMOR-LESTE: Invasão indonésia em Timor (1975-1979).....	110
Mapa 6 – TIMOR-LESTE: <i>Timor Sea and surrounding maritime areas</i> /Mar de Timor e as zonas marítimas circundantes.....	140
Mapa 7 – TIMOR-LESTE: Fronteiras Marítimas e Zonas Econômicas Exclusivas de Timor-Leste.....	140
Mapa 8 – TIMOR-LESTE: Megaprojetos de modernização territorial seletiva em Timor-Leste.....	172

Quadros

Quadro 1 – Concessões atribuídas para exploração de petróleo do Timor português, 1926-1966.....	130
Quadro 2 – Discursos e posições políticas sobre petróleo e turismo antes da invasão indonésia.....	142
Quadro 3 – Discursos e ideologias do petróleo e turismo nos documentos oficiais.....	156
Quadro 4 – Características dos discursos sobre petróleo e turismo e seus nexos discursivos.....	161

Imagens

Foto 1 – Vista panorâmica da baía de Díli, Timor-Leste, durante o nascer do sol.....	11
Foto 2 – Conversa entre o autor da pesquisa e um senhor timorense, em um cemitério no caminho para Baucau.....	15

Foto 3 – Crianças timorenses observando aula de campo de geologia.....	21
Foto 4 – Família timorense em Com.....	22
Foto 5 – Vista panorâmica do ilhéu de Jaco, em Tutuala, extremo oriente do país.....	23
Foto 6 – Imagem da Plataforma Montara, no Mar de Timor, que sofreu um incêndio no ano de 2009.....	41
Fotos 7 e 8 – Vista da litoral da ilha de Ataúro, com o porto de Beloi ao fundo (6) e vista do mar cristalino do ilhéu de Jaco, onde ao fundo (quadrante superior direito) está a ilha principal de Timor.....	42
Foto 9 – Comício da FRETILIN, em Timor-Leste, no ano de 1972.....	137
Foto 10 – Jovens manifestantes em frente ao Hotel Turismo, em Díli, quando da visita do embaixador dos EUA, John Monjo, em 17 de janeiro de 1990.....	144
Fotos 11 e 12 – Manifestações em Díli contra a Austrália e grafite fazendo menção ao roubo de petróleo pela Austrália, representada pela figura do canguru.....	149
Fotos 13 e 14 – Da esquerda para a direita, página de abertura do PED 2011-2030 e PNT 2016-2030.....	157

Figuras

Figura 1 – Delimitação da área pública cedida para construção do <i>Pacific Tourist Resort</i>	191
--	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Administração Transitória das Nações Unidas em Timor-Leste – UNTAET

Agência Geral do Ultramar – AGU

Análise do Discurso – AD

Análise Crítica do Discurso - ACD

Associação Brasileira de Cooperação – ABC

Associação Popular Democrática Timorense – Apodeti

Associação de Nações do Sudeste Asiático – ASEAN

Área de Desenvolvimento Conjunto de Petróleo – JPDA

Arquivo Histórico Ultramarino – AHU

Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa – BSGL

Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento – BIRD

Banco Asiático de Desenvolvimento – ADB

Banco Mundial – BM

Broken Hill Proprietary Company Limited (BHP)

Cátedra Jaime Cortesão – CJC

Centro de Estudos para a Paz e Desenvolvimento – CEPAD

Centro Audiovisual Max Stahl Timor-Leste – CAMSTL

Centro de Informação e Turismo de Timor (CITT)

Clearing House for Archival Records on Timor – CHART

Comissão de Acolhimento, Verdade e Reconciliação de Timor-Leste - CARV

Corte Internacional de Justiça – CIJ

Cooperação internacional dos EUA - USAID

Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior – CAPES

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP

Companhia Ultramarina de Petróleo – CUP

Cooperações para o Desenvolvimento Internacional – AID

Cooperação Australian – AusAID

Conselho Nacional da Resistência Timorense – CNRT

Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM
Federação Internacional de Jornalistas – FIJ
Federação Nacional de Jornalistas – FENAJ
Federação Nacional dos Servidores do Ministério da Fazenda – FENAFAZ
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP
Fórum de Ong's de Timor-Leste - FONGTIL
Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente – FRETILIN
Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor-Leste – FALINTIL
Fundo Monetário Internacional – FMI
Grupo Solidário São Domingos – GSSD
Joint Petroleum Development Area (JPDA)
Índice de Desenvolvimento Humano – IDH
Institut de Recherche sur L'Asie du Sud-Est Contemporaine – IRASEC
International Force East-Timor – INTERFET
Laboratório de Interlocações com a Ásia – LIA
Missão de Apoio das Nações Unidas em Timor-Leste – UNMISSET
Missão Integrada das Nações Unidas em Timor-Leste – UNMIT
Movimento de Forças Armadas – MFA
National Library of Austrália – NLA
Organização Mundial do Turismo - OMT
Organização das Nações Unidas – ONU
Organização Não-Governamental – ONG
Orçamento Geral do Estado – OGE
Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS
Pacific Asia Travel Association – PATA
Primeira Guerra Mundial – 1GM
Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento - PEID's
Produto Interno Bruto – PIB
Programa de Qualificação Docente em Língua Portuguesa - PQLP
Plano Estratégico de Desenvolvimento 2011-2030 – PED

Política Nacional de Turismo 2016-2030 – PNT
Programa Institucional de Internacionalização – PRINT
Rádio-Televisão Timor Leste – RTTL
República Democrática de Timor-Leste – RDTL
Região Administrativa Especial de Oécusse-Ambeno - RAEOA
Segunda Guerra Mundial - 2GM
Serviço Nacional de Aprendizado Industrial - SENAI
Timor-Leste Studies Association – TLSA
Turismo de Base Comunitária – TBC
Universitas Timor Timur – Unmit
Universidade Nacional *Timor Lorosa'e* – UNTL
Universidade de São Paulo – USP
Universidade Estadual Paulista – UNESP
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
União Democrática Timorese – UDT
Zona Econômica Especial Social de Mercado - ZEESM

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	40
ORGANIZAÇÃO DO TEXTO.....	48
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	50
1. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA E CONCEITUAL: A COMPLEXIDADE DO OBJETO DE PESQUISA EM QUESTÃO.....	58
1.1 INTERSECÇÕES E DIÁLOGOS PARA UMA LEITURA AMPLIADA DE TIMOR-LESTE.....	60
1.2 ANÁLISE DO DISCURSO.....	78
2. TIMOR-LESTE: UMA LEITURA DECOLONIAL DE SUA FORMAÇÃO TERRITORIAL.....	83
2.1 SOBRE O ESCORREGADIO TERRENO QUE É LER TIMOR E A IMPORTÂNCIA DA GEO-HISTÓRIA.....	86
2.2 FORMAÇÃO TERRITORIAL DA ILHA NA FRONTEIRA ENTRE “MUITOS” MUNDOS.....	90
2.3 TIMOR APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: PETRÓLEO NO MAR E TURISMO NA TERRA.....	103
2.4 DO PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO DE TIMOR À INVASÃO INDONÉSIA.....	107
2.4.1 <i>Administração, organização territorial e exploração econômica sob ocupação indonésia.....</i>	<i>112</i>
2.5 INTERNACIONALIZAÇÃO DA QUESTÃO TIMORENSE.....	116
2.6 PERÍODO DE TRANSIÇÃO DA ONU (1999-2002): AUTODETERMINAÇÃO, NEGOCIAÇÕES E BABEL DE INTERESSES ECONÔMICOS.....	118
3. PERSPECTIVA HISTÓRICA E ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS, DISCURSOS E AÇÕES EM TORNO DO TURISMO E PETRÓLEO EM TIMOR.....	127

4. TURISMO E PETRÓLEO: POLÍTICA ECONÔMICA, EFETIVIDADE TERRITORIAL E OS MEGAPROJETOS DE MODERNIZAÇÃO.....	153
4.1 PETRÓLEO E TURISMO NA POLÍTICA ECONÔMICA OFICIAL: PED (2011-2030) E PNT (2016-2030).....	156
4.2 O NEXO TURISMO-PETRÓLEO NA FASE DOS MEGAPROJETOS.....	165
4.3 SÍNTESE ANALÍTICA E A PROBLEMÁTICA DO FUTURO DA NAÇÃO.....	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	194
REFERÊNCIAS.....	203
ANEXOS.....	231
ANEXO A – IMAGENS E REGISTROS DA COLETA DE DADOS E PESQUISA ARQUIVÍSTICA E DOCUMENTAL EM LISBOA, PORTUGAL.....	231
ANEXO B – IMAGENS E REGISTROS DO MOVIMENTO PRÓ-INDEPENDÊNCIA DE TIMOR NO BRASIL E AMÉRICA LATINA.....	232
ANEXO C – O TURISMO EM TIMOR E O II PLANO DE FOMENTO (1957).....	233
ANEXO D – POLÍTICA DE TURISMO DO ULTRAMAR (1966).....	234
ANEXO E – PETRÓLEO EM TIMOR: RIQUEZA OU ‘BLUFF’? (1973).....	235
ANEXO F – TURISMO EM TIMOR – PROGRAMA DE POSSIBILIDADES (1972).....	236
ANEXO G – TURISMO: A QUEM SERVE? (1974).....	237
ANEXO H – DE AUSTRÁLIA A TIMOR (1974).....	238
ANEXO I – DÍLI, A TERRA PACATA: PARAÍSO DOS HIPPIES (1973).....	239
ANEXO J – TIMOR E O IV PLANO DE FOMENTO (1974).....	240
ANEXO L – TURISMO ANTI-TURISMO: OU A ESTRANHA ATITUDE DE UM EMPREGADO DE MESA (1973).....	241
ANEXO M – TIMOR, O TURISMO DO FUTURO (1973).....	242
ANEXO N – JORNAL DA FRETILIN (1975).....	243
ANEXO O – PROJEÇÕES ARTIFICIAIS DO <i>PELICAN PARADISE</i>	244
ANEXO P – PROPRIEDADE PRIVADA DO <i>PELICAN PARADISE</i> EM TIBAR.....	245
ANEXO Q – PROJEÇÕES ARTIFICIAIS DO TASI MANE.....	246
ANEXO R – PROJEÇÕES E IMAGENS DO ZEEMS.....	246

APÊNDICE.....	247
APÊNDICE A – MATRIZ DE PERIODIZAÇÃO.....	247

É possível que as pessoas no Sul produzam teoria?" Minha resposta é que eles estão produzindo teoria o tempo todo. Durante todo o tempo.

David Harvey (2013)

Ainda que parem lugares de desolação, a ideia de plano, isto é, a tentativa de uma moldagem mais consciente do futuro é sempre uma seta que aponta para o otimismo (...) são pessoas trabalhando, silenciosamente ou não, na construção de um país mais digno, não sucumbindo a forças contrárias, muito mais armadas.

Eduardo Abdo Yazigi, (2011)

Os turistas, que antes da ocupação tinham visitado Timor, não esconderam a sua admiração pela magnificência da Baía de Dili, embelezada por um bom número de praias. Na verdade, quem de barco se aproxima de Dili, numa manhã ou tarde morna de verão, terá a oportunidade de apreciar um dos mais belos cenários com que a mãe natureza dotou o nosso planeta.

Francisco Fernandes, o Padre Chico (2007)

O isolamento e a guerra que assolou o país por quase um quarto de século (1975-1999) mantiveram-no fora do desenvolvimento do turismo internacional.

Cristiane Cabasset-Semedo (2007)

A insularidade é também um conceito que extravasa o campo geográfico, convocando noções como “periferia”, “isolamento” e “provincianismo”. Está associada a características como a pequena dimensão, o forte sentimento de identidade local ou insular e o caráter periférico.

Russel King (2010)

É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós

José Saramago

INTRODUÇÃO

A presente tese, cujo título é **“O nexso turismo/petróleo em Timor-Leste: discursos, estratégias e a dialética da modernização territorial”**, parte do princípio de que a ciência geográfica é capaz de compreender as imposições de ordem epistêmica, geopolítica e econômica, bem como as nuances do discurso e da representação, que atravessam o desenvolvimento de nações situadas histórica e geograficamente no Sul-global, na medida em que lê dialeticamente o movimento histórico e o processo de formação territorial. E diante da evidente relação entre espaço e política, indica uma perspectiva crítica necessária para a compreensão de Timor-Leste.

Optou-se por um estilo de redação científica articulando elementos teóricos e conhecimento de base empírica, o que poderá ser apreciado ao longo dos quatro capítulos que compõem a presente tese. Esse movimento de compreensão do objeto de pesquisa acompanha o pensamento de Sartre (2002, 116), para quem o fazer científico é “simultaneamente progressivo (em direção aos resultados) e regressivo (em direção à sua condição original), e ainda, parte do exposto por Morin (2005), ao ressaltar que problemáticas de pesquisa são fluidas e, portanto, estão em constante transformação, assim como a teoria e o método que são ajustados e adquirem maior especificidade analítica no decorrer da investigação.

É necessário salientar que não se encontrará nesta tese um capítulo dedicado ao estado da arte da temática tratada. Esse mapeamento bibliográfico e teórico, que foi realizado e sistematizado durante todo o doutorado e apresentado detalhadamente no momento de qualificação, em 2019, foi constantemente ampliado e reorganizado para preencher lacunas analíticas surgidas posteriormente. Assim, o estado da arte aparecerá ao longo dos capítulos, buscando uma articulação entre os saberes científicos ligados à temática e as informações obtidas por meio da pesquisa arquivística/documental e de fontes primárias e secundárias utilizadas para discutir o tema central da tese que ora se defende: a centralidade do nexso turismo/petróleo no projeto de desenvolvimento e modernização territorial de Timor-Leste.

À pesquisa realizada interessava compreender como operam os discursos e os interesses geoestratégicos em torno dos setores de turismo e petróleo em Timor-Leste, e de que maneira os nexos advindos dessa associação, ao serem fortalecidos por posições político-econômicas dominantes, estão impactando o desenvolvimento do país. Esse processo, a partir da fase mais atual dos megaprojetos, vem modernizando seletivamente o território ao mesmo tempo em que aprofunda as desigualdades socioespaciais e distritais. Porém, as economias do turismo e do petróleo em Timor apresentam trajetórias que remontam ao início do século XX, fazendo-se primordial reler a história territorial deste pequeno território insular, não somente sob uma perspectiva estritamente geopolítica, mas sobretudo pelo prisma geoeconômico.

Pode-se então questionar: Qual é a especificidade da história territorial de Timor-Leste que convergiu discursos e estratégias em torno dos setores de turismo e petróleo?

Para responder a essa pergunta, partimos de Durand (2010, pg. 15), ao afirmar que “Timor resulta num objeto de estudo interessante, através do qual se podem ler todas as tensões da história moderna (...) da colonização à guerra fria, das disfunções da comunidade internacional ao desenvolvimento sustentável”. Localizado no Sudeste-Asiático ou Ásia-Pacífico, a depender da visão geopolítica, evolução geomorfológica e da localização geográfica³⁰ (DURAND, 2010; MENDES, 2010; TOMÉ, 2010), a pequena e jovem nação insular que restaurou a sua independência, *de jure*, apenas em 2002, teve sua história marcada por uma sucessão de episódios trágicos, fruto de estratégias geopolíticas e interesses econômicos articulados por multatores, dentre os quais Portugal, Indonésia e Austrália.

³⁰ A posição geográfica de Timor Leste, levemente deslocado do Arco das Ilhas de Sonda, situa o país na fronteira de dois mundos (MENDES, 2010; DURAND, 2010). Geologicamente situa-se numa zona compreendida entre a plataforma submarina asiática de Sonda e a plataforma australiano neoguineense de Sahul, onde são demarcados os limites de propagação de espécies animais e vegetais. Para além da biogeografia, culturalmente as populações da parte oriental da ilha têm origem asiática e papua (DURAND, 2010; MORAES, 2014). Essas divisões também são fruto de opções cartográficas e ideológicas buscando enquadrar Timor ora no Pacífico-Sul, ora no Sudeste Asiático, a depender dos interesses geopolíticos das potências regionais, como a Indonésia.

Uma rápida caracterização geográfica é necessária e lança alguns elementos pertinentes para a visualização de algumas características do território que foi objeto de interesse geopolítico das nações supracitadas. Como demonstrado no mapa 1, Timor-Leste está localizado geograficamente entre o Sudeste-Asiático e Ásia-Pacífico, ou seja, está próximo à Oceania tanto quanto dos países sul-asiáticos, tais como Indonésia, Filipinas e Malásia. A República Democrática de Timor-Leste (RDTL) compreende a porção oriental da ilha de Timor, mantendo uma fronteira terrestre com a porção ocidental pertencente a Indonésia a partir de 1945. Timor pode ser enquadrado como um país insular pequeno, e seu território apresenta 18.899 km² de extensão, considerando também suas duas pequenas ilhas, Ataúro e Jaco, e o enclave de Oecussé-Ambeno. Para efeito de comparação, o menor estado brasileiro, Sergipe, apresenta 21.872 km². O formato de Timor é oblongo, interpretado pelo imaginário local como o contorno do crocodilo, um dos símbolos do país, e sua capital, Díli, têm uma população de 222 mil habitantes, segundo o censo de 2015. A ilha está orientada na direção Sudoeste/Nordeste, banhada ao sul pelo Mar de Timor, rico em reservas de petróleo (foto 6), e ao Norte pelo Mar de Wetar, onde se encontram suas ilhas paradisíacas recheadas de recifes de corais dos mais preservados do mundo (fotos 7 e 8).

Foto 6. Imagem da Plataforma Montara, no Mar de Timor, que sofreu um incêndio no ano de 2009.



Fonte: Risc (2009)

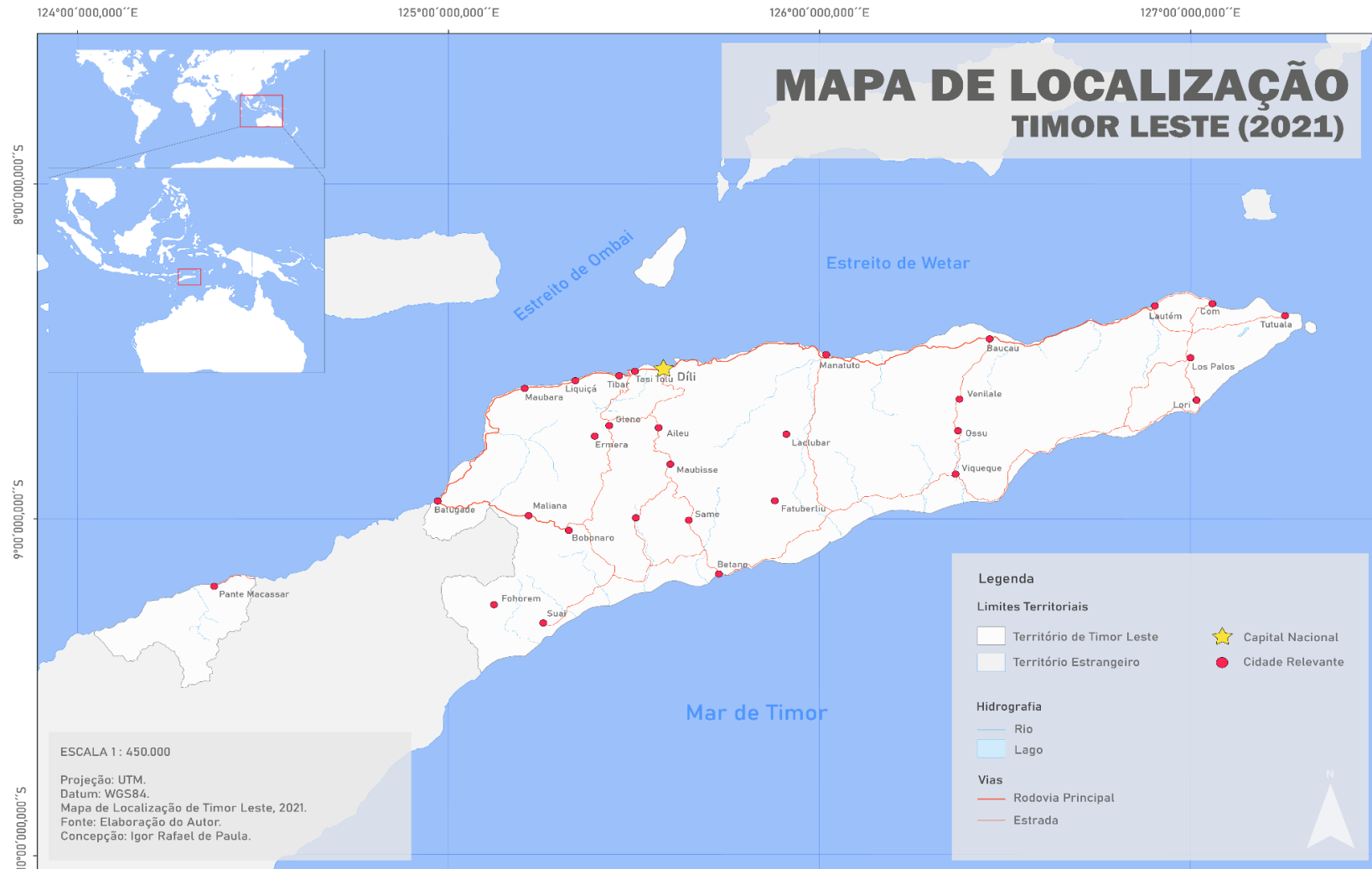
Fotos 7 e 8. Vista da litoral da ilha de Ataúro, com o porto de Beloi ao fundo (6) e vista do mar cristalino do ilhéu de Jaco. Ao fundo (quadrante superior direito) encontra-se a ilha principal de Timor.



Fonte: TripAdvisor (2021)

Geologicamente, a ilha de Timor é de origem vulcânica e situa-se dentro do denominado 'Círculo de Fogo', área de intensa atividade sísmica, onde comumente ocorrem os tsunamis mais destruidores já constatados. Segundo Waldman (2004), algumas particularidades geológicas do território lesetimorense fazem referência à existência de vulcões extintos nas áreas dos distritos de Oecussé-Ambeno e Baucau, além de haver entre Díli e a ilha de Ataúro uma fossa oceânica ativa. De relevo abrupto e com poucas áreas agricultáveis, Timor é considerado um país com escassos recursos naturais, através do qual o sândalo, principal espécie endêmica da ilha, foi intensamente explorado pela colonização portuguesa e durante o período indonésio. O território é cortado ao centro por uma imponente cadeia de montanhas que dá origem a uma densa rede hidrográfica em direção ao norte e ao sul. Parte substancial desta rede hidrográfica é intermitente, com os leitos estorricados nos períodos secos, porém tornando-se poderosos fluxos de água no período das monções.

Mapa 1: Localização de Timor-Leste.



Ex-colônia portuguesa até 1975, quando foi então invadida pela Indonésia em uma ocupação que durou mais de duas décadas (1975-1999), dizimou cerca de 1/3 da sua população e destruiu as suas poucas infraestruturas (LIMA, 2005; CABASSET-SEMEDO, 2009; DURAND, 2010; MORAES, 2014), Timor-Leste conquistou sua independência pela força da resistência *maubere*, e com o apoio da Organização das Nações Unidas (ONU), no período conhecido como Administração Transitória das Nações Unidas (UNTAET), ocorrido entre os anos de 1999 e 2002. A conquista do direito à autodeterminação e a retomada da soberania territorial solidificaram o controle dos recursos econômicos, permitindo que as reservas de petróleo situadas no Mar de Timor, antes exploradas pela Austrália e Indonésia, se tornassem timorenses, dando início à lógica da dependência econômica do petróleo, que é a marca de inúmeros países em situações pós-conflito e em especial de outras nações insulares, a exemplo de São Tomé e Príncipe.

Em Timor-Leste, a construção e o planejamento da sua política econômica após 2002 tem sido marcada por uma forte associação, tanto no discurso quanto no âmbito das práticas sociais e econômicas, entre os setores de petróleo e turismo, por onde a ideia do turismo como alternativa econômica (à dependência do petróleo), somado ao discurso da necessidade de diversificação da economia do país, conferem fundamentos ideológicos para uma gama de intervenções econômicas envolvendo ambos os setores. Uma primeira análise e observância dos conteúdos presentes em notícias e reportagens de diferentes mídias, artigos científicos, discursos de lideranças políticas, documentos oficiais, relatórios de organizações internacionais que atuam no país e análises de ONG's nacionais e estrangeiras indicaram que o nexos turismo/petróleo pauta a grande parte dos debates econômicos da contemporaneidade.

Apesar de alguns avanços econômicos e sociais, os bilhões de dólares advindos da exploração do petróleo e gás, armazenados no Fundo Petrolífero³¹, não se transformaram numa efetiva mudança das condições econômico-sociais da maior parte da população lesetimorense, que ainda sofre com a baixa oferta de

³¹ Modelo de gestão econômica no qual todas as receitas petrolíferas são transferidas ao Fundo Petrolífero e investidas no exterior em ativos financeiros, principalmente nos EUA, e somente depois os valores podem ser resgatados pelo Estado.

emprego, vivendo em condições insalubres e de pobreza extrema, sem acesso a direitos básicos como energia elétrica e água potável. Análises recentes, como em Scheiner (2021), mostram que apenas uma pequena fração das receitas de petróleo foram direcionadas à melhoria das condições de vida da população, o que manteve os índices de educação, saúde e abastecimento de água apenas um pouco melhores do que eram na década de 1990, durante o período indonésio.

Sendo uma nação que pleiteia atingir os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS ONU) e integrar-se regionalmente à ASEAN³², estando diante de desafios sociais e da necessidade de superar um dos mais baixos índices de IDH³³ da região³⁴, os sucessivos governos constitucionais buscaram encontrar medidas para diversificar a economia, identificando áreas-foco de economia não-petrolífera, tais como o turismo, a pesca e a agricultura (MORAES, 2014; MARX, 2016). No entanto, o que se verifica no decorrer dos anos é um aumento significativo da dependência do petróleo, centralizando 90% das receitas do governo em 2007 (CABASSET-SEMEDO 2007:2009; MARX, 2016), 75% em 2013 e 93% em 2014 (SCHEINER, 2015: 2021), montantes que não têm sido revertidos em investimentos para os outros setores da economia, os quais muitas vezes ficam delegados às ações e projetos de Organizações não Governamentais e dos parceiros do desenvolvimento.

Considerada uma das nações com maior índice de dependência do petróleo e gás no mundo, em um nível semelhante a países como Sudão do Sul, Líbia e Guiné Equatorial (SCHEINER, 2015), Timor vivencia essa condição sem levar em conta a finitude de seus campos de hidrocarbonetos, estando alguns, inclusive, com esgotamento previsto para 2025. Isso significa que os ativos financeiros do Fundo Petrolífero têm uma limitação temporal e financeira, o que eleva a urgência em

³² *Association of Southeast Asian Nations*. Principal organização regional do Sudeste Asiático, instituída em 1967 na Declaração de Bangkok. Com sede em Jakarta, o bloco possui 12 membros: Tailândia, Filipinas, Malásia, Singapura, Indonésia, Brunei, Vietnã, Myanmar, Laos e Camboja. Papua Nova-Guiné e Timor Leste são membros observadores que pleiteiam adesão ao bloco.

³³ Índice de Desenvolvimento Humano, por meio do qual os países são ranqueados levando em conta o grau de desenvolvimento nos quesitos de saúde, educação e renda.

³⁴ Dados extraídos do PNUD (2015) e da Ong *La'o Hamutuk* (2020) mostram que o IDH de Timor-Leste atingiu o índice de 0,606 em 2020, estando dentro do grupo de desenvolvimento médio. Se observados no recorte temporal de 20 anos, o IDH de Timor não teve uma tímida melhoria desde 2000, quanto tinha um IDH de 0,484. Dentre as nações que integram a ASEAN, os índices de Timor assemelham-se a países como Myanmar (IDH de 0,583), Camboja (IDH de 0,594) e Laos (IDH de 0,613).

utilizá-los em prol de uma real diversificação econômica que privilegie os outros setores, como apregoam os discursos políticos ao longo dos sucessivos governos constitucionais.

Diante dessa problemática, a hipótese de pesquisa baseou-se no pressuposto de que vem sendo fabricado um discurso hegemônico que não condiz com a realidade do desenvolvimento econômico em curso. Acreditamos que as ideias para o turismo em associação ao petróleo são veiculadas de forma estratégica, valendo-se da perspectiva de que o turismo é uma potencial alternativa econômica para o futuro, central no plano de diversificação econômica, capaz de diminuir a pobreza, gerar empregos e promover a sustentabilidade. Porém, da forma como este se apresenta, os discursos em torno do nexo turismo/petróleo parecem indicar intencionalidades e interesses das lideranças políticas e parceiros econômicos regionais e globais na manutenção da dependência do petróleo.

Considerando que esse nexo é contrário à materialidade produzida e pouco aprofundado pelas pesquisas e estudos com foco na política econômica lestemorense, a presente investigação desafiou-se a compreender os nexos entre turismo e petróleo com maior profundidade analítica, fazendo uso de um referencial teórico amplo e interdisciplinar, centrando-se na leitura histórica e geográfica da complexa formação territorial de Timor-Leste, para então buscar compreender a dialética do seu desenvolvimento a partir de uma análise focada especificamente na relação entre esses setores. Entretanto, a presente tese não se apoiou em um método de análise comparativa, ao contrário, debruçou-se sobre as ações geopolíticas e os interesses econômicos, bem como nas contradições presentes nas posições discursivas que pautam a política econômica e que, na fase atual dos megaprojetos, permitiram a identificação de um processo de modernização territorial em curso, desigual e seletiva, com contornos corporativistas, patrimonialistas e clientelistas.

O objetivo geral da tese foi compreender os discursos e estratégias em torno do nexo turismo-petróleo em Timor-Leste, e como estes são centrais na política econômica atual e no projeto de modernização em curso.

Especificadamente, procurou-se:

- a) Identificar as principais ações geopolíticas e os interesses geoeconômicos responsáveis por forjar os fundamentos econômicos da nação.
- b) Reconstruir a trajetória do turismo e do petróleo ao longo dos diferentes contextos históricos, transições políticas e conjunturas em Timor-Leste.
- c) Discutir as percepções de multiautores que compõem os imaginários econômicos sobre turismo e petróleo.
- d) Analisar as estratégias e os discursos que permeiam o nexo turismo-petróleo na política econômica no pós-independência;
- e) Problematizar a produção do espaço dos megaprojetos em curso e a dialética da modernização atual.

ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

O primeiro capítulo, intitulado **‘Discussão teórico-metodológica e conceitual: a complexidade do objeto de pesquisa Timor-Leste’**, apresenta as bases teóricas e metodológicas da tese, e se constitui como um referencial de encontros, construído na fronteira entre conhecimentos e áreas científicas, e buscando adequar-se ao objeto de pesquisa, sem renunciar, entretanto, à primazia da leitura espacial (CARLOS, 2019). A perspectiva da geo-história, proposta inicialmente por Braudel (RIBEIRO, 2014:2015), foi mobilizada com o objetivo de realizar uma leitura mais ampla da história territorial de Timor, permitindo compreender, a partir do tempo de longa duração, e diante das transições políticas e na observância de conjunturas específicas, como ações geopolíticas e interesses econômicos imprimiram no território e naqueles que o vivenciam determinadas ideologias econômicas, pelas quais o petróleo e turismo tornaram-se centrais. Articulada a essa perspectiva mais totalizante, são apresentados e discutidos os conceitos de cronopolítica (NORUM & MOSTAFANEZHAD, 2016), transição política (HALL & SEYFI, 2020), bem como o método de Análise Crítica do Discurso (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999), como parte da operacionalização do método para dar conta de alcançar os objetivos levantados pela investigação.

O segundo capítulo, **‘Timor-Leste, uma releitura territorial e decolonial em perspectiva geo-histórica’**, não se constitui como um capítulo histórico propriamente dito, no sentido de descrever os acontecimentos ao longo dos

períodos históricos. Este destoa da maioria das leituras históricas sobre o país que secundarizam a importância do espaço, e busca uma apreciação que conjugue tempo e espaço, estando direcionada a compreender como se articulam a geopolítica e a geoeconomia, além de evidenciar uma posição decolonial na medida em que mobiliza as diferentes visões de mundo e epistemologias que atravessam a fabricação da história lesetimorense. Assim, o referido capítulo é atravessado por uma construção analítica, pois é produto da aplicação dos aportes teóricos e metodológicos discutidos anteriormente.

O terceiro capítulo, intitulado **‘Perspectiva histórica e análise das trajetórias, discursos e ações em torno do turismo e petróleo em Timor’**, consiste em uma parte essencial da tese, já que objetivou discutir, ao longo do século XX, as diferentes trajetórias dos discursos e as estratégias geopolíticas e econômicas acerca do turismo e petróleo na ilha. Com base na pesquisa arquivística e documental e, ainda, apoiando-se na Análise Crítica de Discurso, foi possível demonstrar como estes interesses se materializaram no território colonizado, e como foram sendo moldados no contexto da Administração Transitória das Nações Unidas como também nos primeiros anos pós-independência.

No quarto capítulo, **‘Turismo e petróleo: política econômica, efetividade territorial e os megaprojetos de modernização’**, de teor mais analítico, a contemporaneidade de Timor é alcançada e a lógica da modernização em curso no país é focalizada, na medida em que, a partir do delineamento de políticas econômicas, os ideais de desenvolvimento assumem maior efetividade territorial, via pela qual os megaprojetos em curso metamorfoseiam os nexos entre petróleo e turismo situados em períodos anteriores, indicando uma modernização territorial seletiva, com contornos clientelistas e patrimonialistas. Diante do caminho percorrido pela investigação, no último subtópico do capítulo IV, denominado **‘Síntese analítica e o futuro de Timor-Leste em questão’**, é realizada uma síntese dos principais resultados e discussões produzidas pela presente tese, oferecendo ainda um panorama crítico sobre o futuro de Timor-Leste.

A decisão por desenvolver e sistematizar a pesquisa em quatro capítulos envolveu a necessidade de organizar a redação de uma maneira que privilegiasse

respectivamente as dimensões teórico-metodológica, histórica, analítica e reflexiva, qualificando, assim, a coerência interna diante das proposições iniciais de pesquisa e atentando para os limites da investigação bem como os contributos dos resultados que foram alcançados. A tese, que teve como desafio empenhar-se em apresentar uma outra interpretação sobre Timor-Leste, deve ser entendida como uma síntese crítica de um conjunto de leituras, observações, análises e reflexões, que formam o cenário pelo qual o pesquisador define, como base no que tem disponível, o que deve compor a versão final.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pesquisas científicas se diferenciam pela natureza do objeto estudado, requerendo assim tratamentos metodológicos específicos, e as particularidades do objeto de análise condicionam as escolhas metodológicas e de acessibilidade das fontes (ECO, 2009). No caso das ciências humanas e sociais, é preciso adicionar o caráter histórico e geográfico dos fenômenos e processos que, numa conjugação entre tempo-espço, demandam operações que considerem a consciência histórica do pesquisador e a ressignificação da relação entre sujeito e objeto, porque este pode se manifestar de forma mais qualitativa e apresentar, por vezes, caráter ideológico (DEMO, 2008).

Na mesma medida em que os métodos se constituíram ao longo da investigação, também os procedimentos e instrumentos metodológicos foram ajustados mediante a necessidade de responder a cada etapa do fazer científico, processo em que a exploração da problemática e comprovação da hipótese impuseram escolhas por determinadas metodologias em detrimento de outras, antes consideradas pertinentes. O próprio conhecimento empírico do autor desta pesquisa, que teve oportunidade de vivenciar a realidade lesetimorense durante dois anos, articulada a apontamentos críticos ressaltados no momento da qualificação do doutorado, mostraram, por exemplo, que a impossibilidade de realizar coleta de dados *in loco* não traria grandes prejuízos a qualificação da investigação.

Para entender de forma mais profunda as especificidades do complexo processo de formação territorial de Timor, utilizou-se como instrumento de método a elaboração de uma matriz de periodização (ver apêndice), buscando uma visualização mais ampla e sistematizada da sua história territorial, palco de ação por multiatores que atuam de forma multifacetada e multiescalar, resultando em uma gama de articulações geopolíticas que tensionaram parte significativa da sua formação como Estado-Nação. O exercício da periodização permitiu observar as transformações políticas e econômicas no tempo-espaço, indo além da narração de acontecimentos, uma vez que o objetivo era a compreensão do movimento dialético de materialização (dos eventos).

A periodização aplicada na tese relaciona-se com o conhecimento das estratégias geopolíticas e interesses econômicos que forjaram e deram contornos complexos ao território timorense ao longo da sua história, e que a partir das primeiras décadas do século XX e sobretudo durante e após a Segunda Guerra Mundial, mostraram-se mais determinantes territorialmente. Assim, no que tange a especificidade do tema de pesquisa, foram identificados quatro períodos.

No primeiro período, que vai de 1945 a 1975, pode-se observar as ações da Austrália e Indonésia para controlar os recursos petrolíferos do Mar de Timor, e com Portugal buscando promover algum nível de atividade econômica de turismo na ilha. O segundo período, que vai de 1975 a 1999, trata dos 24 anos de ocupação indonésia em Timor, fase em que o petróleo continuou a ser explorado pelas duas potências regionais e o turismo sendo realizado incipientemente, fora dos mercados globais. O terceiro período marca a Administração Transitória das Nações Unidas, entre 1999 e 2002, quando são lançadas as bases para a autodeterminação lesetimorense, momento em que a soberania do petróleo passa automaticamente para a nova nação, e o turismo é aquecido pelo aumento do fluxo de internacionais ligados à transição política e pela abertura do país às mobilidades globais, momento em que o setor começa a ser pensado sob os princípios da sustentabilidade. O quarto período inicia-se em 2002, com a formulação da Constituição de Timor-Leste, a formação do primeiro governo democrático e, assim alcançamos a contemporaneidade. Nessa fase são constituídos os nexos entre os

dois setores, com Timor tornando-se altamente dependente do petróleo ao mesmo tempo em que situa o turismo como alternativa a essa preocupante dependência.

Os eventos políticos e econômicos apresentados na matriz de periodização contribuem para a sustentação da análise geo-histórica, onde procurou-se qualificar a redação com base nos principais eventos de cunho político e econômico responsáveis pela organização territorial de Timor em um amplo espectro temporal, permitindo obter uma visão mais ampla da trajetória de apropriação e exploração dos seus recursos naturais bem como a alteração da importância entre estes. Ainda, buscou-se sistematizar algumas das informações obtidas pela pesquisa arquivística e documental.

Levando em consideração os apontamentos realizados, a pesquisa que culminou na redação da tese foi sustentada por uma extensa pesquisa bibliográfica, presencial e nos ambientes virtuais, nas seguintes instituições: Bibliotecas da Universidade de São Paulo, Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa, Biblioteca João Paulo II da Universidade Católica de Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino de Portugal, Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca Nacional da Austrália, Biblioteca da ONU, *Library of Congress* (EUA), *Institut de Recherche sur L'Asie du Sud-Est Contemporaine* (IRASEC França-Tailândia), *Peace and Conflict Studies* (UNTL – Timor-Leste), *Timor-Leste Studies Association* (TLSA - Austrália), dentre outros.

Parte essencial da metodologia, a obtenção de informações relevantes ao objeto de pesquisa envolveu uma pluralidade de procedimentos de coleta de dados. Além da leitura e análise de uma gama substancial de referenciais bibliográficos em diferentes línguas, a coleta de dados em alguns dos espaços físicos foi possibilitada por meio do estágio de curta duração ofertado pela Cátedra Jaime Cortesão (FFLCH/USP), realizado em Portugal entre 2019 e 2020, ocasião em que foram vasculhados os arquivos sobre Timor-Leste nos seguintes espaços arquivísticos: Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca Universitária João Paulo II e Arquivo Histórico Ultramarino.

Na Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa foram acessados principalmente os diários pessoais, cálculos e relatórios técnicos de Gago Coutinho

e Sacadura Cabral em seus trabalhos sobre a demarcação da fronteira entre o Timor português e as possessões holandesas (parte oriental da ilha, hoje território indonésio), entre passagem do século XIX ao XX. Nas oito visitas à BSGL, foram acessados materiais raríssimos sobre a história e a geografia da ilha de Timor, bem como mapas históricos, desenhos de época e relatos de viajantes.

A pesquisa arquivística na Biblioteca Nacional de Portugal consistiu principalmente na consulta de obras de referência sobre geografia e geopolítica de Timor, tais como “Timor-Leste: O dossiê Secreto (1973-1975)”, de J. Chris Crystello, e “Timor-Leste e o Mundo”, do geógrafo francês Frédéric Durand. Infelizmente, não foi possível acessar o acervo da Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, pois não houve tempo suficiente para aguardar o envio da solicitação formal assinada por ambos os orientadores no Brasil e em Portugal, documento requisitado pela instituição para acessar os espaços arquivísticos. Nesse acervo em especial, interessava consultar os materiais cartográficos da série de Manuscritos Azuis, considerados um dos maiores conjuntos cartográficos sobre Timor-Leste.

A Biblioteca Universitária João Paulo II, da Universidade Católica Portuguesa, proporcionou uma experiência particularmente enriquecedora. A pesquisa prévia havia indicado que nesse local encontrava-se todo o espólio do poeta, agrônomo e botânico Ruy Cinatti, e ciente de que o pensador português dialogava com a geografia em seus estudos, buscou-se analisar a totalidade do seu acervo, disposto e organizado em mais de 60 caixas. Foi possível consultar e reproduzir digitalmente os conteúdos de sua obra científica (CX. 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26), diários pessoais (CX. 26, 27, 28 e 29), entrevistas (CX. 30), outros documentos do autor (CX. 32, 33, 34 e 35), visitas e viagens (CX. 38), inventário (CX. 39) e documentos políticos, militares e cartográficos (CX. 64). No tocante à sua obra científica, destacam-se as detalhadas descrições geográficas da ilha de Timor, com discussões sobre urbanismo e habitação, sistema político e trabalho agrícola. Percebeu-se que parte substancial dos trabalhos de Cinatti apresentam discussões sobre habitat, ambiente e sustentabilidade. A surpresa foi comprovar a base teórica enraizada em pensadores de matriz francesa da geografia humana,

com referências e fichas de livros de Vidal de La Blache, Max Sorré, Emmanuel de Martonne e Pierre Deffontaines.

No Arquivo Histórico Ultramarino, foram acessados documentos raros que demonstraram o interesse da Agência Geral do Ultramar no planejamento e organização de atividades turísticas para as colônias, entre as décadas de 60 e 70, inclusive com uma proposta de planejamento territorial para o turismo em Timor-Leste. Segundo consta pela ampla pesquisa bibliográfica realizada, está é a primeira vez que esses documentos são analisados. Além desse conjunto de informações diretamente vinculados ao objeto da tese, foram realizadas cópias de manuscritos avulsos com descrições histórico-geográficas da ilha, com destaque ao relato sobre a função de Ataúro como ilha-prisão e ao mapa, confeccionado à mão, da Guerra de Manufahi. Merecem atenção os documentos oficiais e não-oficiais consultados através da máquina de microfimes, com ricas informações sobre o Timor dos séculos XVIII e XIX, época muito escassa de registros.

A coleta de dados em plataformas virtuais mostrou-se desafiadora, dado que o processo de resgate, preservação e digitalização dos arquivos e documentos sobre Timor é bastante recente, e em muitos casos é realizado por iniciativas particulares. Além disso, muitas das iniciativas estão paralisadas, e não foram poucos os espaços virtuais que se encontravam inoperantes ou desabilitados. Dentre os acervos disponíveis digitalmente, após ampla pesquisa, foram realizadas incursões nas seguintes plataformas: Centro Audiovisual Max Stahl Timor-Leste (CAMSTL), Casa Comum, Arquivo do Museu da Resistência Timorese, Timor *Archives*, Biblioteca Nacional da Austrália, CARV (Comissão de Acolhimento, Verdade e Reconciliação de Timor-Leste) e Biblioteca Virtual da Rede de Pesquisadores Brasileiros sobre Timor-Leste.

No portal Casa Comum, repositório de pesquisa documental sobre Portugal e suas ex-colônias, foram encontrados diversos arquivos referentes ao ano de 1990, com depoimentos e testemunhos diversos acerca da violenta repressão das forças indonésias contra uma manifestação pacífica de estudantes no Hotel Turismo, no ano de 1990, acontecimento trágico em que muitos foram mortos pelos militares. Esse episódio, pouco explorado pela falta de informações, indica que nos anos de ocupação indonésia os poucos hotéis que abrigavam internacionais

funcionavam como um elo de conexão ao mundo exterior, e, portanto, poderiam dar maior visibilidade à causa lesetimorense.

O *Timor Archives* é uma iniciativa particular e colaborativa dirigida por John Waddingham, arquivista coordenador do *Clearing House for Archival Records on Timor* (CHART), e responsável por gerir o *Timor Information Service* na Austrália, entre 1975 e 1984. O projeto, que envolve o resgate de coleções privadas de material documental sobre Timor-Leste, funciona como um blog e portal de busca consolidada e sistemática das principais coleções, acervos e arquivos presentes em várias localidades do mundo. A partir do *Timor Archives*, foi possível acessar, através do repositório *Trovi* da Biblioteca Nacional da Austrália, publicações raras e insubstituíveis do jornal “A Voz de Timor” e do “Jornal do Povo Maubere”, que estiveram em operação nos anos anteriores à invasão indonésia. Além de ampliar as percepções políticas e econômica dessa conjuntura, estes documentos fornecem um desenho mais real e intenso da vida cotidiana da época, possibilitando compreender a dinâmica econômica da ilha com maior profundidade.

Os documentos e relatórios produzidos e armazenados na Comissão de Acolhimento, Verdade e Reconciliação de Timor-Leste, sobretudo o “Chega! Relatório CARV”, ofereceram um retrato real, abrangente e detalhado sobre a violação dos direitos humanos em Timor, tendo como recorte analítico o período entre 25 de abril de 1974 e 25 de outubro de 1999. O extenso relatório, que pode ser lido de forma independente, apresenta importantes estatísticas e gráficos sobre os direitos econômicos e sociais, ajudando a compreender a dinâmica econômica do território ocupado no período indonésio.

Nos outros acervos citados, tais como o CAMSTL e o Arquivo do Museu da Resistência, não foram encontrados documentos que contribuíssem para a compreensão do objeto de pesquisa, já que se trata de materiais com propostas específicas e não funcionam exatamente como um repositório de informações. Entretanto, a consulta foi essencial para propiciar uma maior conexão aos acontecimentos em Timor-Leste, sobretudo por meio dos arquivos da memória da resistência lesetimorense e através dos audiovisuais preservados e produzidos pelo CAMSTL.

Além desses conteúdos arquivísticos e documentais, foi realizada ampla pesquisa em notícias e reportagens de diferentes veículos de imprensa, aplicando palavras/expressões-chave de forma combinada, dentre as quais: turismo, petróleo, alternativa econômica, diversificação econômica, soberania e sustentabilidade. Primeiramente, utilizou-se do recurso de pesquisa global do *Google Archives*, por meio do qual foi possível encontrar notícias antigas a partir da busca avançada por períodos temporais/históricos. Assim, levantou-se um conjunto substancial de informações de diversos veículos de imprensa, do *New York Times* à Folha de São Paulo, além daqueles situados em países mais próximos das questões de Timor, como Portugal e Austrália. Em um segundo momento, buscando alcançar as percepções locais, levantou-se um grupo de notícias das mídias jornalísticas de Timor, dentre as quais: *Tatoli* (Agência Noticiosa de Timor-Leste), *Tempo Timor*, *Jornal Independente Timor-Leste*, *Sapo 24 horas*, *Hatutan* e *Jornal da República de Timor-Leste*, sendo este último de caráter oficial. Apesar de Timor ser um Estado que tem como línguas oficiais o Português e o Tétum, muitas das notícias estão apenas em língua tétum, dificultando a análise do conteúdo. Importante sublinhar que também foram encontrados repositórios indiretos, tais como o *Jornal Nacional Diário – Timor*, disponível na *Library of Congress Web Archives*, EUA, e por fim o *Timoroman*, jornal virtual sobre Timor apenas em *bahasa indonesia*.

Ressalta-se que diante da quantidade significativa de dados que a pesquisa pode alcançar, necessitou-se definir e analisar apenas uma pequena amostra, elencando notícias e reportagens que tratavam mais especificamente do tema de pesquisa e apresentavam, ao longo dos seus respectivos textos, entrevistas e discursos de multiatores tratados na presente tese. Portanto, a coleta de dados perfaz apenas uma parcela pequena, porém substancial e qualificada, das informações e conteúdos sobre Timor que circularam e circulam atualmente. Em tempo, jornais físicos, tais como o *Jornal Tais Timor*, que operou durante os anos da Administração Transitória da ONU, e o *Lia Foun*, que circulou durante alguns meses no ano de 2005, não puderam ser analisados.

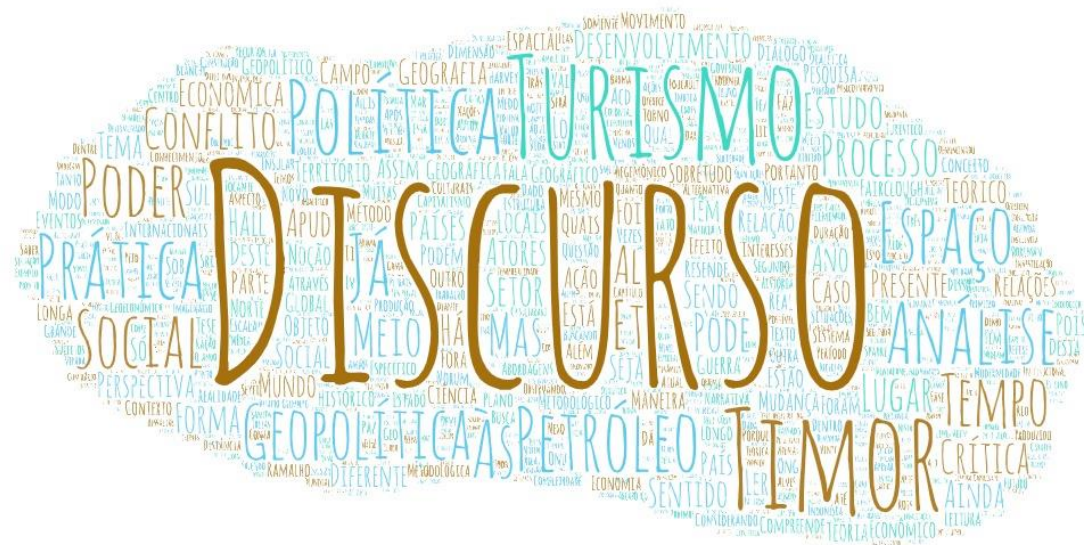
Consultou-se ainda sites voltados ao turismo, como por exemplo a *Pacific Tourism Organization*, *Discover the South Pacific*, *Timor Adventours*, *Traveller*

Australia e *Atauro Tourism*, além das páginas de turismo nas mídias sociais do *Facebook* e *Instagram*, e diversos blog's de viagem. Sites de grupos econômicos ligados ao setor petrolífero, como a *Shell* e a *ConocoPhillips*, além da plataforma de estatísticas econômicas *Tranding Economics*, também foram observados. A percepções e os relatórios de importantes organizações não-governamentais, como *Asia Foundation*, ONG *Haburas* e *Lao'Hamutuk*, também contribuíram para a compreensão das visões de desenvolvimento e dos projetos de turismo sustentável realizados em Timor.

As organizações não governamentais, que atuam em Timor desde o período final da ocupação indonésia, aumentaram significativamente após 2002 e hoje podemos afirmar que atuam em todos os distritos e em todos os setores da vida pública. E diante da quantidade gigantesca de ONG's internacionais e nacionais atuando no país, foi fundada em 1998 a FONGTIL (Fórum de Ong's de Timor-Leste), organização sem fins lucrativos, não sectária e apartidária, e hoje composta por cerca de 380 ONG's. Seu site oficial, ainda em construção, é uma importante fonte de dados sobre as ações e percepções dessas organizações no país. Entretanto, faz-se necessário sublinhar que a atuação das ONG's não foi focalizada por esta pesquisa, pois demandaria uma análise específica e a longo prazo.

Buscando identificar os discursos oficiais que compõem a política econômica atual e tratam dos setores de turismo e petróleo, foram analisados dois documentos oficiais: Plano Estratégico de Desenvolvimento (PED 2011-2030) e a Política Nacional de Turismo (PNT 2016-2030). Somam-se a esses outros, tais como a Constituição de Timor-Leste (2002), Lei do Fundo Petrolífero de Timor-Leste (nº 8/2005) e os livros do Orçamento Geral do Estado, apresentados anualmente.

De todo modo, se esta tese puder, de alguma maneira, contribuir para uma reflexão sobre o passado, o presente e o futuro de Timor-Leste, consideraremos que o objetivo foi claramente atingido.



**I - DESENVOLVIMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO E CONCEITUAL: A
COMPLEXIDADE DO OBJETO DE PESQUISA TIMOR-LESTE**

Mas a geografia só pode ser útil quando não é aplicada. Aplicada, passa a integrar uma política. Perde suas possibilidades de crítica, permanece 'a quo' da decisão. Quando ativa, o quadro muda de figura (...) mantém-se distante das posições doutrinárias, conserva o olhar apaixonado.

Pierre George, 1972

A história de longa duração é, por inteiro, geo-história: do meio ambiente, das paisagens culturais, dos territórios nacionais, da expansão do capitalismo.

Fernand Braudel, 1969

Todos nós deveríamos estar abertos a diferentes lógicas teóricas, a sua "interiorização", tornando possível transformar as relações que existem entre elas.

David Harvey, 1996

Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos e mais como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama.

Michel Foucault, 2006

A transição é talvez uma característica do mundo moderno demonstradas por algumas mudanças dramáticas e fundamentais no terreno político desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Michael Hall, 2008

Essa nova prática de leitura – a discursiva – consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária

Eni Orlandi, 2000

1.1 INTERSECÇÕES E DIÁLOGOS PARA UMA LEITURA AMPLIADA DE TIMOR

A discussão teórico-metodológica é a parte essencial de uma investigação, pois é este arcabouço que fornece o suporte, orienta e ordena a execução de um trabalho de pesquisa. A teoria pode ser definida como um conjunto de conhecimentos que servem para ler e interpretar a realidade (SPOSITO, 2020), portanto, é “a visão daquilo que existe (...) e demanda uma atitude, uma posição e um estado em que nos demoramos” (GADAMER, 1983, 36). A escolha da(s) teoria(s), ou seja, essa posição e decisão racional que transforma o pensamento e permite realizar a investigação científica tomado por um estado de espírito, enseja a estruturação de nossas ideias a respeito do que pode ser o objeto da teoria (BHABHA, 2000, 22 *apud* SPOSITO, 2020), e este objeto só é passível de investigação quando preenche as condições de investigabilidade metódica (GADAMER, 1983).

A teoria necessita do respaldo do método, sem o qual não se produz conhecimento científico. O método, entendido como o instrumento intelectual que orienta a forma de pensar na relação sujeito-objeto, não tem contornos precisos e não se conforma a limites projetados (SPOSITO, 2020, 24), assim como as teorias que não se caracterizam por constructos rígidos e impenetráveis. Portanto, a construção de um sistema de pensamento adequado à especificidade do objeto a ser analisado emerge de diálogos conscientes entre teoria e método, e também por meio do estranhamento e alienação³⁵ entre o sujeito e a coisa que se torna objeto, que, quando isolada no plano abstrato, torna-se passível de ser investigada. Considerando também que os objetos de pesquisa são muitas vezes fluídos, dinâmicos e estão em constante transformação, concordamos que a construção teórico-metodológica só se pode construir durante a pesquisa (MORIN, 2005 *apud* ALVES, 2008), entendida como um “percurso global do espírito que exige ser reinventado para cada trabalho” (QUIVY & CAMPENHOUT, 1992, 14).

³⁵ Noções presentes na concepção de ideologia de Marx, estranhamento ou alienação, segundo Konder (1992), refere-se a um distanciamento intelectual necessário à *práxis* do sujeito na busca pelo conhecimento científico por meio do seu objeto.

Uma dificuldade frequente dos campos científicos que lidam com a complexidade do real é encontrar e adequar um método de análise (ALVES, 2008), fazendo necessário sustentar por vezes o denominado pluralismo metodológico (FILHO, 1995), por meio da incorporação crítica de novos contributos teóricos e intenso diálogo entre abordagens e perspectivas de análise, fazendo fluir a criação científica, pautada no direito à divergência e originalidade, pois monolitismo “reproduz ciências oficiais, sempre medíocres, porque não chamadas a criar, mas a bajular” (DEMO, 1995, 52). Além disso, ciência não é neutra e, portanto, o pesquisador tampouco deve ser, tornando-se primordial evidenciar seu posicionamento epistemológico e ideológico, que é atravessado pelo seu lugar de fala e sua experiência no mundo.

Segundo Sposito (2001), a despeito dos debates de método intrínsecos às ciências humanas e sociais, a geografia contemporânea é atravessada por temas que se constituem, articulados às aberturas teóricas, como verdadeiros paradigmas. Globalização, modernidade e turismo são alguns exemplos nos quais os geógrafos se apoiam para desenvolver seus respectivos objetos de estudo e arcabouços teórico-metodológicos. Nesse cenário multiescalar, multifacetado e repleto de contradições e possibilidades, ler e interpretar o território demanda constantes ajustes na *práxis* do sujeito, mobilizando, sempre que necessário, múltiplos locais de produção, circulação e disseminação do conhecimento geográfico para e sobre o mundo

Considerando a complexidade e dinâmica da realidade concreta em constante transformação, a ciência geográfica constitui-se como teórica e metodologicamente heterogênea, entretanto dotada de uma maneira própria de ler o mundo, ao ressaltar o caráter espacial, dialético e multiescalar dos fenômenos e processos estudados (CARLOS, 2019), inserindo-se ainda em nexos relacionais com os demais campos do conhecimento científico. Compete à geografia, então, buscar atingir o nível espacial da realidade concreta, tarefa que pode ser realizada de diversas maneiras. Nesse processo, conceitos e abordagens ganham novos conteúdos, podendo inclusive pontuar novos temas e problemáticas de investigação.

Diante do exposto, afirmamos que são amplamente diversos os objetos de estudo sobre Timor-Leste tanto quanto são plurais os caminhos teórico-metodológicos e conceituais que intentam analisar a jovem nação insular. Ainda que no campo das ciências humanas e sociais se sobressaiam estudos antropológicos, históricos, políticos, de cultura, linguagem e ensino, a gama de temas e abordagens são hoje de grande diversidade temática e caminham para muitas direções.³⁶ Observando o que se têm disponível sobre Timor-Leste no tocante à Geografia, faz-se necessário sublinhar que o conhecimento produzido a partir de sujeitos, abordagens e conceitos, advindos em especial da ciência geográfica, não se apresenta em grande número³⁷. Portanto, a ciência geográfica encontra campo fecundo para se colocar de forma ampla e irrestrita mediante às possibilidades investigativas que demandam uma análise e leitura geográfica onde política (poder) e espaço mostram-se fortemente imbricadas.

Segundo Massey (1999, pg. 7), “o espaço é tido hoje como um daqueles conceitos mais óbvios e mobilizados em mil contextos diferentes, e cujos significados potenciais são todos muito raramente explicados ou focalizados”. Para a geografia, este conceito adquire centralidade e se insere no movimento de compreensão do mundo onde o espaço é condição, meio e produto da reprodução da sociedade (CARLOS, 1994: 2019). Ou seja, preocupa-se em localizar os movimentos de produção espacial, entender a mediação da produção da vida no âmbito da relação sociedade-natureza, bem como o conjunto das relações sociais

³⁶ Revisões críticas sobre teorias, métodos e categorias de análise utilizadas para compreender Timor ainda são raras num contexto em que a produção científica sobre e do país ainda se consolida em termos de áreas e linhas de pesquisa. Abordagens históricas e antropológicas estão em estágio mais avançado, dadas as contribuições de pensadores como Benedict Anderson, David Hicks, Elisabeth Traube, Shepard Forman e muitos outros. Para explorar esta questão, ver: NYGAARD-CHRISTENSE, M. & BEXLEY, A (Org's). **Fieldwork in Timor-Leste: understanding social change through practice**. University of Copenhagen: Niaspress, 2021.

³⁷ A extensa pesquisa bibliográfica em diferentes centros de produção do conhecimento e em diferentes línguas demonstrou que a ciência geográfica contribuiu pouco para os estudos sobre Timor-Leste, ficando para os historiadores e antropólogos o papel de principais protagonistas. Apenas no período pós-independência, 2002, vão aparecer algumas investigações pontuais realizadas por geógrafos; algumas mais direcionadas a apresentar a geografia de Timor, como em Waldman (2004), e outras, mais encorpadas, trazendo um panorama detalhado do seu processo territorial, como em Durand (2010). No caso da contribuição científica da geografia brasileira, percebemos um distanciamento para com Timor, que pode ser explicado em parte pelas especificidades da circulação do conhecimento geográfico no Brasil e as demandas investigativas direcionadas mais às realidades locais e regionais; ainda que o interesse por Timor tenha aumentado nos últimos anos.

em suas determinações históricas, sendo o espaço produzido e orientado pela lógica capitalista.

Assim, a contribuição da geografia em Timor encontra-se na necessidade de refletir sobre seu processo histórico em articulação à organização do espaço, o que possibilita apreender o movimento da produção social numa realidade concreta, dotada de ações e relações reais. Portanto, a investigação geográfica lê as práticas espaciais como ação que se desenrola no espaço envolvendo o tempo e as escalas destas ações (CARLOS, 2019, 19). De acordo com Santos (1996), o espaço pode ser considerado uma totalidade – a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida e significado – sendo o tempo histórico um dos elementos fundamentais do entendimento do espaço. A temporalidade pode ser representada pelos tempos pretéritos, como por exemplo formação socioespacial e periodização, mas se inscrevem no presente devido às novas funções sociais e políticas desempenhadas por diferentes sujeitos (SILVA, 2009). Por meio da teoria do espaço, o território se coloca como categoria mediadora entre passado e presente, emergindo do intercâmbio entre gerações e conjunturas e também na relação entre espaço e política (CASTRO, 1995; COSTA, 2019).

Buscando sustentar a compreensão do objeto de pesquisa em questão, diante da necessidade de ler o tempo e espaço da história territorial de Timor, os contributos da ciência geográfica encontram uma perspectiva aglutinadora, a qual seja, a geo-história e o tempo de longa duração, teoria elaborada pelo historiador francês Fernand Braudel (1902-1985)³⁸, que permite conjugar espaço e tempo e fornecer à geografia a apreensão das estruturas de longa duração inscritas nas formações territoriais (RIBEIRO, 2008: 2014: 2015). Apesar de Braudel conferir à história o lugar central na sua empreitada de reorganização epistêmica das ciências do homem à luz da longa duração, há uma presença constante de aspectos geográficos interagindo com as sociedades, pois depende-se do espaço, seja do

³⁸ “*Géohistoire: la Société, l’espace et le temps*”, apresentada em língua portuguesa na tradução de RIBEIRO (2015), foi formulada e escrita por Fernand Braudel (1902-1985), entre os anos de 1940 e 1945, quando o historiador se encontrava preso pelos alemães. Artigo derivado da sua tese, o conceito de geo-história busca, aos questionar as fronteiras disciplinares e a crise da geografia (descritiva) e da história (narrativa), problematizá-las em conjunto, legando uma perspectiva de análise onde a história das sociedades é simultaneamente temporal e espacial. RIBEIRO, Guilherme. A arte de conjugar tempo e espaço: Fernand Braudel, a geo-história e a longa duração. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos* [online], v. 22 (2), pp.605-611, 2015

quadro natural inicial, seja do meio produzido e modificado humanamente (RIBEIRO, 2011).

A geohistória, assim como o pensamento do historiador francês, é uma perspectiva aberta e plural. Sua definição de geohistória em 1949, indica:

Pretendemos designar algo diferente do que está implicado na geopolítica, algo mais histórico e ao mesmo tempo mais amplo, que não seja simplesmente a aplicação, à situação presente e futura dos Estados, de uma história espacial esquematizada e, o mais das vezes, previamente direcionada num determinado sentido... Obrigar a geografia a repensar, com seus métodos, seu espírito, as realidades passadas e, por isto mesmo, aquilo que poderíamos denominar os devires da história (BRAUDEL, 1949: 295)

Embora Braudel tenha buscado, em suas obras iniciais, associar geografia e tempo longo, indicando que na perspectiva da longa duração o homem se apossou do espaço, nas suas obras da maturidade, tais como *Grammaire des civilisations* (1987: 2004), a geografia é explorada sob diversos ângulos, da descrição física dos países e continentes à valorização do espaço, e neste se inclui a ascensão de economias nacionais e os processos de formação territorial (BRAUDEL, 1987)

É uma geografia menos física e mais móvel. Braudel demonstra que a história das sociedades é inseparável do espaço (...) em que se nota ser o espaço, para além de seu aspecto físico (área a ser ocupada, por exemplo), elemento constituinte de tais histórias e não algo 'externo (RIBEIRO, 2011:73)

Para Castro (1981)³⁹, a geo-história se oferece como uma importante via para compreender as formações territoriais, e sua utilização como instrumento analítico é um importante condicionante para análises de teor geopolítico. Portanto, a geo-história de longa duração não assume necessariamente um caráter físico-descritivo e estrutural, no sentido de abarcar fenômenos em grande escala, tais como a divisão dos continentes ou os processos geológicos de formação de

³⁹ CASTRO, Therezinha de. **África: geo-história, geopolítica e relações internacionais**. 1981

hidrocarbonetos há milhares de anos atrás. É mais uma perspectiva que conecta o tempo-médio das conjunturas ao tempo curto dos fatos e acontecimentos históricos.

Embora o campo de estudos da geografia histórica reúna condições de analisar os processos territoriais e a organização espacial que são responsáveis por ditar temporalidades e eventos e, assim, modelar e organizar o espaço (CARNEIRO, 2018), a perspectiva de análise da geo-história já se fez presente nos estudos sobre Timor-Leste, mobilizada em TOMÁS (2000); SARMENTO (2007); CABASSET-SEMEDO *et al* (2014); KAMMEN (2021) e BOVENSIEPEN (2021), que buscaram dar conta das plurais epistemologias constitutivas das leituras sobre Timor como também identificar rupturas e permanências que são estruturais e estruturantes do seu complicado processo territorial. E não obstante às críticas ao tempo de longa duração circunscritos aos denominados movimentos lentos (RIBEIRO, 2014), é na leitura da dinâmica do capitalismo no sistema-mundo moderno-colonial (HAEBART & PORTO-GONÇALVES, 2006) que suas contribuições se tornam primordiais, porque a geo-história é multiescalar, pois “espaço é sinônimo de diversidade, de conexão, de redes entrelaçadas” (RIBEIRO, 2015, 608).

Seja sob a perspectiva da geo-história, ou apoiando-se nos contributos da geografia histórica, o “geógrafo historiador” deve compreender que recuperar o passado não é tarefa fácil, e, por mais profunda e ampla que seja a coleta de dados, será possível reconstruir apenas uma pequena fração das ações e dos eventos pretéritos. Dentre os limites de ordem teórico-metodológica, citamos “baixo nível de coesão interna, natureza eclética da pesquisa, indefinição do objeto e do sujeito de investigação, posição não clara entre historiografia e geografia, natureza excessivamente descritiva” (KUCERA, 2008: 6 *apud* CARNEIRO, 2018). Contudo, a necessidade de articular geografia e história, espaço e tempo, produz vigorosos debates de ordem teórica e metodológica, servindo à ampliação e qualificação de plurais possibilidades interpretativas.

A história dos territórios é simultaneamente temporal e espacial, e é desses laços que emergem possibilidades de visualizar determinados processos e fenômenos, e a escala é um importante incremento geográfico que se soma a este

desafio de aproximação do real. A partir de Castro (1995), não há escala mais ou menos válida, pois o real está contido em todas elas, e a escala não fragmenta o real, mas sim permite a sua apreensão. Sendo um atributo da realidade concreta, a escala geográfica é mediadora de ações e intenções, sendo produzida pelas relações de poder (RANCINE et al, 1983 apud SANTOS & SILVA, 2014; SANTOS, 2019). Silveira (2004) aponta ainda dois conceitos de escala, sendo a *escala da ação* constituída de temporalidades e criadora de instabilidades e conflitos entre os sujeitos implicados; e a *escala do império* como alusão ao tempo empiricizado e objetivado, criadora de inércia e resistência à mudança.

Tendo sido primeiro incorporada do ambiente de produção e leitura das representações cartográficas, foi só mais tarde, após clivagens críticas e transformações teóricas no interior do pensamento geográfico, que a noção de escala adquiriu um conteúdo propriamente geográfico, sendo constantemente desafiada e reinterpretada a partir dos fundamentos inseridos pela geografia crítica e também no tocante à produção do espaço (SILVA, 2019). De todo modo, a escala, a despeito de ser definida por escolha do pesquisador, conferindo por vezes uma forma estrita de ajuste de representação ou recorte espacial (CASTRO, 2000), adquire, por meio da perspectiva multiescalar situada na valorização do diferente, uma forma mais adequada de apreensão do real em sua complexidade.

A reflexão em torno desses componentes do pensamento e leitura geográfica dialogam com a presente discussão teórico-metodológica, fornecendo bases analíticas mais adequadas à compreensão das ações geopolíticas e interesses econômicos de multiatores ao longo de mais de cinco séculos de colonização em Timor, mais especialmente no decorrer do século XX e sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, quando o controle territorial e a exploração dos recursos econômicos são efetivamente alcançados, com o petróleo e turismo focalizados por nações estrangeiras e adquirindo efetividade territorial. A realidade concreta desse território colonizado, e que não abarca somente o material, mas também o simbólico, as ideologias e representações (LEFEBVRE, 2006:2008), necessita, para fins analíticos, ser mais bem delimitada diante das conjunções geopolíticas, econômicas e sociais que situaram e situam definições específicas sobre Timor-Leste.

Assim, demanda maior explanação o que se refere aos diferentes enquadramentos contextuais e normativos do país, que indicam múltiplas posições, origens, escalas e critérios de definição, evidenciando visões políticas e vicissitudes territoriais que influenciam as práticas discursivas políticas e econômicas que pautam seu desenvolvimento. Destoando do conceito mais tradicional de país emergente, intrínseco à dialética do subdesenvolvimento que, em Lacoste (1965), inaugurou a interpretação geográfica pelo legado das situações coloniais e transformações modernizantes (VERDI, 2017), a noção de emergente, no caso de Timor, refere-se mais ao irrompimento de um território independente em meio às cinzas (da invasão indonésia) em uma região geopolítica e geoeconômica extremamente complexa, destacando sua juventude e os desafios para o futuro (CABASSET-SEMEDO *et al*, 2014).

Na esteira das iniciativas da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)⁴⁰, Timor integra o G7+ Estados Frágeis⁴¹ e, para a ONU, compõe os Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento (PEID's), grupo reconhecido após a Conferências das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, Rio+20, em 1992. Integram este grupo cerca de 57 nações insulares distribuídas nas regiões do Caribe, Pacífico e Índico, que refletem condicionantes impostos pela economia-mundo, e partilham elementos históricos e geográficos semelhantes (CROES, 2010; MCCUSKER, 2011; CARDOSO, 2015). A ONU aponta que cerca de 80% dos PEID's reúnem as seguintes características: *i*) insularidade; *ii*) forte exposição a desastres naturais e efeitos produzidos por mudanças climáticas; *iii*) limitada capacidade institucional; *iv*) economias abertas e pouco diversificadas; *v*) dificuldades de acesso ao capital externo (CROES, 2010; MCCUSKER, 2011; CARDOSO, 2015).

⁴⁰ Fundada em 1961 como um fórum de países que se autointitulam comprometidos com a democracia e o estímulo à economia de mercado.

⁴¹ Fundado em Díli em 2010 com uma composição inicial de 7 Estados-Nações, dentre os quais Serra Leoa, Haiti, Libéria, Afeganistão, Costa do Marfim, Congo e Guiné-Bissau. Em sua maioria são países em situações pós-conflito que buscam avançar na manutenção da paz, estimulados por um espírito de solidariedade e cooperação mútua. O grupo dos 7+ Estados Frágeis conta atualmente com cerca de 20 países, estando Timor com os melhores índices.

A noção de pós-conflito surge articulada ao processo de construção de paz (*peacebuilding*), conceito apresentado inicialmente por Johan Galtung (1976)⁴² e incorporado pela ONU no contexto político e diplomático do pós Guerra-Fria, sendo lançada em 1992 a expressão *post-conflict peacebuilding*⁴³, buscando estabelecer uma tipologia temporal e um modelo de ação das operações de paz e instrumentos de resolução de conflitos. Apesar de os estudos que utilizam esse enquadramento aplicarem análises considerando principalmente os anos seguintes ao fim de um conflito, como em Kosovo, Camboja e Timor (FITZPATRICK, 2002; GRAZIANO, 2013), discutindo temas como a restauração política e reconstrução econômica, em uma perspectiva da longa duração e levando em conta a fragilidade político-institucional e econômico-social marcada por transições políticas, mecanismos de dependência e conflitos territoriais-locais, mesmo vinte anos após a independência, podemos enquadrar Timor como um país ainda em situação pós-conflito (GRAZIANO, 2013; ALLIS & SANTOS, 2016; MCWILLIAM, 2020)

Assim, a visão de Timor como um país em situação pós-conflito vai ao encontro do desenvolvimento de uma perspectiva mais holística e abrangente, não somente relacionada a conflitos militares e segurança. A noção de dependência e as questões envolvendo a soberania nacional devem ser compreendidas pelas condições de precariedade econômica, fragilidade governamental, infraestrutura danificada e instabilidade social que caracterizam Timor no pós-independência, sobretudo diante das agendas das operações internacionais que se tornaram uma verdadeira indústria no país.

Voltando ao objeto de pesquisa, há um número relevante de investigações que mobilizam e conectam análises sobre as economias do petróleo e do turismo em situações pós-conflito. No caso do primeiro, são intrínsecas as relações entre conflito e petróleo, aprofundadas a partir da Segunda Guerra Mundial e atingindo

⁴² Johan Galtung, sociólogo norueguês que desenvolveu importantes teorias sobre os processos de paz e resolução de conflitos, inicialmente com a noção de paz positiva (1969) e posteriormente *peacebuilding*/construção da paz (1976). Suas ideias e de outros autores fortaleceram o debate conceitual, ao associar a construção da paz ao tratamento das causas fundamentais dos conflitos violentos e em apoio às capacidades locais para gestão da paz e resolução de conflitos, pautando as operações de paz das Organizações das Nações Unidas até os dias atuais. Ver BLANCO, R *et al.* A construção da paz em um mundo em transformação: o debate e a crítica sobre o conceito de *peacebuilding*. **Revista de Sociologia e Política**, v. 24 (60), 2016.

⁴³ Em língua portuguesa, construção de paz em contextos pós-conflitos.

diferentes realidades do norte ao sul global (SALVADOR & MARQUES, 2003; MONIÈ & BINSZTOK, 2012), mas perspectivas pós-conflito também são discutidas na relação com o desenvolvimento do turismo em Timor-Leste (ALLIS & SANTOS, 2020; CURRIE, 2020), na África Subsaariana (NIBIGARA *et al*, 2012), Sri Lanka (BUTLER & SUNTIKUL, 2013), Tailândia (SUNTIKUL, 2013), Israel (MANSFELD, 1999) e Irlanda do Norte (BOYD, 2019).

A relação entre conflito e turismo pode assumir muitas formas e perspectivas, por exemplo, considerando a natureza da região e as origens do conflito, bem como a abordagem dada ao tema no interior de um projeto de desenvolvimento (ALLIS & SANTOS, 2016). Assim, países em contextos pós-conflitos geralmente veem no turismo uma possibilidade real de alavancar o desenvolvimento, como em Ruanda (NIESEN & SPENCELEY, 2010 *apud* ALLIS & SILVA, 2016), Sri Lanka, Camboja (RICHTER, 1999) e Líbano (JALLAT & SCHULTZ, 2010). Nestes casos, é interessante perceber como o turismo pode pautar uma mudança ou ser parte de um plano de diversificação econômica, sempre associado às outras economias, como indústria, agricultura e o petróleo.

Sob uma perspectiva setorial, Timor não se configura como um caso isolado, pois ocorrem situações semelhantes em nações petrolíferas do Oriente Médio, onde as receitas de petróleo alavancam o desenvolvimento do turismo, a exemplo de Arábia Saudita e Dubai. Em outras nações, como na Nigéria e Venezuela, fortalece-se a tessitura dos nexos entre turismo e petróleo no interior de suas políticas econômicas. Além desses fatores, outro ponto que permite em situações pós-conflito é, em alguns casos, a presença de organizações internacionais (ONU e ONG's) como condutoras de ações em que o turismo é apontado como uma atividade a se recuperar e/ou um setor a ser reconstruído (ALLIS & SILVA, 2016), situado quase sempre como a alternativa econômica mais interessante.

Timor se oferece como um pertinente objeto de estudo onde política e espaço estão intensamente imbricadas, partindo do pressuposto de que há uma dimensão espacial do fenômeno político que possibilita incorporá-lo à análise geográfica. Para Castro (2015) este campo de relações se manifesta a partir da escala e também através da ordem espacial que afeta e é afetado pelos lugares em que essa relação ocorre, consistindo, portanto, em um fato que é também

geográfico (COX, 2002; PARKISON, 2014 *apud* CASTRO, 2015). Política e espaço abarcam ainda conflitos, disputas e interesses que são “fundadores das matrizes intelectuais das subdisciplinas mais consolidadas da geografia humana” (CASTRO, 2015, 2), e dentre estas apontamos a geografia política e seu componente estratégico, a geopolítica.

Embora a geopolítica clássica tenha sido a grande responsável pela delimitação física dos territórios, fabricação de ordens nacionais e subjugação de povos, ou seja, impôs práticas e discursos como verdadeiros atos de violência que permanecem até os dias atuais nos territórios e nos povos, o pós Guerra-Fria vai representar um movimento de profundas mudanças conceituais e introdução de novos temas na agenda das relações internacionais, dentre os quais a virada geopolítica, com as geopolíticas críticas, e a geoeconomia, sendo esta crucial para a reconfiguração espacial da geografia política contemporânea.

As geopolíticas críticas, ainda demasiadamente presas a uma matriz ocidental européia (SHARP, 2013), oferecem uma tentativa de desconstruir discursos geopolíticos apoiados estritamente em poder estatal, ambições nacionalistas, superioridade de raça e colonialismo (DALBY, 1991; TUATHAIL, 1996), desdobrando em para abordagens críticas a partir de movimentos como a geopolítica feminista e o pós-colonialismo (COWEN e SMITH, 2009), centrando-se, assim, nas contradições e paradoxos do discurso e da representação.

Levando em conta que a dimensão geoeconômica engendra uma concepção de espaço, poder e segurança que vê as formas geopolíticas recalibradas por lógicas de mercado (COWEN e SMITH, 2009), geopolítica e geoeconomia se complementam no estudo dos discursos geoestratégicos muito mais que nos períodos geopolíticos (SPARKE, 2007). Portanto, há uma lógica geográfica da economia, dada pela sua dimensão geopolítica, tornando-se possível focalizar os efeitos transformadores da descolonização, a reconfiguração dos espaços transfronteiriços e a globalização econômica, dentre outros processos.

A geopolítica clássica, como salientado acima, foi reformulada e desdobrou-se nas denominadas geopolíticas críticas, influenciada pelo pensamento decolonial, pelas teorias críticas e o pós-estruturalismo, constituindo ao longo dos

anos 90 como uma corrente da geopolítica clássica, sendo agora mais universitária e menos estatista na composição dos atores e suas políticas de influência (FALK, 2012 *apud* BRIGOLA, 2020). Ao ampliar sua agenda investigativa para temas como a geopolítica ambiental, recursos energéticos, empresas transnacionais e, ainda, incorporando geopolíticas feministas e decoloniais, as geopolíticas críticas de certa forma aproxima e atualiza os escopos temáticos da geografia política, oferecendo uma leitura mais ampla dos projetos neoliberais sob o paradigma da globalização, ambiente fértil sob o qual a geopolítica internacional oculta contradições e conflitos reais, criando simulacros de resolução e paz pelo mercado.

Já as viradas críticas nos estudos turísticos foi anunciada como uma revolução silenciosa na investigação do turismo (BIANCHI, 2019), buscando “desafiar os discursos dominantes do campo e inspirar uma série de diálogos, conversas e emaranhamentos críticos sobre a natureza do poder, dos discursos e da representação” (ATELJEVIC *et al* 2007, 1-2 *apud* BIANCHI, 2019). Produto também da virada cultural nas ciências sociais e sob influência da teoria pós-estruturalista, os estudos críticos em turismo trouxeram para o debate a perspectiva decolonial (CHAMBERS & BUZINDE, 2015), abrangendo múltiplas visões de mundo e diferenças culturais (PRITCHARD & MORGAN, 2007) e ampliando as interconexões com outras áreas e campos de estudo, como a geopolítica (HOERNER, 2007: 2011; GIBLIN, 2007). Essas perspectivas, no entanto, como aponta Bianchi (2019), não podem deixar de considerar as desigualdades materiais e as assimetrias de poder que crescem sob a condição do capitalismo neoliberal e da globalização, e como estas se manifestam em destinos turísticos específicos (ATELJEVIC, 2001; BIANCHI, 2019).

Observando o contexto de Timor, a discussão do geógrafo Matthew Sparke (2007) sobre medos geopolíticos e esperanças econômicas contribui no exame de como estes discursos geoestratégicos são capazes de promover de falsas esperanças (do turismo como alternativa para o futuro) a medos infundados (do petróleo como uma maldição). Partindo da análise de situações pós-conflito, é possível compreender como essas experiências moldam imaginários do passado, presente e futuro, “mapeando sucessos e desafios daqueles que lutam contra esses medos” (SPARKE, 2007, 339). Tratamos, portanto, do medo e da esperança

como fundamentos geográficos que compõem determinados planos discursivos, bem como seus efeitos ideológicos e espaciais.

Assim, discursos e práticas estruturam e são estruturados por mudanças nas geografias do poder, demonstrando que distâncias físicas não são mais uma boa indicação de separação ou proximidade; na verdade atuam associadas e mediadas pela compreensão espaço-temporal (HARVEY, 1996), através do qual a topologia, e não a topografia, pode oferecer um ponto de partida mais adequado à compreensão das dinâmicas espaciais e temporais (ALLEN, 2011). As abordagens territoriais e as redes de poder mostram a capacidade de poderosos atores na construção de autoridade e influência, “atraindo distantes para perto ou construindo o que está próximo à distância” (ALLEN, 2021, 4).

Para Derek Gregory (2004), as topologias do poder⁴⁴ às vezes são a única maneira de ler determinadas situações pós-conflito, nas quais proximidade e distância se entrecruzam no discurso e nas relações cotidianas. Diante disso, podemos compreender como operam as geopolíticas do petróleo e do turismo em Timor, questionando e tentando responder como países, governos, corporações financeiras, doadores internacionais e ONG's contribuem para legitimação de discursos hegemônicos e práticas que reconfiguram imaginários locais e o desenvolvimento de territórios.

Entretanto, é preciso sublinhar que territórios não são constituídos apenas por discursos e representações, ainda que estes repercutam práticas econômicas sociais; são espaços produzidos de forma desigual, combinada e contraditória (SMITH, 1988). A noção de desenvolvimento desigual por meio da dialética da diferenciação e igualização geográficas oferece uma importante contribuição à reflexão sobre as colonialidades do imperialismo, a ideologia do progresso linear e o eurocentrismo (LÖWY, 1991), dando conta das imposições epistêmicas (SANTOS, 2010) e das contradições econômicas e sociais dos países do capitalismo periférico do sistema mundo moderno-colonial (HAESBAERT &

⁴⁴ Apresentada inicialmente por Foucault no final da década de 70, introduzindo a análise do Estado e da biopolítica, as topologias de poder, para Gregory (2004), referem-se a como os lugares são percebidos para além das relações topográficas (físicas), já que relações de presença e ausência indicam outros arranjos espaciais de poder; menos como uma posição e mais como composição do espaço. GREGORY, Derek. **The Colonial Present**. Oxford: Blackwell, 2004.

PORTO-GONÇALVES, 2005). Se os esquemas de veridicção, por meio da construção de narrativas e discursos estrategicamente elaborados, moldam por exemplo as noções de passado, presente e futuro de uma nação, sobre um setor econômico em específico ou um processo histórico, é sobretudo no âmbito dos espaços produzidos que estes mesmos discursos e narrativas encontram razão de ser, pois há uma materialidade por trás de toda e qualquer construção simbólica.

Dito isso, a revisão da literatura específica sobre os diálogos teóricos atravessados pelos temas de petróleo e turismo demonstrou que muitas das análises se centram sobre a questão energética, considerando que a escassez e o aumento dos preços do petróleo acabam impactando o setor de turismo e viagens (BECKEN, 2011). Se a relação econômica entre vulnerabilidade do setor de produção de petróleo e atividade turística é mais clara nos países ocidentais do norte global, que encabeçam a demanda energética e os principais fluxos turísticos, em outras realidades, como nos países islâmicos, a oferta de petróleo torna-se secundária perante fluxos turísticos ligados à fatores culturais e religiosos (HIGGINS-DESBOLLES, 2006).

No caso de Timor, o estudo de sua realidade econômica permitirá preencher uma lacuna no tocante à análise combinada entre ambos os setores, seja do ponto de vista do seu desenvolvimento interno, mas também se observados, na escala regional, os planos estratégicos de transição energética da ASEAN, o qual Timor busca integrar-se atualmente.

Jean-Michel Hoerner, na obra 'Geopolítica do Turismo' (2011), apresentou algumas interfaces entre geopolítica e turismo, buscando compreender o turismo para além da questão econômica dos países visitados, destacando suas dimensões políticas e sociais. Ao analisar a expansão do turismo no contexto da globalização, Horner discute o crescimento do fenômeno turístico e sua internacionalização, os deslocamentos Norte-Sul e Sul-Norte, as representações sociais, a indústria do turismo e as estratégias de desenvolvimento deste setor. É, em certa medida, uma teorização sobre o turismo que se manifesta em diferentes lugares e escalas e é

orientado pela dinâmica dos mercados globais, buscando servir a uma classe média que pratica o *colonism*⁴⁵ (HOERNER, 2007).

Também o quesito segurança, no sentido do terrorismo e dos investimentos financeiros, indica faces menos claras do capitalismo financeiro global. Em “Turismo, um teatro geopolítico?”, Beatrice Giblin (2007) destaca a importância das representações na percepção dos efeitos do turismo em um território, sendo estas radicalmente negativas ou radicalmente positivas. No bojo desses rígidos posicionamentos, salienta a guerra de discursos e a relação do turismo com o terrorismo e as máfias em territórios em conflito, em particular nos países do Oriente Médio. Apesar de Hall (2017) salientar que essa interface é assunto de interpretações conflituosas, metodologias contrastantes e teorizações diversas (WEAVER, 2010; HALL, 2017), a abordagem geopolítica do turismo já consolidou análises em temáticas como turismo e transnacionalismo, áreas de fronteira, explosão do turismo em territórios pós-conflito, turismo como *soft power*⁴⁶ e mobilidades.

Enquanto Hoerner (2007: 2011) e Giblin (2007) ampliaram algumas possibilidades investigativas e abordagens temáticas em torno das denominadas geopolíticas do turismo, Norum & Mostafanezhad (2016) discutem a noção teórica e metodológica de cronopolítica – política do tempo – como um meio de compreender “as maneiras politizadas pelas quais temporalidades múltiplas e diversas mediam a prática, o discurso e a imaginação do turismo” (NORUM & MOSTAFANEZHAD, 2016, 157). Considerando que imaginários geopolíticos de lugar mediam as realidades materiais, e que estes impõem não apenas espacialidades – como no imaginário colonial e na (des)colonização – mas também temporalidades, os autores(as) demonstram que o tempo, no discurso geopolítico,

⁴⁵ Colonismo, processo no qual as pessoas inicialmente localizadas no Norte-Global ocupam, para lazer e com empreendimentos, os territórios de populações locais no Sul, muitas vezes em ex-colônias de seus países de origem. HOERNER, Jean-Michel. tourism and geopolitics. *Heródote*. v. 4, n. 127 pg. 15-28, 2007

⁴⁶ O modelo de *soft power* (poder suave em tradução literal), é, sobretudo na política internacional, um conceito básico de poder, introduzido inicialmente por Joseph Nye no final dos anos 80, refere-se à capacidade de cooptar, e não coagir pela força, preferências das partes envolvidas por meio do apelo e da atração, processo no qual uma espécie de força representacional é utilizada. NYE, Joseph. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. Perseus Book Group. Cambridge. MA. EUA. 2004.

não é “nem independente nem externo ao espaço” (GRIFFITHS *et al* 2013, 14 *apud* NORUM & MOSTAFANEZHAD, 2016).

As narrativas temporais do turismo são frequentemente articuladas por meio de discursos de autenticidade, capitalismo e ecologia (NORUM & MOSTAFANEZHAD, 2016). A autenticidade indica que tempo e lugar são poderosos agentes de alteridade e legitimam o valor de determinada localidade turística através da evocação de um passado imperial, distância espacial, e mesmo o desejo do turista pelo outro (VAN DEN BERGUE, 1994). Noções de nostalgia e sentimentos entrelaçados de distância espacial e deslocamento temporal, o denominado *alocronism*⁴⁷ (FABIAN, 2002), também oferecem à cronopolítica do turismo a percepção das temporalidades como parte dos discursos geopolíticos e geoeconômicos que evoluem e se reinventam conforme os interesses dos sujeitos implicados por esses setores (KLINKE, 2013).

O alacronismo e os modos como sujeitos externos enquadram Timor, ao situá-lo em um tempo e espaço distinto da concretude atual, é parte integrante de uma narrativa de longa duração profundamente política e com implicações diretas no imaginário lesetimorense, tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora. A noção de autenticidade também está implícita nos ideais capitalistas de progresso e desenvolvimento, mediando, por exemplo, imaginações geográficas de destinos turísticos percebidos fora dos centros da modernidade capitalista (NORUM & MOSTAFANEZHAD, 2016, 157).

Assim, visões geoeconômicas de lugares estão ligadas por conexões (ou a falta delas) com o capital global (SPARKE, 2007), e a necessidade de integração aos mercados globais são atravessados por narrativas de descoberta, exotismo e alteridade. Casos como o de Cuba, Mianmar e Timor, que recentemente passaram por um processo de abertura econômica permitida por vultuosos investimentos internacionais, demonstram que as relações geoeconômicas estão “reformulando

⁴⁷ Pode ser compreendido como um modo de enquadrar a história colocando o outro em um tempo distinto do presente, conferindo identidades binárias de oposição no distanciamento temporal do outro. O conceito de alacronismo contribui para a percepção de outras vidas em um outro tempo, enquanto a noção de auto-temporalizante é a entidade com poderes para definir quem está (onde e quando) em uma narrativa histórica e política. FABIAN, J. **Time and the Other**. New York: Columbia University Press, 2002.

progressivamente o cálculo geopolítico” (MOISIO & PAASI, 2013, 267 *apud* NORUM & MOSTAFANEZHAD, 2016). Portanto, autenticidade e capitalismo, junto à ecologia e seu forte discurso de turismo sustentável, são dimensões a serem compreendidas pelo método de análise crítica do discurso, o qual abordaremos mais adiante.

Em Michael Hall e Siamak Seyfi (2020) temos um pertinente subsídio teórico-metodológico para compreender a relação entre turismo e política a partir das percepções divergentes de atores políticos que constroem tendências de desenvolvimento do turismo alinhado com agendas políticas domésticas e internacionais. E apesar do estudo entre política e turismo ser um campo investigativo relativamente novo e com lacunas a serem preenchidos, no qual seus processos de transição e mudança são estudados através das lentes da resiliência (HALL, PRAYAG & AMORE, 2018), as dimensões políticas ainda demandam maior atenção.

Os autores partem do princípio de que transições políticas podem servir para definir trajetórias e até mesmo travar as direções futuras do turismo (ELLIOT, 1997 *apud* HALL & SEYFI, 2020). Dado que condições políticas moldam formas de desenvolvimento do turismo (BURNS & NOVELLI, 2007), envolvendo lutas de poder sobre configurações políticas (BOWEN et al, 2017), e mesmo a qualidade das instituições que afetam o crescimento econômico (BIANCHI, 2018), transições e eventos políticos como observados no Irã (HALL & SEYFI, 2020), em Portugal (CADAVEZ, 2013) e Tailândia (RICHTER, 1989), qualificam a análise sobre Timor-Leste, já que o país foi palco de inúmeras transições e eventos políticos, resultantes do processo de descolonização territorial, combinado com a invasão indonésia, depois transição para independência e autodeterminação (1999-2002), e mais recentemente a guerra ritual pós-colonial de 2006 (SEIXAS, 2007). No processo de conquista da autodeterminação, setores econômicos como o turismo e petróleo passaram por mudanças e permanências, influenciadas em grande parte pelos interesses do sistema financeiro global através da ação de instituições internacionais como a ONU (BROWN & GUSMÃO, 2009).

As transições políticas podem ser caracterizadas da seguinte maneira:

(...) são um produto da coevolução da mudança política (incluindo eventos de transição), comportamento de consumo (incluindo comportamento político) e mudança institucional;

(...) são processos multiatores que envolvem atores políticos em formas imprevisíveis de dentro e fora do sistema político estadual, e que também se envolvem com sistemas públicos, privados e setores sem fins lucrativos;

(...) são processos de longo prazo, muitas vezes de 20 a 40 anos, que se estendem bem além dos ciclos eleitorais ou de mudança de governo "normais" os quais podem ser marcado por fases internas distintas;

(...) tratam da reconfiguração fundamental das estruturas institucionais, organizacionais e políticas de um sistema político, do comportamento dos indivíduos dentro dele e suas implicações para áreas políticas.

(HALL & SEYFI, 2020, 03)

Mesmo que as transições políticas e a cronopolítica ofereçam um arcabouço suficientemente qualificado para a compreensão da geopolítica e geoeconomia do turismo em Timor-Leste, que ainda vivencia situações de conflito e “sente” o peso de seu histórico territorial, as teorias, conceitos e perspectivas analíticas direcionadas a um entendimento da geopolítica do petróleo nessa pequena nação insular são plurais e precisam ser discutidas como mais acurácia.

Barma (2018) apresenta o conceito de Estado-rentista, aplicado na análise geoeconômica de países em desenvolvimento cuja relação entre dependência do petróleo e instabilidade política pode ser capturada a partir de três características principais: fraca capacidade institucional, economia política clientelista e corrupção pelas elites. Nos Estados rentistas, que podem apresentar um caráter autoritário, a relação com a riqueza em petróleo está demarcada pela capacidade desses países em comprar “estabilidade política” e pacificar a população, sobretudo atores políticos de situação e de oposição, por meio da distribuição estratégica das rendas do petróleo, investindo inclusive em aparatos de segurança e repressão (MAHDAVY, 1970; BEBLAWI, 1987; ROSS, 2001; BARMA, 2018).

O caso leste-timorense é analiticamente concentrado e fértil também no diálogo com a teoria da maldição dos recursos ou paradoxo da abundância (ROSS, 2001). Embora seja considerada vaga e ausente de evidências empíricas por muitos economistas (PAMPLONA & CACCIAMALI, 2018), essa teoria encontra

espaço na análise de países com alta dependência do petróleo, como Nigéria e Timor-Leste (LUDAHL & SJÖHOLM, 2008; ALMEIDA, 2013; JOHN & PAPYRAKIS, 2018), onde a abundância de receitas pode alavancar os índices de corrupção. No caso de Timor, a lógica da dependência recai em questões políticas e culturais locais, como a preservação da equidade intergeracional e o pagamento de veteranos (DORAISAMI, 2018).

1.2 ANÁLISE DO DISCURSO

Diante da necessidade de compreender a dimensão do discurso, o método de Análise Crítica do Discurso (ACD) fornece apoio analítico fundamental, permitindo compreender os efeitos do discurso nas geopolíticas do turismo e do petróleo no Timor contemporâneo, ou seja, a produção de discurso(s) que não somente se materializam textualmente e simbolicamente, mas sobretudo que mediam a produção de sentidos ao observar “a maneira como a linguagem está materializada na ideologia” (ORLANDI, 2000, 16). A conexão entre linguagem e ideologia tem um componente social, sendo o discurso compreendido como modo de ação sobre o mundo e a sociedade. É, assim, socialmente constituído – através dos discursos se constituem estruturas sociais – e constituído socialmente – os discursos segundo os domínios sociais em que são gerados (RESENDE & RAMALHO, 2004, 186).

A importância do discurso, discutida inicialmente em Pêcheux (1969:1984), Althusser (1976) e Foucault (1971), passou por inúmeras reinterpretações ao longo das últimas décadas, sendo ampliada para uma perspectiva de análise materialista e dialética, se consolidando no campo dos estudos da linguagem realizados pelas ciências humanas e sociais (RESENDE & RAMALHO, 2004). Revisões críticas, como em Fairclough (1989:1995), apontam para uma abordagem mais transdisciplinar, articulando a dimensão das produções textuais, das práticas e eventos discursivos como instâncias de práticas políticas e socioculturais. Dado o nível de complexidade do conjunto de teorias, procedimentos metodológicos, abordagens e perspectivas que compõem a Análise de Discurso, nos centraremos

sobretudo nas proposições metodológicas do quadro tridimensional de análise proposto por Fairclough (1989:1992) e Chouliaraki & Fairclough (1999).

A Análise do Discurso oferta uma multiplicidade de dispositivos teóricos e metodológicos, com o próprio conceito de discurso marcado por variadas definições. Na acepção de Fairclough (1995) o discurso pode ser entendido como um tipo de prática social, de representação e significação do mundo. Portanto, é constituinte do social, como modo de ação, conferindo maneiras pelas quais pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros. E também é representação, já que nele valores e identidades são representados de forma particular. Em Foucault (2002), o discurso é o espaço no qual poder e saber se articulam, ou seja, quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente; e para Orlandi (2000), discurso é a palavra em movimento, prática de linguagem, efeito de sentidos entre interlocutores. Sendo um processo dialético, o funcionamento do discurso pode ser compreendido através de uma encruzilhada onde opera um duplo jogo de memória, o da memória institucionalizada, que estabiliza, cristaliza, e, ao mesmo tempo, o da memória constituída pelo esquecimento, que é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro (ORLANDI, 2000), estando seu(s) sentido(s) dimensionado no tempo e no espaço das práticas dos sujeitos, justamente porque um discurso só faz sentido quando se inscreve na história.

Portanto, o discurso tem uma dimensão histórica e espacial, e seu poder de instituir valores normativos, legitimando-se perante a sociedade, se realiza na associação entre ideologias e produção de sentidos operados por instituições, sejam elas econômicas, políticas ou acadêmicas. Ao configurar aspectos materiais e imateriais, regulando práticas e técnicas (FOUCAULT, 2002), o poder discursivo geralmente é levado às últimas consequências: distribui papéis e funções aos atores políticos e sociais, alcança diferentes escalas, produz sentidos lógicos de controle, ordena o espaço e direciona conflitos de interesses.

Na ACD, relações de poder são formadoras ideológicas de textos e práticas sociais, sendo os textos vistos como transformadores do passado em presente por meio da intertextualidade, e a prática social como a própria ação política na qual eventos discursivos moldam as relações de poder e dominação (MAGALHÃES,

2001). No modelo tridimensional da ACD em Fairclough (1989:1992), operam três dimensões do discurso: texto, prática discursiva e prática social (RESENDE & RAMALHO, 2004). Enquanto a prática discursiva compreende os processos de produção, distribuição e consumo do texto, analisados através das categorias de força, coerência e intertextualidade, a prática social liga-se aos aspectos mais ideológicos e hegemônicos da instância discursiva analisada, no qual a primeira dimensão refere-se aos sentidos das palavras e a segunda às orientações econômicas, políticas, ideológicas e culturais (RESENDE & RAMALHO, 2004).

Já no enquadre mais atual de Chouliaraki & Fairclough (1999), o objetivo principal da ACD é refletir sobre a mudança social contemporânea, localizando a Análise do Discurso no contexto da modernidade tardia (GIDDENS, 2002), período em que a linguagem passou a ocupar o centro do modo de produção do novo capitalismo (HARVEY, 1989; RESENDE & RAMALHO, 2004). A noção de modernidade tardia, definida como uma “fase do desenvolvimento das instituições modernas, marcada pela radicalização dos traços básicos da modernidade (...) separação do tempo e espaço; mecanismos de desencaixe e reflexibilidade institucional (GIDDENS, 2002, 221), conecta-se ao conceito de práticas sociais do materialismo histórico-dialético de Harvey (1996), sendo este caracterizado como ação habitual da sociedade institucionalizada, operações traduzidas em ações materiais, modos habituais e ação historicamente situadas (HARVEY, 1996; RESENDE & RAMALHO, 2004). Por este prisma, tanto os traços da modernidade quanto as práticas sociais são compostas pelos discursos (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999).

Essa perspectiva também é de singular relevância ao estudo das permanências, articulações e rearticulações do discurso que, no seio das práticas sociais, pode ser compreendido ao contrastar conjunturas, estruturas e eventos (RESENDE & RAMALHO, 2004). Na acepção de Chouliaraki & Fairclough (1999):

Conjunturas são “conjuntos relativamente estáveis de pessoas, materiais, tecnologias e práticas – em seu aspecto de permanência relativa – em torno de projetos sociais específicos”; estruturas são “condições históricas da vida social que podem ser modificadas, mas lentamente”; eventos são “acontecimentos imediatos

individuais ou ocasiões da vida social” (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, 22)

Por meio desses mecanismos analíticos será possível apreender o caráter hegemônico de determinados discursos, observando não somente seus aspectos textuais, mas sobretudo as relações sociais de poder através das quais engendram as práticas discursivas, e que servem à manutenção e/ou instabilidade das posições hegemônicas, encabeçadas por lideranças morais, políticas e intelectuais da vida social (EAGLETON, 1997; RESENDE & RAMALHO, 2004), que buscam sustentar relações assimétricas de poder assentadas em redes de práticas sociais.

Outro aspecto da ACD relevante para a presente análise, que focaliza as imaginações geográficas sobre territórios periféricos, caso de Timor, refere-se a sua operacionalização, ou seja, além de ‘analisar o discurso’ a partir de notícias e reportagens, faz-se necessário colocar em evidência elementos geográficos como o lugar de enunciação, o lugar de recepção e as relações centro-periferia que organizam uma determinada geografia imaginativa, ou seja, a geografia por trás do discurso. Grimberg e Dorfman (2016) apontam algumas questões que permitem situar territorialmente a informação: A que esse território (do emissor) se subordina cultural e politicamente? Quais territórios se subordinam a ele? Com quais comunidades e tradições culturais dialoga o emissor? Quais seus pressupostos espaciais? Como esse espaço é representado verbal e cartograficamente? Que generalizações são feitas? (GRIMBERG & DORFMAN, 2016, 274).

Essa proposição vai ao encontro do desafio de delimitar o que há de geográfico no discurso, ou melhor, de que maneira a geografia pode engajar com o discurso? Segundo Cresswell (2020), as geografias do discurso podem ser abordadas sob quatro perspectivas. Primeiro, pelo contexto, na medida em que textos, verdades e realidades são produtos de tempos e espaços específicos. Em segundo lugar, os discursos surgem em lugares muito específicos, configurando microgeografias que integram tanto o discurso quanto o contexto, emanando em diferentes locais, sendo um processo multiescalar. Em terceiro, o próprio conhecimento geográfico pode ser submetido à Análise de Discurso, e por fim, o discurso está implicado na produção e no julgamento de práticas e pessoas dentro desses lugares (CRESWELL, 2020).

Visto que Timor é marcado por influências externas que limitam sua autodeterminação – entendida aqui como um *continuum* e não apenas como fato histórico – essa colonialidade do saber e do poder deve ser compreendida observando também as localizações, origens geográficas e as posições epistêmicas das informações (como elemento essencial do discurso), buscando identificar padrões, tendências e narrativas hegemônicas que permanecem no tempo e espaço. A partir desse levantamento, caberá não só apontar as contradições e interesses por trás dos discursos, como também perguntar onde se situam os posicionamentos contrários: Mídias e jornais de origem australiana seguem uma posição política específica? Os principais atores políticos timorenses ‘ajustam’ o discurso conforme os lugares de enunciação? Qual o sentido dado ao turismo e ao petróleo nos espaços de comunicação oficial? E nas mídias internacionais? O que pensam lideranças locais e ONG’s críticas à política atual? Qual o discurso presente nos relatórios das instituições financeiras? De que forma discursos hegemônicos (sobre petróleo e turismo) impactam as territorialidades locais? Qual a narrativa dominante dentre as ONG’s internacionais? Essas e muitas outras questões adquirem relevância analítica se colocadas no contexto investigativo da tese e fornecem o nível de profundidade desejado.

Nessa perspectiva ampliada de análise, ressaltam-se não apenas os sentidos ideológicos do discurso, mas também sua dimensão geopolítica, considerando elementos como comunidade intelectual, distância, relações de hierarquia, exclusão, padronização comportamental e até mesmo as territorializações hegemônicas implícitas aos mapas associados (GRIMBERG & DORFMAN, 2016). Ainda, caracterizar os diferentes veículos jornalísticos em sua dimensão escalar (locais, regionais, nacionais ou globais), seu caráter produtivo e técnico, bem como as relações interorganizacionais externas no tocante às fontes e anunciantes, envolve identificar os definidores primários e secundários, ou seja, as relações de poder existentes na comunicação midiática (PENA, 2005; ROCHA, 2008; GRIMBERG & DORFMAN, 2016). Assim, um dos caminhos procedimentais dessa tese passa por mobilizar a ACD através da realização de operações como a identificação, organização e detalhamento das informações no tocante ao tema, período e veículo, bem como estrutura, programa e percurso narrativo (BARROS, 2007; MIRANDA, 2011; GRIMBERG & DORFMAN, 2016).

Diante do exposto, faz-se pertinente discorrer, para efeito de síntese, sobre os encaixes específicos dessa discussão que mobiliza diferentes abordagens e conceitos. A perspectiva da geohistória constitui-se como uma perspectiva aglutinadora e abrangente, que possibilitará ler a história territorial de Timor no tempo e espaço, evidenciando a dimensão econômica que é inerente, segundo a teoria braudeliana, a uma estrutura de longa duração dada pelos tempos médios. O diálogo em torno da geopolítica e da geoeconomia, bem como de abordagens específicas, tais como cronopolítica e transições políticas, objetivou traçar uma linha de pensamento para dar conta de compreender as ações e os interesses de multiatores em torno das economias de turismo e do petróleo, e assim averiguar com maior precisão a relação entre política e espaço. Por fim, a ACD confere um apoio analítico direcionado ao estudo da dimensão discursiva em diferentes contextos, conjunturas e transições políticas, mas especialmente no pós-independência, quando os nexos entre os dois setores são constituídos e direcionam a materialidade do desenvolvimento e da modernização em curso no país.

Atingir o nível de profundidade analítica que o objeto de pesquisa impõe significa não somente aplicar coerentemente teorias e métodos, mas trabalhar nos limites e nas fronteiras dessa relação. Nenhum conhecimento produzido por meio da investigação científica alcança a totalidade e responde a maioria das questões apresentadas com absoluta certeza; ao contrário, sua qualidade está justamente no reconhecimento da importância dos resultados que porventura serão alcançados, bem como na consciência dos limites do fazer científico. De todo modo, a presente discussão teórico-metodológica buscou apresentar uma possibilidade analítica por meio do diálogo transdisciplinar e do confronto de ideias, e tomando os necessários cuidados para não se distanciar da maneira geográfica de ler a realidade do objeto de pesquisa tal qual sua hipótese de investigação.

Os telegramas da 'Downer Compilation' confirmam as afirmações anteriores de uma série de diplomatas, jornalistas e acadêmicos de que as autoridades australianas foram, naquela época, informadas sobre as estratégias políticas e militares da Indonésia com vista à integração do Timor português.

Kim McGrath (2019)

O povo de Timor Leste está entre as vítimas da atual fase da ideologia e prática do Ocidente. (...) Os cidadãos das democracias ocidentais podem dar preferência ao desvio do olhar, permitindo aos seus governos contribuírem decisivamente para o massacre que continuará enquanto a Indonésia tentar reduzir o que resta de Timor e do seu povo à submissão. Mas também têm o poder de pôr fim a estes crimes horrendos.

Noam Chomsky (1979)

Para nós, caríssimos jovens e patriotas mauberes, a história é a própria história do nosso Povo e quem faz a nossa história é o nosso Povo. A história que explicava (que) o colonialismo português era bom e a quem devíamos agradecer, era uma história falsa! A história do nosso Povo foi construída com vivo sangue e de repúdio à dominação estrangeira.

Xanana Gusmão, Timor-Leste – Um Povo, Uma Pátria (1986)

A cartografia e compreensão dos direitos tradicionais e da autoridade de guarda sobre terra sagrada requer investigação geográfica e antropológica extensa e demorada e em articulação com as comunidades locais, sendo que as agendas de desenvolvimento e a construção da nação, segundo calendários ocidentais e de tempo global, não permite uma espera longa.

João Carlos Vicente Sarmiento (2007)

O que o conceito de modernidade faz é esconder, de forma engenhosa, a importância que a espacialidade tem para a produção deste discurso. É por isso que, na maioria das vezes, aqueles que adotam o discurso da modernidade tendem a adotar uma perspectiva universalista que elimina a importância da localização geopolítica.

Nelson Maldonado-Torres (2010)

2.1 O ESCORREGADIO TERRENO QUE É LER TIMOR E A IMPORTÂNCIA DA GEO-HISTÓRIA

Abordar Timor-Leste é mergulhar em águas calmas, que se mostram tempestuosas e profundas conforme se penetra em sua realidade; um perigo e um desafio que atravessa sua própria geografia, metáfora dos seus mares *Tasi-Mane* e *Tasi-fetu*⁴⁸. Explicá-lo então, tarefa árdua tanto para escritores quanto para pesquisadores experientes, pois não bastaria ler todas as obras do botânico Ruy Cinatti⁴⁹ e a literatura de Luís Cardoso⁵⁰, nem as pesquisas antropológicas de Geoffrey Gunn⁵¹ e Benedict Anderson⁵² ou os mapas geohistóricos de Frédéric Durand⁵³, tampouco conhecer as trajetórias de resistência *maubere* e os discursos de Xanana Gusmão ou do Nobel da Paz José Ramos-Horta.

É necessário tudo isso, uma rica experiência empírica e doses generosas de imaginação. É preciso imaginar Timor-Leste, reinterpretando-o para além da imaginação colonial imposta pelos portugueses, da invasão genocida da Indonésia e da *realpolitik* australiana, e movimentar-se pelos plurais olhares construídos

⁴⁸ Segundo as narrativas e imaginários locais, *Tasi-mane* (Mar homem/masculino), refere-se ao mar da costa sul do território, mais agitado e onde se encontram as reservas de petróleo e gás. *Tasi fetu* (Mar mulher-feminino), refere-se ao Mar de Wetar, na costa norte de Timor, onde se encontram as principais cidades e a ilha de Ataúro.

⁴⁹ Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes (1915-1986), escritor, antropólogo e geógrafo português que viveu e pesquisou Timor durante cerca de duas décadas, realizando inúmeras pesquisas, dentre as quais explorações botânicas, estudos de natureza cultural e arquitetônica. Foi entusiasta da proteção dos ecossistemas da ilha e defensor da causa lesetimorense, inclusive sendo proibido de retornar ao país pelo regime de Salazar. Suas obras, documentos e registros ainda aguardam maior análise, porém, suas contribuições, amplas e interdisciplinares, já são reconhecidas e discutidas por pesquisadores de diversas origens.

⁵⁰ Luís Cardoso de Noronha, considerado um dos mais importantes escritores timorenses. Suas obras, traduzidas em diversas línguas e reconhecidas com diversos prêmios, percorre temáticas tais como travessias e o sobrenatural, e são essenciais para compreender Timor.

⁵¹ Geoffrey Gunn, historiador e cientista social de grande prestígio por conta de inúmeros trabalhos sobre as vicissitudes políticas e históricas que marcam as nações do Sudeste-Asiático, com especial atenção ao Camboja, Laos, Vietnã e Timor-Leste. Algumas de suas obras e temas de pesquisa podem ser acessadas em <https://geoffreygunn.com/>

⁵² Benedict Richard O’Gorman Anderson (1936-2015), historiador e cientista político de origem norte-americana, cuja obra principal, *Comunidades Imaginadas* (1983) tornou-se referência para os estudos sobre nacionalidade e nacionalismo. Dedicou parte do seu tempo a compreender a construção do nacionalismo lesetimorense no contexto da ocupação indonésia, publicando os resultados em um pequeno artigo intitulado “imaginando Timor-Leste” (1993). Disponível em <https://bityli.com/DROwR7>. Acesso em 20 nov. 2021.

⁵³ Frederic Durand, geógrafo francês e investigador do Instituto de Estudos do Sudeste-Asiático (IRASEC). Produziu diversas obras e artigos sobre Timor-Leste, dentre os quais “Atlas histórico-geográfico de Timor-Leste (2010), que é uma obra de referência e parte integrante do referencial bibliográfico da presente investigação

sobretudo no período pós-independência, selecionando aquelas produções que potencializam a compreensão desse território sem reproduzir leituras coloniais, pragmáticas e preconceituosas, ainda tão fortes na contemporaneidade das relações políticas, da cooperação internacional e da produção de conhecimento sobre Timor.

A leitura histórica é essencial para a compreensão do mundo atual pois, ao ser reescrita e ressignificada, demarca outros pontos de vista a partir de sujeitos e acontecimentos intencionalmente inviabilizados, oferecendo assim novos sentidos situados tanto no passado quanto nas questões e problemáticas da contemporaneidade. Nesse processo, é tarefa essencial filtrar as narrativas históricas, muitas das quais repletas de juízos de valor e personalismo, destituídas de imparcialidade e relativismo cultural (MAIA & OLIVEIRA, 2020). Em Timor, duas grandes obras historiográficas de referência sobre o período colonial apresentam essas características: “As Possessões Portuguesas na Oceania” (1867)⁵⁴, escrita pelo ex-governador de Timor Afonso de Castro (1824-1885), e “Ocupação e Colonização Branca em Timor” (1929)⁵⁵, do também ex-governador Teófilo Duarte (1898-1959). Obras de enorme valor histórico e literal, aglutinadoras de narrativas locais, porém sob uma ótica civilizatória.

Entretanto, abordagens críticas mostram que este intento não pode ser naturalizado e muito menos perfaz um trajeto simples e linear, apenas de filtragem e escolha de obras que deveriam ou não compor uma historiografia válida. Costa (2021) problematiza o complexo movimento de produção e recepção da história de Timor-Leste, no qual as concepções de tempo, história e imaginação, mobilizadas por diferentes sujeitos, interconectam-se com a história e política de outras nações. Assim, questionar a geopolítica do conhecimento envolve não perder de vista algumas indagações, como por exemplo: Quem pode falar do passado? Como ele está sendo usado? Em quais línguas?

⁵⁴ CASTRO, Afonso de. **As possessões portuguesas na Oceania**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987.

⁵⁵ DUARTE, Teófilo. **Ocupação e Colonização Branca em Timor**. Portugal: Editora Ocupação Nacional, 1929.

Benedict Anderson, autor de “Comunidades Imaginadas” (1983: 2008)⁵⁶, no seu ensaio “Imaginando Timor-Leste”⁵⁷ (1993), ao tratar do período da ocupação indonésia, demonstra, por exemplo, que a origem do nacionalismo timorense – que se desdobrou no atual Estado-Nação – se realizou não só pela displicência da colonização portuguesa, mas porque o regime de Jakarta não via os timorenses do leste como indonésios (ANDERSON, 1993). Portanto ocupou o território militarmente para fins de exploração econômica, realizando a transmigração e obrigando os timorenses a aceitar o nacionalismo indonésio, porém sem sucesso. A própria noção do arquétipo “timorense”, como fator generalizante, segundo Silva (2015), deve ser repensada, indicando o termo “timoriano”⁵⁸ e “maubere”⁵⁹ como contrapontos mais originais diante das definições estrangeiras.

Essas e muitas outras desconstruções sublinham a tônica de uma história marcada por imaginações e intervenções colonizadoras do território e da(s) identidade(s) locais, ocultando o Timor dos lesetimorenses durante séculos, só surgindo de maneira mais significativa na cartografia territorial do mundo após o referendo pela autodeterminação, em 1999, seguido do período de transição para independência liderada pela ONU via UNTAET (1999-2002). Com a conquista efetiva da soberania e a formação do IV Governo Constitucional, em 2002, emerge a RDTL, território insular soberano situado no cruzamento entre o Sudeste-Asiático e Ásia-Pacífico, atraindo a comunidade internacional e os mercados globais interessados em desenvolver o território.

⁵⁶ ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁵⁷ ANDERSON, Benedict. **Imaginando Timor Leste**. Tradução de Osvaldo Manuel Silvestre. London: Arena Magazine, 4, Abril-Maio, 1993.

⁵⁸ O conceito de timoriano refere-se a uma perspectiva de produção de conhecimento que corresponda às características e necessidades do povo timorense, e que seja pensado no interior das práticas e da cultura lesetimorense. Configura, assim, como um contraponto e uma alternativa à colonialidade do saber imposta a Timor em diferentes contextos e de muitas formas. SILVA, A. B. Educação timoriana: uma proposta alternativa. In: PAULINO, v.; BARBOSA, A. T. **Língua, ciência e formação de professores em Timor-Leste**. Dili-TL: Unidade de Produção e Disseminação do Conhecimento/Programa de Pós-graduação e Pesquisa da UNTL, 2016.

⁵⁹ Palavra que tem origem na língua local Mombai, do Povo Mombai, uma das maiores comunidades da parte ocidental de Timor-Leste, mas também uma das mais pobres e oprimidas pelo domínio colonial português. O termo “maubere” era empregado por estes como sinônimo de analfabetos e incultos. Porém, a FRETILIN, na luta pela independência buscou descolonizar o subconsciente e defender a memória de um povo também a partir das suas tradições linguísticas.

O desafio deste capítulo é apresentar e discutir a história da formação territorial de Timor-Leste sob uma perspectiva geo-histórica e decolonial, evitando o exercício da colonialidade do saber/poder (MIGNOLO & QUINJANO, 2005) e fazendo emergir alguns aspectos históricos, geopolíticos e geoeconômicos que rearticulam o país no sistema mundo moderno-colonial (PORTO-GONÇALVES, HAESBAERT, 2005), termo que tem origem nos trabalhos de Walter Mignolo (MIGNOLO, 2001), que buscou confrontar a concepção linear de modernidade com a expressão mundo colonial/moderno, objetivando abarcar todo o planeta.

Na medida em que contempla, em simultâneo, o aparecimento e expansão do circuito comercial atlântico, a sua transformação com a Revolução Industrial, e a sua expansão para as Américas, Ásia e África” (MIGNOLO, 2001, 452).

Nesse sentido, a partir da referida dualidade que condiciona a organização do espaço mundial, será possível analisar histórias não só a partir da episteme do descobridor, de matriz ocidental-européia, mas também sob a ótica dos ‘descobertos’ em sua permanente condição de subalternidade (MIGNOLO, 2001; SANTOS, 2010, CLAVAL, 2014). A colonialidade do poder pressupõe uma espacialidade, já que as relações de poder levam em conta a localização geopolítica dos povos. Já a colonialidade do saber funciona na dimensão epistemológica da conquista, que sustenta de forma dinâmica as visões de mundo eurocêntricas necessárias à colonialidade do poder. É a construção epistêmica que separa os descobertos dos descobridores, os centros das periferias do mundo. E a relação entre poder e conhecimento conduz a uma determinada concepção de ser (MALDONADO-TORRES, 2010).

Ressalvados os perigos e armadilhas das interpretações sobre Timor, é necessário reforçar mediante argumentos e fatos que a história da pequena nação insular têm a marca da apropriação territorial, do epistemicídio, das guerras e conflitos, mas também de resistência e luta contra os invasores. Portanto, o presente capítulo têm a responsabilidade de fazer emergir as vicissitudes do processo colonizador, enfatizar rupturas e permanências no interior de um

movimento histórico de longa duração, e, em diálogo com contextos, conjunturas e transições políticas, fornecer uma sólida base histórica e geográfica que permita uma leitura crítica da dialética da modernização em curso.

2.2 FORMAÇÃO TERRITORIAL DA ILHA NA FRONTEIRA ENTRE “MUITOS” MUNDOS

São muito mais antigas e plurais as histórias e lendas timorenses que referenciam e dão sentido à origem da ilha do que a imaginação colonizadora e imperial que imprimiu epistemologicamente e cartograficamente ideologias sobre Timor. Entre as narrativas locais fortemente presentes no imaginário lesetimorense atual, faz-se referência ao Crocodilo (*Matan-Lafaek*)⁶⁰ como “avô” da ilha, com seu corpo transformado em terra, visivelmente verificada pelos contornos físico-geográficos do território. É considerado um animal sagrado, ornamentando *umaluliks*⁶¹, produtos têxteis, *tais*⁶² e esculturas de diversos tipos e tamanhos. Na mitologia timoriana os animais desempenham um papel importante, não só o crocodilo, mas também aves míticas como o *sakoko* e *fontiana* (SOUZA, FERNANDES, 2011).

Esses registros, que constituem um verdadeiro campo epistemológico de base oral, são considerados fontes primárias de memória coletiva (PAULINO, 2017) e uma rica fonte de história relativa a fatos e acontecimentos remotos, e estando

⁶⁰ Segundo a lenda, no final da estação das chuvas, todos os animais foram para seus nichos. Mas o velho crocodilo recusava-se a abandonar “aquele canto da terra onde passavam todos os animais, inclusive o homem”. O acaso fez com que ali passasse uma menina em busca dos pais. E vendo o velho crocodilo chorando, perguntou-lhe se precisava de ajuda, ao que o crocodilo respondeu: “Leva-me até o mar. Prometo entregar-te aos teus pais!” Como a menina não tinha força para removê-lo, o crocodilo, rendido à evidência da morte, quis a grandiosidade. As suas patas alongaram-se e cravaram bem fundo nos corais.... E o crocodilo falou: “Sou velho e vou morrer. Tu és linda e habitarás este corpo onde foram enterrados os teus pais. Brevemente chegarão os estrangeiros. Uns príncipes em busca de tua beleza e outros mercadores do sândalo.” Então o crocodilo deu o último suspiro e o sol nasceu, iluminando a ilha chamada de Timor. Da lenda fica a lição: resulta que o Estado só pode nascer da morte de alguém ou de alguma coisa. A guerra permanece como a condição necessária para o surgimento do Estado, pois, para a criação de novas fronteiras é preciso a diluição ou a morte das velhas estruturas existentes. Assim aconteceu com o moderno Estado-nação no Ocidente. Assim aconteceu com o primeiro Estado-nação do século XXI, Timor-Leste, esta pequena ilha com forma de crocodilo NORONHA, Luís. C. **O crocodilo que se fez ilha**. Revista Visão, n. 480, Suplemento, 2002

⁶¹ Em língua portuguesa, casas sagradas.

⁶² Tecido tradicional.

imersos na oralidade, oferecem outras perspectivas sobre a existência da sociedade lesetimorense⁶³. Entre mitos e lendas, sincretismo religioso e uma rica e plural diversidade etnolinguística⁶⁴, a leitura da história de Timor-Leste no tempo de longa duração pode também ser compreendida pelo desafio de constante (re)definição da sua identidade, pois “mais que territórios, há processos e itinerários de múltiplas alianças sempre em movimento” (SEIXAS, 2006, 193).

O Timor anterior à colonização portuguesa pode ser imaginado como um território desconhecido do domínio dos grandes impérios da Insulíndia, no séc. X, tais como o *Srivijaia* em Sumatra e *Majapahit* em Java. Entre os séculos XIII e XVI, o Império dos *Mings*⁶⁵ estabeleceu apenas relações comerciais centradas no Sândalo, mas sem objetivos políticos (SOUZA & FERNANDES, 2011). As informações sobre este período pré-colonial são escassas, mas há referências a Timor em crônicas e relatos de viajantes chineses a partir do século XIII, e os árabes, entre XV e XVI, notando a existência de uma ilha que produzia sândalo (TOMÁS, 2000; DURAND, 2010). Nesses encontros, chineses e árabes comercializavam machados, porcelana e artefatos de madeira e metal com os povos timorenses, conferindo também trocas culturais hoje presentes em alguns dialetos e na vestimenta, além do compartilhamento de técnicas de navegação e pesca (VIANA, 2008).

Entretanto, pesquisas arqueológicas recentes descobriram tambores de bronze e cobre em Timor, que remontam à civilização ou cultura *Dong-Son*, da idade de bronze do Vietnã antigo, que existiu entre 1000 AC até o primeiro século DC. Esses objetos, que também foram retratados em artes rupestres pelos povos timorenses, ajudam a compreender as redes de intercâmbio e práticas territoriais e cerimoniais do Timor pré-histórico (BELLWOOD *et al*, 2019). Durand (2010) ainda

⁶³ Ver SOUSA, L *et al*. **Olhares sobre as narrativas de origem em Timor-Leste**. Díli: Casa Apoema/UNTL, 2020.

⁶⁴ Durand (2010) identifica dois troncos linguísticos nos quais orbitam cerca de 23 dialetos locais. O tronco austronésio envolve os dialetos *Mambae*, *Tétum*, *Tétum-Térique*, *Quémaque*, *Tocodade*, *Baequeno*, *Galógen*, *Nau’oti*, *Lacalei*, *Idaté*, *Isní*, *Bikeli*, *Caclun*, *Mangili*, *Uaimua*, *Mídiqe* e *Caurui*. Destes, os mais representativos são o *Mambae* e o *Tétum*, com este segundo tornando-se a língua oficial do país junto ao português. Já o tronco papua envolve os dialetos *Macassae*, *Búnague*, *Fataluco*, *Macalero*, *Sa Ani* e *Waweloi*.

⁶⁵ Conhecido na historiografia como Grande Ming, China Mongol ou Dinastia Ming, refere-se a um longo período de vai de 1368 até 1644 DC.

aponta a descoberta de fragmentos de conchas, em 2001, nas grutas de *Lene Hara*, em Tutuala, extremo oriente da ilha, datadas de pelo menos 37 mil anos, demonstrando quão antiga é a ocupação deste território.

De todo modo, o Timor anterior à colonização portuguesa era um território livre, autônomo, autossuficiente e com poucos contatos externos, fato corroborado pela insularidade e algumas limitações da sua geografia agreste e de relevo abrupto. Timor, sob uma perspectiva externa, ficou isolado e inacessível durante séculos, sobretudo porque, ao contrário da dinâmica atual, parte significativa de sua população vivia nas montanhas, distante das planícies litorâneas (TOMÁS, 2000). De acordo com alguns relatos e registros orais sistematizados pelo Padre Chico, o timorense, dadas essas características, acabou por criar uma maneira de pensar e agir como se fosse sozinho a existir no mundo. Inclusive, têm-se registro do mito do Timor-Centrismo, reflexo da lenda do *Uran Wake*⁶⁶ contada pelos *Lia'nais de Lacró* (SOUZA & FERNANDES, 2011, 13). Essas lendas e crenças conferem outras demarcações antropológicas e geográficas que dão a medida do conflito epistêmico promovido pela colonização.

Há ainda outras lendas dizendo que os Portugueses, Goeses e Chineses não são mais do que os antepassados dos Timorenses, levando a pensar que eles aceitam, embora de uma maneira rudimentar, a doutrina da reencarnação (SOUZA, FERNANDES, 2011, 14)

Na perspectiva ocidental de matriz europeia, Timor entra no mapa colonial português no mesmo contexto da colonização brasileira, a época da denominada Grandes Navegações, mais precisamente entre 1512 e 1514, quando os portugueses chegam até a ilha em busca de produtos considerados 'exóticos', tais como sândalo, mel e cera, e eventualmente escravos (XIMENES, 2014),

⁶⁶ Os *Lia'nais* (mestres das palavras) acreditavam na reencarnação de timorenses já falecidos em povos portugueses e chineses, moldando assim o contexto da lenda *Uran Wake*, na qual o Uran (panela em língua *Galole*) era utilizado por Deus para formar bonecos, alguns brancos (que pode se referir aos Australianos), e outros negros e morenos. Além da análise da lenda presente em Fernandes e Souza (2014), o trabalho de Eduardo de Santos, *Kenoik – Lendas e mitos de Timor*, Lisboa, 1967, também é relevante.

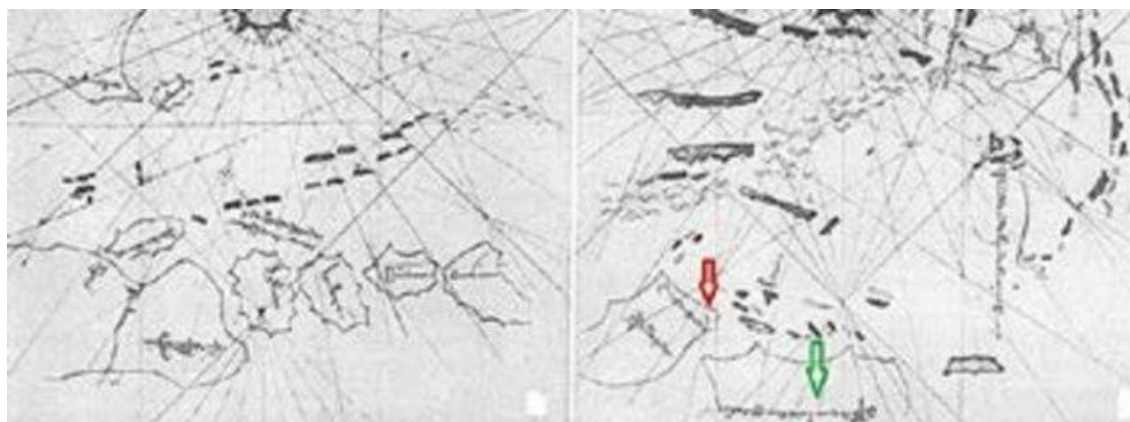
construindo em 1566 um forte para assegurar o controle do comércio de sândalo e fazer frente à colonização holandesa no Sudeste-Asiático, uma disputa que atravessa os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX (DURAND, 2010). Sublinha-se que as datas iniciais referentes à chegada dos portugueses são marcadas por certo grau de incerteza, que podem resultar da estratégia em manter em segredo a descoberta, mas há outras razões, como a destruição de inúmeros arquivos históricos armazenados em Díli, no incêndio de 1779 (XIMENES, 2014).

A cartografia colonial portuguesa apontava genericamente Timor no espaço de representação das “ilhas das Índias”, especificando o território colonizado no contexto da tomada do Sultanato de Malaca pelos portugueses, abrindo a rota comercial de especiarias até a China. A cartografia consultada ainda aponta que, dada as preocupações religiosas, articuladas aos interesses econômicos, não foi Timor e sim Solor, localizada à leste da Ilha das Flores, atual Indonésia, a ilha escolhida como entreposto comercial, por ser territorialmente menor e desprovida de recursos (DURAND, 2010). Matos (1975) destaca que Timor já figurava nos mapas do cartógrafo Francisco Rodrigues na obra “Atlas do Mundo Moderno”⁶⁷, datada de 1511 a 1515, como a ilha onde nasce o sândalo (Mapa 2). A centralidade do sândalo durante as primeiras décadas de exploração econômica da ilha vai inclusive reverberar em solo português, com a glorificação das invasões portuguesas através de versos presentes na obra “Os Lusíadas” (1572), de Luís Vaz de Camões⁶⁸.

⁶⁷ Ver GARCIA, Manuel. J. **O livro de Francisco Rodrigues, o primeiro atlas do mundo moderno**. Porto: U. Porto Edições, 2008.

⁶⁸ “Ali também Timor, que o lenho manda Sândalo, salutífero e cheiroso” (Canto X, parte III).

Mapa 2: trechos de mapas do livro de Francisco Rodrigues (1513), com as setas da esquerda para a direita indicando a ilha das Flores e a ilha de Timor



FONTE: José Pinto Casquilho (2014)

Na empreitada colonial, preocupações religiosas confluíam com interesses econômicos, resultando na exploração sazonal do sândalo e nas conversões ao catolicismo pelos missionários dominicanos da Companhia de Jesus que se associavam a navegadores e comerciantes (DURAND, 2010). Nessa época, Timor também foi colocado em segundo plano diante da melhor localização da ilha de Solor e Flores, à época, entrepostos comerciais portugueses considerados mais adequados à navegação. Segundo Casquilho (2014), Solor e Flores eram territórios estratégicos na rota para Malaca, e o conhecimento cartográfico da época não apontava as ilhas em específico, ou seja, na sua delimitação atual, mas sim integrando um conjunto de ilhas de Bali à Alor.

Gunn (1999) ressalta que, já nas primeiras décadas da colonização de Timor, a diferenciação étnica ficou evidente para os portugueses que, na figura de agentes do poder marítimo e de missionários dominicanos, vislumbraram uma possibilidade de manipular e confrontar formas locais de poder, direcionando alianças políticas e redes de comércio entre as chefaturas locais. Os contatos iniciais não foram pacíficos. Relatos de narrativas orais organizadas pelo Padre jesuíta Baltasar Dias, escrevendo de Malaca em 1559, dão conta que quando os portugueses chegaram num grande barco a Timor, os reis da ilha não queriam nada

com eles. Apesar da insistência em comercializar e trocar sândalo por bugigangas, não houve acordo, e sim ameaças, com os portugueses tentando levar a “ilha amarrada à embarcação” (SOUZA, FERNANDES, 2011). Essa narrativa oral registrada em várias versões da língua tétum são algumas das poucas peças disponíveis sobre as primeiras décadas da colonização, e sob a percepção dos colonizados.

A colonização portuguesa em Timor nas primeiras décadas concentrou-se em alguns pontos do litoral e caracterizou-se sobretudo pelo desinteresse na exploração econômica e interiorização no território, que ocorria de forma descompassada, podendo ser considerada mais como um entreposto comercial europeu do que parte de um projeto de colonização propriamente dito (DURAND, 2010). A periodização da colonização portuguesa, segundo aponta Costa (2016), indica que houve um direcionamento do império português centrado no Oriente entre 1415 (Tomada de Celta) e 1622 (perda de Ormuz), mas voltado para outros entrepostos comerciais considerados mais importantes, como Macau. Timor, gozando nesse período de relativa autonomia, continuou a participar dos circuitos de trocas e comércio envolvendo a Eurásia como um todo, principalmente com os chineses que circulavam livremente pela ilha. Tanto que o primeiro governador português da ilha, Antônio Coelho Guerreiro, desembarcou em Timor apenas no ano de 1703 (TOMÁS, 2000).

Ao longo do século XVII ocorrem disputas coloniais entre Portugal e Holanda, que, somente em 1661, vão culminar na assinatura de um primeiro Tratado de Paz, confirmando a divisão da ilha com os holandeses e reconhecendo a soberania portuguesa sobre todo o leste da ilha de Timor (DURAND, 2010). Posteriormente, o Tratado de Lisboa, em 1859, viria a delimitar mais precisamente as possessões portuguesas e holandesas, com Portugal cedendo aos Países Baixos, mediante indenização, a parte oriental da ilha de Flores e as pequenas ilhas de Solor e Alor (SOUZA, 1997). Como vemos, o atual território lesetimorense tem origem nas disputas econômicas coloniais, primeiro com a divisão da ilha de Timor em duas partes, mais o enclave de Oécusse-Ambeno, e posteriormente, em 1859, com o reconhecimento da posse da ilha de Ataúro, hoje parte do distrito de Díli, capital do país. O ilhéu de Jaco, localizado no extremo oriente e com apenas 8 km²,

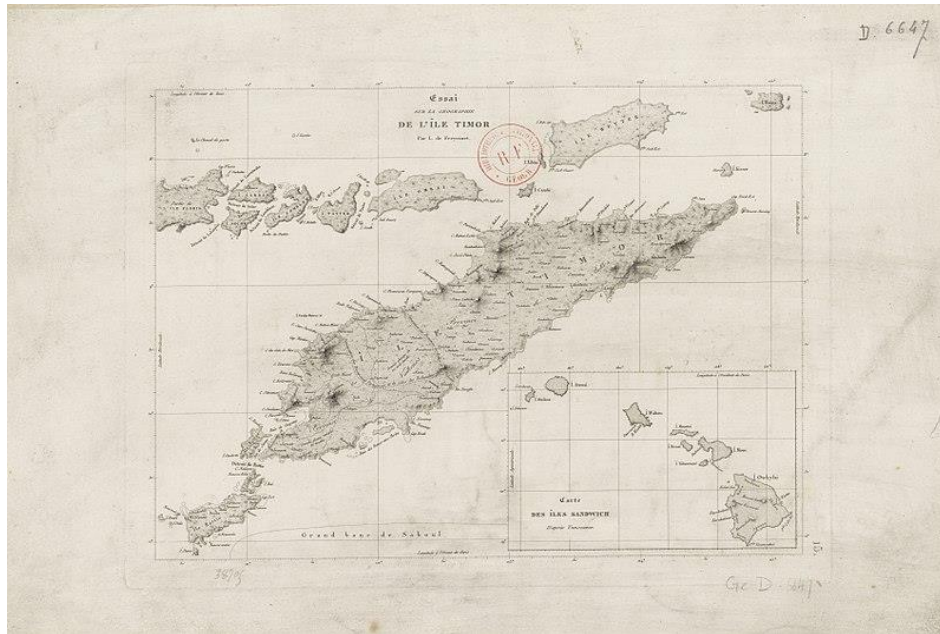
provavelmente só era conhecido até então pelos timorenses e porventura civilizações mais antigas, mesmo porque a colonização portuguesa e os indonésios não conseguiram efetivar de maneira ampla suas ações em direção ao interior do país (MAGALHÃES, 2001).

As representações cartográficas, peças-chave do processo colonizador, são ilustrativas dos diferentes interesses da colonização. Num primeiro momento, a localização de Timor foi indicada genericamente frente à profusão de territórios insulares que caracterizam o Sudeste-Asiático e, em um segundo momento, houve a necessidade de demarcar mais precisamente as possessões portuguesas e holandesas na região.

Ao longo do século XIX, com as técnicas e instrumentos de cartografia bem desenvolvidos, os trabalhos cartográficos tornam-se mais precisos, isolando e detalhando Timor, como no estudo monográfico do francês Louis-Claude de Freycinet em 1820 (Mapa 3). Antes disso, representações em 1613, 1656/60 e 1773 deram conta de traçar grosseiramente a geografia da ilha e localizá-la para fins comerciais (Mapa 4). Com a expansão das investigações geográficas e cartográficas ligado ao processo de sistematização e institucionalização ao longo do século XIX, há registro de Timor por Elisée Reclus⁶⁹, geógrafo francês que buscou classificar a Insulíndia como terras oceânicas, uma questão que se reflete atualmente em dilemas geopolíticos e geográficos por conta da localização de Timor no cruzamento entre a Ásia e o Pacífico, precisamente o Sudeste-Asiático e o Pacífico-Sul.

⁶⁹ RECLUS, Jean J. É. **The Universal Geography: The Earth and its inhabitants**. Vol. XIV (Australasia). New York: D. Appleton and Company, 1882

Mapa 3. *Essai Sur la géographie de l'île Timor/Ensaio sobre a geografia da ilha de Timor* (1820), do cartógrafo francês Louis-Claude de Freycinet



FONTE: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Timor_map_1820.jpg

Mapa 4. Recortes da cartografia antiga de Timor (1613, 1656, 1773) e 1825, de Louis-Claude de Freycinet



FONTE: Durand (2010)

Durante os séculos XVII e XVIII, as disputas entre os referidos colonizadores rebateram em mudanças de capital da colônia portuguesa: Díli à Lifau, depois Díli novamente. Segundo Durand (2010), em 1750, tendo consolidado o seu poder em Java, os holandeses retomaram sua política de conquista (...) ocupando territórios portugueses, que decidiram mudar mais uma vez a capital, instalando-se em Díli, onde já dispunham de um entreposto deste o séc. XVI (DURAND, 2010, 50). É nesse momento que a empresa colonial portuguesa ganha efetividade territorial, não só com o sândalo, mas também a partir da exploração do café.

Não obstante, o processo de colonização foi marcado por revoltas contra os portugueses. Têm-se registro, em 1589, da revolta dos habitantes da ilha de Solor, e em 1719, chefes locais reuniram cerca de 4000 mil homens contra os portugueses, no conflito conhecido como Guerra de Caicalo. Mesmo com a tática portuguesa de aliar-se às chefias locais e manipular divergências entre os timorenses, as revoltas continuaram e foram fortemente reprimidas. Já no século XX, ocorre o maior conflito anticolonial, a Guerra de Manufahi, que teria provocado a morte de cerca de 30.000 timorenses.

Reis (2017) aponta que a perda de importância da exportação de sândalo na segunda metade do século XIX impôs uma mudança de orientação, apostando-se no cultivo de café, de sucesso comprovado desde os primeiros anos do século XIX, quando foram testadas algumas culturas de origem filipina (DURAND, 2010). Importante sublinhar que a exploração intensiva do sândalo, a exemplo da exploração do Pau-Brasil no litoral brasileiro, destruiu grande parte das porções florestais de Timor, abrindo espaço para o cultivo do café como parte de uma estratégia de substituição da exploração econômica. O aumento do comércio com o oriente e especialmente a China alterou a importância de Timor que, no final do século XIX, é alçado à condição de Província, ganhando autonomia em relação à Macau, e ao mesmo tempo é criada a SAPT (Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho), considerada a mais importante empresa colonial da ilha (DURAND, 2010). Fundada pelo governador português Celestino da Silva (1894-1908), a SAPT frequentemente expropriava terras para cultivo do café, chegando a produzir cerca

de 200 toneladas no final da década de 1920 (FELGAS, 1956; CLARENCE-SMITH, 1992).

Para fortalecer o controle de Díli, elevada à categoria de cidade no início do séc. XIX, Portugal empreendeu diversas alianças e guerras com as chefaturas locais, que revelaram uma concepção territorial diferente em relação à capital – enquanto centro do território – dada a pluralidade de centros simbólicos pelos grupos locais. Ainda hoje Díli é palco de controvérsias por parte de alguns grupos que não a reconhecem como capital do país, pautando-se em outros centros emanadores de poder, mais significativos e coerentes com suas cosmovisões (SARMENTO, 2007) e que conferem resistência à imposição territorial e político-administrativa. Segundo Seixas (2006), na perspectiva dos timorenses, há duas regiões, *Lorosae* e *Loromonu*, que são estruturais em Timor, identificando-se tanto com as formações étnicas *Firaku* e *Kalari* e também com os grupos étnico-linguísticos, com forte presença do dialeto *Mambai* no Oeste e *Macassai* no Leste.

O traçado exato das fronteiras entre portugueses e holandeses, assim como de territórios particularmente isolados, caso de Oecussé-Ambeno, foi palco da implementação de uma comissão bilateral, em 1893, tratando de territórios não mais na direção oriente-ocidente, mas também sob os territórios situados na parte sul da ilha, como o Reino de Maucatar, próximo ao atual distrito de Suai, então sob controle português. A demarcação das fronteiras de Timor envolveu, a partir de 1898, a materialização da linha de fronteira no terreno através da colocação de marcos, barreiras e outros tipos de sinalização (MATOS, 2009), e o geólogo português Gago Coutinho teve a incumbência de ir a campo, iniciando os trabalhos em 02 de outubro de 1898 e concluindo em 06 de fevereiro de 1899, seguido do desenvolvimento cartográfico que serviria de base à finalização da demarcação. No entanto, decisões arbitrárias ocorreram nos anos seguintes e a ratificação dos documentos só seria finalizada em 1916, e definitivamente selada por uma decisão do Tribunal Internacional de Justiça de Haia, em 1919 (DURAND, 2010). O diário particular e o Relatório técnico apresentado à Comissão de Cartografia do Ultramar, acessados diretamente nos acervos da biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa, apresentam detalhes técnicos do processo de demarcação, bem como relatos de acontecimentos no trabalho de campo, envolvendo conflitos com grupos

timorenses, ataques e fugas estratégicas, com Coutinho registrando inclusive o ódio dos timorenses pelos *malais*⁷⁰.

Entre finais do século XIX e início do século XX, Timor ainda era visto pela imaginação colonial como um longínquo canto do mundo, distância acentuada por comunicações precárias e infraestrutura de transportes irrisória. As interpretações, preconceituosas, não levavam em consideração a displicente colonização portuguesa, que não se preocupou efetivamente com as condições de vida dos seus habitantes e o desenvolvimento do território colonial. A reputação de Timor era de um lugar solitário e infestado por doenças – uma *antecâmara do inferno* – expressão que intitulou o livro de Teófilo Duarte, de 1930 (SCHOUTEN, 2007). Um pouco antes, em 1880, Anna Forbes, esposa do naturalista escocês Henry Forbes (1804-1859), dizia sobre Díli: “um passeio pelas ruas deixa um efeito deprimente na alma (...) não é um lugar animado” (SCHOUTEN, 2016, 27). Sobre a displicência portuguesa, o próprio governador português em Timor, escrevia em 1860: “Timor nas mãos dos portugueses vegeta na mais horrível miséria” (DE CASTRO, 1986 apud SCHOUTEN, 2007). Esses e muitos outros relatos demarcam Timor como “atrasado” no espaço e no tempo, visto que outras colônias portuguesas já haviam se declarado independentes, décadas antes, como no caso brasileiro.

Com o desenvolvimento científico em finais do século XIX, incrementado pelos debates evolucionistas acerca do ser humano em sua variedade cultural e biológica, Timor entra no radar da etnografia e etnologia, com a realização de algumas expedições científicas que não podem ser compreendidas de maneira dissociada de motivos políticos e geoestratégicos (SCHOUTEN, 2016), quais sejam: manter uma zona de domínio na periferia do mundo; realizar expedições militares para o ainda desconhecido interior da ilha; recolher produtos agrícolas e compreender as técnicas aplicadas. Schouten (2016) destaca as três principais expedições científicas significativas ao apresentar interessantes descrições dos povos e seus ambientes: a expedição francesa liderada por Nicolas Baudin, as viagens de Henry Forbes e por fim as empreitadas de Gerard Friedrich Riedel. Essas expedições não serão exploradas neste trabalho, mas servem para

⁷⁰ Relato de Gogo Coutinho extraído de seu diário pessoal, quando em consulta dos arquivos sobre Timor na Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa.

enriquecer as informações sobre Timor nessa época e evidenciar a importância da ciência articulada aos interesses militares e econômicos dos invasores europeus. Um ponto que merece destaque nessas expedições foi o confronto com o Timor profundo, no interior da ilha, dada por proibições da regra *lulik*⁷¹ (casas e territórios sagrados) e, em alguns casos, pelo interesse em matar e dissecar o crocodilo, animal sagrado para os povos timorenses.

Além do imperativo científico, os primeiros anos do século XX em Timor, sob o pretexto do desenvolvimento do território, foram marcados pela intensificação da miséria e exploração econômica sob terríveis condições, melhor dizendo, em regime de escravidão e/ou análogo à escravidão. No período do Governador José Celestino (1894-1908) eclode uma série de revoltas lideradas pelo chefe *liurai* Dom Boaventura, que em 1911 lidera uma aliança com vários reinos locais, culminando no último e mais representativo conflito anticolonial, a Guerra de Manufahi (1908-1912). Nesses conflitos, os portugueses apropriavam-se dos costumes tradicionais, estimulando a caça às cabeças dos oponentes ao regime, inclusive enviando crânios a museus na Europa. Segundo Schouten (2000, 30), “nas batalhas, a degolação dos vencidos era essencial e as baixas, também nos relatórios oficiais, foram contadas em número de cabeças cortadas”. Sob a égide da *pax lusitana*⁷², as guerras de pacificação e a subjugação dos reinos timorenses foi concluída, no entanto fez germinar um sentimento nacionalista e uma noção de identidade timorense que se mostraria primordial no processo de descolonização.

⁷¹ *Lulik*, que pode ser traduzido como “sagrado” ou “interdito”, representa a memória dos antepassados na cultura timorense, origem e passagem da vida, assim como as relações humanas com a divindade, mediadas pela natureza (ARAÚJO, 2016). É uma sacralidade que se revela na natureza (FERNANDES, 2000) e na *uma-lulik*, traduzida como casa sagrada, um lugar para celebrar rituais, fazer orações e guardar objetos considerados relíquias. Antes da criação da *uma-lulik*, os rituais eram realizados na natureza, ou seja, na *Lulik*. PAULINO, V; APOEMA, K. **Tradições orais em Timor-Leste**. UNTL: Díli, 2016

⁷² Refere-se a uma variação singular da fórmula colonialista de pacificação, que segundo Freyre (1953), pode ser compreendida como uma capacidade presente no português de confraternizar com os povos dos trópicos, e dissolver-se na natureza e valores tropicais sem perder o sentido europeu e cristão da vida. FREYRE, Gilberto. **Um Brasileiro em Terras Portuguesas. Introdução a uma lusotropicologia, acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico**. Rio de Janeiro. Liv. José Olympio. 1953

A imposição epistemológica é a marca desse período, com as poucas escolas ensinando aos rapazes trabalhos manuais ao estilo ocidental e as meninas a fazer rendas e bordados da ilha da Madeira (SCHOUTEN, 2007). A missão civilizadora pós-Segunda Guerra Mundial sob a teoria do “*lusotropicalismo*”⁷³, sugeria a existência de uma forma especial de cultura e estilo de vida nas colônias portuguesas, resultante de um “intercâmbio” entre colonizadores e colonizados (SCHOUTEN, 2007). Esse intercâmbio naturalmente não se deu de maneira pacífica, ao contrário, foi marcado em diferentes momentos por revoltas populares que, segundo Durand (2010), não necessariamente podem ser entendidas como uma rejeição completa à metrópole lusófona (DURAND, 2010, 56). Houve de tudo, desde guerras motivadas por abusos da administração local, quando tentaram expulsar os “não timorenses” (*malais*) da ilha, até conflitos entre os reinos locais através de alianças com os portugueses.

As primeiras décadas do século XX também são relevantes para a compreensão dos interesses econômicos para além das culturas primárias como sândalo e café, com o governo português permitindo que empresas internacionais realizassem prospecções em busca por petróleo. Segundo Reis (2017), em 1902 é fundada uma primeira companhia de concessão voltada à exploração de petróleo *onshore*, mas, com resultados insignificantes, vai ser reorganizada em 1910 como *Timor Concessions Ltda*. Há também registros de uma missão norte-americana a serviço da *Timor Concessions*, além da *Internacional Petroleum Ca*. Ambas realizaram pesquisas e perfurações, porém sem sucesso, finalizando as atividades no decorrer da década de 1920. É neste mesmo período que se observa um notável interesse dos agentes australianos na obtenção de concessões e exclusividade da pesquisa petrolífera (REIS, 2007; MCGRATH, 2019), mas tiveram que esperar até a década de 60 para se efetivarem, provavelmente por conta do período entre

⁷³ Pode ser compreendida como uma teoria ou “quase-teoria”, desenvolvida por Gilberto Freyre (1900-1987), postulando uma certa capacidade de adaptação dos portugueses aos trópicos, portanto, às suas principais colônias. Esse intercâmbio, no contexto do Estado Novo Português, no pós 2GM, vai ser apropriado no discurso algumas máximas luso-tropicalistas objetivando demonstrar uma certa unidade pluricontinental portuguesa, a despeito do que realmente acontecia nas colônias, como em Timor-Leste. FREYRE, Gilberto. **O luso e o trópico**. Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique: Lisboa, 1960

guerras e do envolvimento da Austrália na Segunda Guerra Mundial, lutando ao lado dos denominados Países Aliados, já que integrava o *Commonwealth*⁷⁴

O eclodir da 2ª GM marcou a declaração de neutralidade de Portugal e a invasão japonesa em Timor, entre 1942-45, uma das repressões mais sangrentas do período, provocando a morte de 40 a 70 mil pessoas em uma população com menos de 500 mil habitantes, segundo as estimativas da época (DURAND, 2010; CABASSET-SEMEDO et al, 2014). A Austrália, buscando evitar a invasão dos japoneses, chegou a deslocar contingentes militares para as duas metades da ilha, mas diante do poderio militar nipônico, as tropas australianas foram evacuadas em 1943. A memória da repressão japonesa seguiu viva por muitas décadas, com os timorenses, no contexto da transição para a independência, recusando a receber militares japoneses pertencentes aos quadros da missão de paz da ONU. Por outro lado, foi construído próximo a Díli o Memorial Dare, em homenagem às forças australianas que lutaram contra a invasão japonesa.

2.3 TIMOR APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: PETRÓLEO NO MAR E TURISMO NA TERRA

O fim do conflito mundial demarca o “retorno” de Timor a Portugal, enquanto a parte ocidental da ilha, de domínio holandês, vai ser anexada pela Indonésia em 1945. Com a derrota dos países do Eixo e a formação da ONU no mesmo ano, Portugal, pressionado por alguns representantes da comunidade internacional em razão do abandono de Timor, suprime o Estatuto dos Indígenas⁷⁵ em 1953 e se compromete a melhorar a situação da ilha, investindo incipientemente em escolas, hospitais e produção de alguns gêneros alimentares, mas longe de promover um

⁷⁴ Em português, Comunidade de Nações. Associação política que surge no contexto da descolonização das ex-colônias britânicas como uma estratégia da Inglaterra de reconhecer a soberania destes territórios e ao mesmo tempo mantê-los sob uma ideia de comunidade cooperando política e econômica entre seus membros.

⁷⁵ Conjunto de normativas criadas por Portugal, ao longo da primeira metade do século XX, para definir os direitos e deveres dos indígenas das suas colônias. Os Estatutos podem ser compreendidos como uma forma de reorganização do controle dos territórios não mais sob uma estrutura escravista, e sim mediante um conjunto de definições e regras de ordem étnica, política e econômica objetivando enquadrar os habitantes das colônias, subdivididos em indígenas, brancos e assimilados. NETO, Maria C. A República no seu estado colonial: combater a escravatura, estabelecer o Indigenato. *Ler História*, v. 59, 2010. Doi [10.4000/lerhistoria.1391](https://doi.org/10.4000/lerhistoria.1391)

real desenvolvimento local direcionado à melhoria das condições de vida dos próprios timorenses. A displicência portuguesa, reafirmada por diferentes autores (ANDERSON, 1993; GUNN, 1999; REIS, 2007; DURAND, 2010) mantém-se durante as décadas de 60 e 70, com Timor tornando-se inclusive terra de exílio para os opositores de Salazar, época em que a ilha de Ataúro funcionou temporariamente como ilha-prisão.

Entre os anos finais da década de 50 e os primeiros anos da década de 60, encontramos uma primeira correspondência de interesses em duas atividades econômicas destoantes da exploração dos recursos primários ocorridas, de forma mais intensa, com o sândalo e o café: turismo e petróleo. Antes disso, Fernandes (2010) aponta que o governo australiano discutiu com Portugal, durante a Primeira Guerra Mundial, a possibilidade de tomada de posse de Timor como destino de férias, ideia rapidamente rejeitada por não haver certeza de demanda por parte de um grupo crescente de turistas australianos (TOLKASH, 2007). Em 1958, a Agência Geral do Ultramar veicula em seu Boletim Anual uma reportagem defendendo que a indústria turística poderia oferecer perspectivas imediatas de êxito, se potencializada por investimentos oficiais. Destacando um mercado internacional propício – nesse caso os australianos – o II Plano de Fomento desejava um planejamento voltado às instalações hoteleiras, campos de *golf* e quadras de tênis, atraindo australianos e beneficiando a “economia local” (Boletim AGU, 1958).

Enquanto Portugal buscava pensar o desenvolvimento dos territórios do ultramar para as atividades de turismo, a Austrália voltava seus olhos para o Mar. Nesse mesmo período, autoridades australianas obtinham das empresas petrolíferas dados sísmicos que indicavam “a existência de reservas significativas de petróleo e gás entre a Austrália e o Timor Português” (MCGRATH, 2019, 18). Unilateralmente, a Austrália foi emitindo diversas licenças de pesquisa e exploração do Mar de Timor, até que em 1972, em acordo costurado com a Indonésia e Portugal sendo excluído da negociação, foi delimitada a fronteira marítima permanente, conhecida como *Timor Gap*. Na mesma medida em que emergia uma disputa diplomática, com a participação lusitana, sobre os direitos a determinadas áreas do Mar de Timor, as autoridades australianas acreditavam que, com a Indonésia assumindo o controle do Timor português, esta “concordaria em fechar o

Timor Gap como uma linha reta, inserindo parte significativa dos recursos hidrocarbonetos ao lado da Austrália” (MCGRATH, 2019, 18).

Os acontecimentos e motivos que antecederam a invasão indonésia em 1975 é de grande complexidade geopolítica e geoeconômica e, atravessados por diversas conjunturas, precisam ser contextualizados e articulados em uma leitura multidimensional e multiescalar da conjunção de forças e estratégias realizadas por multiatores, considerando tanto os movimentos de resistência e circulação de ideias em Timor quanto a nova reorganização do espaço mundial dentro do processo mais amplo de descolonização e dos desdobramentos da Guerra Fria e da globalização dos mercados e capitais.

Após a invasão japonesa em Timor (1942-45), quando cerca de 15% da população foi dizimada, inicia-se em Portugal o período ditatorial de Salazar (1945-74), que marcou uma guinada na política externa portuguesa, circunstância em que, no contexto das ideologias racistas, instaurou-se o Estatuto dos Indígenas em Timor, dividindo a população em duas categorias: assimilados e não-civilizados (DURAND, 2010, 60).

Dentre as ações, buscou-se conservar a administração portuguesa em Timor, não somente sob uma perspectiva de controle do território, mas também economicamente, ainda que de forma bastante displicente, visto que Portugal ocupava-se mais com as lutas de independência de Angola e Moçambique (GUNN, 1999; WHELEER, 2004). De toda forma, é justamente nos anos finais da ditadura portuguesa, com Salazar também na condição de Ministro das Colônias, que o petróleo e o turismo se encontram no espaço-tempo de Timor, orbitando em torno de interesses geoeconômicos distintos.

Entre 1972 e 1974, no mesmo momento em que a Austrália sela com a Indonésia a fronteira do *Timor Gap*, escondendo inclusive uma reivindicação de Portugal quanto à linha meridiana no Mar de Timor, a Agência do Ultramar, em comunicação apresentada em 18 de maio de 1973, apresenta uma proposta de planejamento da atividade turística para a província de Timor, formulando um plano de ação que incluía investimentos, definição de zonas turísticas e instalações hoteleiras. Um estudo das potencialidades turísticas também foi desenvolvido,

destacando a ausência de mobilidade e demanda turística interna, e, por outro lado, abrindo possibilidades mediante os fluxos regionais via Darwin-Denpasar (Austrália-Indonésia), bem como a mobilidade de viajantes oriundos da Indonésia, Singapura e Hong-Kong, possível através da concessão de exploração de mineração em Timor para uma das gigantes regionais do setor, *Thiess Petrosea*, que capturaria um grande quantitativo de recursos humanos. Portanto, além dos processos estritamente geopolíticos, a geoeconomia se fez presente através de demarcações espaciais e políticas econômicas específicas para os recursos identificados em território timorense, com concessões à iniciativa privada estrangeira, por terra e por mar

De uma perspectiva geoeconômica, podemos afirmar que o período da colonização portuguesa em Timor até o fim da 2ª GM, em 1945, foi marcado pela exploração e comercialização de culturas primárias, especialmente o sândalo e o café, orientando-se por demandas econômicas regionais e pela dinâmica dos mercados globais em transformação. O café, nesse caso, é um exemplo didático, pois assim como no Brasil e outros territórios explorados para o plantio do café, a produção em Timor também foi afetada pela Grande Depressão de 1929⁷⁶, fazendo com o que a única empresa agrícola da ilha, a SAPT, fosse comprada por empresas japonesas em 1940 (GUNN, 1999). Com o fim do conflito mundial, o controle da empresa retorna à Portugal, para mais tarde novamente ter sua soberania transferida para a Indonésia a partir de 1975⁷⁷.

Essa forte tessitura entre estratégias geopolíticas e interesses econômicos, visualizados pela trajetória da exploração do café em Timor, adquire novos contornos no recorte temporal entre o fim da 2ª GM e a invasão indonésia, em 1975. Como indicado, houve um movimento geopolítico e geoeconômico planejado de forma laboral pela Austrália e Indonésia, objetivando demarcar as fronteiras

⁷⁶ Crise ou Grande Depressão, consistiu em um período de forte recessão econômica que atingiu o capitalismo internacional no final da década de 20, e teve como principais causas a superprodução e a especulação financeira. No primeiro caso, a produção do café foi fortemente impactada.

⁷⁷ Durante seu longo período de atuação, sob o controle de diferentes atores, a SAPT apropriou-se de uma quantidade significativa de terras em vários distritos de Timor. Com a independência, em 2002, esse legado territorial incorporou-se à complexa necessidade, dos sucessivos governos democráticos, de resolver o problema das terras e legar responsabilidades e atribuições a essas extensas áreas.

marítimas do Mar de Timor, de comprovada abundância em recursos petrolíferos. Portugal, que chegou a desenvolver algum nível de exploração do petróleo *onshore* para o abastecimento local, mostrou-se mais interessado em desenvolver as atividades turísticas da longínqua província, porém, conforme evidenciado, de forma incipiente e displicente.

2.4 DO PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO DE TIMOR À INVASÃO INDONÉSIA

Ao tempo da Revolução dos Cravos⁷⁸ e a queda de Salazar em 25 de Abril de 1974, o espaço geográfico português, de acordo com a legislação vigente, compreendia, além do território continental europeu e as ilhas situadas no Atlântico, diversos territórios ultramarinos, dentre os quais Timor-Leste. Um mês após a queda de Salazar, o governador em Timor, Fernando Alves Aldeia, solicita ao Programa do Movimento de Forças Armadas (MFA) instruções sobre o pensamento do governo indonésio em relação a Timor, levando o MFA a apontar que deveria ocorrer a conscientização das populações residentes nos territórios para, mediante debate livre e franco, decidirem a respeito do seu futuro⁷⁹ (CUNHA, 2001)

Diante dessa conjuntura, Portugal se coloca na condição de aceitar a independência do restante das suas colônias, e em Timor a descolonização vai permitir a criação de partidos políticos e a defesa aberta da independência, confirmada pelo referendo de 30 de agosto de 1974, que selou “a plena consciência da individualidade histórica e cultural do povo timorense que desejava, por isso, ter em suas mãos os seus destinos” (TOMÁS, 2000, pg. 45). Nesse curto período de semanas são constituídas três associações políticas timorenses: União Democrática Timorense (UDT), defensora da autonomia progressiva e manutenção de vínculos com a metrópole; a Associação Popular Democrática Timorense

⁷⁸ Movimento popular responsável por derrubar a ditadura salazarista, resgatando as liberdades democráticas e dando início às transformações sociais do país. Dentre os fatores externos que influenciaram a Revolução dos Cravos, podemos citar a decadência econômica e o desgaste com as guerras coloniais que tentavam por fim aos movimentos de libertação em Moçambique, Guiné-Bissau e Angola.

⁷⁹ Decreto-lei n. 203/74, que definia o programa do Governo Provisório em relação à política ultramarina.

(Apodeti), que preconiza a integração junto à Indonésia; e, por fim, a Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN), de orientação comunista e interessada no apoio popular para alavancar a conquista da independência.

Costa (2016) defende que a construção do nacionalismo lesetimorense se deu mediante a emergência e circulação de ideias nacionalistas entre os espaços portugueses e timorenses, primeiro com o surgimento de periódicos, e depois por meio dos circuitos de sociabilidade militares, viagens de timorenses à Lisboa e na composição dos primeiros símbolos nacionais, tais como a bandeira e o hino (SARMENTO, 2007). Sob o ambiente de polarização imposto pela Guerra-Fria, o nacionalismo timorense se apropria dos ideais comunistas, ainda que a ideologia da FRETILIN não tenha conseguido desenvolvê-lo territorialmente.

Na escala regional dos acontecimentos ligados à Guerra-Fria, composto pelo embate ideológico e militar entre os denominados países alinhados aos blocos capitalistas e socialistas, nos primeiros meses de 1975 ocorrem a queda do regime pró-americano no Camboja (17/04/75), a tomada de Laos pelos comunistas nos dias seguintes, bem como a conquista de Saigon pelos comunistas vietnamitas em 30 de abril, deixando o Ocidente e em especial os Estados Unidos em pânico (MAGALHAES, 2001). Ainda no Sudeste-Asiático, movimentos populares nas Filipinas contra a pobreza e corrupção vão culminar na Guerra Moro⁸⁰, e na Tailândia se multiplicam as associações de extrema-direita, lançando uma série de operações militares contra minorias identitárias que reivindicavam autonomia (DURAND, 2010). Mediante a crença na “teoria do dominó”, pela qual a queda de uma peça derrubaria a seguinte, a Indonésia surge como principal baluarte para travar o avanço do comunismo na Ásia, e Timor foi visto como uma ameaça ao mundo capitalista:

Mesmo que em Timor-Leste não houvesse comunistas, podia vir a haver. Uma segunda Cuba – agora no Sudeste Asiático – poderia afetar a instabilidade regional e tornar-se perigosa para os interesses geoestratégicos do Ocidente (MAGALHAES, 2001, 18).

⁸⁰ Também conhecido como Insurreição Islâmica Filipina, a Guerra Moro teve origem, em 1969, numa grande insurreição de grupos rebeldes mulçumanos da etnia moro contra o governo das Filipinas, que praticava a perseguição sistemática das minorias identitárias.

Enquanto uma conjunção de acontecimentos ocorriam em território timorense de forma bastante acelerada, diplomaticamente, os interesses indonésios mostravam-se mais nítidos quando, em 05 de Julho de 1975, em visita aos EUA, o ditador indonésio Hadji Mohamed Suharto conseguia do Presidente norte-americano Gerard Ford a liberação para uma política de integração, vide o discurso corrente de conter o comunismo no Sudeste Asiático, ao mesmo tempo em que Lisboa se afundava em uma desordem política do governo provisório pós-Salazar, que durou cerca seis meses e culminou em um distanciamento ainda maior de Portugal em relação a descolonização de Timor. (DURAND, 2010, 68).

Na medida em que Portugal discutia com a Indonésia, sob o olhar atento da Austrália, o futuro da ilha (MENDES, 2014), crescia um sentimento nacionalista na mesma ordem em que aumentavam os interesses de potências regionais no território timorense. A declaração do Ministro português, Almeida Santos, perante as Nações Unidas ao final de 1974, indicava duas soluções nada interessantes para os timorenses: A manutenção do vínculo com Portugal ou integração à Indonésia.

Internamente, pairava um clima de hostilidade e insegurança que se refletia em inúmeras divergências entre os partidos políticos, intensificadas após o rompimento da coligação entre a UDT e a FRETILIN, sob o argumento da radicalização do segundo e, diante do alinhamento do primeiro com a Indonésia, com suas lideranças participando de vários encontros políticos em Jakarta (COSTA, 2016). Alegando manipulação e alinhamento com os interesses da Indonésia e Portugal, a FRETILIN, que gozava de amplo apoio popular e entre os militares timorenses, boicota a sua participação na Reunião de Macau⁸¹ e, ciente da inevitabilidade da invasão indonésia, encaminha a proclamação unilateral da independência de Timor-Leste, em 28 de Novembro de 1975.

O processo de descolonização de Timor, sob a liderança portuguesa, demonstrou-se extremamente frágil e, associado à insegurança política observada

⁸¹ Reunião ou Conferência de Macau, encontro realizado em maio de 1975 entre representantes portugueses e partidos políticos timorenses, com exceção da FRETILIN, buscando colocar em prática o processo de descolonização, com a definição de um calendário para as eleições locais.

em Timor, vai permitir à Indonésia levar a cabo em território timorense um conjunto organizado de ações militares, primeiro pontuais e depois mais amplas. Durand (2010) detalha a estratégia denominada Falcão e Pomba, que consistia em transmitir, via rádio, através do Timor Ocidental, ameaças de invasão aos grupos contrários à integração (estratégia falcão), ao mesmo tempo que em que o discurso oficial negava o interesse na integração (estratégia pomba).

Aproveitando-se da retirada de funcionários e militares portugueses, já que Lisboa argumentava que era preciso “timorizar” o exército e a máquina pública, e diante da instabilidade política causada pela fracassada tentativa de golpe da UDT, em agosto de 1975, quando a FRETILIN aumenta o controle do território, a campanha militar indonésia é intensificada em pontos estratégicos da fronteira, litoral e montanhas. O ataque principal, que inclusive estava previamente planejado para ocorrer no dia 5 de dezembro de 1975, foi adiado por quarenta e oito horas.

O presidente Ford, dos EUA, e seu conselheiro de Negócios Estrangeiros, Henry Kissinger, que se encontravam em Jakarta, pediram que a invasão fosse adiada em dois dias, a tempo de o avião presidencial deixar o espaço aéreo (DURAND, 2010, 72)

Assim, a 07 de dezembro, com os últimos portugueses refugiados na ilha de Ataúro, a força militar indonésia, composta por quinze aviões de guerra, vinte navios e pelo menos um submarino, assistidos por um contingente de cerca de 10.000 soldados (DURAND, 2010), realiza um conjunto sincronizado de ataques mortais, nos quais não se fez distinção de homens, mulheres e crianças, nem mesmo os timorenses integralistas foram poupados. No plano diplomático, a Assembleia Geral das Nações Unidas lamentou com a avidez a intervenção militar e apresentou a Resolução 384⁸² do Conselho de Segurança exigindo a retirada das tropas, porém sem nenhum efeito prático. Com a pressão dos EUA, Japão e Austrália, a questão timorense vai sendo esvaziada no Conselho de Segurança até ser finalizada na ONU no ano de 1983.

⁸² Disponível em: <https://bityli.com/zrOtje>. Acesso em 08 de nov. 2021

Os primeiros anos da campanha militar foram marcados pela organização de acampamentos estratégicos com base no modelo norte-americano no Vietnã, que tinham dois objetivos claros: Primeiro, isolar a resistência que mostrou ser combativa e organizada e, segundo, dizimar rapidamente centenas de timorenses através da fome e doenças. Assim, foram identificados em 1978 cerca de 150 campos de concentração com mais de 300.000 timorenses (DURAND, 2010). Conforme os indonésios iam controlando os pontos estratégicos do território, tomando em 1976 cidades importantes como Díli, Baucau, Bobonaro e Maliana (mapa 4) a resistência timorense, reorganizada pela FRETILIN e apoiada pela Igreja Católica, mantinha um mínimo de comunicação através da língua portuguesa e combatia os invasores, deslocando-se e se escondendo nas montanhas e no interior da ilha, nomeadamente no *Tatamailau* e no *Matebian*. O profundo conhecimento do território e a aplicação de táticas de guerrilha mantiveram a resistência ativa mesmo diante das seguidas incursões militares. Calcula-se que, em 1978, cerca de 400 mil timorenses, mais ou menos 1/2 da população, seguiam a FRETILIN nas estratégias de resistência e deslocamento interno (DURAND, 2010, 74).

Mapa 5. Invasão indonésia em Timor (1975-1979). As áreas destacadas em rosa referem-se aos núcleos urbanos e eixos controlados até outubro de 1976



FONTE: Patrick Fischer (2010)

A política militar indonésia seguiu forte, mesmo com diversas resoluções da ONU condenando a invasão:

Condenada por um total de 12 resoluções do Conselho de Segurança e da Assembleia Geral da ONU, Jakarta trabalhou rapidamente, não apenas para assegurar o domínio militar, pelo menos na capital, mas também para conseguir um quadro apropriado de colaboradores como base para a nova administração (...) em 16 de Julho de 1976 o governo de Jakarta proclamou Timor-Leste como a 27ª província da República da Indonésia e colocou o território ocupado sob a administração de um governador (GUNN, 2014, 41).

No período em que a ONU e seus responsáveis ignoraram, na prática, a questão timorense, materializaram-se 24 anos de imposição de diversas ordens e genocídio sistemático da população lesetimorense, meio pelo qual o governo de Jakarta colocou em prática, após os anos iniciais da ocupação, sucessivas operações militares, denominadas respectivamente de Barreira de Membros (1981/82)⁸³, Limpeza pelo Vazio (1983/84)⁸⁴ e Supressão Definitiva (1986/87)⁸⁵, organizando um complexo sistema burocrático condizente com o *status* de província imposto ao território, portanto uma extensão da Indonésia, e ao mesmo tempo caracterizou-se comprovadamente por uma “ocupação militar que impactou profundamente a demografia, sociedade, economia e até o meio ambiente” (GUNN, 2014, 40).

2.4.1 Administração, organização territorial e exploração econômica sob ocupação indonésia

A estrutura administrativa suplantada pela Indonésia era subordinada ao Exército, que no seu auge atingiu mais de 70.000 militares (DURAND, 2010).

⁸³ Consistiu na utilização de timorenses como escudo humano nas incursões dos militares indonésios contra a resistência. Porém, diante da condição física dos timorenses que mal ficavam em pé, e por conta da tática do exército indonésio de queima das florestas, esta estratégia não surtiu o efeito desejado.

⁸⁴ Apoiados por bombardeios aéreos, cerca de 20.000 mil soldados tentaram desarticular a resistência maubere entre as regiões de Baucau e Viqueque, impedindo a circulação das forças das FALINTIL.

⁸⁵ Consistiu numa enorme operação militar com cerca de 40.000 soldados para destruir totalmente a resistência maubere e capturar sua liderança máxima, Xanana Gusmão.

Assim, o ensino nas escolas era sobre ideologia e cultura indonésias, a burocracia e todo o sistema da máquina pública, por assim dizer, era indonésio, a língua ensinada e imposta era o *bahasa indonesia*, que tinha também como objetivo eliminar a língua portuguesa, que, por sua vez, tornar-se-ia a língua da resistência⁸⁶. Jakarta projetou, pode-se afirmar, uma mudança em nível de linguagem, de educação e de ideologia, sendo a educação central no projeto de *integrasi* indonésio (GUNN, 2014). A burocratização, com procedimentos inchados, ineficientes e corruptos, mostrou-se como mais um legado negativo da ocupação, permeando a dificuldade em realizar as políticas públicas e o planejamento na atualidade do Estado-Nação.

Enquanto a população timorense era dizimada nos campos de concentração e a resistência da FRETILIN sofria baixas consideráveis, perdendo 80% do seu efetivo em 1980, Jakarta leva a cabo uma política de transmigração, onde populações das ilhas sobrepovoadas de Java e Bali eram transferidas para outras regiões do arquipélago (DURAND, 2010). A ideia era promover uma mudança identitária e demográfica em Timor a partir das linhagens indonésias, como parte do projeto de controle político e social (GUNN, 2014). Esse processo vai ocasionar desdobramentos em conflitos étnicos, posses territoriais, descompassos econômicos, na paisagem material e simbólica, bem como na construção da identidade e do nacionalismo timorense, dentre outros aspectos.

Internamente, a partir de 1980 a resistência timorense se reorganiza, possibilitando uma atuação mais forte de suas forças armadas, as FALINTIL, e conseguindo organizar uma primeira conferência nacional, o CRRN (Conselho Revolucionário da Resistência Nacional), que posteriormente se transformaria no Conselho Nacional da Resistência Timorense (CNRT), em 1998. Nesse tempo, alguns militares indonésios reconheciam que poderiam levar muitos anos ainda para eliminar a resistência e suas lideranças, e, a despeito das incursões militares, Jakarta mantinha no cenário internacional o discurso da normalidade e estabilidade em Timor. No decorrer da década de 80, é pertinente sublinhar a última grande

⁸⁶ Com a proibição imposta por Jakarta do uso da língua portuguesa pelos timorenses e obrigação do uso do *bahasa indonesia*, o português foi utilizado na comunicação entre a resistência timorense, dificultando assim o acesso ao conteúdo das mensagens por parte dos militares indonésios.

operação militar, intitulada *Kikis*, que em 1986 mobilizou cerca de 40.000 soldados indonésios no ataque à resistência maubere, mas objetivando sobretudo a captura de Xanana Gusmão.⁸⁷

São recorrentes, nos estudos sobre o período indonésio, o tema da administração, do planejamento e da organização territorial da ilha sob ocupação estrangeira. Porém, ao confrontar com o período anterior, ou seja, do Timor português, vemos surgir diferentes discursos sobre a condição econômica e das infraestruturas da ilha nos dois momentos. Além disso, a tessitura temporal de uma colonização de mais de quatro séculos, mesmo displicente, imprimem marcas no território e dão contornos mais consolidados ao espaço. Em contraste, muitos trabalhos sublinham a melhoria das infraestruturas e de um planejamento territorial no período indonésio, que, naturalmente, constituiu-se como estratégico para a integração e controle territorial. A melhoria e aumento da infraestrutura viária foi significativa, objetivando consolidar postos militares avançados em relação à capital, Díli. Os investimentos em educação, com a construção de dezenas de escolas e intensificação da alfabetização surtiu efeito, interligada à aprendizagem da ideologia nacional (*pancasila*). Segundo DURAND (2010), em 1982/83 a quase totalidade das crianças estavam alfabetizadas ao nível primário, mas se o aluno falasse línguas locais ou soubesse o português, era submetido a sanções severas.

Também são mencionados os investimentos em saúde e geração de energia elétrica, direcionados principalmente à assistência médica aos indonésios e transmigrados, e à manutenção de condições adequadas aos objetivos de Suharto, já que os timorenses, secundarizados e vivendo em campos de concentração, não tinham acesso a estes recursos. O que geralmente não é destacado é o fato comprovado de que, em 1999, durante a evacuação, o exército indonésio destruiu – literalmente queimou – 77% das infraestruturas de saúde e 60% dos geradores elétricos, além das escolas e outros prédios administrativos (DURAND, 2010).

O conjunto da economia no território invadido foi em sua totalidade apropriado e dominado pelos e para os indonésios. As poucas empresas

⁸⁷ Como mostra o decorrer dos acontecimentos, Xanana Gusmão só seria capturado em 1992. Entretanto, o ano de 1986 é bastante simbólico para a continuidade da resistência, pois as FALINTIL foram capazes de tomar simbolicamente o distrito de Viqueque por três dias (DURAND, 2010).

monopolizavam a produção do café e madeira de sândalo, além de controlar o transporte marítimo e o setor hoteleiro. Segundo Pedersen & Arneberg (2017), a maioria dos recursos eram realocados para sustentar a burocracia do governo indonésio bem como atividades de construção patrocinadas pelo Estado, utilizando-se em alguns anos de mais da metade do PIB de Timor. Com o setor de comércio e serviços dominados por indonésios e chineses, restaram aos timorenses ínfimas opções de subsistência.

Como parte da integração e da política de transmigração, houve a exclusão total dos timorenses no que se refere a uma possível distribuição de recursos financeiros e concessão de terras para o cultivo agrícola. A modernização da agricultura e o desenvolvimento econômico também funcionaram como justificativa para integração, caso dos arrozais e da técnica da rizicultura de regadio, implementadas em áreas de transmigração nos vales férteis e irrigados de Suai e Aileu, onde centenas de famílias timorenses foram retiradas para dar lugar a agricultores javaneses e balineses recém-chegados ao Timor (DURAND, 2010).

Fonte de vultuosos rendimentos e instrumento de pressão política, a exploração do Petróleo no Mar de Timor, nesse período, seguiu o determinado em 1972, com o *Timor Gap*, e pelo reconhecimento oficial, por parte da Austrália, da anexação do território lesetimorense em 1977. Importante considerar que a principal empresa petrolífera indonésia, a *Pertamina*, impactada pela crise do Petróleo, adquiriu em 1973 uma dívida estratosférica e estava próxima de finalizar as atividades, outro argumento que reforça a dimensão econômica da geopolítica da invasão à Timor. Já entre 1980 e 1990 foram costurados, entre os dois países, vários acordos de exploração marítima, da pesca aos hidrocarbonetos, com o procedimento de atribuição de concessões às grandes companhias petrolíferas da época, como BHP, Mobil e Shell (DURAND, 2010). Os contratos internacionais, junto à redução da produção de Petróleo na Indonésia por contas de novos critérios de cotas da OPEP, indicam uma mudança no processo de controle e exploração dos recursos naturais, influenciando na rápida e estratégica apropriação internacional do mar de Timor antes mesmo da independência do país (MCGRATH, 2019).

Se a exploração dos recursos naturais ocorria conforme o planejado, o quadro social da população timorense por volta de 1998-99 era dramático. A taxa de pobreza em Timor era o dobro da Indonésia, e ainda mais impactada pelos anos de violência que, dentre outras ações, interromperam ciclos agrícolas e afetaram a riqueza das famílias, forçadas a vender ativos e até mesmo sacar economias para financiar o consumo (PEDERSEN & ARNEBERG, 2017). Insegurança alimentar, desnutrição, raquitismo e mínimas condições de saneamento fizeram explodir os índices de morbidade e mortalidade, ligadas à ocorrência de doenças infecciosas como tuberculose e malária.

2.5 A INTERNACIONALIZAÇÃO DA QUESTÃO TIMORENSE

Internacionalmente, a questão timorense continuava a ser suprimida na Assembleia-Geral das Nações Unidas, mas outros tribunais mantinham interesse pelo assunto (DURAND, 2010). Em 1986, o Parlamento Europeu aprova uma resolução ao povo timorense relacionada ao direito à autodeterminação, e em 1987 uma conferência episcopal norte-americana denuncia os abusos dos militares indonésios, em especial o controle de nascimentos. Em 1989, a visita do Papa João Paulo II à Indonésia, com Jakarta dificultando a ida à “província” mais católica do arquipélago, causou constrangimento e alvoroço entre as partes envolvidas, tornando-se mais uma evidência da cruel realidade do território timorense que Jakarta buscava esconder.⁸⁸

Diante do aumento das críticas internacionais, o ditador Suharto muda de estratégia e anuncia uma controlada abertura do país aos estrangeiros. Com a possibilidade de dar visibilidade internacional à causa timorense devido à presença da imprensa ocidental, muitas manifestações nacionalistas ocorreram entre 1989 e 1991, sempre brutalmente reprimidas. No ano de 1991, uma Delegação Portuguesa, composta por jornalistas e pelo Representante Especial da ONU para os Direitos Humanos e Tortura, Pieter Kooijmans, preparava-se para visitar Timor, mas com a suspensão da viagem por, segundo o discurso português, enrijecimento

⁸⁸ O Papa João Paulo II, ao ter a permissão concedida, visita Timor em 12 de outubro de 1989.

indonésio (DURAND, 2010), somente o representante da ONU efetivamente adentrou no território.

Tensionada pela presença da imprensa internacional, uma grande manifestação ocorre no cemitério de Santa Cruz, em 12 de novembro de 1991, por conta da morte de um jovem estudante timorense pró-independência. Mesmo com a presença de Kooijmans, confinado no Hotel, o exército indonésio abriu fogo ceifando a vida de mais de 400 timorenses, outras dezenas de feridos e muitos desaparecidos, no episódio que ficou conhecido como “Massacre de Santa Cruz” ou “O Massacre que o Mundo não viu”. As imagens e vídeos do massacre, filmadas pelo jornalista inglês Max Stahl, alcançaram a comunidade internacional, causando profunda comoção e solidariedade, com muitos países, tais quais Canadá, Dinamarca e Holanda, suspendendo a ajuda financeira à Indonésia (DURAND, 2010). Por outro lado, com a abertura territorial e a maior circulação da resistência, Xanana Gusmão é finalmente capturado em 1992 e encarcerado em Jakarta.

A tensa cronologia dos acontecimentos que se seguiram após 1991 evidenciam a internacionalização da causa timorense, desse período podemos destacar alguns fatos: congelamento da assistência militar por parte do EUA, impulso ao nacionalismo timorense a partir de manifestações formais e informais em outros países, denúncias partindo de organizações para os Direitos Humanos, premiações internacionais dadas aos timorenses José Ramos-Horta e Ximenes Belo, e em 1997 o encontro do Presidente Sul-Africano Nelson Mandela com Xanana Gusmão, na prisão em Jakarta, permitindo sinalizar mais intensamente as injustiças cometidas pela Indonésia. Em 1998, o general Suharto deixa o cargo, abrindo caminho para o planejamento de uma nova transição política, momento conhecido como Administração Transitória das Nações Unidas em Timor-Leste (UNTAET), periodicizado entre 1999 e 2002.

No plano internacional, o Brasil também contribuiu à internacionalização da questão timorense, coincidindo com uma nova fase da política externa nacional de reforço de laços com países subdesenvolvidos e maior atuação junto a organizações tais como a CPLP e ONU (PEPE & MATHIAS, 2006). Isso se refletiu na criação do Grupo Parlamentar Pró-Timor, na Frente Parlamentar Paulista pela

Independência de Timor, e, no âmbito da ONU, na participação direta nas forças de transição para a independência. Merecem destaque as iniciativas do frei dominicano João Xerri, ligado ao Grupo Solidário São Domingos (GSSD)⁸⁹, de São Paulo, por meio do qual surge, em 1994 o grupo Clamor por Timor, buscando catalisar uma movimentação pró-independência. Em parceria com a editora Martin Claret, o referido grupo pode viabilizar a publicação de “Timor-Leste: Este país quer ser livre” (1997)⁹⁰, que contou na inauguração com a presença de José Ramos-Horta. Ainda em 1997, surge na Universidade de São Paulo o movimento “USP por Timor”, que chegou a instalar um *outdoor* na cidade de São Paulo. A atuação de movimentos culturais pró-Timor, além de publicações temáticas e realização de palestras sobre o assunto, também fortaleceram a questão no Brasil (ANEXO B). Destaque ainda para outras iniciativas organizadas pelas Federação Internacional de Jornalistas (FIJ) e Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ).⁹¹

2.6 PERÍODO DE TRANSIÇÃO DA ONU (1999-2002) E OS PRIMEIROS ANOS PÓS-INDEPENDÊNCIA: AUTODETERMINAÇÃO, NEGOCIAÇÕES E BABEL DE INTERESSES ECONÔMICOS

Em 1999, a Indonésia, fragilizada perante a comunidade internacional, continuava a agir em Timor via milícias pró-indonésia, buscando garantir a integração. Em Jakarta já não havia mais consenso sobre a integração, com o Presidente Jusuf Habibie declarando publicamente a possibilidade de autonomia, mas não independência, da referida província. Ou seja, indicando uma estratégia geopolítica de autonomia condicionada, como se pode observar em seguida. No decurso desses acontecimentos situados em uma conjuntura bastante problemática, é assinado um acordo histórico entre Indonésia, ONU e Portugal, no

⁸⁹ O GSSD, que ainda se encontra em atividade, mantém uma plataforma de acesso online e gratuito com um gigantesco acervo fotográfico e de documentos acerca das causas que participativa ou apoiava, com centenas de registros sobre Timor-Leste, fonte de onde foram extraídas as três imagens que compõem o ANEXO A. Disponível em <https://bityli.com/LrIQPC>. Acesso em 05 ago. 2021.

⁹⁰ SANTANNA, Sílvio L. **Timor-Leste, este país quer ser livre**. São Paulo: Martin Claret, 1997.

⁹¹ Dentre outras iniciativas, o hoje renomado jornalista Leonardo Sakamoto, por ocasião do seu trabalho de conclusão de curso na EACH/USP, foi a Timor em 1998 na condição de turista e, com contatos certos, vivenciou alguns dias junto às FALINTIL.

dia 05 de maio de 1999, na cidade de Nova York, tratando de organizar oficialmente uma consulta sobre a autodeterminação. Entre maio e agosto de 1999, mês em que 90% dos timorenses se apresentaram para votar, a Indonésia tentou de todas as maneiras conter o processo: recusa no envio das forças da ONU, destruição generalizada das infraestruturas, captura e assassinato de lideranças pró-independência, transferência demográfica objetivando fortalecer as milícias pró-integração, e por fim assassinatos sumários da população timorense refugiada e escondida nas montanhas do interior do país.

A despeito dessas tensões, a votação ocorreu, com 78,5% da população optando pela independência, e não obstante o representativo resultado, as ações militares foram intensificadas a níveis alarmantes, ocasionando o deslocamento forçado de cerca de 300.000 timorenses para Timor Ocidental e interior da ilha. Com a Lei Marcial em Timor e a recusa de parte do efetivo da ONU em deixar o território, a intervenção do Presidente norte-americano Bill Clinton forçou Habibie a aceitar o envio de uma força de interposição internacional (INTERFET)⁹². A composição da força multinacional levou em consideração os aliados da Indonésia, mas também, sob ação direta do Secretário-Geral das Nações Unidas, Kofi Annan, incluiu a participação de países do pacífico (Austrália e Nova Zelândia) e países lusófonos (Portugal e Brasil). Com o passar dos meses e muitas negociações, os cerca de 8000 capacetes azuis compunham um quadro diverso com quase duas dezenas de nacionalidades envolvidas (DURAND, 2010; CABASSET-SEMEDO et al, 2014)⁹³. Com o apaziguamento temporário dos conflitos, a força de intervenção da INTERFET vai ser substituída pela UNTAET⁹⁴, chefiada pelo alto comissário das Nações Unidas, o brasileiro Sérgio Vieira de Mello⁹⁵, o “Pelé da diplomacia”, segundo o Nobel da Paz de 1996, José Ramos Horta.

⁹² *International Force East-Timor* (Força internacional para o Timor-Leste).

⁹³ Durand (2010) aponta que em 2000 a Interfet organizou a intervenção internacional em território lesetimorense em quatro grandes setores: Enclave de Oécusse-Ambeno (liderados por jordanianos e malaio), Setor Central (liderado por portugueses e brasileiros), Setor Oeste (liderado por australianos e neozelandeses), e o Setor Leste (liderados por filipinos, tailandeses e sul-coreanos).

⁹⁴ *United Nations Transitional Administration in East Timor* (Administração Transitória das Nações Unidas em Timor-Leste).

⁹⁵ Sérgio Vieira de Mello (1948-2003), diplomata brasileiro, funcionário da ONU durante mais de 30 anos e integrante do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos. Serviu em diversas missões humanitárias e de manutenção da paz em Bangladesh, Sudão, Chipre, Moçambique e Iraque, mas foi em Timor-Leste que o diplomata obteve destaque internacional, ao

Os objetivos da UNTAET eram basicamente atuar e intermediar a construção de condições mínimas para o surgimento de um Estado timorense democrático. Com base na Resolução 1272/1999⁹⁶ do Conselho de Segurança da ONU, as atribuições da Missão incluíam: prestação de serviços e manutenção da paz, segurança e ordem; coordenação da assistência emergencial aos timorenses, reconstrução das infraestruturas básicas, criação de estruturas e mecanismos de governança democráticas e estado de direito, elaborando uma nova constituição e realizando eleições (QUINTANEIRO, 2007; DURAND, 2010). Importante destacar que no contexto da UNTAET a questão timorense sobre a viabilidade ou não do Estado adquiriu novamente importância, pois se debruçava diretamente no conceito de autodeterminação e no papel das organizações internacionais (MENDES, 2018).

A Primeira Administração Transitória da UNTAET tratou de organizar um Conselho Nacional com a participação de lideranças de todos os treze distritos, um Gabinete de Transição e uma Força de Defesa; a Segunda Administração Transitória mediu as eleições para uma Assembléia Constituinte e um Conselho de Ministros, entre os meses de agosto e setembro de 2001. Encabeçado por Mari Alkatiri, a Constituição foi promulgada em março de 2002, em abril Xanana Gusmão foi eleito o primeiro presidente da República Democrática de Timor-Leste, 24 anos após a invasão indonésia.

Pesquisas recentes, como nos trabalhos de Quintaneiro (2007) e Neves (2015: 2017), dão conta de tecer análises bastante contundentes sobre os desdobramentos da atuação da UNTAET e das seguidas missões da ONU em Timor, por exemplo na introdução do dólar americano como moeda oficial, uma questão pouco discutida, mas que impõe desafios de mercado à jovem economia timorense. A decisão pelo dólar não foi uma decisão timorense e sim da ONU e do FMI, sob o argumento da soberania de uma nação estar condicionada a uma moeda forte internacionalmente, possibilitando decidir a política fiscal e monetária necessária aos investimentos econômicos. Como visto, uma soberania relativa, já

liderar a UNTAET durante os três anos de transição para a independência. Logo após, em 2003, é morto em atentado terrorista durante missão da ONU no Iraque.

⁹⁶ Disponível em <https://bityli.com/FQibFV>. Acesso em 10 de nov. 2021.

que as instituições financeiras em Timor não passaram por um processo de “timorização”.

O Timor independente começa a ter uma reconfiguração não só política, mas também territorial. Após décadas de subjugação, a compreensão do território, sob uma perspectiva timorense, se fazia presente na necessidade de consolidar novas divisões político-administrativas, limites fronteiriços marinhos, identificar os desafios de infraestrutura, aperfeiçoar a cartografia, compreender a situação atual da economia, em suma, reconhecer e reconfigurar o território e a economia. A anterior divisão político-territorial, por exemplo, foi reorganizada pela UNTAET na normativa regulatória nº 13/2000, transformando em Distritos o *Kabupaten* e em Subdistritos o *Kecamatan*, retomando a designação de Suco e Aldeia para a escala mais local (XIMENES, 2014).

O período entre 2002 até 2006 indica uma conjuntura de lenta reconstrução e dificuldade de gerir a recém-criada máquina estatal e os quadros da administração pública. A instabilidade aumenta a ponto de explodir na denominada Guerra Ritual Pós-Colonial (SEIXAS, 2007), quando Timor vivencia uma profunda crise política, cultural e étnica, necessitando de uma nova intervenção das forças de paz da ONU. Economicamente, a constituição do Fundo Petrolífero, em 2005, foi o principal acontecimento do ano, ao lançar as bases normativas, jurídicas e econômicas para a gestão dos ativos financeiros advindos da exploração do petróleo.

A construção do Estado em Timor-Leste surge, assim, como o resultado de um complexo jogo de forças: ONU/UNTAET, agências autônomas e semiautônomas da ONU, instituições financeiras internacionais (Banco Mundial, FMI, Banco Asiático de Desenvolvimento...), agências de cooperação nacionais (*USAID*, *AusAID*, cooperação Japonesa, GTZ, cooperação portuguesa, ABC brasileira, etc.), “timorenses do interior”, “timorenses da diáspora”, organizações não-governamentais, etc., que de alguma forma se sobrepuseram à expressão dos órgãos representativos timorenses (QUINTANEIRO, 2007, 127)

A intervenção da ONU continua, após a UNTAET (2000), com a UNMISSET – Missão de Apoio das Nações Unidas em Timor-leste (2002-2005), seguida, no contexto da Crise de 2006, da UNMIT – Missão Integrada das Nações Unidas em Timor-Leste (2006-2012). Durante as missões a assistência internacional começa a jorrar em Timor, primeiro com a ajuda emergencial e humanitária, depois reconstrução e desenvolvimento, e finalmente a cooperação a longo prazo (NEVES, 2007). Esses recursos, advindos dos principais doadores à época (Portugal, Austrália, Estados Unidos, Japão e Comissão Européia), além das missões da ONU que tinham ativos próprios, eram caracterizados como doações e não empréstimos financeiros. Com o passar dos anos, vai ocorrer uma mudança significativa dos principais doadores, com a China e os países membros da ASEAN na condição de protagonistas.

Como salientado, essa conjuntura é concomitante à consolidação do Fundo Petrolífero em 2005, que pode ser compreendido como um mecanismo de gestão de recursos originados da exploração de petróleo do Mar de Timor. Sob validação da ONU e FMI, houve também a consolidação do Banco Central em território timorense como poderoso gestor do Fundo de Créditos no país, sendo criticado constantemente por Ong's timorenses, como a *Lao Hamutuk*, que fez questão de evidenciar as contradições dessa instituição pelo fato de ter fornecido bilionários empréstimos à ditadura indonésia de Suharto (NEVES, 2007).

Outro item da agenda internacional diz respeito às cooperações internacionais e as organizações não-governamentais. Ligada principalmente a acordos bilaterais entre duas nações, a cooperação internacional, entendida como “fato social total no processo de formação do Estado (...) condiciona fenômenos diversos como consolidação de línguas oficiais, escolha da moeda nacional e definição de modelos do orçamento” (SILVA, 2007, 161). Pressupunha também um conjunto de atividades técnico-científicas e formativas visando o desenvolvimento de quadros técnicos, capacitação em áreas prioritárias, ensino de línguas, inovação e tecnologia etc. O Brasil, por exemplo, teve sua cooperação balizada pela ABC⁹⁷ e CAPES⁹⁸, a partir de uma perspectiva de Cooperação técnica Sul-Sul,

⁹⁷ Agência Brasileira de Cooperação.

⁹⁸ Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior.

estabelecendo a partir de 2004 um conjunto de acordos com Timor-Leste. Dentre os mais importantes, o fornecimento de quadros militares no contexto da crise de 2006, o SENAI e, o PQLP (Programa de Qualificação em Língua Portuguesa) da CAPES/UFSC/MRE, e a Cooperação Técnica no setor de Justiça, projeto atualmente em prática.

As Ong's, que se multiplicaram no pós-2000, adquirem os mais diferentes formatos, interesses, projetos e ideologias. Grande parte delas recebe recursos diretamente de seus doadores e seguem a cartilha desses governos, muitas vezes interessados em demarcar seu espaço de atuação, como na ampliação de mercados e promoção da cultura. Um dos casos mais emblemáticos se refere à Austrália que, buscando fortalecer sua posição nas negociações sobre o petróleo no Mar de Timor, forneceu e ainda fornece recursos milionários para as Ong's internacionais e locais trabalharem em prol de uma perspectiva geopolítica australiana, tanto em ações práticas quanto em estudos técnicos no território (NEVES, 2007).

Não podemos deixar de destacar as injunções da crise de 2006, pois, para além das questões ligadas à intervenção internacional, segurança e economia, a crise explicitou profundas divisões étnicas e culturais no jovem país: divisão em clãs, estatutos sociais, grupos etnolinguísticos, entre formações étnicas do oeste e do leste (*Kaladi e Firaku*) e, principalmente – sob uma perspectiva mais objetiva de governança ou ausência dela – um conflito de gerações. Seixas (2007) destaca que “há neste momento quatro gerações: a colonial, a da resistência, a indonésia e da independência (SEIXAS, 2007, 63). Divisões originadas em diversas diásporas timorenses ficaram latentes no desafio de estabelecer interações sociais cotidianas ligadas à: construção das instituições do próprio Estado, gestação de uma “modernidade alternativa”, falta de compreensão das especificidades territoriais-locais; ausência de representatividade de determinados grupos e interesses externos:

A primeira guerra pós-colonial em Timor-Leste é um caso de encruzilhada das globalizações em que fragmentos culturais se outorgam como autodeterminantes e em que potências externas intervêm de várias formas segundo geoestratégias regionais

compatíveis com um alinhamento unipolar global (SEIXAS, 2007, 67).

É, em essência, uma questão territorial. Nos meses mais caóticos de 2006, cerca de 70% da população da capital optou por se proteger junto aos seus clãs de origem, em vez de recorrer às frágeis instituições do Estado, configurando uma nova diáspora dentro do próprio território independente. Esse “choque de paradigmas” (HOHE, 2008) entre a perspectiva dos estrangeiros – incorporado no modelo de Estado – e a perspectiva local, demonstra a complexidade territorial do país no tocante à estruturação do Estado e suas diretrizes políticas, que giravam em torno do fortalecimento econômico ao reordenamento espacial. Uma das interpretações destaca que, no plano político-institucional, a saída da ONU deixou o país entregue aos timorenses, potencializando conflitos de autoridade e poder que também estão no germe da crise de 2006 (SEIXAS, 2007).

A estabilização da crise vai se processar, externamente, pela intervenção militar vinda da Austrália, Nova Zelândia e Malásia (*Astute Operacion*), assim como pela atuação política de Portugal junto à ONU. Nas semanas mais críticas de 2006, a ONU aprovou a abertura de um campo de refugiados fora da capital e cogitou a retirada do seu pessoal do país. Internamente, com a intervenção internacional e inúmeras divergências políticas, somadas a protestos em Díli e conflitos em todos os distritos do país, Ramos Horta, com grande prestígio internacional, assume o cargo de Primeiro-Ministro e em 2007 é eleito Presidente da República.

Em suma, podemos afirmar que foi uma crise política de uma democracia emergente, em um processo de construção e reconstrução contínua, no qual o Estado pode ser compreendido como um híbrido composto de diversos projetos de modernidade que são “capitalizados estrategicamente pelas elites locais (...) concretizando diferentes propostas de identidade nacional e distribuição de poder” (SILVA, 2007, 175). De acordo com Bovensiepen & Nyggard-Christensen (2018), é a partir de 2007 que a política econômica do país ganha maior efetividade territorial através da materialização de projetos setoriais e de construção de infraestruturas diversas, de estradas a shoppings centers. Essa nova fase indica também uma

diversificação dos investimentos estrangeiros, com grupos chineses, indonésios e sul-coreanos atuando em pequenos e grandes projetos.

Como visto, a história territorial de Timor foi fortemente marcada por condicionantes geopolíticos e geoeconômicos protagonizados por multatores, e que vão sendo reconfigurados, conforme atinge-se a contemporaneidade, por uma pluralidade de políticas de desenvolvimento econômico e reordenamento territorial, agora sob a condição de serem autodeterminadas, porém, sem conseguir superar relações de dependência política e econômica. O projeto de modernização em curso, pautado na dependência crescente da exploração de petróleo e gás, apoia-se agora no discurso da necessidade de diversificação da economia, sendo o turismo colocado como central neste processo, ou seja, é constantemente associado ao petróleo como alternativa à dependência.

A economia da ilha desde a chegada dos portugueses, vista por uma perspectiva de longa duração, demonstra a materialização de uma estrutura de exploração que atravessou séculos e, no caso da madeira de sândalo, só foi finalizada com a destruição total das reservas florestais (PEDERSEN & ARNEBERG, 2017). O café, como visto, também seguiu a lógica de exploração da colonização portuguesa, manteve-se durante o período de ocupação indonésia, e continua a ser explorado economicamente por timorenses (DURAND, 2010). No que se refere às economias do petróleo e do turismo, vemos uma diferença de estratégia e de interesse, com a Austrália e a Indonésia definindo o controle dos recursos do Mar de Timor, enquanto Portugal intentava o desenvolvimento econômico em terra, através do turismo.

Os principais discursos desse período apresentavam um caráter geopolítico bastante definido, estando os interesses econômicos, centrais para as partes envolvidas, diluídos no interior dos posicionamentos políticos, porém sem compor o conteúdo central da narrativa. Ou seja, verificamos claros interesses econômicos, mas não um discurso econômico claro. Por exemplo, discursos tais como o da “não-viabilidade” de um território independente, ou a “inevitabilidade” da integração à Indonésia, bem como a necessidade de “estancar” o avanço comunista na região, foram mobilizados sob um plano geoeconômico constituído sem o conhecimento

prévio das reservas de petróleo e gás, caso houvesse ciência desses recursos, muito provavelmente a história de Timor teria se processado de uma outra forma.

Os três anos de transição da UNTAET, que Nyggard-Christensen (2010) vai sublinhar como o espetáculo da intervenção, foi um tempo de empolgação e otimismo que potencializou grandes expectativas em relação ao futuro da nação, sobretudo para os lesetimorenses que tinham passado por mais de duas décadas de ocupação estrangeira e genocídio. A transição política acompanhou uma gama de diretrizes econômicas e ideias de modernização que, apesar de terem sido desmoralizadas com a crise de 2006, são retomadas com a superação do conflito a partir da aplicação de uma visão particular de modernidade que, dentre outros aspectos, situa o Estado como guardião dos recursos naturais e associa liberdade econômica a nacionalismo.

Como se discutirá adiante, os discursos político-econômicos adquirem contornos mais precisos, sendo possível problematizar a dialética da construção do Estado de Timor-Leste, assentado na premissa de uma transição radical e rápida para uma sociedade melhor, o que Traube (2007) denomina de transformação utópica geral. Nesse processo, os nexos entre os discursos sobre o petróleo e o turismo vão tornando-se centrais na política econômica e nos imaginários locais, sendo mais recentemente metamorfoseados pela lógica dos megaprojetos de modernização territorial.

No estabelecimento hoteleiro do sr. Frank Favaro achava-se afixado o seguinte anúncio: ISTO É PROPRIEDADE DE FRANK FAVARO, CIDADÃO AUSTRALIANO E REPRESENTANTE DO GOVERNO AUSTRALIANO EM TIMOR (...) camaradas de Timor, vamos averiguar essas pessoas que a cá se encontram, camufladas de oportunistas de qualquer espécie.

(Jornal do Povo Maubere, 1975)

Quando estivemos pela primeira vez em Timor, em 1990, via-se imediatamente que se tratava de um lugar muito incomum. Tenho que dizer que nunca vira um lugar onde as autoridades tivessem conseguido aterrorizar tantas pessoas. 'Eles nos matarão se nos virem conversando. Estamos proibidos de falar com turistas'.

(Allan Nair, 1992)⁹⁹

É necessário que sejamos inflexíveis na defesa do meio ambiente, com todas as consequências que isto possa trazer, porque nunca devemos perder de vista a linguagem da terra, que é a nossa nação, que tem de ser preservada como o nosso berço e como prado verdejante onde as gerações futuras vão crescer, e como um túmulo cheio de flores para todas as gerações que nos precederam.

(Ray Kala Xanana Gusmão, 1999)

Nos conflitos internos que eclodiram em Timor-Leste em 2006, houve rumores generalizados de que estrangeiros, especificamente australianos ou indonésios, estavam a interferir na política nacional, procurando derrubar o governo de esquerda da FRETILIN a fim de colocar rivais economicamente liberais no poder.

(Judith Bovensiepen, 2016)

Tendo em conta o crescimento do turismo na região do leste asiático e a elevada prioridade que Timor-Leste atribui ao desenvolvimento do turismo, a nova Política Nacional de Turismo será um documento muito importante para orientar o crescimento do país de forma sustentável e inclusiva.

(Organização Mundial do Turismo das Nações Unidas, 2017)

⁹⁹ trecho extraído do debate sobre a questão timorense, ocorrido na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, em 24 de março de 1992. Este e outros relatos foram compilados pela publicação temática da Revista da Federação Nacional dos Servidores do Ministério da Fazenda (FENAFAZ), intitulada “Timor-Leste: 21 anos de ocupação indonésia” (1996)

Embora as questões relativas às economias do turismo e do petróleo, cada qual em sua especificidade, sejam exaustivamente discutidas atualmente em Timor, fortalecidas pela produção de um conjunto plural e significativo de pesquisas científicas, as suas trajetórias históricas são pouco exploradas, devido sobretudo ao fato de que existem escassas informações e referências a esses temas nas décadas anteriores à invasão indonésia, e também por conta de a dimensão geoeconômica, como visto no capítulo anterior, ter sido justaposta por discursos e ações geopolíticas, sublinhando eventos e acontecimentos pelos quais a história territorial de Timor é mais comumente fabricada.

Dentre a gama de espaços arquivísticos e documentais analisados, está o Arquivo Histórico Ultramarino¹⁰⁰, em Lisboa, onde foram examinados arquivos históricos anteriores ao período indonésio¹⁰¹, os quais demonstram que os interesses de domínio e exploração econômica dos recursos naturais de Timor não se limitaram à exploração do sândalo e café, mas se propagaram também em torno do petróleo e do turismo, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, ainda que práticas anteriores ao período do conflito tenham sido identificadas. No caso dos hidrocarbonetos, Grainger (2020) afirma que os interesses no petróleo de Timor-Leste são anteriores às prospecções australianas da década de 60, conforme apontou McGrath (2019), demonstrando que o conhecimento prévio da riqueza do petróleo no Mar de Timor, por parte de empresas petrolíferas e Estados-Nações, modelaram o destino do território mesmo antes do conflito mundial (GRAINGER, 2020, 43).

Se na visão de Reis (2017), Portugal chegou a conceder, nas duas primeiras décadas do séc. XX, licenças internacionais para exploração do petróleo *onshore*, contudo sem sucesso, a década de 30 aglutina os interesses de outras potências nacionais, como na luta entre os governos britânico e japonês nas tentativas de incorporar o Timor português em suas redes comerciais imperialistas e assim facilitar o acesso ao território e conseqüentemente ao petróleo (PEATTIE, 1988;

¹⁰⁰ Localizado em Lisboa, Portugal, o Arquivo Histórico Ultramarino mantém parte substancial dos arquivos, para acesso físico e presencial, da Agência Geral do Ultramar e do Boletim Oficial de Timor-Leste. Alguns desses arquivos foram acessados presencialmente em pesquisa arquivística e documental em 2020.

¹⁰¹ Ocorrida entre 1975 e 1999, a invasão foi marcada, além das atrocidades, pelo controle das informações e destruição dos registros e memória locais

YANG, 2011). Atentos a forte expansão japonesa na Ásia, Grã-Bretanha e Austrália, mesmo cientes dos resultados insuficientes de pesquisa quanto a existência de petróleo em Timor, buscaram costurar junto à Portugal acordos de concessões para exploração deste recursos, como foi o caso da *Overseas Petroleum Company*¹⁰², em 1940.

Segundo consta nos arquivos nacionais do Reino Unido e Austrália¹⁰³, a *Overseas Petroleum Company* foi uma das mais importantes iniciativas, de origem privada, financiada por capitais australiano e britânico, objetivando claramente confrontar a pressão japonesa sobre Portugal para a obtenção do controle da exploração econômica no território do Timor português. De acordo com Peattie (1988), o Japão intentava a abertura de rotas aéreas e construção de cabos submarinos de comunicação como parte de uma geoestratégia de infraestrutura capaz de garantir a expansão do seu império da Ásia. E embora não haja muitas informações sobre seus reais objetivos, os japoneses tinham interesse especial em Timor, decidindo por invadir a ilha em fevereiro de 1942, sob o argumento de que a presença holandesa (na parte oriental da ilha) violava os termos da neutralidade portuguesa sobre a região (GRAINGER, 2020). Com o território sob domínio japonês, a concessão da *Overseas* é invalidada.

As ações geopolíticas durante e após a Segunda Guerra Mundial e os novos controles territoriais advindos do conflito, nesse caso permitido pela neutralidade portuguesa em tempos de guerra (GUNN, 1988)¹⁰⁴, catalisaram o interesse australiano em ocupar Timor no ano de 1946, impedida por conta do antagonismo que se criaria entre a Grã-Bretanha e Portugal, países alinhados, já que este último havia cedido Açores ao britânicos como base militar aliada (FARRAM, 2017). Estas ações geopolíticas, orientadas por interesses econômicos, adquirem novos

¹⁰² Também conhecida como Companhia Ultramarina de Petróleos (CUP), parte da tentativa inglesa de conquistar algumas concessões na região. GRAINGER, A. The Timor Oil Company network, 1956-1968: external interaction and internal infrastructure. In: Bovensiepen, J. **The promise of prosperity: Visions of the future in Timor-Leste**. Canberra: ANU Press, 2020.

¹⁰³ GRAINGER, A. The Timor Oil Company network, 1956-1968: external interaction and internal infrastructure. In: Bovensiepen, J. **The promise of prosperity: Visions of the future in Timor-Leste**. Canberra: ANU Press, 2020.

¹⁰⁴ GUNN, G. **Wartime Portuguese Timor: The Azores connection**, Clayton, Australia: Centre of Southeast Asian Studies, Monash University, 1988.

contornos durante a década de 60 e 70, com a Austrália e Indonésia articulando o controle das reservas de petróleo do Mar de Timor, enquanto Portugal intentava, à distância, implementar algum nível de desenvolvimento turístico na ilha.

A tabela 1, extraída e traduzida a partir dos dados coletados e compilados por Grainer (2020), aponta que foram inúmeras as tentativas de concessão às empresas para exploração de petróleo em Timor-Leste, evidenciando um período mais complexo de ações geopolíticas e interesses econômicos no território para além das redes comerciais ligadas a exploração do sândalo e do café. Também Brandão (2013) reforça esse ponto, porém argumentando que o governo provincial, ciente à época do potencial petrolífero *onshore*, mostrou-se pouco interessado em gerir a exploração, apenas seguindo de longe os trabalhos das empresas petrolíferas. Olhando por este prisma, há condições de evidenciar uma geo-história do petróleo em Timor que atravessou todo o século XX. Já o turismo, como atividade econômica, só seria imaginado nas décadas posteriores a Segunda Guerra Mundial.

Quadro 1: Concessões atribuídas para exploração de petróleo no Timor português (1926-1966)

Concessões atribuídas para exploração de petróleo do Timor português, 1926-1966			
Titular da concessão	Extensão territorial	Financiador	Período
John Arthur Staughton	Território completo do Timor português	Capital privado australiano	1926-1936
Allied Mining Corporation (AMC) (Serge Wittouck)	Território completo (até 1939, depois oeste até 1940)	Companhia japonesa <i>Asia Investment Company</i>	1936-1940
Oil Search Ltd;	Metade oriental	Capital privado australiano	1939
Companhia Ultramarina dos Petróleos	Metade oriental	Capital anglo-iraniano, Padrão-Vácuo e Royal Dutch Shell	1940-1949
Companhia Superior de Petróleos de Timor	Metade ocidental	Propriedade conjunta do governo português e investimento privado	1948 -1949
Companhia dos Petróleos de Timor	Território completo	Propriedade conjunta do governo português e investimento privado	1956-1966

Fonte: base de dados coletados por Grainer (2020) e organizada pelo autor (2021)

A análise combinada de registros do Arquivo Histórico Ultramarino referentes às ações da Agência Geral do Ultramar com matérias do jornal “A voz de Timor¹⁰⁵” (que operou em Timor-Leste entre os anos de 1959 e 1975 e foi responsável por comunicar à comunidade os acontecimentos mais relevantes da ilha bem como situações cotidianas) indicam um certo interesse de Portugal no desenvolvimento do setor turístico, ou pelo menos no sentido de propagar ideias em torno da relevância das atividades de lazer e entretenimento.

A primeira notícia sobre turismo em Timor que a pesquisa arquivística e documental identificou é intitulada “O turismo em Timor e o II Plano de Fomento”, datada de 1958¹⁰⁶ (ANEXO C). Embora bastante sucinta, com apenas 250 palavras, seu conteúdo sublinha a importância central do turismo para o II Plano de Fomento¹⁰⁷, ainda que os outros recursos econômicos poderiam obter rendimentos favoráveis.

Sem dúvida, em muitos outros campos de atividade os recursos locais oferecem condições de favorável aproveitamento. É o caso da criação e do incremento de certas indústrias, do fomento florestal e agrícola, de exploração de alguma riqueza no subsolo, ainda mal conhecida, cujo incremento depende ainda de numerosos fatores, e de iniciativas, mais ou menos apoiadas, pelo menos na sua fase inicial de lançamento e consolidação. Mas o turismo, dispondo desde já de matéria-prima de primeira ordem e do mercado excepcionalmente propício, parece propiciar desde já condições muito favoráveis de rendimento útil (O TURISMO EM TIMOR E O II PLANO DE FOMENTO, 1958, s/p)

¹⁰⁵ Jornal patrocinado pelo governo provincial, dirigido por Lopes da Cruz, ex-seminarista e membro da Associação Nacional Popular, em Portugal. Após o 25 de Abril, com a Revolução dos Cravos e o fim da ditadura de Salazar, em 1974, o jornal ‘A Voz de Timor’ tentou ser uma publicação diferenciada, desvinculada da oficialidade e com maior tiragem, plano interrompido pela invasão indonésia. Ver PIRES, P. **A imprensa em Timor antes de 25 de Abril**. Instituto Camões, 2003.

¹⁰⁶ Documento extraído em pesquisa arquivística e documental no Arquivo Histórico Ultramarino.

¹⁰⁷ Embora não tenha sido possível acessar informações mais consolidadas sobre II Plano de Fomento para Timor-Leste, é possível notar uma conexão relacionada ao II Plano de Fomento (1959-1964), no contexto do Estado Novo de Portugal, sob a ditadura de Salazar. No entanto, a bibliografia disponível alcança e discorre apenas sobre as ações econômicas no território português, sem menção às suas ex-colônias.

A análise do conteúdo desta notícia permite tecer algumas conexões discursivas que reforçam o posicionamento português em relação a este território ultramarino. Se o discurso apontava para uma visão bastante positiva e favorável a exploração dos recursos econômicos da ilha, destacando inclusive uma certa diversidade, na prática não houve intervenções substanciais em prol de um real desenvolvimento destes setores. A menção a “alguma riqueza do subsolo” é uma referência clara a oferta de petróleo, porém sem demonstração de interesse por parte de Portugal. Já o turismo é expresso como uma riqueza benéfica ao desenvolvimento local, através do qual, segundo a visão portuguesa, incrementos hoteleiros e a construção de campos de *golf* e quadras de tênis para os australianos do Norte potencializariam este desenvolvimento.

Já em 1966, o então ministro da Agência Geral do Ultramar, Joaquim Manuel da Silva Cunha, discursou na sessão de encerramento do II Congresso Nacional de Turismo¹⁰⁸ (ANEXO D)¹⁰⁹ sobre as questões envolvendo o setor turístico no espaço colonial português. Com pouco mais de quatro páginas transcritas, Timor-Leste é mencionado no referido discurso em apenas um pequeno parágrafo que trata de apontar a situação ainda umbilical da economia turística na ilha frente a potencial demanda dos australianos do norte.

É assim que, em Timor, onde só há muito pouco tempo se instalaram os Serviços respectivos, mercê do espírito de iniciativa do seu Governador e da boa vontade e competência daqueles a quem está confiada a direção dos referidos Serviços, começam agora os primeiros passos para atrair à Província as correntes turísticas do norte da Austrália (CUNHA, 1966, 8)

Entre a data da primeira notícia (1958) e do referido discurso (1966), parece ter ocorrido um lapso de informações que pode ser explicado pela instabilidade

¹⁰⁸ Ocorrido no Liceu Salazar, em Lourenço Marques, à época capital de Moçambique e considerada a encruzilhada geográfica do turismo português, o II Congresso Nacional do Turismo foi um encontro de congressistas e interessados no assunto para pensar, sob uma perspectiva colonial, forma de explorar o turismo nas colônias portuguesas.

¹⁰⁹ Documento extraído em pesquisa arquivista e documental no Arquivo Histórico Ultramarino.

política de Portugal com a ascensão da ditadura e pela atenção maior dada às colônias africanas geograficamente mais próximas.

No entanto, já nos primeiros anos da década de 70, período em que a Indonésia já vinha construindo uma narrativa, na esfera internacional, em torno da necessidade de anexação do Timor português (DURAND, 2010) e Portugal iniciava o processo de descolonização das suas colônias, as ações e notícias ligadas ao desenvolvimento do turismo apresentam um significativo aumento, com a apresentação, em 1972, através do Centro de Informação e Turismo de Timor (CITT), de um Programa de Possibilidades (ANEXO E), acompanhado de um plano de ações e planejamento da atividade turística para a província.

O despacho da Agência Geral do Ultramar endereçado ao CITT, de 31/12/1972, tinha como assunto “Turismo em Timor”, através do qual o Programa de Possibilidades supracitado pode ser visto como um estudo das limitações e potencialidades para o desenvolvimento do turismo na província, acompanhado de um plano de ações para o setor. As considerações iniciais tratavam de fornecer um rápido panorama da “paisagem econômica de Timor”, destacando as culturas do milho e arroz como insuficientes para suprir as necessidades locais, e o café na condição de produto mais estável, porém sem indícios de que continuaria a sê-lo no futuro. Reforça ainda as pobres condições do solo e a exploração limitada de minérios para justificar: “Por que não usar o TURISMO como fonte de rendimentos e de para melhores condições de vida?” (Programa de Possibilidades, 1972, 1). Já a parte III do documento, intitulada “Planejamento”, traçava um plano de metas a serem atingidas, com o aumento de estabelecimentos hoteleiros e maior fluxo de turistas, condicionada à melhoria dos meios de transporte, sem os quais “não vale a pena pensar em turismo” (Programa de Possibilidades, 1972, 3)

O conteúdo abarcado no conjunto dos documentos analisados, que incluíam não somente planos e notícias, mas também despachos e comunicações entre os territórios ultramarinos e Portugal, revelam o interesse em implementar um tipo de turismo que se encontrava descolado da realidade econômica e social dos timorenses e direcionado ao consumo do espaço por internacionais, sobretudo australianos elitizados. Em despacho endereçado à AGU, em 18/05/1973, o então diretor do CITT demonstra preocupação com o fornecimento de gêneros para os

estabelecimentos: “imaginemos um hotel sem cerveja (...) o que não diriam os australianos” (CITT, 1973). Os argumentos tinham essa orientação bastante clara: “o turista deve se sentir sempre *vip*”, “criação de lojas francas, como *Duty Free Shop*”, “integração à *Pacific Area Travel Agence*¹¹⁰”, “oferecimento de campos de *golf*”, “zonas francas com bons vinhos, cassinos a serem instalados em Díli, Baucau e Ataúro” (AHU, 1973), e ainda, “campos de tênis para os australianos”, oferecem um desenho das ideias de desenvolvimento que contrastavam fortemente com a realidade miserável dos timorenses, vivendo sob a displicência da colonização portuguesa, “colônia sem colonos” & “terra de degradados” (FERNANDES & SOUZA, 2011), e à sombra de uma eminente invasão indonésia.

As notícias transmitidas através do jornal local “A Voz de Timor”, entre os anos de 1973 e 1975, indicam uma continuidade dos pensamentos sobre turismo idealizados pelos representantes da Agência Geral do Ultramar, e contribuem ao fortalecimento de um discurso que sedimentou a narrativa atual do turismo como economia do futuro. Foram sete as matérias veiculadas no referido jornal nesse curto espaço de tempo, dentre as quais, no ano de 1973, “Timor – o turismo do futuro” (ANEXO F), “Díli, a terra pacata – paraíso de hippies” (ANEXO G), “Turismo e anti-turismo, ou a estranha atitude de um empregado à mesa” (ANEXO H), e em 1974, “Timor e o IV Plano de Fomento” (ANEXO I), “Turismo: a quem serve?” (ANEXO J) e, em 1975, “De Austrália à Timor” (ANEXO L). Algumas das críticas presentes nestas notícias referiam-se aos diferentes hábitos e costumes dos europeus e locais como um fator de conflito diante dos procedimentos dos funcionários hoteleiros que se mostravam inaptos a servir em padrões europeus, e a baixa propaganda direcionada aos australianos do Norte que desconheciam o paraíso, mesmo tão próximos à Timor.

Alguns dos relatos sobre o ambiente turístico local davam conta da invasão de homens cabeludos e mulheres seminuas em Díli, que forneciam alguns poucos dólares aos hotéis e restaurantes locais mas faziam-se amigos de toda a gente. Há registros da necessidade de abertura de um concurso público para timorenses interessados em trabalhar nas instalações hoteleiras que, nos períodos de maior fluxo turístico, não eram capazes de assegurar a alta demanda por quartos. Por

¹¹⁰ PATA.

meio desse retrato, nota-se que as percepções sobre o turismo na ilha eram variadas mas, em síntese, indicavam que o caráter pacato do território, situado no tempo lento da natureza, dotado de poucas infraestruturas turísticas e meios de transporte, não se encontrava condizente com um Timor que, segundo algumas percepções mais otimistas, estava a despertar para o progresso social e econômico, baseado na crença de que “dentro de cinco ou dez anos, será o turismo que transformará radicalmente a feição econômica desta província portuguesa” (A Voz de Timor, 1973).

Concomitante às últimas publicações do jornal “A Voz de Timor”, também circulou à época o jornal da FRETILIN, intitulado “Timor-Leste: Jornal do Povo Maubere”¹¹¹. Todas as nove publicações do jornal, entre 27 de setembro e 22 de novembro de 1975, disponibilizadas no formato digital pela Biblioteca Nacional da Austrália e pela plataforma Arquivos de Timor: *Newsletters*¹¹², denotam que a intelectualidade da FRETILIN debruçava-se sobretudo nas questões políticas mais urgentes diante da conjuntura da descolonização, buscando definir um estatuto orgânico e lançar as bases de uma constituição autodeterminada, além de estabelecer um corpo de relações internacionais alinhadas às lutas de independência das ex-colônias portuguesas de Moçambique, Angola e Guiné-Bissau (SARMENTO, 2007).

Dada a latência das questões políticas, temas econômicos eram discutidos de forma mais pontual pelo partido, como na menção honrosa e apoio ao boicote dos Países Árabes ao petróleo da África do Sul, país considerado, à época, ultraracista e reacionário; e uma pertinente fala do líder Nicolau Lobato¹¹³, conclamando

¹¹¹ Durante o interregno entre a guerra civil de 1975 e a invasão indonésia, no contexto do processo de descolonização de Timor, além do jornal A Voz de Timor, também circulou por alguns meses as publicações semanais do jornal da FRETILIN, denominado “Timor-Leste: Jornal do Povo Maubere”, de cunho marxista e editado pelo Departamento de Informação da resistência timorense, que tinha como principal objetivo compartilhar uma visão crítica dos acontecimentos geopolíticos ligados à descolonização e informar a sociedade local sobre o cotidiano dos distritos.

¹¹² Em nota, o repositório Arquivos de Timor, da Biblioteca Nacional da Austrália, indica que estas nove publicações, mais alguns suplementos sobre alfabetização e consciência política, além do encarte de uma edição final extra de 4 de dezembro de 1975, compõem o conjunto completo do Jornal do Povo Maubere. O blog “Arquivos de Timor: *Newsletters*”, dirigido pelo arquivista John Waddingham, coordenador do Projeto *Clearing House for Archival Records on Timor* (CHART) desde 2000, oferece um acervo consolidado de alguns dos principais jornais e publicações que circularam em Timor. Disponível em <https://bitly.com/3cNrLI>. Acesso em 18 out. 2021.

¹¹³ Nicolau dos Reis Lobato (1946-1978), timorense e uma das lideranças históricas da resistência contra a indonésia, tendo alcançado o posto de Primeiro-ministro por um curto período em 1975,

os timorenses a trabalharem e fortalecerem a agricultura, para então “poderem comprar outras coisas ainda não produzidas em nossa terra, como gasolina, sabão, açúcar e roupas” (Jornal da FRETILIN, 1975, 3). Segundo os documentos acessados, a FRETILIN não tinha conhecimento substancial das questões geopolíticas envolvendo o petróleo do Mar de Timor, e apenas uma notícia veiculada no Jornal “A Voz de Timor”, em 19 de outubro de 1973, intitulada “Petróleo em Timor: Riqueza ou *Bluff?*” (ANEXO M), discutia a questão a partir de uma reportagem do correspondente José Ramos-Horta, publicada na revista “Tempo”¹¹⁴, em Moçambique, nela afirmava-se que existia sim petróleo em Timor, mas em quantidades inferiores aos interesses comerciais. Sublinha-se que essas notícias se apoiavam no conhecimento das tentativas de exploração do petróleo *onshore*, na costa sul e na porção leste da ilha.

Quanto ao petróleo muito se tem falado e escrito. Mas o certo é as perspectivas não são nada animadoras ao contrário do querer fazer crer os relatórios da empresa concessionária. A concessionária, uma pequena companhia sem projeção econômica nos mercados nacionais do petróleo, tem anunciado a descoberta de algumas reservas na costa sul da província (...) conclui-se que o petróleo em Timor não pode dar-nos muitas esperanças de riqueza (JORNAL A VOZ DE TIMOR, 1973, s/p)

Em relação ao turismo, é interessante notar que os quadros da FRETILIN atuavam na fiscalização econômica dos produtos que chegavam à ilha, reunindo-se com o Centro de Informação e Turismo de Timor e por vezes denunciando os preços exorbitantes de bebidas e alimentos operados pelas indústrias hoteleiras. Em publicação do jornal da FRETILIN de 01 de novembro de 1975, verifica-se uma forte denúncia em relação aos preços exorbitantes cobrados nos hotéis por uma xícara de café, “exemplo de um regime colonial-fascista que conseguiu favorecer as classes privilegiadas” (JORNAL DO POVO MAUBERE, 1975, 6). Ainda, em

antes da invasão indonésia. Foi emboscado e morto em 1978 pelas forças especiais indonésias lideradas pelo genro do Presidente Suharto, Prabowo Subianto. Além de constantes homenagens à sua memória, seu nome batizado o aeroporto internacional de Timor.

¹¹⁴ Uma das primeiras revistas de notícias de Moçambique, fundada por um grupo de jornalistas moçambicanos em 1970. O período sofreu uma forte censura pelo regime colonial português, mas ainda assim teve uma significativa circulação em várias cidades moçambicanas e também em outros países lusófonos, assumindo ainda um papel importante na descolonização, apoiando a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e divulgando várias notícias de teor político.

duas publicações no mês de outubro de 1975 (18/10/75 e 25/10/75), a FRETILIN questionava os interesses e a autoridade do empresário ítalo-australiano e dono do Hotel Díli, Frank Favaro¹¹⁵, denunciando sua atuação suspeita na importação de mercadorias para seu Hotel, “prática digna de quem admira o Timor dos velhos tempos coloniais” (JORNAL DO POVO MAUBERE, 1975, 8). Na visão da FRETILIN, não havia mais espaço para exploradores praticando diversos crimes em território nacional, expressando assim um forte sentimento anticolonial.

Interessante notar que as infraestruturas turísticas da época, sobretudo os hotéis, concentravam as movimentações políticas pelo fato de que estas, ao se constituírem como um espaço onde se confinavam turistas internacionais, aumentam a possibilidade de dar uma maior visibilidade às demandas locais, a exemplo dos comícios da FRETILIN, que aconteciam estrategicamente em frente aos meios de hospedagem (foto), como no Hotel Mahkota, construído em 1972 e que posteriormente viria a ser denominado de hotel Díli.

Foto 9: Comício da FRETILIN, em Timor-Leste, no ano de 1974.



FONTE: Arquivo da Casa Comum¹¹⁶

¹¹⁵ Frank Favaro (1935-2000), empresário ítalo-australiano que comprou, em 1971, o Hotel Díli, o mais antigo hotel de Timor, fundando em 1933 pelos portugueses. Em diferentes momentos de conflito e instabilidade política, o Hotel Díli serviu de abrigo aos estrangeiros, sobretudo australianos. Ver NICHOLLS, Jane. **Flight 642: Jakarta to Díli**. Australia: Bruce Sims Books, 1999.

¹¹⁶ (s.d.), Sem Título, Fundação Mário Soares / Arquivo da Resistência Timorese - Ramos-Horta, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_143874 (2021-12-31).

Com relação a esse limitado, entretanto pertinente conjunto de informações, especialmente para um território colonial desconectado da modernidade e com escassos meios de comunicação, e possível perceber que, no caso das práticas sociais presentes nos discursos do jornal “A Voz de Timor”, havia uma crença na continuidade do desenvolvimento do turismo que, segundo o Plano de Fomento IV (ANEXO I)¹¹⁷, seria executado entre 1974 e 1979. Porém, havia preocupação, com base na forte publicidade veiculada à época de uma possível invasão indonésia, de que o desenvolvimento do turismo em Timor ficaria estagnado, pois os turistas evitariam se deslocar para a ilha (A voz de Timor, 1975, 3).

Constatamos assim a existência de um discurso, na esfera local, de certa forma alienado dos processos geopolíticos mais amplos envolvendo o petróleo, que acabaram por definir a situação do território de Timor até 1975, quando efetivamente ocorre a invasão indonésia. Por outro lado, justamente os discursos coloniais na escala local, presentes no jornal “A Voz de Timor”, refletiram a noção de turismo como uma economia do futuro, enquanto na perspectiva do “Jornal do Povo Maubere”, o turismo era visto como uma economia e um conjunto de serviços de lazer e entretenimento direcionados apenas aos internacionais¹¹⁸.

Já no processo geopolítico mais amplo vão se inserir as estratégias e ações que moldaram o modelo de exploração e o controle do petróleo *onshore* e *offshore*¹¹⁹ de Timor, através de um jogo geopolítico e geoeconômico, verdadeira *realpolitik*¹²⁰, lideradas pela Austrália e Indonésia. No ano de 1972, ambos os

¹¹⁷ Tolkach (2017) aponta que é no Plano de Fomento III (1968-1973), que pela primeira vez o governo português fez alocações de financiamento diretamente ao desenvolvimento de infraestruturas turísticas, época em que o turismo parecia florescer em Timor, com a notável chegada de cerca de 5.000 visitantes, segundo estimativas do ano de 1972. TOLKASH, Denis. History and politics of tourism in Timor-Leste. In: Butler, R & Suntikul, W (Ed's). **Tourism & political changes**, 2^oed. Oxford: Goodfellow Publishers, 2017.

¹¹⁸ Com o petróleo distante dos debates internos em Timor, a FRETILIN fazia um contraponto ao turismo por meio das atividades agrícolas que permitiam a subsistência dos timorenses, sobretudo nas comunidades afastadas da capital Díli. Informações extraídas do Jornal do Povo Maubere mostram inclusive que lideranças da FRETILIN incentivavam o desenvolvimento de hortas comunitárias.

¹¹⁹ Na linguagem técnica do setor, *onshore* refere-se à extração de petróleo que ocorre nas porções terrestres, enquanto *offshore* indica a exploração do petróleo nas plataformas marítimas.

¹²⁰ Refere-se a uma noção política de diplomacia baseada sobretudo em considerações práticas, uma política de resultados ao invés de uma política de princípios. Embora a produção científica sobre o tema coloque Bismarck como o criador da *Realpolitik*, suas raízes remontam a Maquiavel.

países iniciam uma disputa pela delimitação da fronteira marítima, aproveitando-se da posição de Portugal que, na figura do seu governante local, optou por manter-se fora das negociações, sob o argumento da natureza complexa do direito internacional, bem como das questões geológicas pouco esclarecidas, aguardando as tratativas da UNCLOS¹²¹ (Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar). Essa lacuna de fronteira, conhecida como “*The Timor Gap*”¹²², favoreceu os interesses australianos e marcou uma posição clara da Austrália em favor da invasão indonésia, visto que com a Indonésia o *Timor Gap* poderia ser melhor negociado do que com Portugal ou Timor independente (DURAND, 2010).

A Indonésia e a Austrália começaram a dividir o Mar de Timor na década de 1960, mas o antigo governante colonial de Timor-Leste, Portugal, recusou-se a participar nas discussões sobre a fronteira, deixando incerta a propriedade dos campos mais lucrativos. Enquanto Portugal estava se retirando, a Indonésia perguntou aos seus vizinhos e aliados o que fariam se a Indonésia anexasse o Timor português. O embaixador australiano em Jacarta exortou o seu governo a apoiar a invasão indonésia, pois esperava que a Austrália tivesse melhor altura para negociar com a Indonésia do que com um Timor-Leste independente (NICOLAU & SCHEINER, 2005, 28, tradução nossa).

Após a invasão indonésia, são retomadas, em 1979, as negociações com a Austrália sobre a lacuna do Mar de Timor, com o Tratado do *Timor Gap* sendo finalmente selado em 1989, com os ministros responsáveis pelo acordo bilateral brindando com champanhe em sobrevoo pelo mar de Timor (NICOLAU; SCHEINER, 2005). A partir de 1989 são definidas as zonas de cooperação para exploração conjunta do petróleo, que viria a ser denominada de *Joint Petroleum Development Area*¹²³ (JPDA). Conforme os campos de petróleo eram descobertos e delimitados, concessões eram realizadas para diversas empresas. O pequeno

O referido conceito foi bastante utilizado de forma crítica para problematizar a fase do imperialismo europeu e também os acontecimentos geopolíticos após a Segunda Guerra Mundial.

¹²¹ A pesquisa faz referência à Terceira Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, realizada no ano de 1973, em Nova York, que culminaria no Tratado multilateral celebrado em 1982.

¹²² *Timor Gap*: pode ser compreendido como “vão” ou “lacuna” territorial deixada por Portugal que, segundo Austrália e Indonésia, se ausentou das discussões sobre a delimitação das fronteiras marítimas.

¹²³ Em português, Área Conjunta de Desenvolvimento de Petróleo.

campo de *Elang Kakatua*, descoberto em 1994, foi concedido a *ConocoPhillips*¹²⁴, e no decorrer dos anos muitas outras gigantes do setor participaram do processo, dentre as quais a *Royal Dutch Shell*¹²⁵, *BHP*¹²⁶ e *Woodside Australian Energy*¹²⁷.

O mapa 6 apresenta a cartografia da delimitação do *Timor Gap*, com o primeiro traçado em 1972 e o segundo, mais próximo à Austrália, definido em 1981. As áreas A, B e C correspondem às zonas de cooperação e as manchas em preto correspondem aos principais depósitos de petróleo e gás. A título de exemplo, o *Greater Sunrise*, correspondente no mapa à maior mancha preta, está localizado a cerca de 150 km da costa sul de Timor-Leste e a 450 km de Darwin, na Austrália. Como podemos observar, a maior parte dos campos de petróleo e as zonas de cooperação A e C estão sob território marítimo lesetimorense, que para efeito, podem ser verificadas a partir da observância das fronteiras marítimas atuais de Timor-Leste (mapa 7). Já o Quadro 2 apresenta uma síntese dos discursos e posições políticas sobre o petróleo e o turismo no período anterior à invasão indonésia, e demarca claramente os específicos interesses dos atores hegemônicos envolvidos, quais sejam, Portugal, Indonésia e Austrália.

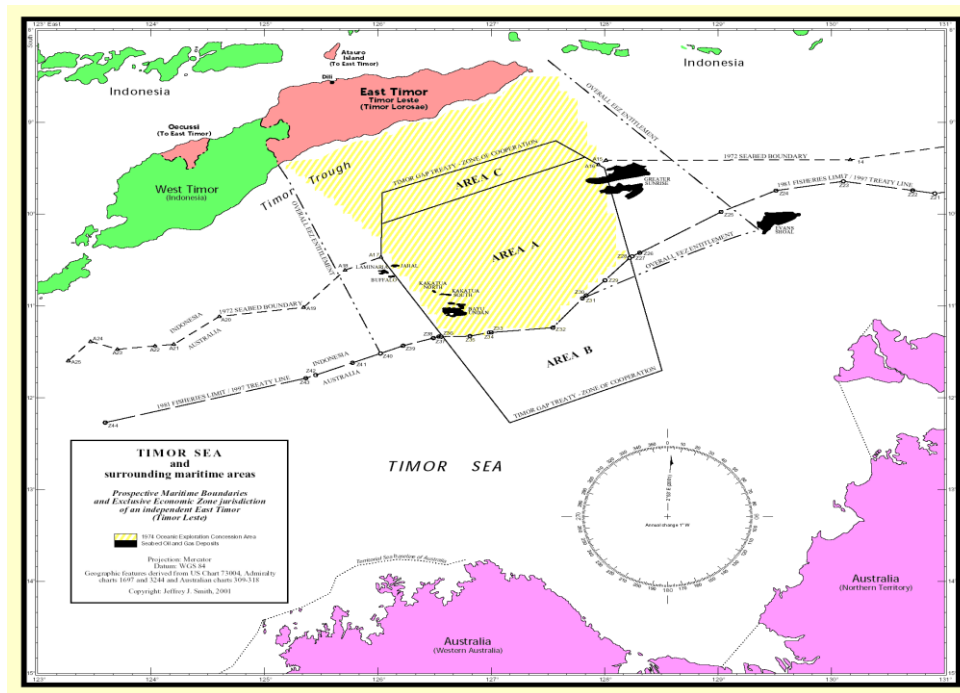
¹²⁴ Empresa multinacional de origem norte-americana, fundada no ano de 2002, e atua no Mar de Timor desde então, com explorações diretas no campo de *Bayu Udan*, e operando oleodutos ligados ao Norte da Austrália.

¹²⁵ *Royal Dutch Shell*, grupo multinacional anglo-holandês de petróleo e gás, fundado em 1907, e considerada em 2020 a quinta maior empresa do mundo, e também uma das maiores produtoras de emissão de gases de efeito estufa no período 1988-2015.

¹²⁶ *BHP Billiton*, mineradora e petrolífera de origem anglo-australiana, criada em 2001 através da fusão entre o grupo australiano *Broken Hill Proprietary Company* e a holandesa *Billiton*. Antes da fusão, esta que é uma das maiores petrolíferas do mundo, operou e explorou durante o período indonésio o campo Buffalo, no mar de Timor, junto com outra empresa petrolífera, a Nexen.

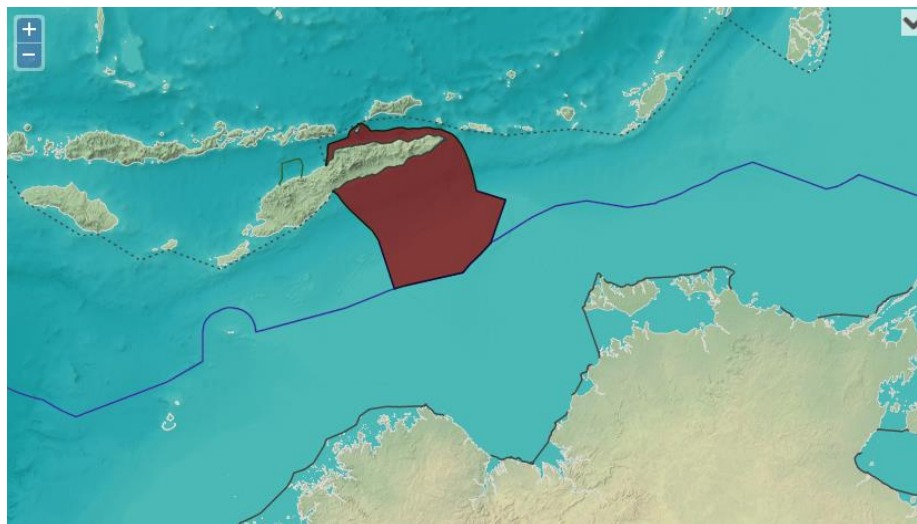
¹²⁷ Empresa de origem australiana, fundada em 1956, e uma das principais responsáveis pela exploração do *Greater Sunrise*, um dos maiores campos de petróleo do Mar de Timor.

Mapa 5. *Timor Sea and surrounding maritime areas/Mar de Timor e as zonas marítimas circundantes.*



FONTE: Jeffrey J. Smith, 2001.

Mapa 6: Fronteiras Marítimas e Zonas Econômicas Exclusivas de Timor-Leste.



FONTE: *Marine Regions* (2019).
Disponível em: <http://www.marineregions.org/>. <https://doi.org/10.14284/386>

Quadro 2 – Discursos e posições políticas sobre turismo e petróleo antes da invasão indonésia

Discursos e posições políticas sobre petróleo e turismo antes da invasão indonésia	
Turismo	Petróleo
<p>a) A visão portuguesa defendia o desenvolvimento de infraestruturas e serviços turísticos para os internacionais, buscando o mercado de australianos elitizados.</p> <p>b) Segundo a visão portuguesa, o turismo era identificado como uma próspera economia para o futuro da nação.</p> <p>c) Na visão portuguesa, o desenvolvimento do turismo em Timor ofertaria empregos aos timorenses.</p> <p>d) Na visão da FRETILIN, o turismo era uma extensão do domínio estrangeiro, através do controle das instalações turísticas e do comércio.</p>	<p>a) Grã-Bretanha, Austrália e Japão tentaram controlar o território da província, interessados na exploração do petróleo <i>onshore</i>.</p> <p>b) Austrália e Indonésia tinham conhecimento prévio da existência de enormes campos de petróleo e gás no Mar de Timor.</p> <p>c) A posição portuguesa era de distanciamento das negociações sobre a delimitação da fronteira marítima, aguardando uma solução mais diplomática.</p> <p>d) Acreditava-se, com base nas tentativas de exploração <i>onshore</i>, de que não havia quantidades significativas de petróleo na ilha.</p>

Fonte: do autor (2021)

O período da ocupação indonésia (1975-1999) manteve Timor em uma situação permanente de conflito e ainda mais isolado do mundo, especialmente por conta do controle da comunicação no território ocupado, momento em que, para Cabasset-Semedo (2007), o país ficou nesse período totalmente fora do desenvolvimento do turismo internacional. Porém, ainda que de forma irrisória, as décadas de 60 e 70 atraíram “pela sua localização geográfica, turistas australianos, hippies e viajantes ricos em busca de exotismo” (CABASSET-SEMEDO, 2007, 178, tradução do autor), com algumas rotas aparecendo inclusive nos guias dos fundadores da *Lonely Planet*¹²⁸, Maureen e Tony Wheeler (TOLKASH, 2017). Tolkach (2017) ainda aponta que na primeira década da invasão indonésia houve

¹²⁸ Considerada uma das maiores editoras de guias de viagem do mundo, de origem australiana.

pouco espaço ao turismo, visto que havia muitos protestos e agitação civil, e foi somente em 1989 que Jakarta realizou uma pequena abertura aos estrangeiros, possibilitando a entrada de cerca de 3.000 visitantes entre os anos de 1989 e 1991 (CAVR, 2005). Muitos deles eram trabalhadores de ONG's e jornalistas que viajavam com visto de turistas, e acabaram contribuindo para expor a situação dramática de Timor-Leste ao mundo¹²⁹ (TOLKASH, 2017).

Assim como ocorreu no período do Timor português, durante a ocupação indonésia os hotéis também concentravam a maioria das manifestações estudantis contra a invasão estrangeira e a favor da independência do país, ação que geralmente ocorria quando da visita de agentes internacionais e representantes de embaixadas ou da ONU (foto). Outra marca do período indonésio se refletiu na utilização das infraestruturas turísticas, tais como o Hotel Mahkota, mencionado anteriormente, e também o Hotel Baucau, para a prática de tortura e aprisionamento de jovens manifestantes timorenses.

¹²⁹ Dentre os internacionais que chegaram a Timor em 1991, estava Christopher Wenner, jornalista e repórter de guerra, responsável por documentar um dos momentos mais dramáticos no país: o massacre do cemitério de Santa Cruz. As imagens do massacre rodaram o mundo e teve um papel essencial na sensibilização da comunidade internacional sobre o que se passava em Timor-Leste. Ao regressar a Timor em 1999, adota o nome de Max Stahl e cria o Centro Audiovisual Max Stahl em Timor Leste (CAMSTL), um importante espaço arquivístico da memória timorense, sendo considerado pela UNESCO como Registro da Memória do Mundo.

Foto 10: Jovens manifestantes em frente ao Hotel Turismo, em Díli, quando da visita do embaixador dos EUA, John Monjo, em 17 de janeiro de 1990.



FONTE: Arquivo da Casa Comum¹³⁰

Durante a Administração Transitória da UNTAET, foram introduzidos, no discurso sobre o turismo em conferências realizadas dentro e fora de Timor, os conceitos de turismo sustentável, turismo de comunidade e ecoturismo (CABASSET-SEMEDO, 2007), ou seja, inicia-se a lapidação de um discurso no qual o turismo é encarado como força motriz do desenvolvimento, capaz de diminuir a pobreza e alavancar a geração de empregos. Com base nas três conferências ocorridas entre 1999 e 2000, sendo estas, Conferência de Planejamento Estratégico para o Desenvolvimento de Timor-Leste (Melbourne, Austrália, 1999), Conferência de Reconstrução de Timor-Leste (Tibar, Timor-Leste, 2000) e Conferência de Planejamento da Reconstrução de Timor-Leste (Brisbane, Austrália, 2000), foram delineados um conjunto de políticas em prol do desenvolvimento do turismo, sob o discurso do turismo sustentável com base na proteção do meio ambiente e na ação comunitária (XIMENES *et al*, 2001).

¹³⁰ (1990), Sem Título, Fundação Mário Soares / Arquivo da Resistência Timorense - AMRT, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_143010 (2021-12-31).

As linhas mestras para a elaboração do planejamento para a indústria turística em Timor-Leste, com base nas informações extraídas nas três conferências, indicavam seis políticas específicas: a) Desenvolvimento de um plano turístico abrangente, com base no princípio de sustentabilidade e proteção do patrimônio natural e cultural do país; b) Implementação de programas específicos a curto, médio e longo prazo; c) Construção de infraestrutura turística; d) Estratégia para o desenvolvimento do setor nos próximos cinco anos; e) realização de análise SWOT¹³¹ do potencial turístico de Timor-Leste e f) Associação à *Pacific Asia Travel Association* (PATA) e Organização Mundial do Turismo (OMT).

Entretanto, não é possível afirmar que estas políticas de desenvolvimento do turismo foram iniciadas logo após a restauração da independência, em 2002, pois não foram encontrados indícios de uma organização de quadros institucionais e públicos específicos e diálogos com as comunidades que ainda se encontravam em estado de tomada de consciência frente à intensa fase de transição. O que se verificou foi um *boom* desorganizado de infraestrutura hoteleira e restaurantes em Díli no ano de 2003 (TOLKACH, 2017), que evidenciou, assim como na década de 70, uma lógica de turismo voltada à oferta de lazer e conforto para centenas de estrangeiros – trabalhadores de organizações internacionais e agências de cooperação, ONG's, jornalistas, militares, profissionais de diferentes áreas da vida pública – mantendo os timorenses, assim como no período anterior, na condição de trabalhadores braçais, serviçais e empregados domésticos necessários ao abastecimento da cadeia produtiva deste setor.

Nesses anos de transição, os discursos de atores políticos nas conferências supracitadas, as notícias de diferentes veículos de imprensa e algumas produções científicas moldavam o discurso do turismo como alternativa sustentável – uma economia não-petrolífera. Enquanto isso, em março de 2002, dois meses após a independência, a Austrália retira-se preventivamente do reconhecimento da jurisdição marítima legitimada nos tribunais internacionais, e assim a delimitação

¹³¹ Termo formado a partir da abreviação das palavras em inglês, *Strengths* (Forças), *Weaknesses* (Fraquezas), *Opportunities* (Oportunidades) e *Threats* (Ameaças), SWOT refere-se a uma conhecida ferramenta de gestão, bastante utilizada por empresas para construção de planejamentos estratégicos. Também indica uma ferramenta metodológica bastante explorada por pesquisadores de diferentes áreas.

do *Timor Gap* passa automaticamente da Indonésia para Timor-Leste, numa divisão 50/50% das receitas (SCHEINER, 2015), parecendo, aos olhos das lideranças políticas da jovem nação, uma definição extremamente favorável às suas finanças futuras.

Estes três anos (1999 – 2002), destacados do contexto mais amplo do processo histórico e territorial lesetimorense, oferece um quadro analítico no qual se pode perceber que a geopolítica e geoeconomia da região ganham um novo agente político, na figura do Estado-Nação independente de Timor-Leste, sendo este capaz de reorientar suas potencialidades econômicas a partir da assunção da soberania no tocante aos recursos petrolíferos, e construindo um desenho mais sustentável, pautado no desenvolvimento local a partir do setor de turismo.

As poucas notícias encontradas sobre a questão do turismo no período da administração transitória da ONU bem como nos primeiros anos da independência, após vasta pesquisa no *Google Archive* e em veículos específicos de imprensa, objetivavam apresentar a complicada situação econômico-social da jovem nação nos primeiros anos da reconstrução, e também projetar perspectivas futuras em torno do desenvolvimento deste setor. Duas notícias veiculadas no Brasil indicam, respectivamente, a expectativa a médio prazo com os milhões de dólares do petróleo, capaz de desenvolver a incipiente economia local baseada no café e no turismo (Folha de São Paulo, 2002), e a constatação do crescimento de hospedagens no país com a chegada massiva de agentes da ONU e de ONG's (Folha de São Paulo, 2003). Antes, em 1999, uma única notícia veiculada pelo jornal irlandês *The Irish Times*, abordava as expectativas de que Timor logo poderia receber turistas, e não mais terror (*The Irish Times*, 1999). Ainda, em 2004, uma notícia denunciava a exploração do turismo sexual infantil em Bali e em Timor-Leste (CABI News, 2004).

O discurso do turismo como alavanca para o desenvolvimento econômico vai sendo formatado ao longo da primeira década do século XXI e indica efeitos nas práticas sociais no mínimo contraditórias, com infraestruturas turísticas visando clientes internacionais de alta renda, sendo estas fruto de investimentos de empresários estrangeiros e homens do Estado que acabaram por formar o núcleo

da Associação de Turismo de Timor-Leste¹³² (CABASSET-SEMEDO, 2007). Cresce também a atuação de ONG's estrangeiras promovendo o ecoturismo e geralmente financiadas por australianos (CABASSET-SEMEDO, 2007), que acabam por se tornarem, assim como os portugueses, em donos de pousadas, restaurantes e agências de mergulho em Díli e na ilha de Ataúro¹³³.

Preocupações com a segurança dos turistas também tiveram relevo à época, fundamentadas no recente histórico de conflitos e na instabilidade político-administrativa, econômica e social do país, que sofreria outro impacto em 2006 com a Guerra Ritual Tribal (SEIXAS, 2007), em 2007 com as conturbadas eleições e em 2008 com os atentados contra os então Presidente José Ramos-Horta e o Primeiro Ministro Xanana Gusmão (CABASSET-SEMEDO, 2007:2009). Acontecimentos que contribuíram para a moldagem de um outro aspecto do discurso sobre o turismo em situações pós-conflito, neste caso, o da necessidade de estabilizar o país visando alavancar seu desenvolvimento.

É a partir dos primeiros anos pós-independência que os setores do turismo e petróleo se encontram, especialmente no plano do discurso e das práticas sociais e econômicas. Entre os anos de 2002 e 2007, durante os três primeiros governos da FRETILIN, quando o turismo recebe seus primeiros e irrisórios investimentos (40 mil dólares em 2003/2004 e 250 mil dólares em 2006/2007) (CABASSET-SEMEDO, 2007), o Fundo Petrolífero vai sendo constituído como um mecanismo poderoso de transferência das receitas petrolíferas, transformadas no exterior em ativos financeiros, para depois serem recolhidas anualmente para o Orçamento Geral do Estado. Em 2004, ano em que o modelo de Fundo Petrolífero é elaborado, o quadro econômico de Timor era mantido pela economia primária do café, perfazendo 99% das exportações do país (NICOLAU & SCHEINER, 2005), através

¹³² Associação de Turismo de Timor-Leste

¹³³ Quando estive em Timor-Leste, entre 2013 e 2015, visitei Ataúro e percebi que a grande parte das infraestruturas turísticas eram controladas por internacionais, principalmente australianos. A Pousada do Barry ou *Barry's Eco-Lodge* e a *Manukoko Guest House* são alguns dos exemplos. Hoje as opções de hospedagens estão mais diversificadas, porém não há informação clara sobre os donos dos empreendimentos, exceto o Hotel *Beloi Beach* cujo proprietário é timorense. Outras informações podem ser conferidas no site *Ataúro Tourism* (<https://ataurotourism.org/where-to-stay-eat/hotels-dive-eco-resorts/>)

do qual quase metade das importações eram de combustíveis fósseis provenientes da Indonésia.

O denominado Fundo Petrolífero de Timor-Leste, baseado no modelo norueguês de gestão de receitas em fundos de investimentos¹³⁴, é estabelecido em 2005, gerando grandes expectativas de benefício para as gerações futuras, e por outro lado inúmeras preocupações, dado que a Lei do Fundo Petrolífero¹³⁵ não definia com clareza o destino dos recursos financeiros, e a despeito do critério de Desenvolvimento Sustentável Estimado (ESI)¹³⁶, que estabelece o limite para resgates do Fundo Petrolífero, seus recursos vão sistematicamente sendo retirados para além dos limites estabelecidos em lei, através da cláusula de Fundo Excepcional.

Também em 2005 inicia-se a Campanha pela Justiça do Mar de Timor¹³⁷, movimento protagonizado por veteranos de guerra, agentes da INTERFET, grupos religiosos, estudantis e organizações de ajuda humanitária dentro e fora da ilha, que buscaram, a partir de uma série de anúncios de televisão, fortalecer o discurso de “roubo” do petróleo pela Austrália, fazendo uma exposição nacional da questão e fortalecendo uma justa disputa pela hegemonia das fronteiras marítimas que se arrasta até os dias atuais (imagem 5 e 6). Além disso, uma perspectiva crítica, encabeçada sobretudo pela ONG local *La’o Hamutuk*¹³⁸, vai apontar para a forte relação de dependência que estava se constituindo sobre o petróleo e gás, sublinhando a finitude dos recursos, preocupação com a corrupção e as decisões

¹³⁴ Considerado o maior do mundo, o fundo soberano da Noruega tem origem na década de 70, por meio da criação de um fundo regulatório para salvaguardar os recursos gerados pela exploração do petróleo, no ano de 2019 apresentou valores na casa de 1 trilhão de dólares.

¹³⁵ Lei do Fundo Petrolífero de Timor-Leste, 2005. Disponível em <https://bitly.com/RNuto1>. Acesso em 14 out. 2021

¹³⁶ O Rendimento Sustentável Estimado (RSI) impõe um teto de retirada do Fundo Petrolífero em um determinado ano fiscal, calculado através de algumas variáveis, tais como estimativas de retorno reais sobre os investimentos no Fundo Petrolífero e a denominada “riqueza do petróleo”, que se trata do valor do Fundo Petrolífero no ano anterior, calculados com base em projeções orçamentais para os próximos anos.

¹³⁷ Iniciada em 2005, a campanha ganhou um *status* permanente e hoje tem a adesão massiva de australianos que defendem a delimitação definitiva das fronteiras do Mar de Timor.

¹³⁸ *La’o Hamutuk*, “Juntos podemos” em português, também conhecida como Instituto de Monitoramento e Análise do Desenvolvimento de Timor-Leste, é a principal organização não-governamental do país. Fundada em 2000, durante a administração transitória da ONU, inicialmente ativistas dos direitos humanos locais e internacionais, e desde então, tem funcionado como um importante observatório crítico das políticas de desenvolvimento do país, fazendo um jornalismo de base científica e colaborativa.

arbitrárias, práticas nepotistas, o perigo da maldição dos recursos, embora sem comprovação científica e, principalmente, o fato de nenhuma legislação do petróleo exigir ou pautar investimentos em outros setores da economia, como agricultura e turismo (LA'O HAMUTUK, 2005).

Fotos 11 e 12: Manifestações em Díli contra a Austrália (5) e grafite fazendo menção ao roubo de petróleo pela Austrália, representada pela figura do canguru (6).



FONTE: Global Voices (2020) e Crikey (2019)

Faz-se necessário sublinhar que os primeiros anos do Timor soberano tiveram a marca de um país em processo de reconstrução. Organização dos quadros da administração pública, formação de instituições, criação de leis e

construção de infraestrutura básica tiveram prioridade na agenda de reconstrução, além da própria identidade nacional que se movimentava em torno de uma unicidade. Essa soberania, como vemos, vai manifestar-se de forma restrita, pois se consolida por meio da ação poderosa dos parceiros do desenvolvimento, tanto sob a égide direta da ONU, que finalizaria sua missão somente em 2012, quanto dos inúmeros e sucessivos acordos bilaterais, além da massiva chegada de ONG's internacionais para atuação nas mais diversas áreas e problemas do país. Podemos dizer, de forma geral, que é o período da afirmação do Estado-Nação, que buscava de vez alcançar estabilidade política após os conflitos de 2006 e reorganizar-se geopoliticamente diante da demanda pela integração econômica regional através da adesão à ASEAN; em suma, trilhar as próprias escolhas econômicas.

Na conjuntura pós-2006 verifica-se um uso mais intenso do Fundo Petrolífero, extrapolando os limites previstos em lei para dar conta de alavancar os grandes projetos de infraestrutura e também dos salários de funcionários públicos e parlamentares. É nesses anos que se identifica uma combinação mais consistente entre os discursos do petróleo e do turismo, tomando este último em uma perspectiva de alternativa econômica em relação à dependência do petróleo e gás. Essa conexão pode ser verificada, no plano discursivo, inicialmente nos trabalhos críticos da *La'o Hamutuk* (2015), que buscou evidenciar os problemas de uma excessiva dependência do petróleo, e também em algumas produções acadêmicas sobre o tema, como em CABASSET-SEMEDO (2007:2009;), MARX (2007) e TOLKASH (2017), que demonstraram que o discurso da alternativa contrasta com a falta de planejamento e os irrisórios investimentos no setor de turismo.

Esse nexos, ainda em vias de se tornar hegemônico, desdobrar-se-ia em outras combinações discursivas, sobretudo quando observamos alguns conteúdos das notícias veiculadas à época, como por exemplo, na ideia de paraíso intocável (*AlJazeera*, 2006), na relação do turismo como gerador de empregos e contraponto ao petróleo e gás que ofertam poucas oportunidades de trabalho à população local (*Gulf News*, 2008), na ideia do turismo como capaz de tirar partes do país da pobreza (*ABC News*, 2009), no marketing visando conectar o turismo do país aos

mercados globais de viagens (*PRESSROOM*, 2008) e no lento progresso econômico do setor após 10 anos da autodeterminação (*VOA News*, 2009).

Embora o conteúdo dessas notícias transmitidas por diferentes lugares de enunciação possam estar carregadas de conhecimento limitado da realidade local e marcado por generalizações, fruto de posicionamentos coloniais dados na relação centro-periferia (*GRIMBERG & DORFMAN*, 2016), e que demandariam maior análise, as contatações e críticas veiculadas influenciaram o o lugar de recepção, o qual seja, a sociedade lesetimorense como um todo, com o discurso implicado na produção e no julgamento de práticas e pessoas no interior desses lugares (*CRESWELL*, 2020), lançando bases ideológicas que seriam incorporadas ao discurso do turismo como alternativa ao petróleo e economia do futuro.

É vital salientar que a fabricação do nexu discursivo do turismo como alternativa à dependência do petróleo apresenta múltiplas origens, e a sua construção não se dá de forma linear e constante no tempo e espaço, e muito menos apresenta um padrão ideológico se observados os diferentes sujeitos implicados na questão. Como visto, a percepção do turismo como alternativa ao petróleo, que será explorada de forma mais contundente no próximo capítulo, é mais fortemente transmitida por sujeitos e atores críticos, como por exemplo ONG's, uma gama de pesquisadores e alguns meios de comunicação. Já os posicionamentos de lideranças políticas em torno do tema têm um caráter mais pontual e disperso, mostrando-se estratégicos diante da necessidade política de pontuar a questão, tornando-se menos ou mais evidentes de acordo com o contexto e a situação específica nos quais seus discursos se inserem.

Pode-se verificar, portanto, que as práticas discursivas, ou seja, as variadas formas de produção, distribuição e consumo de textos, apesar de serem atravessadas por percepções contrastantes entre os sujeitos engajados no processo, contribuem para um dimensionamento mais estratégico dos sentidos ideológicos das práticas sociais, transmitindo e fortalecendo uma ideia de turismo como via alternativa à economia petrolífera. Com base neste nexu constituem-se ainda valores normativos, específicos ordenamentos espaciais e a manutenção de conflitos de interesses gerados por meio das visões discrepantes entre os dois setores econômicos.

Em suma, as trajetórias das economias do petróleo e turismo em Timor-Leste, percorridas e discutidas de forma bastante sistematizada ao longo deste capítulo, revelam não somente as ações geopolíticas e os interesses econômicos de um grupo de nações sobre os recursos naturais e potencialidades econômicas do território insular, como também refletem, no período pós-independência, a continuidade de alguns desses ideais econômicos, enquanto outros vão sendo reconfigurados em prol de tomadas de decisões e projetos de desenvolvimento mais autônomos, entretanto sem transformar de forma efetiva a realidade econômica e social do país.

Para os Mambai (...) o mar é uma esfera distante, misteriosa, governada pelas suas próprias leis. Muitas pessoas nunca o veem durante a sua vida, e a maioria confessa uma ignorância quanto à sua natureza.

João Sarmento (2007)

As iniciativas de curto prazo para o ZEEMS incluem a criação de um novo aparato de governança e instalação de um líder de nível presidencial para o enclave; planeja substituir a infraestrutura atual e apagar os padrões de assentamento existentes (...) priorizando a atração de hóspedes estrangeiros com recursos inovadores, incluindo campos de golfe, parques aquáticos e resorts de praia onde agora existem arrozais irrigados.

Laura Yoder (2015)

Agora é o momento de colocar o turismo no centro da nossa agenda política e deitar as sementes que, se alimentadas, darão frutos económicos ao nosso povo e terão um impacto futuro e duradouro nas gerações vindouras de Timorenses.

Ministro Rui Maria Araújo (2017)

Grande parte do dinheiro do petróleo pagou a empresas estrangeiras para construir grandes projetos de infraestrutura, mas a vida da maioria rural e agrícola quase não melhorou. Apenas uma pequena fração da receita do petróleo foi usada para sustentar a vida das pessoas e a produtividade futura – educação, saúde, nutrição infantil e abastecimento de água rural são um pouco melhores do que eram na década de 1990, os últimos anos da ocupação militar indonésia.

Charles Scheiner (2021)

Em resposta às críticas de um polémico esquema de mega infraestrutura de petróleo iniciado em 2011, os funcionários da companhia nacional de petróleo de Timor-Leste afirmaram que estavam 'apenas fazendo o seu trabalho' ao implementar o plano governamental.

Judith Bovensiepen (2020)

4.1 PETRÓLEO E TURISMO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS: PED 2011-2030 E PNT 2016-2030

Timor inicia a segunda década do século XXI com melhores expectativas de autonomia em relação à gestão do seu território. Enquanto ocorria a saída efetiva dos quadros da ONU, entre 2011 e 2012, dois documentos oficiais vão balizar esse momento de retomada soberana do desenvolvimento econômico. Primeiro, o Plano Estratégico de Desenvolvimento (PED) 2011-2030¹³⁹ (foto 13), apresentado no contexto do IV Governo Constitucional de Timor-Leste, com Xanana Gusmão na condição de Primeiro-ministro, e, alguns anos depois, aprovado em 2014 e lançado em 2016, a Política Nacional de Turismo (PNT), intitulada “Fazer crescer o Turismo até 2030: Fortalecer a identidade nacional”¹⁴⁰ (foto 14).

Concebido como uma ampliação e atualização dos planos anteriores – Plano de Desenvolvimento Nacional-2002¹⁴¹ e Plano Timor-Leste, uma visão para 2020 – o PED 2011-2030 constitui-se como o principal documento orientador das diretrizes e objetivos econômicos do país no curto, médio e longo prazo. Já a Política Nacional de Turismo, construída no âmbito do V Governo Constitucional de Timor-Leste, com Rui Maria Araújo na condição de Primeiro-ministro, adveio de um esforço de criar um quadro de política pública específica para o setor, norteando seu desenvolvimento até 2030.

¹³⁹ Disponível em <https://bitly.com/fCSc4d>. Acesso em 10 de nov. 2021.

¹⁴⁰ Disponível em <https://bitly.com/NPJLPt>. Acesso em 11 de nov. 2021.

¹⁴¹ O plano mencionado encontrava-se inserido no Programa do I Governo Constitucional da República Democrática de Timor-Leste (RDTL). Disponível em <https://bitly.com/ASodTc>. Acesso em 12 de nov. 2021.

Fotos 13 e 14: Da esquerda para direita, página de abertura dos PED 2011-2030 e PNT 2016-2030



FONTE: RDTL (2021)

A análise combinada dos dois documentos demonstra que a abordagem macroeconômica é marcadamente setorializada, sem uma visão integrada entre os setores e o todo das políticas públicas, priorizando o desenvolvimento de infraestruturas e capacitação de recursos humanos, sendo o turismo caracterizado, no PED 2011-2030, como setor industrial estratégico, porém, “a jusante do setor de petróleo e gás” (PED, 2011, 10), ou seja, estratégico mas sem desfrutar da mesma importância em relação aos hidrocarbonetos. A frase de destaque que inicia o capítulo do PED 2011-2030 dedicado ao turismo menciona a fala de um chefe de aldeia do subdistrito de Uatulari, distrito de Viqueque, afirmando que “temos muita beleza natural aqui mas ninguém pode vir vê-la se não repararmos as nossas estradas” (PED, 2011, 145). Essa fala fornece, a despeito do discurso corrente da busca pelo fortalecimento das economias locais, criação de emprego e redução dos desequilíbrios econômicos regionais, uma visão de turismo fortemente associada à construção de infraestruturas, sendo estas capazes de desenvolver os nichos específicos de mercados turísticos, tais quais: turismo ecológico e marítimo,

histórico e cultural, aventura e desporto, religioso e de eventos (PED, 2011, 146). As outras partes do capítulo dedicam-se a descrever as potencialidades turísticas do país, sublinhando sobretudo a promoção do património natural e cultural.

O capítulo do PED 2011-2030 dedicado ao petróleo destaca no início do texto a fala de um professor do distrito de Ermera que participou da Consulta Nacional de 2010, onde afirma: “Quero que o nosso petróleo seja utilizado para criar a nossa própria indústria e dar emprego aos timorenses” (PED, 2011, 140). Portanto, percebemos uma associação do petróleo à soberania econômica nacional e a geração de empregos. O petróleo é assim alçado à condição de pilar fundamental do desenvolvimento econômico e o capítulo dedica-se a justificar a necessidade de criação de uma companhia nacional de petróleo, que seria concluída em 2012 sob o nome de *TIMOR GAP E. P.*, além de detalhar as fases de implementação do megaprojeto *Tasi Mane* até 2030.

Já o texto de apresentação da Política Nacional de Turismo destaca-se por ressaltar a importância estratégica do setor para o país com “potencial para desempenhar um papel central na economia de Timor-Leste, cujo eixo principal reside nos rendimentos provenientes da extração de petróleo” (PNT, 2016, 3). Este papel central do setor está, segundo o discurso presente no referido documento, na capacidade do mesmo em erradicar a pobreza e promover o espírito empresarial, exportando serviços turísticos e ao mesmo tempo protegendo o património natural e cultural do país.

Diferente do PED 2011-2030, no qual o turismo, junto à agricultura, está em segundo plano diante da onipotência e condição de benção econômica ofertada ao setor petrolífero, capaz de garantir o futuro da nação, no documento da Política Nacional de Turismo o intuito é “colocar o turismo no centro da agenda política (...) tendo este um verdadeiro e duradouro impacto no futuro das gerações timorenses” (PNT, 2016, 11). Importante notar que, como mencionado no próprio documento, o desenvolvimento da política de turismo de Timor-Leste tem origem em um esboço inicial preparado pela Organização Mundial do Turismo, em 2008, e desde então inúmeros parceiros do desenvolvimento, tais com a *Asia Foundation*¹⁴², *Australian*

¹⁴² *Asia Foundation*, fundada em 1954 e considerada uma organização não governamental voltada ao desenvolvimento internacional, sem fins lucrativos. Seu braço em Timor-Leste, representado por

*Aid*¹⁴³, *New Zeland Aid*¹⁴⁴, *Irish Aid*¹⁴⁵ e Banco Asiático de Desenvolvimento¹⁴⁶, contribuíram diretamente na construção da política atual para o setor.

O quadro 3 sistematiza e consolida, considerando ambos os documentos, as principais ideias que atravessam os discursos e ideologias em torno do turismo e petróleo:

Quadro 3 – Discursos e ideologias sobre o petróleo e turismo nos documentos oficiais

DISCURSOS E IDEOLOGIAS SOBRE O PETRÓLEO E TURISMO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS	
Plano Estratégico de Desenvolvimento 2011-2030	Política Nacional de Turismo 2016-2030
<ul style="list-style-type: none"> a) Benção, e não maldição. b) Fonte principal de recursos financeiros. c) Essência da soberania e identidade nacional. d) Estratégico para os interesses do Estado. e) Protagonista do desenvolvimento econômico. f) Turismo como economia estratégica, porém secundária em relação ao petróleo. g) Turismo associado ao desenvolvimento de infraestruturas. 	<ul style="list-style-type: none"> a) Turismo como alternativa à dependência do petróleo, capaz de estimular a diversificação econômica. b) Turismo como economia que possibilita diminuir a pobreza e gerar riquezas para os timorenses. c) Turismo e Petróleo capazes de Promover uma economia e sociedade sustentáveis. d) Proteção dos patrimônios cultural e natural. e) Peça-chave para a formação da identidade nacional.

Fonte: Organizado pelo autor, 2021

Dylan Davis, preconiza, dentre outros objetivos, a diversificação da economia dependente do petróleo, tendo o fortalecimento do turismo importância central. A *Asia Foundation TL* é responsável por um conjunto de projetos no país, e produz anualmente inúmeros relatórios que servem como base na formulação das políticas econômicas locais, como visto na Política Nacional de Turismo.

¹⁴³ Termo utilizado para se referir a uma marca registrada, utilizada para identificar projetos em países em desenvolvimento apoiados e financiados pelo governo australiano.

¹⁴⁴ Termo utilizado para referir-se a uma marca registrada, utilizada para identificar projetos em países em desenvolvimento apoiados e financiados pelo governo neozelandês.

¹⁴⁵ Programa oficial de ajuda ao desenvolvimento internacional do governo da Irlanda.

¹⁴⁶ Autoproclamado como uma instituição multilateral de financiamento e desenvolvimento, é considerado por Timor como um dos principais parceiros do desenvolvimento, responsável por inúmeros empréstimos ao país. Recentemente aprovou empréstimo em torno de 135 milhões de dólares para melhorias do Aeroporto Internacional Nicolau Lobato.

Diante do exposto, faz-se necessário questionar: Como se situam e quais os efeitos do(s) discurso(s) do petróleo e turismo nos documentos analisados? Conforme visto no PED 2011-2030, o petróleo mantém-se na condição de benção, principal fonte de recursos financeiros do país, carro-chefe de todos os investimentos. A onipotência desse recurso orientou, ainda, todo um esforço político-econômico para aumentar o controle, por parte de Timor, de outros campos de exploração do petróleo, que posteriormente culminaram na compra, em 2018, da participação nos campos do *Greater Sunrise* das gigantes petrolíferas *Shell* e *Conoco Phillips*. A negociação, liderada por Xanana Gusmão, foi bastante questionada por alguns setores da sociedade civil timorense e também de organizações internacionais, diante dos gastos estratosféricos, na ordem de 650 milhões de dólares¹⁴⁷, e pelo fato de ainda não se saber comprovadamente a quantidade de petróleo a ser explorada nessas áreas¹⁴⁸.

Já o turismo, com o PNT 2016-2030, adquire uma maior centralidade com a construção de uma política pública mais específica, porém, diante dos irrisórios investimentos destacados para o desenvolvimento do setor, acaba sendo objeto de um conjunto de reflexões críticas sobre a sua real importância no interior da política econômica do país, cada vez mais dependente do petróleo. Além disso, ao ser construída por uma série de agentes internacionais, inclusive instituições financeiras, é indicativo de uma orientação neoliberal no tocante ao consumo de destinos turísticos em situações pós-conflito, ou seja, atravessada por uma lógica mercadológica.

De todo modo, ambos os discursos se reconectam na medida em que se constata, através das falas de diferentes sujeitos, tais como lideranças políticas, jornalistas e ONG's, a necessidade de desenvolver a economia não-petrolífera de Timor: o turismo em especial e também a agricultura. Além disso, a questão da diversificação econômica ganha força, pois se percebe que a dependência do petróleo não está se refletindo em melhorias dos índices socioeconômicos da população timorense, e os setores ligados ao desenvolvimento local, não só turismo

¹⁴⁷ DIÁRIO DE NOTÍCIAS LUSA, 2018. Timor-Leste compra participação da Shell nos campos petrolíferos de Greater Sunrise. Disponível em <https://bityli.com/G1zEMh>. Acesso em 14 out. 2021

¹⁴⁸ In: BOVENSIEPEN & NIGAARD (2018).

como também agricultura e pesca, são periféricos para a política econômica do Estado.

Na esteira das práticas econômicas realizadas a partir desses dois documentos oficiais, o nexos entre dependência do petróleo e desenvolvimento de uma economia não-petrolífera (turismo) torna-se uma questão presente em muitos artigos científicos (VONG, 2014; MARX, 2016; CABASSET-SEMEDO, 2007:2009; TOLKASH, 2017; XIMENES *et al*, 2020). Estes, apesar de produzirem críticas contundentes sobre o referido nexos, limitam-se a discutirem alternativas assentadas na proposição de ações sustentáveis ligadas ao ecoturismo, turismo de base comunitária e turismo pró-pobre. Questões e temas relativos aos discursos e a representação no interior dos imaginários sobre o turismo, ou seja, o seu componente geopolítico crítico, não são tratadas.

O nexos turismo/petróleo também de faz presente em um número significativo de notícias e reportagens transmitidas por diversos veículos de imprensa. Destoando das primeiras notícias que objetivaram afirmar a condição do turismo em Timor-Leste como uma possibilidade real de desenvolvimento econômico, a segunda década do século XXI vai marcar uma percepção mais crítica dos veículos de imprensa, com o turismo afirmando-se como alternativa perante a dependência do petróleo. Notícias veiculadas pela Asia Foundation (2016: 2021), BBC News (2016), Folha de São Paulo (2017), Agência Lusa (2017), The Diplomat (2019), E-Global Notícias (2021), dentre outras, reforçam a condição do turismo como via alternativa ao petróleo, evidenciando ainda seu lento desenvolvimento (Asia Nikkei, 2018), propondo o turismo doméstico (Minuto a Minuto, 2020), o fortalecimento das mobilidades turísticas entre os países lusófonos (Plubituris, 2018), bem como denunciando a precariedade do desenvolvimento de Timor-Leste ao não pautar a diversificação econômica (East Asia Fórum, 2020).

Além desses, alguns dos principais atores políticos do país internalizam de forma contraditória este debate em seus discursos, como na afirmação do Presidente de Timor-Leste, Francisco Guterres Lu-Olo, sobre a necessidade de diminuir a dependência do petróleo, que é finito, e diversificar a economia do país com o turismo (Diário de Notícias LUSA, 2018), ao mesmo tempo em que defende,

na Conferência Internacional sobre Assuntos do Mar¹⁴⁹, que o petróleo seja tratado como um “desígnio estratégico na afirmação da identidade e da soberania nacional” (OBSERVADOR, 2018).

Conforme se alcança a contemporaneidade, identifica-se que as práticas sociais e econômicas envolvendo petróleo e turismo vão criando uma identidade para cada um dos setores. A identidade do petróleo está na sua condição de desígnio estratégico nacional e benção da natureza, que se realiza e se consolida através de inúmeras ações promocionais envolvendo os projetos de desenvolvimento de infraestrutura, articulando-se com manifestações ritualísticas realizadas junto aos chefes locais, nas áreas onde estão sendo construídas as infraestruturas petrolíferas, através de rituais que combinam ancestralidade e visões de prosperidade e riqueza (BOVESIEPEN, 2016).

O caso da *Timor Resources* é emblemático para a compreender como o petróleo se amarra e contradiz os ideais de soberania e identidade reforçados pelo discurso e documentos oficiais. Empresa australiana privada da área de petróleo e gás, constituída em 2016 com o objetivo de explorar e realizar pesquisas em vários poços *onshore* da costa sul de Timor, a *Timor Resources Pty Ltd*¹⁵⁰ mantém uma página no *Facebook* para promover ações sociais, como o patrocínio de um campeonato local de futebol¹⁵¹, e divulgar o andamento dos projetos da empresa. Em postagem datada de 08/10/2021 foi compartilhado um vídeo que registra cerimônia tradicional timorense no local onde será construído um dos poços¹⁵², reforçando a análise de Bovensiepen (2016) sobre como as visões de riqueza e prosperidade se conectam às tradições culturais e inserem novos elementos aos imaginários identitários, tornando ainda mais poderoso o discurso do petróleo como benção e prosperidade rápida.

¹⁴⁹ Intitulada “Timor-Leste: o Século do Mar”, a conferência internacional foi promovida pelo governo timorense e realizada no Ministério das Finanças, em Díli, em 2018. Nessas conferências mais recentes, percebe-se como a China ganhou espaço central nas discussões por conta do aumento dos acordos econômicos com Timor, além do interesse do gigante asiático em expandir o projeto da Nova Rota da Seda.

¹⁵⁰ Disponível em <https://bityli.com/kE19WX>. Acesso em 15 out. 2021

¹⁵¹ Disponível em <https://bityli.com/gYWj5m>. Acesso em 15 out. 2021

¹⁵² Disponível em <https://bityli.com/Zfr9SF>. Acesso em 15 out. 2021

O turismo também se desdobra em práticas sociais e econômicas articuladas às comunidades em que esse setor é visto como potencial, no entanto – diferentemente do caso do petróleo, em que o Estado é onipresente inclusive sob uma dimensão ritualística – as ações direcionadas ao turismo são, na maioria das vezes, lideradas por sujeitos envolvidos em ONG's nacionais e internacionais, embaixadas e outras agências ligadas aos países parceiros do desenvolvimento de Timor, que implementam projetos sob o guarda-chuva da sustentabilidade, como o turismo de base comunitária, ecoturismo e turismo *pró-poor*. Esses projetos são responsáveis pelas principais infraestruturas turísticas, tais como vilas ecológicas e *eco resorts*, e também realizam a capacitação de recursos humanos. Nestes, a título de exemplificação, o turismo de base comunitária é fortemente impulsionado pela ONG *Haburas*¹⁵³, o turismo histórico-cultural promovido pela agência internacional *IntrepidTravel*¹⁵⁴, além dos esforços da campanha *Do Something for East Timor Now!*¹⁵⁵ buscando o empoderamento das comunidades locais. A dimensão religiosa também se faz presente, mas no sentido de promover a cultura local, como nas crenças *Lulik*¹⁵⁶ (OLIVEIRA, 2013).

O quadro 4 busca apresentar um desenho consolidado dos principais discursos e posições em torno do petróleo e turismo, e sob quais ideologias eles se conectam. Nestes, tornam-se evidentes as diferenças de interesses e como ambos se situam no interior da política econômica nacional. Na segunda parte do quadro, que sintetiza os nexos constitutivos entre os dois setores econômicos, identifica-se, no último tópico, os megaprojetos de modernização territorial, assinalando uma nova fase do desenvolvimento que padroniza as perspectivas de desenvolvimento e os planos econômicos para ambos os setores.

¹⁵³ Conhecida como Fundação *Haburas*, é uma das ONG's mais antigas do país, fundada em 1998 como um grupo ambientalista, e hoje integra a rede internacional *Friends of The Earth Internacional*, aglutinando organizações ambientais em cerca de 73 países. Em Timor, a Haburas implementa projetos que vão desde ações em prol da soberania alimentar como também a realização de cursos e formações em sua Escola da Sustentabilidade. Disponível em <https://bityli.com/OMUPQd>. Acesso em 15 out. 2021

¹⁵⁴ Considerada uma das maiores empresas de viagens e aventura do Mundo, com reputação excelente segundo o *GlobalTreks*. Embora muitos conteúdos mencionem que a empresa oferece passeios em Timor, no seu site oficial não há praticamente nenhuma informação específica sobre o país. Disponível em <https://bityli.com/FmnCd8>. Acesso em 15 out. 2021.

¹⁵⁵ In. OLIVEIRA (2013).

¹⁵⁶ *Lulik*, na língua *tétum*, significa sagrado/crenças sagradas.

Quadro 4: Características dos discursos sobre turismo e petróleo e os principais nexos discursivos.

CARACTERÍSTICAS DOS DISCURSOS SOBRE PETRÓLEO E TURISMO	
TURISMO	PETRÓLEO
<ul style="list-style-type: none"> a) Desenvolve a economia local, diminuindo a pobreza e gerando empregos. b) Preconiza a sustentabilidade, através do ecoturismo, turismo <i>pró-poor</i> e turismo de base comunitária. c) Proteção do patrimônio cultural e natural. d) Forte atuação de Ong's ligadas aos parceiros do desenvolvimento. e) Formador da identidade nacional. f) Situado no movimento lento e imaginado no futuro. 	<ul style="list-style-type: none"> a) Designio estratégico e gerador de riquezas para o Estado. b) Maldição e/ou benção dos recursos. c) Reservas finitas. d) Envolvido em denúncias de corrupção e nepotismo. e) Parte de uma disputa geopolítica regional. f) Definições do Estado-nação: Petro-Estado/Estado-rentista/Estado afetivo. g) Formador de identidade e soberania nacional. h) Imaginário de prosperidade rápida, situado no presente.
OS NEXOS NOS QUAIS OS DISCURSOS SÃO COMBINADOS	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Turismo como alternativa à dependência do petróleo; 2. turismo como economia do futuro diante da finitude das reservas petrolíferas; 3. turismo como peça-chave da diversificação econômica frente à dependência do petróleo; 4. receitas do petróleo alavancando as economias locais, como o turismo e agricultura; 5. megaprojetos em ambos os setores. 	

Fonte: organizado pelo autor, 2021

4.2 O NEXO TURISMO-PETRÓLEO NA FASE DOS MEGAPROJETOS

Em maio do ano de 1999, quando da realização da Conferência da CNRT (Conselho Nacional da Resistência Timorense)¹⁵⁷, em Melbourne, na Austrália, para tratar do planejamento estratégico para a reconstrução de Timor-Leste e pressionar a comunidade internacional e a ONU para a realização do Referendo Popular sobre a independência do território (FONSECA & ALMEIDA, 2015), que ocorreria no mesmo ano, em 30 de agosto, o líder das FALINTIL¹⁵⁸ e à época presidente da referida estrutura suprapartidária, Ray Kala Xanana Gusmão, fez um discurso acalorado discorrendo, dentre outros temas, sobre as potencialidades econômicas da nação, sublinhando a importância do turismo como um meio de promover o desenvolvimento sustentável:

Um lindo país como Timor Leste, com sua determinação e história heróica, não deve ser promovido por meio de uma indústria do turismo que cria um pequeno mundo moderno de hotéis de luxo, mas devemos acelerar as condições de criação para o ecoturismo como meio de promover a identidade, personalidade e caráter únicos do nosso povo, com uma dimensão mais humana de relacionamentos entre as pessoas (GUSMÃO, 1999 apud XIMENES *et al*, 2001, tradução nossa).

Vinte e dois anos após o discurso de Xanana Gusmão, outro consagrado líder timorense e prêmio Nobel da paz, José Ramos-Horta, defende calorosamente em entrevistas e nas redes sociais o megaprojeto turístico denominado *Paradise*

¹⁵⁷ Em maio de 1986, a FRETILIN e a União Democrática Timorense (UDT), anunciaram a formação de uma coligação para fortalecer a estrutura de resistência contra a Indonésia, estabelecendo em 1988 o Conselho Nacional da Resistência Maubere, tendo Xanana Gusmão como líder e José Ramos-Horta na condição de Porta-voz externo. O termo *maubere*, cunhado por Ramos-Horta, inicialmente utilizado pelos portugueses para descrever membros analfabetos do tronco etnolinguístico *Mambai*, foi ressignificado como um símbolo da resistência nacional. Em 1998, com a adesão de outros partidos, o CNRM passaria a se chamar CNRT (Conselho Nacional da Resistência Timorense).

¹⁵⁸ Forças Armadas da Libertação Nacional de Timor-Leste, criadas inicialmente como um braço militar da FRETILIN, em 1975, teve como líderes Nicolau Lobato e Xanana Gusmão, e ao longo do período indonésio transforma-se em uma força apartidária essencial na luta contra os militares e milicianos indonésios em território timorense. Após a autodeterminação, as Forças são oficialmente dissolvidas em 2001 para logo após serem recriadas com o nome FALINTIL-FDTL, Força de Defesa de Timor-Leste.

*Pelican*¹⁵⁹, com previsão de investimentos em torno de 700 milhões de dólares em uma área de cerca de 558 hectares, entre as zonas de Tasi Tolu e Tibar, a oeste da capital Díli, um complexo envolvendo unidades hoteleiras, centros comerciais, campos de golfe, hospital internacional e lotes residenciais. Os argumentos de defesa do megaprojeto envolvem, por exemplo, a realização de profundos estudos ambientais na área, com planos de reflorestamento e tratamento de água, espelhando-se em projetos semelhantes de *resorts* de luxo na Malásia, realizados pelo mesmo grupo, o *Pelican Paradise Group*¹⁶⁰, sediado em Singapura. O projeto, no ano-referência de 2020, encontrava-se em sua fase final, aguardando aprovação do Conselho de Ministros de Timor-Leste¹⁶¹. Porém, registros fotográficos já indicam a delimitação da área privada onde será desenvolvido o empreendimento (ANEXO Q)

Não muito longe de Tasi Tolu, cerca de 150 quilômetros ao sul, os sucessivos governos de Timor e seus representantes máximos, dentre os quais Xanana Gusmão, vêm tentando viabilizar, desde 2011 (referendado pelo PED), o Projeto de Infraestrutura de Petróleo Tasi Mane de Timor-Leste, ou Projeto Tasi Mane¹⁶². Esse megaempreendimento envolve a construção de um corredor de infraestruturas petrolíferas ao longo da costa sul do país, dotado de parques

¹⁵⁹ Iniciado em 2008 e considerado o maior projeto privado do país, com investimentos previstos na casa de 700 milhões de dólares, objetiva a construção de um complexo turístico entre Tibar e Tasi-Tolu, na zona oeste da capital timorense, incluindo unidades hoteleiras, campos de golfe, lotes residenciais, centros técnicos de formação, escola e hospital internacional e centros comerciais. A viabilização desse empreendimento é questionada por conta da pouca atenção dada ao licenciamento ambiental, a demanda por água e eletricidade, além da própria ocupação do terreno, onde vivem milhares de timorenses. O site oficial do projeto (pelican-paradise.com) contém pertinentes informações sobre a ideologias e interesses por detrás do discurso dos megaprojetos, e em sua propaganda merece menção o compromisso do grupo em “trazer o paraíso para Timor-Leste”.

¹⁶⁰ É o grupo empresarial, sediado em Singapura, responsável pelo desenvolvimento e construção do *Pelican Paradise* em Timor-Leste, sob a liderança de Datuk Edward Ong, empresário e desenvolvedor de renome, responsável por diversos empreendimentos, dentre os quais o *Sutera Harbor Resort*, considerado o principal resort de turismo integrado da Malásia. As informações sobre o grupo são esparsas, mas foi possível perceber que o nome *Pelican* tem a força de uma marca internacional de *resorts*. Notícias recentes (Smart-Aviation, 2020) informam que o mesmo grupo está efetivando a compra da Air Timor, empresa de viagens local que aluga aeronaves.

¹⁶¹ Disponível em <https://bitly.com/1QQuMb>. Acesso em 10 de nov. 2021.

¹⁶² O denominado Projeto Tasi Mane é um gigantesco esquema de desenvolvimento, liderado pelo Estado, objetivando construir um complexo de infraestrutura de petróleo ao longo da costa sul de Timor-Leste, incluindo ainda cidades projetadas artificialmente e extensas rodovias. Concebido deste 2011, apresentado no Plano de Desenvolvimento Estratégico 2011-2030, o projeto vem sofrendo inúmeras críticas por ser economicamente inviável, com impactos ambientais e sociais, além de agravar a dependência do petróleo.

industriais, aeroporto, refinarias, complexo petroquímico e complexo de GNL¹⁶³, objetivando direcionar para as estruturas *onshore* o GNL dos campos de gás e petróleo *offshore* do *Greater Sunrise*¹⁶⁴, um dos maiores campos de petróleo do Mar de Timor (BOVENSIEPEN & NYGAARD-CHRISTENSEN, 2018), possível após o acordo de fronteiras marítimas com a Austrália, selado em 2018, ainda que esse processo esteja com pendências em instâncias jurídicas internacionais¹⁶⁵ (LA'O HAMUTUK, 2019).

Em outra localidade do território nacional, na ilha de Ataúro, as comunidades estão preocupadas com outro grande projeto governamental de grande escala, chefiado por outra histórica liderança timorense, Mari Alkatiri, e focalizado no desenvolvimento da Região Administrativa do Enclave de Oecussé-Ambeno¹⁶⁶, através das ZEESM (Zona Econômica Especial Social de Mercado), mas com planos para o desenvolvimento do turismo no local, indicando para a ilha a construção de infraestruturas tais como centro de transportes e portos, aeroporto e heliportos¹⁶⁷. Com base na percepção da presidente da Associação de Turismo de Ataúro, Marcelina de Araujo Balamba, em entrevista a *ABC News* (2017), é possível identificar a resistência dos habitantes locais frente aos megaprojetos.

As nossas comunidades ainda querem o desenvolvimento, mas apenas o pequeno, não o grande (...) não queremos cassino, não queremos grande hotéis, não queremos heliporto (BALAMBA, ABC News, 2017).

¹⁶³ Gás natural liquefeito

¹⁶⁴ O *Greater Sunrise* já era conhecido, desde 1974, após vários testes sísmicos, como um grande campo petrolífero, localizado a cerca de 175 km da costa sul de Timor-Leste. A principal questão que envolve a área, que se desdobrou no Timor Gap, refere-se à constatação de que se demarcasse uma linha ao meio do Mar de Timor, a maior parte do campo estaria em território timorense.

¹⁶⁵ Em 2014 o governo de TL instaurou uma ação junto ao Tribunal de Justiça Internacional de Haia, acusando as autoridades australianas de esconder documentos relativos ao acordo do Mar de Timor, de 2002, além da denúncia de espionagem de agentes australianos no país.

¹⁶⁶ A lei 03/2014 criou a Região Administrativa Especial de Oecussé-Ambeno (RAEOA), a partir das bases da Constituição de 2002, que previa que a região deveria ter uma política administrativa e regime econômico especial. E em 2015 entra em vigor a Zona Especial de Economia de Mercado Social de Timor Leste (ZEEMS-TL), trazendo um plano de ordenamento territorial através da criação de diversas zonas de desenvolvimento urbano e econômico, com especial interesse no turismo, agricultura e mineração.

¹⁶⁷ ABC News (2017). *Timor-Leste island Community fears large-scale tourism development on Ataúro*. Disponível em <https://bityli.com/0uRE0g>. Acesso em 14. out. 2021.

Não obstante os interesses dos sujeitos envolvidos e das críticas que permeiam os megaprojetos nos recortes de discursos exemplificados acima, quando observados de forma combinada em uma configuração analítica mais ampla, qual seja, como parte de uma política macroeconômica, esses discursos fazem parte da fabricação de uma narrativa hegemônica, tanto em sua dimensão simbólica quanto material, com os setores do turismo e petróleo vivenciando uma dualidade contraditória. O turismo, ao mesmo tempo em que é tratado como alternativa à dependência do petróleo, encontra-se em sincronia com o petróleo no que diz respeito à implementação dos megaprojetos que pautam a atual política de desenvolvimento do país.

Segundo Vainer & Araújo (1992), grandes projetos de investimentos são empreendimentos que consolidam o processo de apropriação dos recursos naturais e humanos em determinados pontos do território, sob uma lógica estritamente econômica, respondendo a decisões e definições configuradas em espaços relacionais exógenos ao das populações nas proximidades dos empreendimentos. Por serem obras de grande impacto social e ambiental e alinhadas aos interesses de uma racionalidade econômica não condizente com a realidade local, esses empreendimentos são capazes de formar verdadeiros enclaves territoriais, fundamentados na expropriação de terras e alteração abrupta da paisagem. O conceito de megaprojeto apresenta uma série de divergências pois os critérios de definição, tais quais o custo, o tempo de materialização e população impactada (FLYVBJERG, 2013) são relativos, e dependem das características do território e/ou do Estado implicado no processo.

Em Timor, esses grandes empreendimentos são denominados nos discursos e pelos meios de comunicação como megaprojetos, tomando como base a grandeza dos projetos e o custo elevado para um pequeno território insular em contínuo processo de reconstrução e, ainda, considera o alto grau de incerteza e a falta de transparência dos investimentos. A definição de megaprojeto refere-se também a sua complexidade quanto ao fator tempo, ou seja, podem ser atravessados por transições políticas, mudanças tecnológicas, condições estruturais e ciclos financeiros (FLYVBJERG, 2013). Cabe então compreender os principais elementos que permeiam a implementação dos megaprojetos em Timor-

Leste, em observância às suas particularidades territoriais, político-econômicas, sociais e culturais.

O *marketing* estratégico, no caso de Timor, é um elemento essencial para analisar a construção discursiva, sobretudo ao observar a fase dos megaprojetos que vão orientar, atualmente, a política macroeconômica do país. Dos três grandes megaprojetos citados anteriormente, o *Pelican Paradise*, o ZEEMS e o *Tasi Mane*, todos estão sendo municiados por um complexo aparato de *marketing*, operados em páginas oficiais – do Estado e dos empreendimentos –, em mídias globais como *Facebook*, *YouTube* e *Instagram*, além de inúmeros sites e mídias que direta e indiretamente contribuem para a construção do(s) imaginário(s) positivos em torno desses empreendimentos. Segundo Bovensiepen (2016), o *marketing* desses projetos inclui ainda vídeos gerados por computador e fotografias de cidades geradas artificialmente, que circulam por todo país, gerando grandes expectativas e esperanças de melhoria das condições de vida em toda a população (ANEXO P, R e S).

A leitura crítica de alguns conteúdos presentes nas páginas oficiais dos três megaprojetos revelam um caráter propagandista e promocional, sem margem para aspectos negativos, vangloriando-se das discussões realizadas junto às comunidades nas áreas onde os projetos são focalizados, comemorando a construção de infraestruturas – estradas e pontes – e, principalmente, ressaltando as vantagens sociais e econômicas no nível territorial-local. Os fundamentos ideológicos desses empreendimentos indicam que seus arranjos de governança, associados ao reordenamento e regulação espacial, criam nessas localidades disjunções de diversas ordens, com os aspectos históricos sendo associados à modernidade de forma seletiva, como o que se verifica em Oecussé-Ambeno com o ZEEMS (YODER, 2015), enquanto na Costa Sul, com o Tasi Mane, o Estado estrategicamente vem administrando os imaginários locais de prosperidade (BOVENSIEPEN, 2016).

Em um ambiente onde o Estado de Timor-Leste flerta com o autoritarismo em diversos momentos, reprimindo manifestações estudantis e aceitando poucas

críticas da comunidade internacional (FEIJÓ, 2015)¹⁶⁸, sobretudo aquelas advindas de jornalistas e relatórios internacionais, e também das instituições locais, à exceção da *La'o Hamutuk*, o aparato de *marketing* têm como objetivo principal fortalecer um discurso que reforça os benefícios irrestritos desses megaprojetos para o desenvolvimento econômico do país, ao serem ventilados como capazes de gerar receitas e empregos. As críticas, invisibilizadas pelo discurso hegemônico e presentes muitas vezes em trechos de notícias e artigos científicos, evidenciam uma falta de preocupação com os impactos socioambientais e com a problemática do direito à terra, sendo esse um dos pontos mais sensíveis no projeto de modernidade territorial.

É sob o prisma da produção do espaço realizada por estes megaprojetos que não só os discursos, como também seus efeitos no território, indicam uma reconfiguração do nexó petróleo-turismo, agora aglutinados em torno de um ideal de desenvolvimento e de modernização do país que altera a narrativa hegemônica identificada e problematizada ao longo desta análise, que demonstrou a posição do petróleo numa relação de dependência econômica, e o turismo como condição de alternativa à economia petrolífera, sendo este capaz de promover a diversificação econômica e, assim, gerar empregos e diminuir a pobreza. Com os megaprojetos, tomando o *Pelican Paradise* como um empreendimento turístico e o *Tasi Mane* como um empreendimento petrolífero-energético, o nexó turismo-petróleo adquire uma identidade mais própria, pois aglutina nestes um ideal econômico e uma processualidade territorial em comum que, agora associadas, alteram os nexos discursivos constatados anteriormente e impõem um ideologia e um padrão de produção do espaço incrustados no discurso da necessidade de modernizar o país.

Dos três megaprojetos citados, apenas o *Tasi Mane* está presente no PED 2011-2030, tratado de forma diferenciada por ser um eixo de infraestrutura petrolífera. No entanto, a elaboração da proposta para o complexo turístico *Pelican*

¹⁶⁸ Em 2016 a *Freedom House*, organização sem fins lucrativos que realiza pesquisas sobre democracia, liberdade política e direitos humanos, classificou Timor-Leste como uma nação “parcialmente livre”, com uma pontuação de 65 numa escala de 0 a 100 (NEVES, 2018). Quando estive em Timor, presenciei algumas manifestações de estudantes universitários, pleiteando melhores condições de vida, que foram violentamente reprimidas. Das poucas situações veiculadas pela imprensa, em 2018, em manifestação contestando a compra de carros de luxo por deputados, dezenas de estudantes foram detidos (RTP Notícias, 2018. Disponível em <https://bitly.com/eSWIs5>. Acesso em 20 out. 2021.

Paradise é anterior ao próprio PED e remonta ao ano de 2009, quando são iniciadas as negociações com o empresário malásio Datuk Edward Ong (SCHEINER, 2015). Já a implementação da Zona Econômica Especial Social de Mercado em Pante Macassar, no enclave de Oecussé-Ambeno, é mais singular. Ausente do PED 2011-2030, o planejamento territorial para essa área se assenta em leis, regulamentos fiscais e ordens executivas próprias, já que é tratada como uma região especial (LA'O HAMUTUK, 2017). Nesses dois megaprojetos que envolvem a construção de infraestruturas turísticas, o apoio financeiro advém majoritariamente de investidores e desenvolvedores estrangeiros de origem portuguesa, chinesa e sul-coreana (SCAMBARY, 2015).

Entretanto, os projetos e ações para o setor de turismo ocorrem por quase todo o território nacional e operam uma lógica de desenvolvimento amparada na sustentabilidade e no turismo de base comunitária. Independente dos megaprojetos, estes parecem compor, ainda, a realidade dominante do setor no país. Embora estes gigantescos projetos tenham capacidade de invisibilizar, no plano discursivo e nos imaginários locais, ações menores e mais pontuais, na prática, promovem um impacto mais real e duradouro para as populações desassistidas pelo Estado. No caso do petróleo, a processualidade territorial tem uma lógica que, mesmo centrada geograficamente em pontos da costa sul do país, emana e vincula a sua condição de bênção à nação como um todo, onde os territórios marítimos e terrestres, numa perspectiva da exploração dos recursos petrolíferos *onshore* e *offshore*, podem ser imaginados como uma coisa só.

Autores como Nygaard (2010), Meitzner (2015) e Bovensiepen (2016) lançam uma perspectiva nova sobre as visões de futuro que atravessam o(s) imaginário(s) de modernidade da sociedade lesetimorense por meio da noção de prosperidade associada às riquezas econômicas, ao projetar que esperanças utópicas de uma transformação radical do país, antes associadas à independência (NYGAARD-CHRISTENSEN, 2010), agora estão associadas às riquezas econômicas, sobretudo o petróleo (BOVENSIEPEN, 2016; NEVES, 2018). A partir dessa abordagem, identificamos um outro contraste nos discursos do petróleo e turismo: o primeiro (petróleo) é imaginado sob uma crença da transformação radical do país por meio da prosperidade rápida, enquanto o segundo (turismo) segue,

assim como nos contextos anteriores, enquadrado no movimento lento, de uma economia sempre situada no futuro.

O eixo petrolífero-energético em desenvolvimento costa sul fornece vários indícios desta relação entre recurso natural, prosperidade rápida e soberania. O Projeto *Tasi Mane* é parte do enraizamento, no discurso da política econômica dos sucessivos governos lestemorenses, da ideologia do petróleo como benção e desígnio nacional, e fortalece a relação de dependência econômica na medida em que o mesmo está sendo viabilizado mesmo diante de inúmeras críticas, inclusive pautadas em argumentos técnicos e científicos, já que o empreendimento não está considerando que vários campos do *Greater Sunrise* estão perto do esgotamento (LA'O HAMUTUK, 2015; SCHEINER, 2015: 2021), e outros mais promissores, como o *Sunrise* e o *Troubadour*, ainda estão em disputa judicial com a Austrália. Ou seja, o Estado, em prol da soberania petrolífera a qualquer custo, opera nos limites da ignorância: atua de forma estratégica, na medida em que pressiona a Austrália em relação à delimitação de fronteiras; e de forma afetiva, na medida em que evoca fortes sentimentos de injustiça e indignação entre políticos e cidadãos timorenses sobre as ações do governo australiano (BOVENSIEPEN, 2020). São os denominados Estados- Afetivos que, segundo Bovensiepen (2020), por meio desses megaprojetos, impõem “desconexões espaciais, emocionais e epistêmicas entre aqueles que implementam o projeto e aqueles afetados por eles” (BOVENSIEPEN, 2020, 5, tradução nossa), ou seja, ocorre a manutenção do afeto pela administração da ignorância.

Outras perspectivas críticas sobre o planejamento econômico e a modernização territorial como parte da construção do Estado em Timor-Leste (BOVENSIEPEN & NYGAARD, 2018) apontam, além da dimensão afetiva como um componente do discurso e das ações no território, para a noção de Timor-Leste como um Estado-Rentista, caracterizado por uma economia pouco distributiva, com os recursos sendo capturados pelas elites políticas e econômicas (BARMA, 2021; SCAMBARY, 2015; NEVES, 2018). Segundo Scambary (2015, 284, tradução nossa) “os fundos públicos estão sendo constantemente canalizados para redes clientelistas de infraestruturas e também empregos públicos”. Ou seja, práticas rentistas, apesar de garantirem alguns momentos de paz, sobretudo em países em

desenvolvimento, na verdade têm potencial para ativar outros vetores de instabilidade política por meio do descontentamento social (NEVES, 2018; BARMA, 2021).

Diante do exposto, percebemos que o discurso do turismo como alternativa econômica ao petróleo e elo principal da diminuição da pobreza e geração de empregos, sob a ideologia do desenvolvimento sustentável, mantém-se como estratégico aos interesses nacionais ao perspectivar um projeto futuro de país alinhado com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU. Ressalta-se que turismo não se constituiu historicamente como central na política econômica de Timor-Leste após a independência, mas é posicionado no discurso enquanto como uma economia central para o futuro, e assim, estrategicamente, consolida a manutenção da soberania do petróleo no presente. Com os megaprojetos, essa dualidade econômica é alterada e o setor de turismo é inserido, junto com o petróleo, no plano de modernização territorial em curso e não somente como uma alternativa à dependência do petróleo.

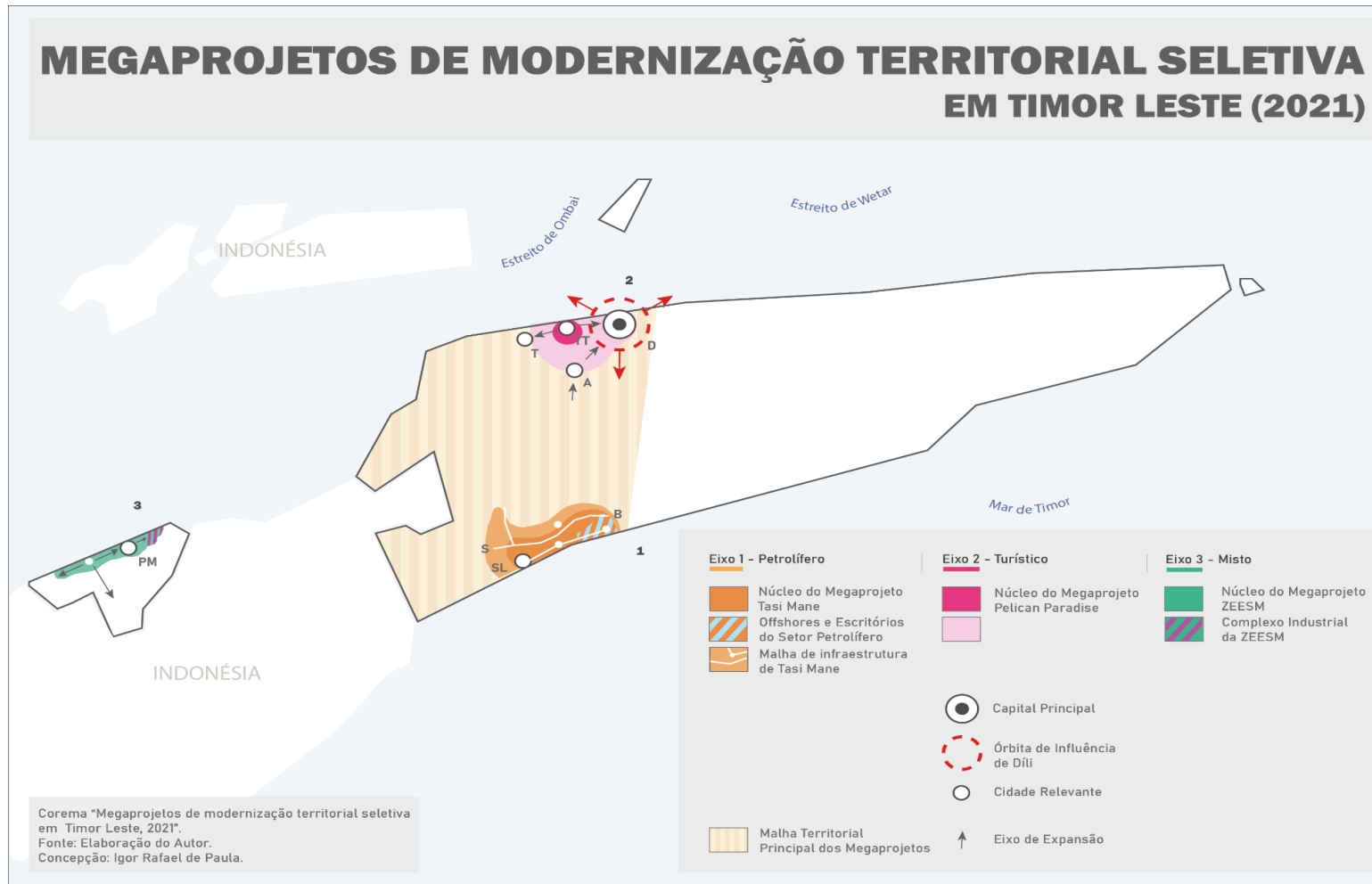
Um dos aspectos da modernização territorial concerne à capacidade de atrair investimentos de ordem econômica, permitindo a grandes empresas usufruírem de uma base normativa, técnica e informacional para viabilizar os empreendimentos, aumentando a produção e circulação de mercadorias e serviços. Compreender a presença de modernizações envolve, assim, considerar o caráter dinâmico do território e suas peculiaridades no tocante às estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais das áreas implicadas no processo. O moderno convive com o não-moderno, ou seja, modernizações são instaladas nos lugares de maneira seletiva e incompleta, sendo promovidas com base em estratégias e ações conduzidas por grupos políticos e econômicos, e utilizando-se de instrumentos de planejamento, tais como planos e programas que favorecem seus interesses.

A ideia de fazer de Timor um país moderno parece estar assentada na crença, por parte das principais lideranças políticas, de que por essa via o país poderá alcançar o estilo de vida dos países desenvolvidos, tomando como modelo as nações mais desenvolvidas da ASEAN bem como seus principais parceiros econômicos regionais, como Austrália e Indonésia. Nesse sentido, oportunidades

de negócios, novos padrões de consumo, incrementos técnicos, inovações tecnológicas, e ainda, acesso aos serviços e objetos da modernidade, alavancam e fortalecem os discursos em defesa dos megaprojetos. Considerando a modernidade como o oposto ao tradicional, a substituição de estruturas antigas por edificações modernas, construídas com base em tecnologias e modelos arquitetônicos sofisticados, também se encontram no cerne desse processo.

Em Timor, a concepção e implementação dos três megaprojetos discutidos pela presente tese apresentam as principais características de uma modernização territorial que é seletiva tanto em relação às áreas escolhidas quanto no que se refere aos setores que estão sendo privilegiados. O mapa-síntese abaixo (Mapa 8) apresenta a localização dos três megaprojetos problematizados pela investigação, e por meio dessa representação será possível discutir algumas das contradições que envolvem o processo modernizador do país.

Mapa 8: Megaprojetos de modernização territorial seletiva em Timor-Leste.



Eixo 1 - Petrolífero: S - Suai; SL - Suai Loro; B - Betano.

Eixo 2 - Turístico: A - Aileu; T - Tibar; TT - Tasi Tolu; D - Díli.

Eixo 3 - Misto: PM - Pante Macassar.

No tocante as áreas escolhidas, não há evidências ou indícios claros dos critérios da definição de Tasi Tolu e Tibar para a implementação do complexo turístico do *Pelican Paradise*, mas parece estratégico a sua construção próxima a capital Díli, que detém as melhores condições de acesso ao país por meio de transporte marítimo e aéreo, além da disponibilidade de meios rodoviários de melhor qualidade. Necessário sublinhar que o *Pelican* é um empreendimento litorâneo, fundamentado no consumo de serviços turísticos de sol e praia, valendo-se do diversificado e rico ambiente de corais presentes na região. Por fim, em Tasi Tolu (Três Mares, em língua *tétum*), existem três lagoas salobras que provavelmente serão reaproveitadas por este empreendimento para usos turísticos.

Em relação ao *Tasi Mane*, a escolha da construção do complexo de infraestrutura de petróleo e gás *onshore* na costa sul advém de características geológicas, geográficas e históricas. A geologia da costa sul, conhecida desde o início do século XX, quando foram realizadas as primeiras pesquisas de prospecção de hidrocarbonetos, tornou a região estratégica para o setor atualmente. Além disso, a costa sul é geoestratégica diante da necessidade de conectar e direcionar o petróleo extraído no mar de Timor em direção às infraestruturas terrestres, isolando assim a rede australiana direcionada a Darwin.

O enclave de Oecussé-Ambeno, e especialmente a porção litorânea de Pante Macassar que confina a maior parte do planejamento urbano e econômico da ZEEMS, apresenta condicionantes históricos, geográficos e culturais que estão sendo apropriados pela ideologia do megaprojeto como um meio de justificar a escolha da área. Apesar do enclave ter sido durante muito tempo tratado como distrito periférico, há uma importância histórica significativa, pois foi nesse ponto do litoral que os portugueses desembarcaram pela primeira vez em 1515, fundando o povoado de Lifau em 1556. Há, portanto, uma associação histórica de Oecussé com Portugal e o catolicismo, sendo considerado um lugar sagrado, com status de patrimônio cultural e histórico. Segundo Yoder (2015), a ação midiática e as apresentações públicas sobre o ZEEMS, bem como os discursos de publicidade da liderança timorense Mari Alkatiri, invocam aspectos históricos e de identidade para justificar a importância de desenvolver o enclave. Este aspecto pode ser verificado

no vídeo oficial da ZEEMS, ao sublinhar que “Timor-Leste começou em Oecussé; sem Oecussé, não haveria Timor-Leste” (RTTL, 2013).

Embora o tema da diversificação econômica pautasse os discursos políticos econômicos, a implementação de estratégias para o desenvolvimento de outras atividades buscando promover a diminuição da dependência em relação ao petróleo não se efetivou territorialmente, mantendo-se apenas no plano discursivo. Observando os três megaprojetos em curso, podemos identificar claramente um eixo petrolífero-energético, um eixo turístico e um eixo misto, sendo este último diferenciado, no sentido de projetar um planejamento urbano mais complexo para Pante Macassar, entretanto sem especificar o tratamento que será dado às outras regiões do enclave. Neste sentido, o projeto de modernização territorial é seletivo tanto em relação às áreas quanto no tocante aos setores que estão sendo privilegiados.

4.3. SÍNTESE ANALÍTICA E A PROBLEMÁTICA DO FUTURO DA NAÇÃO

Sob uma perspectiva ampliada dos acontecimentos problematizados anteriormente e em observância às práticas sociais e econômicas que regularam a vida em Timor-Leste em diferentes momentos históricos, crivados por transições políticas, eventos e conjunturas, a discussão sobre a trajetória dos setores de turismo e petróleo ao longo da complexa história territorial do país demonstrou a ocorrência de estruturas econômicas de longa duração que oferecem um importante contraponto às narrativas históricas centradas especialmente nas economias primárias.

A noção de duração, central em Braudel (1957), mostra que o tempo não escoia de maneira uniforme, ele alterna seus ritmos, sendo estes pautados na ação de uma gama de sujeitos e atores agindo em diferentes escalas, responsáveis por imprimir temporalidades específicas da vida social e econômica. Assim, a temporalidade das economias primárias assentaram-se em um modelo de exploração mais lento e extensivo, determinado pelo contexto econômico, pela disponibilidade técnica e pelos interesses específicos do período colonial. Nestes, a temporalidade é mais alongada, perfazendo séculos de existência.

Os movimentos da economia, na perspectiva da geo-história, também se inscrevem no tempo médio, dado por ciclos de dezenas de anos e associado ao conceito de conjuntura, tomando este como parte de uma confluência de acontecimentos e circunstâncias que caracterizam determinado período ou momento histórico. Por meio dessa abordagem, o tempo médio do movimento das economias, por exemplo da era do petróleo ou da era do turismo, é apreendido na relação com os tempos curtos dos fatos históricos, onde se situam decisões políticas, mudanças econômicas e transições, permitindo assim demarcar as diferentes fases do turismo e do petróleo em Timor-Leste inseridos em uma dinâmica econômica mais complexa geopoliticamente e temporalmente acelerada.

No que se refere à geohistória do turismo em Timor-Leste, ainda que Portugal tenha inicialmente pensado o turismo em Timor a partir de 1958, é na conjuntura do seu processo de descolonização, sobretudo nos primeiros anos da

década de 70, que esse setor tem um primeiro momento de materialização no território, com parte da vida social e econômica se reproduzindo ao redor da atividade turística, ainda que de forma incipiente. Circunscrito a uma realidade colonial distante dos fluxos de mercados e capitais, pouco desenvolvido e com mobilidade limitada, o turismo se inscreve num movimento lento, situado no *vir-a-ser*, uma economia do futuro, como ressaltado pelos sujeitos ligados a Portugal e observados através do jornal *A Voz de Timor*, que intentaram desenvolver o turismo na ilha para as elites australianas.

Nesse recorte, o tempo-médio é internalizado pela espessura do tempo-curto, no qual os indivíduos, no cotidiano em que estavam inseridos, efetivaram tomadas rápidas de consciência, como observado nas ações locais da FRETILIN contra os estrangeiros que controlavam a economia turística, bem como na oposição clara ao turismo “para internacionais”, através do estímulo ao fortalecimento da agricultura. São os denominados eventos (BRAUDEL, 1957; CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999) que, na condição de acontecimentos imediatos, alteram em alguma medida a estabilidade relativa da conjuntura. O contraste entre conjuntura e eventos (RESENDE & RAMALHO, 2004) é significativo na compreensão do movimento do discurso operando no seio das práticas sociais, um claro antagonismo entre as visões da FRETILIN e de Portugal, ou seja, o turismo em sua dimensão política, percebido a partir das percepções divergentes de atores políticos alinhados ou não com agendas políticas domésticas e internacionais (HALL & SEYFI, 2020).

No que concerne a trajetória do turismo em Timor-Leste, nota-se que a sua cronopolítica fundamenta-se em uma temporalidade mais acelerada, com seu desenvolvimento sendo planejado mediante o desejo, por parte de Portugal, de inserir este território nos mercados globais de viagens e lazer; mas também se assenta sobremaneira no tempo lento, tanto no que se refere ao baixo nível de desenvolvimento econômico, quanto aos imaginários locais e relações cotidianas da maioria dos lesetimorenses que vem o turismo ainda como algo distante da sua realidade, o que permite concluir que o imaginário sobre o turismo se orienta mais por uma relação topológica, isto é, por uma composição de um espaço simbólico, do que por uma posição física no território.

A trajetória do petróleo, também tratada sob uma perspectiva de longa duração, apresenta uma primeira materialidade antes e durante a Segunda Guerra Mundial, momento em que países como Grã-Bretanha, Austrália e Japão aglutinaram as tentativas de controle do território lesetimorense para exploração do petróleo *onshore*. Após este período, Austrália e Indonésia tornam-se protagonistas e as maiores interessadas no controle das reservas de petróleo *offshore* do Mar de Timor, sob a conjuntura da descolonização das colônias portuguesas, e aproveitando-se da passividade portuguesa e da sua diplomacia *softpower*, que aguardava definições das fronteiras marítimas a serem discutidas pelos organismos internacionais. No caso do petróleo, percebe-se uma convergência sólida entre ações políticas e interesses econômicos, compreendida teoricamente a partir do binômio geopolítica-geoeconomia.

Nesse espaço-tempo, o turismo e petróleo ainda não são perspectivados e produzidos de forma associada, pois o desenvolvimento do primeiro, tal qual imaginado por Portugal, é interrompido pela invasão indonésia, enquanto o petróleo, durante todo o período indonésio, é explorado em conformidade ao controle territorial definido anteriormente pelas duas potências regionais através do *Timor Gap*. O período indonésio, em nosso olhar, pode ser compreendido pela apreensão do tempo longo e sob o conceito de estrutura, ou seja, da ordenação da vida social que impõe uma permanência secular, de domínio territorial e político-econômico, que custa a se modificar. Nesse caso, tanto Portugal quanto Indonésia, respeitadas as especificidades temporais e das ações no território, são enquadrados como colonizadores.¹⁶⁹ Trata-se então do tempo longo, necessário à manutenção de uma estrutura econômica colonial, pautada no controle territorial, exploração econômica e subjugação dos povos, processo que condiciona em grande medida os eventos e as conjunturas.

Como visto na discussão teórico-metodológica, transições políticas, como no período da administração transitória da ONU em Timor-Leste (1999-2000), podem

¹⁶⁹ Reconhecendo a colonização não apenas como um processo histórico dado em um contexto específico, mas como a ação de ocupar um território distante das suas fronteiras para fins de domínio administrativo, militar e de exploração econômica.

servir para definir trajetórias e até mesmo travar direções futuras do desenvolvimento econômico (ELLIOT, 1999; HALL & SELFY, 2020), já que, como eventos de transição, modulam novas práticas sociais, como comportamento de consumo, e também mudanças institucionais, sendo processos multiatores dentro e fora do sistema político, envolvendo sistemas públicos, privados e entidades sem fins lucrativos, como as ONG's. É nessa conjuntura em específico que as economias do turismo e do petróleo vão ser pensadas inseridas na lógica do Estado-nação independente, com Timor automaticamente substituindo a Indonésia como soberana dos territórios do mar definidos na década de 70, e o turismo se apropriando de novas perspectivas de desenvolvimento sob os princípios da sustentabilidade e situado como economia local a ser desenvolvida e integrada aos mercados regionais e globais.

O nexos entre turismo e petróleo, como salientado, se consolida nos anos pós-independência, atravessado por um discurso dominante no qual o turismo está na condição de alternativa econômica à dependência do petróleo, sendo assim essencial à diversificação econômica almejada pelo país. Esse nexos, entretanto, não invisibiliza as questões de ordem geoeconômica específicas de cada um dos setores, e apesar da associação no plano discursivo, os imaginários sobre o petróleo e turismo são distintos e indicam narrativas profundamente políticas que, na perspectiva de Kinkle (2013) evoluem historicamente e se reinventam conforme os interesses dos sujeitos implicados em cada um dos setores.

Embora secundarizada pela soberania do petróleo, a narrativa temporal do turismo em Timor pode ser analisada, com base em Norum & Mostafanezhad (2016), por meio dos discursos de autenticidade, capitalismo e ecologia. Autenticidade, na medida em que a valorização do turismo se modula pela evocação de características únicas do país localizado no Sudeste-Asiático, ressaltando o passado colonial português, a língua portuguesa e a religiosidade católica. A noção de autenticidade articula-se às narrativas de descoberta e exotismo, elementos presentes desde a década de 70, e que continuam a ser reproduzidos em plataformas oficiais e em notícias que promovem o turismo na ilha, confluindo assim, de acordo com Fabian (2002), para um determinado alacronismo,

dado pelo entrelaçamento de noções de nostalgia e sentimentos de distância espacial e deslocamento temporal.

A necessidade de integração aos mercados globais é um outro componente da narrativa do turismo em Timor-Leste, através do qual as ideias capitalistas de progresso e modernidade mediam desde megaprojetos, tais como o *Pelican Paradise* em Tibar/Tasi Tolu e os projetos do *ZEEMS* para o enclave de Oecussé-Ambeno e a ilha de Ataúro, até iniciativas menores, como as lideradas por ONG's e pelos parceiros do desenvolvimento. Em ambos os casos, a dimensão econômica e ecológica são combinadas por meio do discurso da sustentabilidade, porém com intencionalidades distintas. No caso dos megaprojetos, a noção de sustentabilidade é estratégica para justificar as prerrogativas ambientais e sociais dos empreendimentos, no que se refere, por exemplo, aos planos de mitigação (reflorestamento), bem como na melhoria do acesso à água potável, além do emprego de tecnologias e equipamentos considerados menos agressivos ao meio ambiente. O que se verifica, no entanto, é que essas iniciativas não se direcionam à população lesetimorense como um todo, mas para uma pequena elite timorense e para os estrangeiros.

Ainda sob a dimensão da sustentabilidade, as iniciativas encabeçadas por ONG's internacionais e locais permitem uma significativa mudança do quadro econômico nessas localidades, sobretudo naqueles projetos em que os lesetimorenses se tornam protagonistas do processo de mudança local e detentores das condições de reprodução da vida econômica. Nesses casos, verificamos também que o Estado se mostra ausente, permitindo uma gestão autodeterminada, desde que não afete os interesses macroeconômicos.

A narrativa do petróleo como benção é atravessada por visões de prosperidade rápida e tem sido orientada pelos governos por um regime de dádiva, demonstrando uma racionalidade geopolítica e geoeconômica que opera mediante a administração de pessoas, recursos e rituais. A petrolização do Estado lesetimorense legou aos imaginários locais fantasias econômicas, transformando a vida local em um espetáculo deslumbrante de progresso nacional (NEVES, 2018). Embora as narrativas oficiais apresentem os megaprojetos como um modelo ideal de desenvolvimento para Timor-Leste, capazes de fortalecer a democracia, a paz

e estabilidade com base em consenso nacional, para o Centro de Estudos para a Paz e Desenvolvimento (CEPAD), este consenso funciona na verdade como um mecanismo discursivo para servir aos interesses das elites (CEPAD, 2015, 45 *apud* NEVES, 2018).

Essas narrativas compõem um discurso geoestratégico que, a partir de Sparke (2007), promove de falsas esperanças a medos infundados. No entanto, a falsa esperança, do turismo como alternativa econômica, é mais bem visualizada se compreendida através dos efeitos ideológicos do discurso. No que concerne as percepções sobre o turismo, este se encontra fortemente associado à noção de alternativa e economia do futuro. Portanto, a sua materialização, nesta perspectiva, só é possível mediante uma mudança radical da política econômica de Timor-Leste, que perpassa por uma transformação da percepção do petróleo em benção, se esta potencializar a diversificação econômica e o desenvolvimento local.

A conjuntura mais atual, dos megaprojetos, é emblemática de um projeto de modernização em curso no país, no qual o nexos turismo-petróleo é associado para além da narrativa da alternativa à dependência. Os megaprojetos em curso estão padronizando os ideais de desenvolvimento e apresentam características em comum: em geral são realizados por grandes investimentos externos e utilizam-se de um forte aparato de *marketing*, capaz de uniformizar os imaginários em torno destes setores. Além disso, a produção do espaço intrínseca a esses projetos revela uma internalização do modo de produção capitalista ainda não verificada em Timor, com a abertura do país a ideologias econômicas, vultosos investimentos e empréstimos e a grupos e corporações transnacionais que trazem em seus projetos fortes traços de modernidade neoliberal, ideologia fundamentada no individualismo, ausência de valores compartilhados e crescente exclusão e pobreza.

Através dos megaprojetos, a narrativa predominante do nexos turismo-petróleo também expõe as contradições deste discurso que se baseia, como visto anteriormente, no fortalecimento da identidade e soberania lesetimorense. Os conflitos fundiários associados aos megaprojetos é a face mais perversa desta modernidade, na medida em Timor, ao considerar-se um *Rai Estado* (Estado com terra), evidencia uma visão abissal das visões de mundo que atravessa a política lesetimorense e parte significativa dos agentes de desenvolvimento, ao

desconsiderar a centralidade da terra, que é sagrada para as comunidades locais (YODER, 2015; MENEZES, 2020). Além desta que é uma das questões mais sensíveis, preocupações com a disponibilidade de água e direcionamento da energia elétrica para abastecimento dos empreendimentos também geram enorme apreensão e questionamentos visto que a grande parte das comunidades da ilha não tem acesso a estes recursos.

Ao contrário do que preconiza as práticas e a narrativa dominante, a relação do turismo e petróleo como sinônimos, respectivamente, de formação de identidade e fortalecimento da soberania nacional, é relativa, contraditória e não condiz com as necessidades mais urgentes dos lesetimorenses e com os princípios constitucionais estabelecidos de 2002. Na Região Administrativa Especial Oecussé-Ambeno (RAEOA), o reordenamento espacial promovido pela ZEEMS envolve uma *high modern* (YODER, 2015) na pequena porção litorânea de Pante Macassar, desconsiderando o desenvolvimento das áreas rurais da região que apresenta os piores índices de desenvolvimento socioeconômico do país. Neste megaprojeto de modernização, a construção de dois resorts – *Paradise Beach Resort* e *Charming Eco Resort* – que incluem parques aquáticos e campos de golfe, estão em terrenos onde existem produtivos campos de arrozais pertencentes a um grande número de famílias e pequenos proprietários de terra (YODER, 2015, pg. 17).

Como visto, a composição e as práticas sociais e econômicas do discurso hegemônico apresenta traços de uma modernidade neoliberal, caracterizando um Estado racional que almeja ser global a altamente desenvolvido, buscando sustentar relações assimétricas de poder assentadas em uma rede de práticas que se manifestam em diferentes escalas. A manutenção de posições hegemônicas, como a da atual política econômica, centrada na modernização do país através de megaprojetos, é um processo dialético e contraditório na medida em que impulsiona a construção do Estado por meio da abertura ao capital internacional, exemplo de paradoxo da economia (RUCHEFORD, 2012), pois opera um duplo desejo de autossuficiência e reconhecimento internacional (RUCHEFORD, 2012; BOVENSIEPEN, 2020), elementos-chave para compreender Timor-Leste.

Este “efeito modernizador”, ou seja, por onde as políticas de desenvolvimento econômico se atrelam a apropriação de recursos naturais e a implementação de projetos específicos de agentes determinados (PEREIRA, 2006), demonstra que o projeto de modernização territorial em curso adquire uma forma seletiva, corporativa e clientelista, pois os megaprojetos evidenciam à tendência para o uso corporativo do território. E sendo o planejamento de base estratégica e não integral, há um privilégio de setores (petróleo e turismo) e áreas (Enclave de Oecussé-Ambeno, Tibar, Tasi Tolu e Costa Sul) em detrimento do desenvolvimento do território nacional como um todo, indicando uma produção do espaço desigual, na medida em que vem ampliando as desigualdades socioespaciais, econômicas e entre as regiões do ordenamento espacial do país. E assim como ocorreu em Oécusse-Ambeno, a ilha de Ataúro também está sendo alçada à condição de zona especial, desvinculando-se administrativamente de Díli e projetando um desenvolvimento mais autônomo.

Outra característica da modernização em curso refere-se à forma clientelista e patrimonialista do Estado de Timor-Leste, por onde laços de parentesco e pertencimento à grupos de resistência histórica fortalecem a condição de autoridade honorária a um grupo seletivo de lideranças que se alternam no poder, conduzindo um processo paralelo que Soares (2013) denominou de cultura *maun bo'ot* (irmão mais velho), formando redes clientelistas de privilégios políticos e econômicos. Por esta perspectiva, a entrega de projetos e áreas às lideranças específicas – ZEEMS à Mário Alkatiri, *Pelican Paradise* à Taur Matan Ruak e *Tasi Mane* à Xanana Gusmão, comprovam a relação clientelista (YODER, 2015; NEVES, 2018). Além disso, práticas específicas, como o pagamento de veteranos de guerra, consumiu em 2012 cerca de 15% no PIB não petrolífero, ou seja, 60% do total dos recursos destinados a despesas e assistência social (LAO HAMUTUK, 2013; SCAMBARY, 2015).

A fase dos megaprojetos, embora não tenha sido o objeto principal da presente tese, indica que os setores de turismo e petróleo estão sendo alçados a um nível semelhante de produção do espaço. Com base na teoria espacial advinda da geografia, no que se refere ao território usado (SANTOS, 2004), nota-se que alguns atores têm a capacidade de produzir uma configuração territorial que atenda

a seus interesses, e no capitalismo, Estado e grupos econômicos têm maior capacidade de ações (SANTOS, 2012). Através dos megaprojetos, pode estar se constituindo em Timor o uso corporativo do território, que é a forma hegemônica de compartilhar o espaço no capitalismo contemporâneo (KAHIL, 2010).

Nas infraestruturas turísticas, especialmente os *resorts* de luxo, além da imposição de novas práticas de consumo do espaço que poderá estimular nichos específicos de mercados consumidores, torna-se evidente algumas tendências, como na criação de condições para a constituição de outras divisões de trabalho no interior do território lesetimorense, com os distritos – e sua população – assumindo diferentes funções. No caso das infraestruturas de petróleo e gás, o uso corporativo do território se processa por meio da abertura do território aos capitais e agentes internacionais, com incrementos tecnológicos de altíssima geração e alteração profunda da paisagem. Importante sublinhar os efeitos destes empreendimentos no ordenamento urbano de um país de pequena dimensão, pois a construção de aeroportos, complexos residenciais, hospitais e universidades poderão impactar profundamente a mobilidade interna, orientando deslocamentos em direção ao litoral e criando vazios demográficos.

Se partirmos do pressuposto de que a população lesetimorense poderá ter condições de acessar uma parcela destes serviços, e não apenas uma pequena elite local em ascensão, esta e outras problemáticas só poderão ser analisados posteriormente, pois os megaprojetos apresentam grande complexidade política, financeira e espacial, sendo materializados por etapas e em pontos específicos das áreas pré-concebidas pelo planejamento destes. Em tempo, as lideranças políticas do país são conhecidas também por abandonar projetos na mesma rapidez em que estes são gestados. Entretanto, se o impacto na escala nacional e regional ainda não podem ser observados, na escala local os efeitos já estão sendo sentidos, principalmente através da expropriação de locais de ocupação histórica e também das áreas de cultivo agrícola.

A presente análise colocou em evidência algumas razões pelas quais a pequena e jovem nação insular, orgulhosa de sua história de resistência e com abundância em recursos financeiros, ainda patina para promover a equidade da sua população e melhorar a grande parte os índices socioeconômicos. E quando

observamos, a partir dos resultados apontados por esta investigação, a trajetória do turismo e do petróleo, algumas permanências e transformações se tornam mais claras, ao evidenciar que estes são utilizados para a fabricação de uma ordem nacional – e espacial – seletiva territorialmente e que vem aprofundando as desigualdades socioespaciais.

O forte vínculo do petróleo como elemento da soberania nacional pode ser explicado ao situarmos o histórico de apropriação dos seus recursos por potências estrangeiras, e a necessidade do Estado em controlar e gerir esta riqueza de forma autodeterminada (BOVENSIEPEN, 2018). Neste processo, percebemos as contradições e paradoxos do discurso e da representação, onde a abordagem geopolítica crítica mostra que em Timor, as formas geopolíticas estão sendo recalibradas por lógicas de mercado (COWEN & SMITH, 2009), indicando que o clientelismo patrimonialista é uma tendência no país (NEVES, 2018), ao operar segundo os interesses de investidores estrangeiros ao mesmo tempo em que promove a apropriação dos recursos nacionais por específicos grupos políticos e segmentos privados. Com o reordenamento espacial seguindo práticas modernistas, controladas por especialistas e com alta demanda tecnológica, não apenas obscurecem como são capazes de apagar as especificidades do lugar e transformar a paisagem (YODER, 2015).

A topologia do petróleo, podemos afirmar, condiz com uma topologia do poder que pode ser compreendida através da correlação entre técnicas, formas materiais, estruturas institucionais e relações de poder que contribuem a sua diferenciação política e econômica. Também apresenta uma temporalidade cada vez mais acelerada, ditada pela lógica do mercado energético, onde as noções de proximidade e distância, vistas sob as dimensões simbólica e material, assinala uma compressão e uma processualidade incomparável ao examinarmos no conjunto das economias do país.

Já o turismo parece se consolidar como um duplo estatuto, pois ao mesmo tempo em que é propulsor do desenvolvimento local de base sustentável, opera uma outra lógica de desenvolvimento que, sob uma perspectiva histórica, se assemelha as visões econômicas de Portugal, que buscou implementar um turismo de elite para internacionais; e situado no presente, indica que o setor protagoniza

desigualdades materiais e assimetrias de poder que florescem sob as condições do capitalismo neoliberal e da globalização (BIANCHI, 2019). Nas áreas onde estão sendo desenvolvidas infraestruturas turísticas modernas, o confinamento territorial não só invisibiliza a pobreza, como a reproduz. O patrimônio cultural, pautado na seletividade histórica, geográfica e cultural, como visto em Oecussé (YODER, 2015), é comercializado pelo *marketing* destes empreendimentos e também nas feiras internacionais, como a Expo Dubai 2021, enquanto o patrimônio natural, a água e a terra, vem sendo expropriada da maioria da população e direcionada para abastecer infraestruturas e serviços de lazer e entretenimento para turistas.

Assim, entre discursos e estratégias políticos e econômicos, a problemática do futuro de Timor-Leste é um dos desdobramentos mais importantes desta investigação. Primeiro, por conta de uma estratégia geopolítica que busca constantemente melhorar os índices de estabilidade política e desenvolvimento socioeconômico para aderir ao bloco regional ASEAN, mas desconsidera o tema da transição energética que pauta as discussões atuais do bloco, pois é um Estado que trabalha para fortalecer sua condição de Petro-Estado. Também não constrói uma percepção mais ampla sobre a instabilidade dos mercados globais alinhados com o setor petrolífero, configurando um problema sério de visão econômica.

No escala nacional, as denominadas economias locais, turismo e agricultura, continuam a receber irrisórios investimentos e ter espaço nas políticas públicas apenas pontualmente, sendo delegadas aos atores internacionais e seus projetos de desenvolvimento à nível territorial-local que, é importante sublinhar, dão suas contribuições às comunidades do país. Terceiro, a pandemia de Covid-19 impactou profundamente ambos os setores, e não só evidenciou que ambos estão profundamente conectados no âmbito dos mercados globais, como também travou o desenvolvimento do país, sobretudo o turismo, que viu inúmeros serviços turísticos fecharem as portas, como restaurantes, hospedagens, agências de viagens e mergulho.

Outro desdobramento que merece destaque diz respeito à crítica da proeminência do discurso do desenvolvimento como expansão econômica que adora a si mesmo (RIBEIRO, 2007), por onde forças políticas e relações históricas têm a capacidade de criar e organizar cenários que constroem as possibilidades

de ação das pessoas e situa o desenvolvimento no campo do poder (WOLF 1999 apud RIBEIRO, 2007). A lógica do desenvolvimento em Timor-Leste indica nós de poder bastante distintos, pois lideranças e associações locais são até consultadas, porém não têm a mesma capacidade de ação de agentes nucleares (BARROS, 1996). E mais, são normalmente os mais vulnerabilizados pelas iniciativas de desenvolvimento. Na mesma direção, ou seja, da ausência de posicionamentos críticos, a ideologia da sustentabilidade, gestada desde o período da UNTAET (1999-2002), praticamente não está sujeita a análises críticas por parte dos atores, sujeitos, organizações e instituições implicadas especialmente no setor de turismo.

Diante do processo verticalizado e seletivo de modernização territorial, a discussão teórica em torno do planejamento territorial em Timor ainda não foi devidamente explorada, e o caminho dos megaprojetos orientados pela riqueza do petróleo, tratado como desígnio estratégico nacional, não parece oferecer possibilidades reais de desenvolver o território como um todo. Fundamentado no planejamento estratégico, caracterizado por ser hierarquizado e setorizado, economias como a pesca e a agricultura, por exemplo, são secundarizadas diante da onipresença do petróleo e, agora, do turismo, impondo desafios à construção de uma visão holística e integrada do território.

Em um cenário onde alguns dos principais campos de petróleo comprovadamente tem data para se esgotarem (SCHEINER 2015: 2021), e considerando que o desenvolvimento do turismo se baseie sobretudo em iniciativas imediatistas, concentradas em uma gestão operacional e de *marketing*, o desenvolvimento do país não está sendo avaliado mediante possíveis colapsos energético, populacional e de infraestrutura, se observadas as características físico-geográficas e as tendências de crescimento urbano e demográfico de um território insular com limitações territoriais e baixa diversidade de recursos naturais. Ainda neste panorama traçado, elementos como a soberania e a identidade são metamorfoseados e se encaixam em um modelo de desenvolvimento que é o contrário do que se defende, ou seja, despersonaliza a história e o lugares através do uso indiscriminado do progresso técnico, aliados ao baixo grau de informação dos cidadãos, sujeito ainda à modismos e ao gosto dos mercados (YAZIGI, 2001)

No tocante ao petróleo, já são substanciais as informações de teor técnico sobre a finitude dos campos petrolíferos, além do fato de que cerca de 86% dos 23 bilhões de dólares armazenados do Fundo Petrolífero nos últimos 15 anos foram gastos em investimentos do Estado. Segundo Scheiner (2021), estes gastos referem-se sobretudo ao pagamento a empresas estrangeiras para desenvolver os grandes projetos de infraestruturas, e no aperfeiçoamento da máquina pública do país. Desde o pico de 2012, verifica-se que as receitas oriundas do petróleo caíram drasticamente, e o que pode “restar” para a próxima década, se comprovado o esgotamento dos campos, serão apenas direitos de importação, impostos e taxas derivadas do Fundo Petrolífero.

É necessário frisar que a dependência do petróleo não se deve exatamente a grande disponibilidade deste recurso, já que sem esta condição Timor estaria em condições muito mais fragilizadas em todas as esferas da vida econômica e social. A título de exemplificação, excetuando-se os bens petrolíferos, Timor exporta basicamente café e viagens, ou seja, um produto primário e bilhetes de passagem de companhias aéreas emitidos em Timor-Leste.¹⁷⁰ A dependência, então, está na não utilização das receitas em prol da sonhada diversificação econômica.

“Timor-Leste depende das suas exportações de petróleo mais do que qualquer nação, exceto o Sudão do Sul, a Líbia e, talvez, Guiné Equatorial. No entanto, essa dependência não se deve às vastas reservas de petróleo e gás ou às altas taxas de produção, mas porque a economia não petrolífera, que mal existia quando a independência foi restaurada em 2002, ainda é muito pequena” (SCHEINER, 2015, 11)

Diante deste cenário assustador, o discurso da diversificação econômica e do turismo como economia do futuro têm uma limitação de investimentos que precisa ser colocada em evidência, e neste ponto uma visão planejadora à curto,

¹⁷⁰ A balança comercial de Timor-Leste é drasticamente discrepante, pois praticamente tudo que o país necessita é importado. “Frangos são importados do Brasil, arroz do Vietnã, ovos e cerveja de Cingapura, suco de fruta de Chipre, cebola da Holanda, alho da China, leite da Austrália etc. Segundo Scheiner (2015), no ano de 2014, cerca de \$116 milhões foram utilizados para pagar fornecedores indonésios de uma variedade de produtos incluindo água, velas, cigarros, macarrão instantâneo, bebidas açucaradas e peixes enlatados

médio e longo prazo precisa ser construída. E na escala regional, o desejo de integrar-se a ASEAN passa por Timor encarar o processo de transição energética, alinhando-se aos Estados-Membros no desenvolvimento de energias renováveis e abastecimento mais sustentável (MOTTET, 2019). Portanto, as riquezas não-renováveis oriundas da exploração de petróleo e gás devem apontar para a transição energética em curso no Sudeste-Asiático, sem o qual Timor-Leste se manterá regionalmente isolado e sujeito a novos colonialismos.

É o que se verifica, por exemplo, nos mais recentes interesses da petrolífera Santos, associada às necessidades energéticas e controle de resíduos da Austrália, em utilizar o campo timorense de Bayu-Undan – que está próximo ao esgotamento – para armazenamento de cerca de 10 milhões de toneladas por ano de dióxido de carbono, isto é, dezesseis vezes o que Timor consome anualmente. Pressionada por clientes e parceiros econômicos que exigem uma energia mais limpa, estes agentes operam o território de Timor-Leste sem encontrar grande resistência por parte das lideranças locais. Embora esta problemática não dialogue com as questões específicas do tema de pesquisa, a mesma é indicativa das dificuldades do Estado lesetimorense em gerir o território de forma soberana.

Como foi visto, Timor-Leste se encontra em uma situação em que o petróleo domina o planejamento, desviando a atenção do que é sustentável e equitativo e concentrando toda a ação política sobre o território. Diante desta realidade, o exposto no PED e na PNT vem se tornando algo atraente e impossível. As dificuldades do desenvolvimento atual remontam também ao legado histórico, tanto no que se refere às administrações portuguesas e indonésias ilegais e corruptas quanto no que concerne ao desafio de recuperar-se de um conflito prolongado que impôs a pequena nação um quadro de pobreza extrema e subdesenvolvimento.

De todo modo, a presente investigação demonstrou que a dialética do desenvolvimento de Timor-Leste reside na tese de que a única economia capaz de tirar o país desta combinação tóxica está causando justamente o contrário, ou seja, aprofundando as relações de dependência econômica e complexificando os níveis e tipos de desigualdade socioespacial e econômica entre os lesetimorenses, e entre os distritos do país.

A história mostra que micro-espacos dificilmente se tornam potências mundiais; longe disso, na maioria dos casos os atores globais os mantêm-se sob uma condição de periferia do capitalismo. O Timor em movimento, ou seja, inserido nos fluxos das relações políticas e econômicas multiescalares, encontra-se mais suscetível aos interesses externos do que já o fora em períodos anteriores, onde o controle territorial perfazia o primado principal da geopolítica. Por este prisma Timor também é desafiado a encontrar caminhos que possibilitem um melhor balanço de forças na esfera das relações diplomáticas junto aos interesses dos mercados globais; assim, reconfigurando a sua finalidade prática enquanto Estado Nação que se orgulha de carregar o DNA da autodeterminação e da soberania.

Ao refletirmos sobre as perspectivas futuras do desenvolvimento e modernização em curso, é preciso sublinhar que os setores do turismo e do petróleo são potenciais acentuadores de impactos socioambientais: contaminação dos rios e mares, poluição atmosférica, destruição dos recifes de coral, despersonalização do lugar e da cultura, mudança nos padrões de consumo e maior produção de resíduos sólidos são apenas alguns dos exemplos que demonstram a necessidade de repensar o planejamento e gestão destas economias bem como implementar de forma efetiva a diversificação econômica.

Em suma, enquanto se verifica um enorme esforço político com o objetivo de viabilizar inúmeros acordos econômicos para implementar uma política de desenvolvimento econômico setorial, a agricultura e a pesca se colocam na condição de elo mais profundo com o cotidiano das comunidades lesetimorenses e suas necessidades mais urgentes de subsistência. Alcançar os ODS da ONU, tema que lideranças políticas utilizam constantemente em seus discursos e nos eventos de exposição da “marca” Timor, perpassa por olhar a agricultura com mais carinho. O cuidado com o território – a linguagem da terra que é a nação e precisa ser preservada – como disse Xanana Gusmão em 1999, não condiz com a realidade dos megaprojetos, por onde o maior patrimônio do país, os lesetimorenses, estão sendo marginalizados e expropriados do seu direito a plena reprodução da vida econômica e social. A manutenção do vínculo com a terra, além de promover a segurança alimentar, potencializa o fortalecimento econômico das

comunidades e a reprodução dos princípios de cooperação e igualdade através do qual a nação foi historicamente gestada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se quiseres entender algo sobre um país, um conflito, uma região, começa com a sua geografia, depois vai para a história, a seguir desenvolve os assuntos da atualidade, e terás uma visão muito mais clara

Tim Marshall, O Poder da Geografia (2021)

Quando estive em Timor-Leste, entre os anos de 2013 e 2015, ao realizar viagens de turismo e imersão cultural pelo interior da ilha, observei alguns primeiros indícios de grandes empreendimentos contrastantes com a realidade local, ao verificar em *Dolok-oan*, conhecida como praia dos portugueses, um muro de metal delimitando a concessão privada de uma grande área pública daquela extensão do litoral. Ao lado, uma comunidade de pescadores em condições extremamente insalubres, via-se que estavam imersos na pobreza. Ao conversar com um colega timorense, ele me narrou a época que ali seria construído um grande *resort*. O que era apenas um registro de memória de alguns anos atrás foi confirmado em pesquisa posterior, ao encontrar no site da ong La'ó Hamutuk (2015) a referência ao *Pacific Tourist Resort* (foto abaixo), empreendimento do mesmo construtor do Hotel Timor Plaza, Tony Jape, e que provavelmente não foi concretizado por conta da ausência de licenciamento ambiental.

Figura 1: Delimitação da área pública cedida para construção do *Pacific Tourist Resort*



FONTE: La'ó Hamutuk (2015)

Já em uma das viagens para ilha de Ataúro, fiquei hospedado no *Barry's Place*, uma pousada e camping localizado no ponto de maior mobilidade da ilha, ao

lado do porto principal, onde o dono era australiano, e os timorenses serviçais. Pouco se via de lesetimorenses praticando turismo, apenas trabalhando para servir a turistas e seus patrões estrangeiros. Nos restaurantes da cosmopolitana e pobre Díli, a mesma coisa. Nas agências de mergulho, a mesma situação. Percebia-se que estava em curso um processo de apropriação territorial, permitida pelo Estado e condizente com o conceito de colonismo proposto por Hoerner (2007), através do qual sujeitos localizados nos países desenvolvidos visitam e estabelecem empreendimentos em países pobres e em desenvolvimento.

O processo de transformações econômicas em curso, de modernização territorial seletiva e contraditória, portadora de desigualdades socioespaciais, é a tônica do desenvolvimento em Timor-Leste na contemporaneidade, ainda que os sujeitos locais, e muitos internacionais, estejam predispostos ao encantamento e as fantasias que a modernidade – e seus discursos – constroem. O fundamento ideológico da prosperidade rápida, proporcionada pela transferência da soberania dos recursos petrolíferos conquistada com a independência do país, não se desdobrou em melhorias das condições socioeconômicas da população. O turismo, considerado a principal alternativa econômica para diminuição da pobreza e geração de empregos, antes desenvolvido de forma lenta e gradual, é agora alçado, assim como o petróleo, à condição de setor estratégico com os megaprojetos.

A questão do desenvolvimento em Timor-Leste foi geradora de muitos questionamentos que se aglutinaram em torno da problemática e hipótese da presente investigação. Por que uma nação tão rica em recursos financeiros não é capaz de tirar a maioria da sua população da pobreza? Por que os ativos financeiros do Fundo Petrolífero não são efetivamente investidos no desenvolvimento dos setores de turismo, agricultura e pesca? Por que o Estado de Timor-Leste não tem uma postura ativa para estes setores, legando os projetos e intervenções aos parceiros do desenvolvimento e as ONG's? Com os timorenses na condição de empregados, em que nível e sob quais condições o turismo pode ser uma atividade realmente sustentável? Se o discurso hegemônico e as crenças da sociedade lesetimorense situam o turismo como a principal via para a diminuição da dependência do petróleo, por que esta dependência continua a crescer?

Para dar conta da temática tratada, o qual seja, do nexos entre os setores de petróleo e turismo, onde não foi possível encontrar referências específicas sobre o assunto, a construção teórico-metodológica se constituiu como uma perspectiva analítica de encontros – entre abordagens científicas, línguas, posições epistêmicas e áreas do conhecimento – tornando o arcabouço teórico aglutinador e efetivamente interdisciplinar, no entanto, orientado para as especificidades do objeto de pesquisa considerando a tarefa complexa que foi ler Timor-Leste.

Nesta construção, um dos desafios da pesquisa foi trabalhar com diferentes línguas. Apesar da maior parte do referencial bibliográfico utilizado estar disponível em língua portuguesa, as produções científicas em língua inglesa foram essenciais e permitiram preencher lacunas teóricas e qualificar a análise do objeto de pesquisa. Além destas, em razão do pouco domínio da língua tétum, foi realizada apenas uma leitura parcial de conteúdos veiculados pelos meios locais, tentando compreender as percepções dos próprios timorenses que, por conta de vicissitudes históricas e encontros culturais, se constituíram como um povo poliglota, dominando várias línguas, dentre os quais o inglês, *bahasa* indonésia, além do tétum e português, que são as línguas oficiais da nação.

Com base nestes questionamentos e percepções iniciais, a presente investigação intentou, a partir de uma leitura geo-histórica, aprofundar-se nas trajetórias históricas do turismo e petróleo ao longo da complexa formação territorial de Timor-Leste. Neste percurso, foi possível construir uma leitura mais equilibrada entre os fatores de ordem geopolítica alinhados aos interesses econômicos, sublinhando as ações e interesses dos sujeitos e atores que fabricaram espacialidades e temporalidades múltiplas e contraditórias. A este respeito, por meio do diálogo entre geopolítica e geoeconomia foi possível reler a história econômica de Timor, atravessada por contextos históricos, conjunturas e transições políticas, até alcançar os nexos discursivos que compõe a política econômica atual do Estado de Timor-Leste. Assim, demonstrou-se a fabricação de uma narrativa que potencializa determinadas práticas sociais e econômicas, impactando e direcionando a produção do espaço e os imaginários em torno desta produção.

É importante salientar que a presente investigação passou por inúmeras desafios. Para se chegar à questão de pesquisa que permeou a presente tese, ocorreram várias mudanças no projeto e nas proposições de pesquisa, com lacunas que só seriam preenchidas recentemente. Isso se refletiu na dificuldade de construir a discussão teórico-metodológica e de encontrar referências adequadas à proposta inicial. Diante destes entraves, a realização de pesquisa arquivística e documental em Portugal mostrou-se uma escolha bastante acertada, pois contribuiu para evidenciar que o turismo não surgiu “do dia para a noite” como potencial atividade econômica de Timor, mas esteve amarrado aos interesses portugueses na promoção deste setor.

Necessário ressaltar que, se o objeto de pesquisa, em sua delimitação espacial, constituiu o próprio Estado-Nação de Timor-Leste como realidade histórica, a periodização foi trabalhada mobilizando diferentes recortes temporais, sobretudo porque demarcações temporais, necessárias à sistemática do conhecimento científico, não são rígidas e muitas vezes a sua aplicação verticalizada não condiz com a complexidade histórica e geográfica do real, que é dialético, contraditório e marcado por diferentes ritmos e escalas na composição da espessura temporal e da estrutura espacial. Assim, dar um enfoque espaço-temporal ao objeto de pesquisa, tomando o espaço como produto da sociedade e expressão das contradições criadas pelas relações sociais, e também um dado do sistema temporal, como apontou Milton Santos (1986), foi uma tarefa árdua, porque poderia incorrer em simples referências a acontecimentos e fenômenos históricos que servem a explicações parciais, sem observar o conjunto.

Assim como o tempo, centralidades geográficas e fatos históricos são relativos, dependem do sujeito e da sua localização epistêmica e geográfica, ou seja, do seu lugar de fala. Para muitos timorenses que vivem no interior da ilha, o centro do seu mundo conhecido não é a capital, Díli, e sim o *Ramelau*, montanha sagrada e um dos pontos de peregrinação religiosa. Então para este timorense, a história oficial, ou uma certa maneira de contar a história de Timor, pode não fazer sentido, ainda que a organização espacial do seu território imponha específicas centralidades. Já para um pesquisador de Timor que tem seu lugar de fala no Brasil, sua leitura não será igual a de um timorense e também não se assemelha às outras

leituras de matriz ocidental, como a dos portugueses, por exemplo. Então a consciência das múltiplas visões epistêmicas que fabricam fatos e moldam centralidades é essencial para uma pesquisa desta natureza, onde o desafio é falar do outro com respeito e profundidade, evitando o perigo das visões coloniais ainda tão presentes em nossas percepções de mundo.

Esta consciência, como observado na presente investigação, não irrompeu em neutralidade e a-criticidade; ao contrário, a dialética do desenvolvimento de Timor mostra que a crítica é cada vez mais necessária, ainda que os críticos geralmente não sejam bem-vistos pelas principais lideranças políticas do país. Esta posição permeou toda a construção da análise, colocando em evidência o que está nas entrelinhas do discurso e invisibilizado por imaginários positivistas de prosperidade e riqueza. Problematizar a realidade do país, através do qual o projeto de modernidade em curso contradiz a sua tão celebrada memória de luta contra os invasores ao situar os lesetimorenses alienados da sua própria realidade histórica, ainda imersos na pobreza mais crítica, é definitivamente uma importante contribuição desta tese.

Os nexos entre petróleo e turismo, administrado como parte de uma estratégica do Estado para manter a sua política econômica centrada nos recursos petrolíferos e projetando os outros setores como economias do futuro, apresenta sua face neoliberal nos megaprojetos. No entanto, os megaprojetos recombinaaram as visões discrepantes entre turismo e petróleo ao unificar a produção do espaço em um padrão de desenvolvimento direcionado aos estrangeiros e elites nacionais, impondo um modelo de modernização territorial seletiva, ao privilegiar determinadas áreas em detrimento do desenvolvimento amplo do território. Além disso, esses empreendimentos têm uma alta demanda exploratória, apropriando-se de terras e de outros recursos naturais.

Também foi possível perceber que há uma dimensão simbólica do processo de reconstrução da nação, onde as infraestruturas e instalações permeiam fortemente o imaginário dos timorenses, como se estas por si só representassem a finalidade máxima do desenvolvimento. Analisando as postagens de timorenses nas redes sociais, seja de pessoas comuns como também dos principais atores políticos, há uma quantidade substancial de compartilhamento de imagens reais e

projeções artificiais de infraestruturas, como *resorts*, hotéis, restaurantes, estradas, pontes etc. Esse *fetich*e pelos objetos encontra um paralelo histórico e talvez possa ser explicado pela destruição total das instalações e infraestruturas da ilha, que as forças indonésias realizaram antes de retirar-se de Timor, em 1999.

Sendo Timor comprovadamente um Petro-Estado, faz-se necessário questionar de que maneira e condições o turismo (ainda) se situa como uma economia do futuro e sob quais perspectivas o setor pode efetivamente potencializar a diversificação econômica? Mesmo considerando que Timor é um território insular de pequena dimensão, dotado de poucos recursos naturais, o ordenamento territorial visando a diversificação econômica poderá, ainda que a tecnologia potencialize usos mais sustentáveis do território, encontrar limites físicos e populacionais, visto que se projeta em Timor uma das maiores taxas de crescimento demográfico para as próximas décadas. Assim, é factível imaginar um ponto de inflexão até onde o turismo possa se desenvolver espacialmente? Qual afinal o modelo de turismo que se deseja para o país?

Em meio a esta dualidade econômica que centraliza esforços políticos e recursos financeiros, o fortalecimento da agricultura familiar, em especial, desponta como necessidade primeira, articulada a uma gestão sustentável do patrimônio natural bem como a preservação das múltiplas identidades territoriais que apresentam um forte vínculo com a terra. A mobilização da população local objetivando posicionar-se criticamente contra estes empreendimentos, exigindo ao menos contrapartidas direcionadas ao desenvolvimento local, é um desafio ainda maior diante de um Estado de características autoritárias que estrategicamente administra sonhos e recursos.

No ano de 2014, a Direção Nacional de Ensino Superior, junto à Universidade Nacional Timor Lorosa'e, no contexto de um esforço de reestruturação dos currículos superiores, apresentou um documento detalhando propostas curriculares de licenciatura em Ciências Humanas, dentre as quais, a proposta curricular de implementação do curso de Geografia & Planejamento Territorial. Neste ano eu estava em Timor atuando na docência e co-docência na UNTL, e ciente das contribuições ímpares da ciência geográfica, discuti com alguns colegas timorenses e da cooperação brasileira sobre a importância de pressionar

as lideranças da Universidade e do governo à época para realmente alavancar este processo institucional, o que infelizmente não aconteceu, assim como muitos outros projetos que são abandonados na mesma rapidez em que são criados.

Este acontecimento específico conecta-se a esta tese doutoral na medida em que, ao problematizar o Timor sob uma análise geográfica, algo ainda bastante raro entre as produções científicas sobre o país, demonstra que a geografia pode dar imensos contributos teóricos, conceituais e metodológicos para ampliar a reflexão sobre o território bem como a discussões sobre planejamento, desenvolvimento e produção do espaço. No entanto, este processo de institucionalização deve convergir para a construção de um currículo e de uma estrutura de conhecimento que tenha uma identidade timorense, ainda que se oriente em modelos e corpos científicos de outros centros geográficos e epistêmicos, sobretudo daqueles situados no Sul-Global.

Neste ponto, a cooperação sul-sul e a geografia brasileira oferece inúmeras possibilidades para uma nação que ainda necessita ampliar os diálogos científicos e fortalecer agendas de cooperação que estejam alinhadas com seus objetivos. Esta tese têm origem na experiência ofertada pela cooperação Brasil-Timor, por meio do Programa de Qualificação Docente em Língua Portuguesa da Capes/MRE/USFC, por onde alguns geógrafos e geógrafas puderam estabelecer diálogos na fronteira entre conhecimentos e culturas, e este intercâmbio possibilitou à geografia produzida no Brasil olhar mais e melhor para Timor.

De uma perspectiva teórico-metodológica, os contributos da geografia brasileira são enormes e ilimitados diante do desafio de ler Timor com um enfoque espacial, crítico, dialético e multiescalar. E neste sentido novos desdobramentos analíticos da presente investigação indicam um terreno fértil para a geografia brasileira. Além disso, esta tese, ao ser finalizada, alinhou-se de forma bastante consubstanciada à linha de pesquisa específica do PPGH, a qual seja, Geografia Política, Planejamento e Recursos Naturais. Por meio desta abordagem, foi possível compreender a geopolítica como ciência, ideologia e prática política atravessada por diferentes contextos históricos, além de ampliar o debate sobre os múltiplos caminhos do planejamento e da ação política no território.

Possibilitou expor, aliás, que a reflexão crítica sobre o projeto de modernidade em curso é urgente para metamorfosear a visão política atual, ou seja, é preciso construir uma outra perspectiva econômica, soberana de fato, atenta aos novos colonialismos econômicos e orientada, no plano interno, para uma direção efetivamente mais sustentável e equitativa, observando os limites físicos e financeiros do território insular que não mais se encontra isolado do mundo, ao contrário, está sujeita às imposições, demandas e interesses dos atores e mercados globais.

O fortalecimento da capacidade de tomadas de decisões coerentes com os princípios constitucionais e as necessidades mais urgentes da população também precisa avançar, pois o cenário parece indicar o contrário. Os posicionamentos políticos do Estado estão hoje mais alinhados com a Indonésia do que com a luta de Nova Guiné pela independência, sendo este um território também invadido por Jakarta. Internamente, vem se constituindo uma espécie de ditadura dos veteranos, por onde estes controlam a política e economia do país, um traço clientelista e patrimonialista que ainda demanda maior aprofundamento. A cultura, transformou-se, na ótica do Estado, em um *slogan*. É promovida nos megaeventos e simultaneamente destruída, como no ocorrido com o Arte Moris, um dos grupos culturais mais antigos de Timor, que sofreu uma desocupação autoritária do seu espaço para dar lugar a uma construção moderna para encontro dos veteranos de guerra.

Compreender Timor significou, a despeito da especificidade desta análise, compreender a dialética da formação do Estado-Nação, com todas as vicissitudes, distopias e idiosincrasias que atravessam seu complexo processo histórico e a sua contemporaneidade. Costumamos dizer, entre os que já vivenciaram Timor, que estar lá é como ver a história acontecer sob os próprios olhos. De um projeto de nível nacional à um acontecimento banal, tudo é novo, intenso e indica uma mudança de rumo. As transformações no espaço e as múltiplas temporalidades que atravessam a ilha têm uma certa magia, estimulando fantasias de futuro que até mesmo os olhares mais críticos não conseguem evitar. Esse traço da nacionalidade de alguma forma flexiona e desafia o desenvolvimento da nação. Eu vivi este encantamento, mas como disse Saramago, é preciso sair da ilha para ver a ilha

(com clareza!). E este deslocamento do olhar demonstrou ser uma condição primordial para uma leitura crítica de Timor-Leste

REFERÊNCIAS

A IFC ajuda empresas de turismo em Timor-Leste a acessar o mercado global de viagens. **Pressroom**, Austrália. 14 jul. 2008. Disponível em <https://bityli.com/hEt5ME>. Acesso em 08 set. 2021.

AITCHISON, C. Theorizing other discourses of tourism, gender and culture: Can the subaltern speak (in tourism)? *Tourist Studies*, 1(2), 2001, pp. 133–147.

ALLEN, John. Topological twists: Power's shifting geographies. *Dialogues in Human Geography*, v. 11(3), 2011. Doi: 10.1177/2043820611421546

ALLIS, Thiago; SANTOS, M. H. M. B dos. Tourism in East Timor: post-conflict perspectives. *Global Dynamics in Travel, Tourism and Hospitality*. 2016. Doi 10.4018/978-1-5225-0201-2.ch006

ALVES, Flamarion D. Considerações sobre métodos e técnicas de pesquisa em geografia humana. *DIALOGUS*: Ribeirão Preto, v. 4(1), 2008

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Imaginando Timor Leste**. Tradução de Osvaldo Manuel Silvestre. Londres: Arena Magazine, 4, Abril-Maio, 1993.

ARAÚJO, Gilvan. C. C; JÚNIOR, Dante. F. C. R. O discurso, a crítica e a retórica geográfica: argumentos para uma tríade epistêmico-metodológica. *Geotemas*, v. 4, n. 2, 45-58, 2014.

ATELJEVIC, Irena *et al.* Getting 'entangled': Reflexivity and the 'critical turn' in tourism studies. *Tourism Recreation Research Theme – Tourism and Research*, 30(2), pp. 9–21, 2005

ATELJEVIC, Irena; MORGAN, Nigel; PRITCHARD Annette. Editors' introduction: Promoting an academy of hope in tourism enquiry. In: I. Ateljevic, A. Pritchard & N. Morgan (Eds) **The Critical Turn in Tourism Studies: Innovative Research Methodologies**, pp. 1–8, 2007. (Amsterdam: Elsevier).

- AWAN, Sakib. Can Tourism become the new economic driver for Timor-Leste? **The Diplomat**, Japão. 6 dez. 2019. Disponível em <https://bitly.com/h4SoO7>. Acesso em 08 set. 2021
- BARMA, Naazneen, H. Do Petroleum Rents Fuel Conflict in Developing Countries? A Case Study of Political Instability in Timor-Leste." **Energy Research & Social Science**, v. 75, 2021. Doi: 10.1016/j.erss.2021.102018
- BARROS, Diana L. P. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2007
- BARROS, Francisco L. Ambientalismo, globalização e Novos Atores Sociais. **Sociedade e Estado**, XI (1), 1996
- BEBLAWI, Hazen. the rentier state in the arab world. In Beblawi, H & Luciani, G (Org's). **The rentier State**. New York, Croom Helm, 1987, pg. 49-62
- BECKEN, Susanne. A critical review of tourism and oil. **Annals of Tourism Research**, Vol. 38, n. 2, pp 359-379, 2011
- BELLWOOD, Peter; O'CONNOR, Sue; OLIVEIRA, Nuno V. *et al.* Dong Son drums from Timor-Leste: prehistoric bronze artefacts in island Southeast Asia. **Antiquity Publications**, v. 93, 2019.
- BHABHA, Hommi K. O compromisso com a teoria. In: ARANTES, Antonio R. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 10- 29
- BIANCHI, Raoul V. The "critical turn" in tourism studies: a radical critique. **Tourism Geographies**, v. 11, n. 4, 484-504, 2019.
- BLANCO, Ramon *et al.* A construção da paz em um mundo em transformação: o debate e a crítica sobre o conceito de peacebuilding. **Revista de Sociologia e Política**, v. 24 (60), 2016.
- BOVENSIEPEN, J; NYGAARD-CHRISTENSEN, M. Oil Planning as State Building in Timor-Leste. **The Asia Pacific Journal of Anthropology**, v, 19, 2018, pg. 412-431.
- BOVENSIEPEN, Judith. Entanglements of Power, Kinship and Time in Laclubar. In NYGAARD-CHRISTENSEN, M. & BEXLEY, A (Org's). **Fieldwork in Timor-**

Leste: understanding social change through practice. University of Copenhagen: Niaspress, 2021.

_____. On the banality of wilful blindness. Ignorance and affect in extractive encounters. ***Critique of Anthropology***, 12, 2020. Doi: 10.1177/0308275X20959426

_____. Visions of prosperity and conspiracy in Timor-Leste. ***Journal of Global and Historical Anthropology***, 75, 2016. Doi: 10.3167/fcl.2016.750106

BOWEN, David., ZUBAIR, Shahida.; ALTINAY, Levent. Politics and tourism destination development: The evolution of power. ***Journal of Travel Research***, 56 (6), 725–743, 2017.

BOYD, Stephen. W. Tourism policy and planning in post-conflict destinations: comparative cases from Northern Ireland and Sri Lanka. In Andriotis *et al* (Org's). **Tourism policy and planning implementation: issues and challenges.** Rothledge, pg. 53-77, 2019.

BRIGOLA, Higor F. A trajetória da geopolítica: do banimento acadêmico pós-Segunda Guerra ao desenvolvimento da geopolítica crítica. ***Geografia*** (Londrina), v. 29, n.1, 09-24, 2020.

BRAUDEL, Fernand. **Gramática das civilizações.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

BRAUDEL, Fernand. **La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II.** Paris: Armand Colin. 1949.

BRANDÃO, José M. Testemunhos 'geo-mineralógicos' do Império português no Oriente nas coleções do Museu Nacional de História Natural e da Ciência (Lisboa, Portugal). ***Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas***, v. 80(2), pg. 401-418, 2013.

BROWN, Marie. A., & GUSMAO, Alex. F. Peace building and political hybridity in East Timor. ***Peace Review***, 21(1), 61–69, 2009

BURNS, Peter; NOVELLI, Marina. (Eds.). **Tourism and politics: Global frameworks and local realities**. Oxford: Elsevier, 2007.

BUTLER, Richard; SUNTIKUL, Wantanee (Eds.) **Tourism and political change** (2 ed.). Oxford: Goodfellow Publishers, 2017.

CABASSET-SEMEDO, Cristiane; CORTE-REAL, Araújo B; DURAND, Frédéric. **Timor-Leste contemporain: l'émergence d'une nation**. IRASEC, Tailândia, 2014.

CABASSET-SEMEDO, Christiane. Política Nacional Local e organizações internacionais: o desafio do Turismo em Timor Leste: **Heródote: Geopolitique du Tourisme**. N. 27, 2007

_____. **Thinking about tourism in Timor-Leste in the era of sustainable development. A tourism policy emerging from grass-roots levels**, IRASEC: Tailândia, 2009.

CASQUILHO, José P. Memórias do sândalo: Malaca, o atrator Timor e o canal de Solor. **VERITAS-UNTL**. N. 4, 2014

CARV. Chega! The Report of the Commission for Reception, Truth, and Reconciliation Timor-Leste, Dili, Timor-Leste: 2015

COSTA, Daniel De L. R. **A Timorização do passado: nação, imaginação e produção da história em Timor-Leste**. Salvador: Edufba, 2021

CARLOS, Ana. A. F. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

_____. Uma geografia do espaço. In: CRUZ, R.C.A; CARLOS, A.A.F. **A necessidade da geografia**. São Paulo: Contexto, 2019.

CASTRO, Iná E. O problema da escala. In: CASTRO, I. E; PAULO, C. C; CORREIA, R. L. (Org's). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

CASTRO, Afonso de. **As possessões portuguesas na Oceania**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987.

CASTRO, Therezinha de. **África geo-história, geopolítica e relações internacionais**, 1981

CARNEIRO, Patrício A. S. Questões teóricas e tendências da geografia histórica. **GEOgraphia**, v. 20 (42), pg. 25-37, 2018.

CHAMBERS, Donna; BUZINDE, Christine. Tourism and decolonisation: locating research and self. **Annals of Tourism Research**, 51, 1-16, 2015.

CLARENCE-SMITH, William. G. Planters and small holders in Portuguese Timor in the nineteenth and twentieth centuries. **Indonesia Circle. School of Oriental & African Studies**, v. 20 (57), 1992. Disponível em <https://bitly.com/rdlxs3>. Acesso em nov. 2021.

COWEN, Deborah; SMITH, Neil. After geopolitics? From the geopolitical social to geoeconomics. **Antipode**. 1, v. 41, 22-48, 2009.

COX, Kevin R. **Political geography: territory, state and society**. Oxford: Blackwell Publishing, 2002.

CLAMPDOWN on child sex tours to Bali/East Timor. **CABI News**, Austrália. 15 jan. 2004. Disponível em <https://bitly.com/Aewmij>. Acesso em 16 out. 2021.

CAMPANHA de turismo doméstico em Timor-Leste lançada oficialmente em Díli. **Minuto a Minuto**, Portugal. 22 set. 2020. Disponível em <https://bitly.com/kTzBgy>. Acesso em 09 set. 2021

CRESCIMENTO da economia timorense em 2019 depende da estabilidade. **O Observador**, Portugal. 26 nov. 2018. Disponível em <https://bitly.com/8cR5N1>. Acesso em 10 set. 2021

CRESSWELL, Tim. Discourse. **International Encyclopedia of Human Geography**. 2 ed, pg. 373-376, 2020. Doi: 10.1016/B978-0-08-102295-5.10813-3

CROES, Robertico R. Small Island Tourism Competitiveness: Expanding Your Destination's Slice of Paradise. **Dick Pope Sr. Institute Publications**, v. 10. Holanda, 2010

CARDOSO, Manuela. Migrações e Estratégias de desenvolvimento dos Pequenos Estados Insulares: Estudos de caso: Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. **Cadernos de Estudos Africanos**: Lisboa, 2015.

CUNHA, Joaquim M. S. Política de Turismo do Ultramar. **Agência Geral do Ultramar**, Portugal. (Congresso Nacional de Turismo). São Lourenço: Moçambique. 1966.

CURRIE, Sara. Measuring and improving the image of a post-conflict nation: The Impact of the destination brand. **Journal of Destination Marketing & Management.**, v. 18, 2020.

CADAVEZ, Maria. C. P. The case of Portuguese tourism during Estado Novo. In M. K. Smith & G. Richards (Eds.). **The Routledge handbook of cultural tourism**. Abingdon: Rothledge, 2013.

COSTA, Wanderley. M. O espaço da política. In: CRUZ, R.C.A; CARLOS, A.A.F. **A necessidade da geografia**. São Paulo: Contexto, 2019

CUNHA, João S. C. **A questão de Timor-Leste: origens e evolução**. FUNAG: Instituto Rio Branco, 2001.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. 2 ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

CHOULIARAKI, Lillie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 2008.

DEPENDENTE do petróleo, Timor-Leste quer desenvolver o turismo. **Folha de São Paulo**, Brasil. 19 set. 2017. Disponível em <https://bityli.com/0lu2Be>. Acesso em 08 set. 2021.

DE Austrália à Timor. **Jornal A Voz de Timor**, Timor-Leste. 21 jun. 1975. Disponível em <https://bityli.com/AfipjdQ>. Acesso em 21 dez. 2021.

DUARTE, Teófilo. **Ocupação e Colonização Branca em Timor**. Portugal: Editora Ocupação Nacional, 1929.

DURAND, Frédéric. **Timor-leste no cruzamento da Ásia e do Pacífico: um atlas histórico-geográfico**. Porto: Lidel, 2010.

DE CASTRO, Afonso de. Résumé historique de l'établissement Portugais à Timor, des uses et coutumes de ses habitants. *Tijdschrift van het Bataviaasch Genootschap van Kunsten en Wetenschappen* 11, p. 465-506, 1862.

DESPITE 10 years self-determination economic progress slow East Timor. **Voa News**, Austrália. Disponível em <https://bityli.com/1DJt1R>. Acesso em 17 out. 2021

DALBY, Simon. **Creating the Second Cold War: The Discourse of Politics** Guilford, Nova York, 1990.

DÍLI, a terra pacata – paraíso de hippies. **Jornal A Voz de Timor**, Timor-Leste. 12 out. 1973. Disponível em <https://bityli.com/nCtGcTP>. Acesso em 21 dez. 2021

DORAISAMI, Anita. The Timor-Leste Petroleum Fund, veterans and White elephants: fostering intergenerational equity? *Resources Policy*. V. 58, pg. 250-256, 2018. Doi: 10.1016/j.resourpol.2018.05.013

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. Tradução de Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: Boitempo, 1997.

EAST-TIMOR hatches plan for turtle tourism. **ABC News**, Austrália. 19 out. 2009. Disponível em <https://bityli.com/gB8qwg>. Acesso em 18 out. 2021.

EAST-TIMOR could be tourism paradise. **Gulf News**, Austrália. 8 ago. 2007. Disponível em <https://bityli.com/M9Rixt>. Acesso em 17 out. 2021.

EAST-TIMOR tourism remains stuck in the slow lane. **Asia Nikkei**, Japão. 30 mai. 2018. Disponível em <https://bityli.com/VVukrl>. Acesso em 08 set. 2021

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2009

ELLIOTT, James. **Tourism: Politics and public sector management**. Londres: Routledge, 1997

FABIAN, J. **Time and the other: How anthropology makes its object**. New York, Columbia University Press, 2002.

FALK, R. Is there new geopolitics? 2012. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2012/08/201281123554276263.html>.

Acesso 05 jul. 2021

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. London/New York: Longman, 1989.

_____. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. London/New York: Longman, 1995.

FELGAS, Hélio E. **Timor português**. Lisboa. Agência geral do Ultramar/Divisão de Publicações e Biblioteca. 1958.

FITZPATRICK, Daniel. Land policy in post-conflict circumstances: some lessons from East Timor. *New Issues in Refugee Research*, n.58, 2002.

FONSECA, Letícia. E; ALMEIDA, Célia M. Cooperação internacional e formulação de políticas de saúde em situação pós-conflito: o caso de Timor-Leste. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. V. 22 (1), 2015, pg. 115-141

FOUCAULT, Michel. **L'ordre du discours**. Paris: Gallimard, 1971.

_____. **Power/Knowledge: Selected Interviews and Other Writings 1972 – 1977**. Brighton: Harvester Press, 1980.

_____. Of other spaces. *Diacritics*, 16, pg. 22-27, 1986

_____. Outros espaços. In: FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema (Ditos e escritos III)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 411-422, 2009.

FLYVBJERG, Bent *et al.* **Megaprojects and risk: an anatomy of ambition**. London: Cambridge University Press, 2003.

FARRAN, Steven. Colonial neighbours in an era of change: Portugal and the Netherlands in Timor, 1945–1949', *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde*, vol. 173, pp. 23–52, 2017. Doi: 10.1163/22134379-17301001.

FREYRE, Gilberto. **Um brasileiro em terras portuguesas. Introdução a uma lusotropicologia, acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico.** Rio de Janeiro: Liv. José Olympio. 1953.

_____. **O luso e o trópico.** Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique: Lisboa, 1960.

GADAMER, Hans-Georg. **O elogio da teoria.** Lisboa: Edições 70, 1983.

GARCIA, Manuel. J. **O livro de Francisco Rodrigues, o primeiro atlas do mundo moderno.** Porto: U. Porto Edições, 2008.

GUNN, Geoffrey C. **Wartime Portuguese Timor: The Azores connection,** Clayton, Australia: Centre of Southeast Asian Studies, Monash University, 1988.

_____. **Timor Loro 'Sae – 500 Years.** Macau, Livros do Oriente, 1999.

_____. A ocupação indonésia de Timor-Leste: lições e legados para a construção do Estado na nova nação. In. SILVA, Kelly C; SIMIÃO, Daniel S. **Timor Leste por trás do palco: Cooperação internacional e a dialética da formação do Estado.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

_____. **Dicionário histórico de Timor-Leste.** Lanham: Scarecrow Press, 2011

GALTUNG, Johan. **Theories of Peace. A synthetic approach to peace thinking.** Oslo. International Peace Research Institute, 1967.

GIBLIN, Beatrice. Tourism: A geopolitical theater? *Heródote*. v. 4, n. 127 pg. 3-14, 2007. Doi: 10.3917/her.127.0003

GOVERNO timorense mantém desígnio nacional de projeto Tasi Mane apesar de dúvidas. **Plataforma Media**, China. 16 set. 2020. Disponível em <https://bityli.com/So9Q2v>. Acesso em 20 out. 2021

GRIMBERG, Daniela S; DORFMAN, Adriana. Imaginação geográfica e análise de notícias como fonte em pesquisas em geografia. In: HEIDRICH, A. L. & PIRES, C. L. Z. (Org's). **Abordagens e práticas de pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Letra1, 2016.

GRIFFITHS, Melanie; ROGERS, Ali; ANDERSON, Bridget. **Migration, time and temporalities: review and prospect**. Centre on Migration, Policy and Society (COMPAS), Oxford, 2013.

GRAZIANO, Valéria T. Construção do Estado e identidades em Timor-Leste: uma contribuição para o debate sobre a atuação da comunidade internacional nos contextos de pós-conflito armado. Dissertação (Mestrado). CEAM/UnB, 2013.

GRAINGER, Alex. The Timor Oil Company network, 1956-1968: external interaction and internal infrastructure. In: BOVENSIEPEN, Judith. **The promise of prosperity: Visions of the future in Timor-Leste**. Canberra: ANU Press, 2020.

GREGORY, Derek. **The colonial present**. Oxford: Blackwell, 2004.

GIDDENS, Antony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GUEDES, Maria D. *et al* (Org's) **Professores sem fronteiras: pesquisas e práticas pedagógicas em Timor-Leste**. Florianópolis: NUP/UFSC, 2015.

GEORGE, Pierre. **Os Métodos da Geografia**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

HAESBAERT, Rogério; PORTO-GONÇALVES, Carlos. W. **A nova des-ordem mundial**. Coleção Paradidáticos. Editora UNESP: São Paulo, 2005.

HALL, Colin M. Tourism and geopolitics: the political imagination of territory, tourism and space. In Hall, D. **Tourism and Geopolitics**. Reino Unido: CABI, 2017.

_____. PRAYAG, G., & AMORE, A. **Tourism and resilience: Individual, organisational and destination perspectives**. Bristol: Channelview Press, 2018.

_____. **Tourism planning: Policies, processes and relationships**. 2 ed. Harlow: Pearson, 2008.

HARVEY, David. **The condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change**. London: Wiley-Blackwell, 1992.

_____. **Justice, nature and geography of difference**. Oxford: Blackwell, 1996.

HIGGINS-DESBIOLLES, Freya. The forgotten power of Tourism as a social force. *Tourism Management*, 27(6), pg. 1192-1208, 2006. Doi: 10.1016/j.tourman.2005.05.020

HOERNER, Jean-Michel. tourism and geopolitics. *Heródote*. v. 4, n. 127 pg. 15-28, 2007.

_____. **Geopolítica do Turismo**. São Paulo: Senac, 2011.

YANG, Daqing. **Technology of empire: Telecommunications and Japanese expansion in Asia, 1883–1945**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2011.

YODER, Laura. The développement eraser: fantastical schemes, aspirational distractions and high modern mega-events in the Oecussé enclave, Timor-Leste. *Journal of Political Ecology*, 22 (1). Pg. 299-321, 2015. Doi <https://doi.org/10.2458/v22i1.21110>.

YAZIGI, Eduardo A. **A Alma do Lugar: Turismo, Planejamento e cotidiano**. Turismo Contexto: São Paulo, 2001.

KAMMEN, Douglas. Fantasy and Fossilization in the Study of Timor-Leste: Territoriality, Demography and Status. In NYGAARD-CHRISTENSE, M. &

BEXLEY, A (Org's). **Fieldwork in Timor-Leste: understanding social change through practice**. University of Copenhagen: Niaspress, 2021.

KING, Russel. A geografia, as ilhas e as migrações numa era de mobilidade global. In: FONSECA, M. L. (Ed). *Actas da Conferência Internacional – Aproximando Mundos Emigração e Imigração em Espaços Insulares*. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, p. 27-62, 2010.

KLINKE, Ian. **Chronopolitics: A conceptual matrix**. Prog. Hum. Geogr. v. 37(5), pg. 673-690, 2013. Doi: 10.1177/0309132512472094

KAHIL, Samira P. Psicoesfera: uso corporativo da esfera técnica do território e o novo espírito do capitalismo. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 22 (3): 475-485, dez. 2010.

KUČERA, Z. Historical geography between geography and historiography. Klaudyán – **Internet Journal of Historical Geography and Environmental History**, v. 5, n. 1, p. 5-13, 2008.

INVESTIMENTU pelican Paradise ho millaun 700 dezenvolve komplexu turistiku. **Tatoli-Agência Noticiosa de Timor-Leste**, Timor-Leste. 29 set. 2021. Disponível em <https://bityli.com/2rLkcW>. Acesso em 19 out. 2021.

JALLAT, Frédéric; SCHULTZ, Clifford. J. Lebanon: from cataclysm to opportunity: crisis management lessons for MNCs in the tourism sector of the Middle East. **Journal of World Business**, 46(4), 476–486, 2011. Doi: 10.1016/j.jwb.2010.10.008.

JAMES, Felicity. Timor-Leste island community fears tourism development. **ABC News**, Austrália. 16 jun. 2017 Disponível em <https://bityli.com/0uRE0q>. Acesso em 18 out. 2021.

HOSPEDAGEM cresce com ONU e ONG's. **Folha de São Paulo**, Brasil. 01 dez. 2003. Disponível em <https://bityli.com/pHbjYJ>. Acesso em 16 out. 2021.

LACOSTE, Yves. **Géographie du sous-développement**. Paris: Presses Universitaires de France, 1965.

LA'O HAMUTUK (2014). **Environmental licensing who need it?** Disponível em <https://bitly.com/CpW4mow>. Acesso em 14 dez. 2021.

LA'O HAMUTUK. (2015). **How long will the Petroleum Fund carry Timor-Leste?** Disponível em <https://bitly.com/bU9ECqR>. Acesso em 11 out. 2021.

LA'O HAMUTUK (2017). **Especial Economic Zone in Oecusse.** Disponível em <https://bitly.com/5Vr0w8>. Acesso em 14 dez. 2021.

LA'O HAMUTUK (2013). **Projeto Tasi Mane Infraestrutura Mina Rai.** Disponível em <https://bitly.com/GJQxx4>. Acesso em 14 dez. 2021.

LA'O HAMUTUK (2018). **Buying part of Greater Sunrise from ConocoPhillips: What does it mean for Timor-Leste and the Pipeline?** Disponível em <https://bitly.com/n9quz1P>. Acesso em 10 out. 2021.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Trad. Grupo "As (im)possibilidades do Urbano na metrópole contemporânea. Do núcleo de Geografia urbana da UFMG (do original: La producion de l' espace, 4º ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão início de 2006.

_____. **Espaço e política.** Tradução de Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008 [1972]

LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social.** São Paulo: Cortez, 1991.

LUNDAHL, Mats; SJÖHOLM, Fredrik. The oil resources of Timor-Leste: course or blessing? *The Pacific Review*, 21 (1), 67-86, 2014. Doi: 10.1080/09512740701868898

MAIA, Hélio. J. S; OLIVEIRA, Urânia. A.S.M. Visitando obras historiográficas do Império Lusitano na Oceania: um recorte da história Timor-Leste. *Revista Maracanan*, n. 25, pg. 213-229, 2020. Doi: 10.12957/revimar.2020.48939

MANSFELD, Yoel. Cycles of War, Terror, and Peace: Determinants and Management of Crisis and Recovery of the Israeli Tourism Industry. *Journal of Travel Research*. 38(1), pg. 30-36, 1999. Doi: 10.1177/004728759903800107

MIRANDA, Roberta. G. S. O discurso de posse de Xanana Gusmão: uma análise semiótica do discurso. *Estudos linguísticos*, 40 (13), 1562-1572, 2011.

MCGRATH, Kim. **Passar dos limites: a história secreta da Austrália no Mar de Timor**. Porto: Porto Editora, 2019.

MARX, Susan. Timor-Leste non-oil economy must look to tourism. **The Asia Foundation**, 2016. Disponível em <https://bityli.com/2w0jza>. Acesso em 24 set 2020

MATOS, Artur. T. **Subsídio Para a História Económico-Social de Timor no Século XVIII**. Braga, Câmara Municipal de Braga, Portugal, 1975.

MCWILLIAM, A. **Post-conflict social and economic recovery in Timor-Leste**. Londres: Rothledge, 2020.

MAGALHÃES, Célia. M (Org). **Reflexões sobre a Análise Crítica de Discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

MASSEY, Doreen B. Imagining globalisation: power-geometries of space-time. In: BRAH, A.; HICKMAN, M.; MAC AN GHAILL, M. (Orgs.). **Future worlds: migration, environment and globalization**. Basingstoke: Macmillan, 1999.

MONIÉ, Frédéric; BINSZTOK, Jacob (Org's). **Geografia e geopolítica do petróleo**. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2012.

MCCUSKER, Maeve; SOARES, Anthony. **Islanded Identities: constructions of poscolonial cultural insularity**. Amsterdam: Rodopi, 2011.

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. 2.ed. Tradução Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOISIO, S; PAASI, A. From geopolitical to geoeconomics? The changing political rationalities of state space. **Geopolitics**, 18 (2), 267-283, 2012. Doi: 10.1080/14650045.2012.723287.

MAGALHÃES, Ana. B. Timor-Leste: tenacidade, abnegação e inteligência política. **Revista Camões**, n. 14, 2001.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. In: SANTOS, Boaventura S. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In. LANDER, Edgar. **Colección Sur Sur**, CLASCO. Argentina, Buenos Aires, 2005.

MIGNOLO, Walter. **La colonialidad: la cara oculta de la modernidad**. Barcelona: Cosmópolis, 2001.

MATSUNO, Akihisa. Construção da democracia, diálogo político e capital social na transição de Timor Leste para a Independência. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 104, pg. 83-100, 2014. Doi: 10.4000/rccs.5709

MEGAPROJETO em Timor-Leste que começou em 2018 ainda espera acordo de investimento. **RTP Notícias**, Portugal. 28 jan. 2021. Disponível em <https://bityli.com/WsX7vM>. Acesso em 19 out. 2021.

MENESES, Maria P. A terra em Timor-Leste: expondo a injustiça cognitiva dos conflitos fundiários. **E-CADERNOS CES**, 33, 2020. Doi: 10.4000/eces.5182

MENDES, Nuno Canas. Por uma genealogia do debate em torno da viabilidade do Estado em Timor Leste. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2014.

_____. Dilemas Identitários e fatalidades geopolíticas: Timor Leste entre o Sudeste Asiático e o Pacífico Sul. In: MENDES, N. C. (Ed.) **Hatene Kona ba Timor Leste**. Díli: UNTL, 2010.

MORAES, Gabino R. Caracterização de práticas de governança territorial no processo de desenvolvimento contemporâneo de Timor-Leste: análise a partir da formação profissionalizante. tese (Doutorado). São Paulo: UNESP, 2014.

MOTTET, Éric. La transition énergétique em Asie du Sud-Est. **Heródote**, 176, 2020.

NASCE hoje Timor, país mais pobre da Ásia. **Folha de São Paulo**, Brasil. 19 abr. 2002. Disponível em <https://bityli.com/cWbMCW>. Acesso em 16 out. 2021.

NETO, Maria C. A República no seu estado colonial: combater a escravatura, estabelecer o Indigenato. **Ler História**, v. 59, 2010. Doi 10.4000/lerhistoria.1391

NEVES, Guterino N. O paradoxo da Cooperação em Timor-Leste. In. SILVA, Kelly C; SIMIÃO, Daniel S. **Timor Leste por trás do palco: Cooperação internacional e a dialética da formação do Estado**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

_____. Desafios políticos e econômicos da dependência do petróleo em Timor-Leste. In BOVENSIEPEN, J. **The Promise of Prosperity: visions of the future in Timor-Leste**. Canberra: ANU Press, 2018.

NIELSEN, Hannah., & SPENCELEY, Anna. The success of tourism in Rwanda: gorillas and more. Retrieved September, 20, 2010. Disponível em <https://bityli.com/abkUKP>. Acesso em out. 2020.

NIBIGIRA, Carmen; NOVELLI, Marina; MORGAN, Nigel. Tourism in a post-conflict situation of fragility. **Annals of Tourism Research**. V. 39, 3, 1446-1469, 2012. Doi: 10.1016/j.annals.2012.03.003

NYGAARD-CHRISTENSEN, Maj; BEXLEY, Angie. **Fieldwork in Timor-Leste: Understanding Social Change through Practice**. Copenhagen: NIAS Press, 2017.

NORONHA, Luís C. **Crônica de uma travessia – A época do ai-dik-funam**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

_____. **Réquiem para o navegador solitário**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007.

_____. **O crocodilo que se fez ilha**. Revista Visão, n. 480, Suplemento, 2002.

_____. **O apelo do Mar**. Um buraco na estante: comunidade de leitores (blog), 2014. Disponível em <https://bityli.com/wcic4D>. Acesso em 13 dez. 2021.

NORUM, Roger; MOSTAFANEZHAD, Mary. A chronopolitic of tourism. **GEOFORUM**, 77, 157-160, 2016.

NICOLAU, Guterino; SCHEINER, Charles. **Petróleo em Timor-Leste**. La'õ Hamutuk: Timor-Leste, OILWATCH, 2005.

O turismo em Timor e o II Plano de Fomento. **Boletim da Agência Geral do Ultramar**, Portugal. 1957.

Ó TUATHAIL, Gearóid.; AGNEW, John. Geopolitics and discourse: practical geopolitical reasoning in American foreign policy. **Political Geography**, Oxford, OX, v. 11, n. 2, p. 190-204, 1992. Doi: 10.1016/0962-6298(92)90048-X

OLIVEIRA, Leandro D. **Geopolítica Ambiental: a construção ideológica do desenvolvimento sustentável (1945-1992)**. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

OLIVEIRA FILHO, José J. de. Patologias e Regras Metodológicas. **Estudos Avançados** (São Paulo) v.9. n.23, p.263-268, jan/abril, 1995.

OLIVEIRA, Fabiana S. R. **Pluralidade de vozes, sentidos e significados do turismo no Timor-Leste: projetos turísticos e a negociação da cultura leste-timorense** (Dissertação de Mestrado) Brasília: UnB, 2013.

OLIVEIRA, Ricardo. D. *et al.* Reflexões sobre o desenvolvimento do Turismo em Timor-Leste. In: GUEDES, Maria D. *et al* (Org's) **Professores sem fronteiras: pesquisas e práticas pedagógicas em Timor-Leste**. Florianópolis: NUP/UFSC, 2015.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de discurso – princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.

OSPINA, Sofi; HOHE, Tanja. Traditional Power Structures and Local Governance in East Timor. A Case Study of the Community Empowerment Project (CEP). **Etudes Coutes**, n. 5. Graduate Institute of Development Studies Publications Department. Geneva, 2002.

ONE day Dili may see tourists, not terror. **The Irish Times**, Irlanda. 6 set. 1999. Disponível em <https://bityli.com/b68jnL>. Acesso em 16 out. 2021.

PAULINO, Vicente. As lendas de Timor e a literatura oral timorense. **Anuário Antropológico**, v. 42 (2), 2017.

PAULINO, Vicente; APOEMA, Keu. **Tradições orais em Timor-Leste**. UNTL: Díli, 2016.

PARKINSON, John. R. **Democracy and Public Space: The Physical Sites of Democratic Performance**. Oxford: University Press, 2012.

PAMPLONA, João. B; CACCIAMALI, Maria. C. A maldição dos recursos naturais: atualizando, organizando e interpretando o debate. **Economia & Sociedade**, v. 27, n. 1, 2018.

PAPYRAKIS, Elissaios; JOHN, Samuel; TASCIONI, Luca. Is there a resource curse in Timor-Leste? A critical review of recent evidence. **Research in Development Studies**. V.7, 1, 141-152, 2020. Doi: 10.1080/21665095.2020.1816189

PÊCHEUX, Michel. **Analyse automatique du discours**. Paris: Dunod, 1969.
_____. Sur les contextes épistémologiques de l'analyse de discours. **Mots**, St. Cloud, 1984.

PEREIRA, Mirlei. F. V. O território sob o “Efeito Modernizador”: a face perversa do desenvolvimento. **Interações** (Campo Grande), 8 (13), 2006.

PEPE, Leandro L. **As operações de paz da ONU no pós-guerra fria: a atuação brasileira no Timor Leste**. (Dissertação de mestrado) - UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa San Tiago Dantas, 2006.

PEDERSEN, Jon; ARNEBERG, Marie. **Social and economic conditions in East Timor**. EUA, Columbia University, 2017.

PIMENTA, João. R., SARMENTO, João C. V. & Azevedo, A. F. **Geografias Pós-coloniais. Ensaios de Geografia Cultural**. Figueirinhas: Porto, 2007.

PRITCHARD, Annette. & MORGAN, Nigel. De-centring tourism's intellectual universe or traversing the dialogue between change and tradition. In: I. Ateljevic, A. Pritchard & N. Morgan (Eds) **The Critical Turn in Tourism Studies: Innovative Research Methodologies**, pp. 11–28 (Amsterdam: Elsevier), 2007.

PRESIDENTE de Timor defende aposta no mar como desígnio estratégico nacional. **O observador**, Portugal. 16 ago. 2018. Disponível em <https://bityli.com/hrngcY>. Acesso em 18 out. 2021.

PRESIDENTE de Timor-Leste crítica política econômica dependente do petróleo. **Diário de Notícias Lusa**, Portugal. 17 set. 2018. Disponível em <https://bityli.com/i0W4Ub>. Acesso em 18 out. 2021.

PEATTIE, Mark. R. **Nan'yō: The rise and fall of the Japanese in Micronesia, 1885– 1945**. Honolulu: University of Hawaii Press, 1988.

PETRÓLEO, riqueza ou bluff? **Jornal A Voz de Timor**, Timor-Leste. 19 out. 1973. Disponível em <https://bityli.com/oyV00nF>. Acesso em 21 dez. 2021.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

QUINTANEIRO, Luís. O Banco Central Timorense: Criação da autoridade bancária e o papel das instituições internacionais de cooperação. In: SILVA, Kelly C; SIMIÃO, Daniel S. **Timor Leste por trás do palco: Cooperação internacional e a dialética da formação do Estado**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

QUINJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América latina. In: LANDER, E. **Colección Sur Sur**, CLASCO. Argentina, Buenos Aires, 2005.

RAMOS, Ana. M. Literatura timorense: da emergência à legitimação. **Caderno Seminal Digital**, v. 18(18), 2012.

RACINE, Jean B.; RAFFESTIN, Claude.; RUFFY, V. **Escala e Ação: contribuições para uma interpretação de mecanismo de escala prática da geografia**. In: Revista Brasileira de Geografia. Vol. 45, nº, 1983.

RESENDE, Viviane. M; RAMALHO, Viviane. C.V.S. Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**. v.5 (1) pg. 185-207, 2004.

RICHTER, Linda. K. **The politics of tourism in Asia**. Honolulu: University of Hawaii Press, 1989.

RICHTER, Linda. K. After political turmoil: The lessons of rebuilding tourism in three Asian countries. *Journal of Travel Research*, 38(1), 41–45, 1999. Doi:10.1177/004728759903800109

RIBEIRO, Guilherme. Epistemologias braudeliana: espaço, tempo e sociedade na construção da geo-história. *GEOgraphia*, v. 8 (15), 2006.

_____. A arte de conjugar tempo e espaço: Fernand Braudel, a geo-história e a longa duração. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos* [online], vol.22, n.2, pp.605-611, 2015. Doi: 10.1590/S0104-59702015000200008

_____. Fernand Braudel e geo-história das civilizações. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, 18 (1), pg. 67-83, 2011. Doi: 10.1590/S0104-59702011000100005

RIBEIRO, G. L. Poder, redes e ideologia no campo do desenvolvimento. In: SILVA, K.C & SIMIÃO, D. S. **Timor-Leste por trás do palco: cooperação internacional e a dialética da formação do Estado**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

ROSS, Michael L. Does oil hinder democracy? *World Policy*, 53, pg. 325-261, 2001.

RECLUS, Jean J. É. **The Universal Geography: The Earth and its inhabitants**. Vol. XIV (Australasia). New York: D. Appleton and Company, 1882.

REIS, Célia. **Timor português: produção e mercados na década de 1920**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

REIS, Ciro M. Das margens do Marau no Brasil Imperial à criação da Petrobrás: 100 anos de geo-história do petróleo nacional. *GEOUERJ*, 2020. Doi: 10.12957/geouerj.2020.48493.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE (RDTL). **Plano Estratégico de Desenvolvimento 2011-2030**. Timor-Leste, Díli, 2011.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE (RDTL). Ministério do Turismo, Comércio e Indústria. **Política Nacional do Turismo 2016-2030**. Timor-Leste, Díli, 2016 (2014).

RUCHDORF, D. **Invading the land of foreigners: Nation boundaries on a border with Indonesia**. Princeton: Princeton University Press, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética: precedido por questões de método**. Rio de Janeiro: DP e A, 2002.

SARMENTO, João C. V. **Paisagem e identidade na construção da nação timorense**. Atas da Conferência Internacional da UGI (União Geográfica Internacional) 'The Cultural Approach in Geography – 'Cultural Aspects in Economic, Social and Political Geographies'. Buenos Aires, 2007.

SCAMBARY, James. In search of white elephants: The political economy of resource rent expenditures in Timor-Leste. **Critical Asian Studies**, v. 47(2), 2015. Doi: 10.1080/14672715.2015.1041281

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **O retorno do território**. En: OSAL: Observatório Social de América Latina. Ano 6, n. 16 (jun.2005-). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Elizete. O; SILVA, Francisco. A. C. Revisitando o conceito de escala na geografia. **Boletim de Geografia de Maringá**, v. 32(3), 2014. Doi: 10.4025/bolgeogr.v32i3.19554

SANTOS, Eduardo. **Kenoik – Lendas e mitos de Timor**, Lisboa: 1967.

SERRA, S. R. de S. V. National Geographic: A metamorfose de uma revista: Análise de conteúdos entre 1989-1991 e 2017-2019 Dissertação (mestrado). Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, 2020.

SILVA, Cátia A. espaço e tempo em Milton Santos: alguns elementos para a reflexão da história social do território. **Intelléctus**, v. 8(2), 2009.

SILVA, Kelly. Administrando pessoas, recursos e rituais. Pedagogia econômica como tática de governo em Timor-Leste. **Horizontes Antropológicos**. 22 (45), 2016.

SILVEIRA, Maria L. Escala geográfica: da ação ao império? **Revista Terra Livre**, Goiânia, Ano 20, v. 02, n. 23, p.87-96, jul-dez, 2004.

SCHEINER, Charles. Can the Petroleum Fund exorcise the Resource curse from Timor-Leste? In: Ingram, S *et al* (Org's). **A New Era? Timor-Leste after the UN**. Camberra, Australian National University Press, pg. 73-101, 2015.

_____. Timor-Leste economic survey: the end of petroleum income. **Asia & The Pacific Policy Studies**. 2021. Doi: 10.1002/app5.333

SEYFI, S; HALL, M. Political transitions and transition events in a tourism destination. **Journal of Tourism Research**, v. 22 (4) pg. 1-14, 2020. Doi: 10.1002/jtr.2351

SANTOS, Boaventura S; MENESES, Maria. P (Org's). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

SANTOS, Claudia. Das geopolíticas clássicas à geoeconomia: a importância da segurança humana no Pós-Guerra Fria. **Revista Vernáculo**, n. 33, 2014. Doi: <http://dx.doi.org/10.5380/rv.v0i33.37152>

SALVADOR, R; MARQUES, B. P. Geopolítica do petróleo: de Estrabão às Guerras do Iraque. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**. n. 16, Lisboa, 2003.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SPARKE, Matthew. Geopolitical fears, geoeconomics hopes, and the responsibility of geography. **FORUM**, v. 97 (2), 2007. Doi: 10.1111/j.1467-8306.2007.00540.x

SHARP, J. P. Critical Geopolitics. In: KOBAYASHI, A (Ed). **International Encyclopedia of Human Geography**. Oxford: Elsevier, 2019.

SUNTIKUL, W., & BUTLER, R. Introduction. In R. Butler & W. Suntikul (Eds.), **Tourism and political change**. Oxford: Goodfellow Publishers, 2010.

SEEMANN, Jörn; OLIVEIRA, Ricardo. D. Friedrich Ratzel: a geografia mora nos detalhes e no todo. **GEOgraphia**, v. 23 (51), 2021. Doi: 10.22409/GEOgraphia2021.v23i51.a51685

SEIXAS, Paulo C. De Maubere a Kadir e mais além: o meio da terra em movimento. In SEIXAS, P. C & ENGELENHOVEN, A (Org's). **Diversidade cultural na construção da nação e do Estado em Timor-Leste**. Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

_____. Dualismo, violência mimética e cultura da tradição: A crise em Timor Leste. In. SILVA, Kelly C; SIMIÃO, Daniel S. **Timor Leste por trás do palco: Cooperação internacional e a dialética da formação do Estado**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SCHOUTEN, Maria Johanna. A prática de um ideal: “civilização” e a presença colonial portuguesa em Timor. In. SILVA, Kelly C; SIMIÃO, Daniel S. **Timor Leste por trás do palco: Cooperação internacional e a dialética da formação do Estado**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007

_____. A etnografia nalgumas expedições científicas em Timor no séc. XIX. In. PAULINO, Vicente. **Somos arquivos na memória: reflexões históricas e socioantropológicas sobre Timor Leste**. PPGP/UNTIL. Díli, 2018.

_____. Novas perspectivas sobre a história de Timor-Leste. **DOMUS: Revista Cultural**, 2000.

SILVA, Kelly C. Desenvolvimento de capacidades e a edificação da administração pública em Timor-Leste. In. SILVA, Kelly C; SIMIÃO, Daniel S. **Timor Leste por trás do palco: Cooperação internacional e a dialética da formação do Estado**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SILVA, Antero B. Educação e desafios em Timor-Leste pós-colonial. In: **Professores sem fronteiras**.

_____. Educação timoriana: uma proposta alternativa. In: PAULINO, v.; BARBOSA, A. T. **Língua, ciência e formação de professores em Timor-Leste**. Dili-TL: Unidade de Produção e Disseminação do Conhecimento/Programa de Pós-graduação e Pesquisa da UNTL, 2016.

SIM. É verdade, pois claro...o seu nome é Frank Favaro. **Jornal da Fretilin**, Timor-Leste. 25 out. 1975. Disponível em <https://bityli.com/43wVNbg>. Acesso em 21 dez. 2021.

SOUZA, Ivo C.; FERNANDES, Francisco. **Radiografia de Timor-Leste**, 2011.

SOUZA, Ivo. C. A história de Timor e a presença portuguesa na Insulíndia, 1997.

SOUSA, Lucio; APOEMA, Keu; PAULINO, Vicente. **Olhares sobre as narrativas de origem em Timor-Leste**. Díli: Casa Apoema/UNTL, 2020.

SMITH, Anthony L. Timor-Leste, Timor Timur, East Timor, Timor Lorosa'e. What's in a Name? **Southeast Asian Affairs**, pg. 54-77, 2002.

SPOSITO, Eliseu. S. Elogio da teoria, do método e da ciência. In: SPOSITO, E. S; CLAUDINO, G. S (Org's). **Teorias na geografia: avaliação crítica do pensamento geográfico**. Rio de Janeiro: Consequência, 2020.

TANNUS, Lara. Se oriente, rapaz! Gil na USP e uma outra perspectiva de Brasil. **IMMUB**, São Paulo. 22 fev. 2021. Disponível em: <https://bityli.com/GEjvZ5>. Acesso em 10 dez. 2021.

TIMOR-LESTE, projeto de infraestrutura de petróleo Tasi Mane. **Global Voices**, Holanda. 3 out. 2011. Disponível em <https://bityli.com/7zjoPA>. Acesso em 20 out. 2021.

TIMOR-LESTE: Megaprojeto iniciado em 2018 ainda aguarda acordo. **E-Global**, Portugal. 28 jan. 2021. Disponível em <https://bityli.com/1QQuMb>. Acesso em 10 nov. 2021.

TIMOR-LESTE aposta no turismo e aponta à CPLP. **Plubituris**, Portugal. 25 jul. 2018. Disponível em <https://bityli.com/CEv8dw>. Acesso em 09 set. 2021.

TIMOR-LESTE precarious route to development. **East Asia Fórum**, Austrália. 19 set. 2020. Disponível em <https://bityli.com/U8AU0j>. Acesso em 10 set. 2021

TIMOR-LESTE compra participação da Shell nos campos petrolíferos de Greater Sunrise. **Diário de Notícias Lusa**, Portugal. 21 nov. 2018. Disponível em <https://bityli.com/G1zEMh>. Acesso em 14 out. 2021.

TIMOR-LESTE. Lei n. 09, de agosto de 2005. **Lei do Fundo Petrolífero de Timor-Leste**. Díli, 2005.

TIMOR, o turismo do futuro. **Jornal A Voz de Timor**, Timor-Leste. 06 abr. 1973. Disponível em <https://bityli.com/ChuGRDq>. Acesso em 21 dez. 2021.

TURISMO e anti-turismo, ou a estranha atitude de um empregado a mesa. **Jornal A Voz de Timor**, Timor-Leste. 09 nov. 1973. Disponível em <https://bityli.com/fdanlWn>. Acesso em 21. dez. 2021.

TURISMO e o IV Plano de Fomento. **Jornal A Voz de Timor**, Timor-Leste. 12 abr. 1974. Disponível em <https://bityli.com/FXOkAlx>. Acesso em 21 dez. 2021.

TURISMO, a quem serve? **Jornal A Voz de Timor**, Timor-Leste. 19 jul. 1974. Disponível em <https://bityli.com/KzH08H>. Acesso em 21. dez. 2021.

TURISMO Timor-Leste, Programa de Possibilidades. **Boletim da Agência Geral do Ultramar**, Portugal. 1972.

TOURISTS discover East Timor's charms. **AlJazeera**, Qatar e Inglaterra. 03 abr. 2006. Disponível em <https://bityli.com/XxzO3d>. Acesso em 17 out. 2021.

TOMÉ, Luís J. R. L. A geopolítica e o complexo de segurança na Ásia Oriental: questões teóricas e conceptuais. Dissertação (Mestrado), Portugal: Universidade de Coimbra, 2010.

TOMÁS, Luís F. **Timor Loro Sae: Uma perspectiva histórica**. In **Timor, um país para o séc. XXI**. Instituto de Altos Estudos Militares, Universidade Católica Portuguesa, 2000.

TOLKACH, Denis. **History and future of tourism development in Timor-Leste**. Díli: Understanding Timor-Leste (Conferência). TLSA-Austrália. v. 2, 2013.

_____. History and politics of tourism in Timor-Leste. In: Butler, R & Suintikul, W (Ed's). **Tourism & Political Changes**, 2^oed. Oxford: Goodfellow Publishers, 2017.

TRAUBE, Elisabeth. G Retornando às origens em um mundo em expansão: Ritual consuetudinário no Timor Leste independente. In: Matos Viegas, S de, Feijó, Rui. G (Ed's) **Transformações em Timor-Leste Independente: Dinâmicas de Coabitações Sociais e Culturais**. London: Routledge, 2017.

VAN DEN BERGUE, P. L. **The question for the other: ethnic tourism in San Cristóbal**. México. University of Washington Press, Seattle, 1994.

VERDI, Elisa. F. Yves Lacoste, a geografia do subdesenvolvimento e a reconstrução da geopolítica. **Terra Brasilis**, 13, 2017. Doi: 10.4000/terrabrasilis.2286

VIANA, Gervásio. V. F. **O papel das alfândegas no desenvolvimento do Estado: o caso de Timor-Leste**. Dissertação (Mestrado). Instituto Universitário de Lisboa: Portugal, 2008.

VINTE detidos em manifestação de estudantes à frente do Parlamento de Timor Leste. **RTP Notícias**, Portugal. 9 nov. 2018. Disponível em <https://bityli.com/eSWIs5>. Acesso em 20 out. 2021

VAINER, Carlos. B.; ARAÚJO, Frederico. G. B. **Grandes projetos hidrelétricos e desenvolvimento regional**. Rio de Janeiro: CEDI, 1992.

VONG, Michel. F. *et al.* Turismo em Timor-Leste: presente e futuro. In: COSTA, C; BRANDÃO, R. C & BREDAS, Z (Ed's). **Turismo nos países lusófonos: conhecimento, estratégia e territórios**. Aveiro: Escolar Editor, 2014.

XIMENES, Valentim. **Reforma Político-administrativa em Timor Leste enquanto processo de reterritorialização**. (Tese de Doutoramento). Portugal: Universidade de Coimbra, 2016.

XIMENES, Valentim. *et al.* Draft tourism policies for East Timor. In Development of tourism policy and strategy planning in East Timor (Occasional Paper). V. 8 (1), 2001, pg. 75-86.

XIMENES, Julia *et al.* Promoting sustainable tourism futures in Timor-Leste by creating synergies between food, place and people. ***Journal of Sustainable Tourism***. 2021. Doi: 10.1080/09669582.2021.1895819

WALDMAN, Maurício. **Geografia do Timor-Leste**. Site dos Crocodilos, v.1, pg. 3-24, 2003.

WOLF, Eric. R. **Envisioning power. Ideologies of Dominance and Crisis**. Berkeley: University of California Press, 1999.

*Calai
montes
vales e fontes
regatos e ribeiros
pedras dos caminhos
e ervas do chão,
calai.*

*Calai
pássaros do ar
e ondas do mar
ventos que sopram
nas praias que sobram
de terras de ninguém,
calai.*

*Calai
canas e bambus
árvores e "ai-rús"
palmeiras e capim
na verdura sem fim
do pequeno Timor,
calai.*

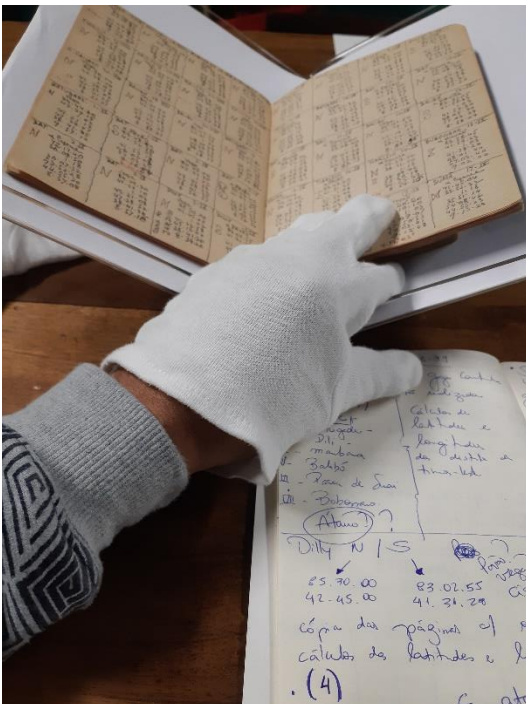
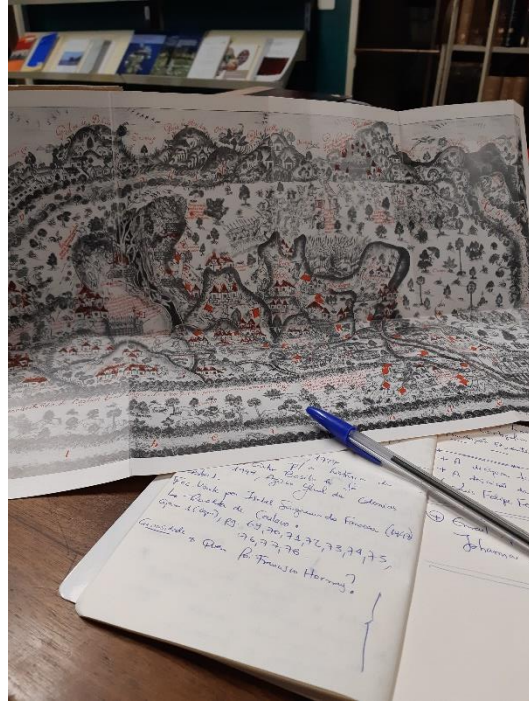
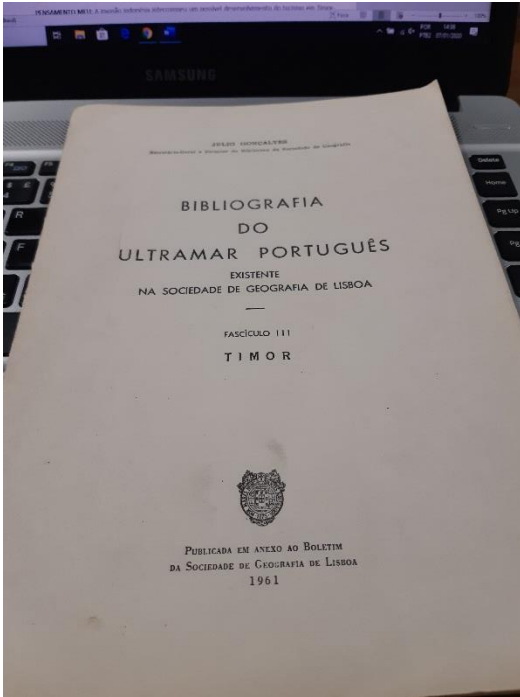
*Calai
calai-vos e calemo-nos
por um minuto
é tempo de silêncio
no silêncio do tempo
ao tempo de vida
dos que perderam a vida
PELA PÁTRIA
PELA NAÇÃO
PELO POVO
PELA NOSSA
LIBERTAÇÃO*

Calai - um minuto de silêncio, por Francisco Borja da Costa (1946-1975)

ANEXOS

ANEXO – A

IMAGENS E REGISTROS DA COLETA DE DADOS E PESQUISA ARQUIVÍSTICA E DOCUMENTAL EM LISBOA, PORTUGAL



ANEXO – B

IMAGENS E REGISTROS DO MOVIMENTO PRÓ-INDEPENDÊNCIA DE TIMOR NO BRASIL E AMÉRICA LATINA

9

CORREIO DA CIDADANIA

• Página 8 - Cultura Semana de 19 a 26 de setembro de 98

Racionais MCs cantam de graça pelo Timor Leste

Alexandre Pavan

O grupo de rap Racionais MCs apresenta-se em show gratuito em prol da luta pela libertação do Timor Leste, no próximo Domingo, dia 27, no Ginásio da Portuguesa de Desportos. Os rappers brasileiros são os primeiros artistas nacionais a abraçar a causa timorense com mais empenho e interesse.

O Timor Leste é uma ilha, um país localizado no sudeste asiático que vive sob uma ditadura imposta pela Indonésia, responsável pela morte de mais de 200 mil pessoas — o que equivale a um terço de sua população — e descaracterizou completamente a cultura local, proibindo os timorenses de falarem sua própria língua, o português. Hoje a parcela da população que fala o idioma não chega a 10%.

Assim como o Brasil, o Timor foi colonizado pelos portugueses no século XVI, o que nos permite dizer que, ao menos na História, somos nações irmãs com fortes laços culturais que nos unem. Foi em abril de 1974, durante a Revolução dos Cravos, que pôs fim à ditadura de António Salazar em Portugal, que o Timor Leste conseguiu sua independência. No entanto, em dezembro de 1975, aproveitando-se da fragilidade democrática timorense — há menos de um ano eram um colônia de exploração — tropas militares da Indonésia, comandadas pelo ditador Suharto, dominaram a região.

Faltaria espaço para nomear todas as atrocidades cometidas pelos militares indonésios desde então. Além da violação cultural já citada, também entrariam na lista genocídios e crimes ambientais.

A causa timorense, após mais de 20 anos de lutas e mortes contra a ditadura imposta pela Indonésia, passou a ser mais divulgada a partir de 1996, quando dois homens nascidos no Timor ganharam o Prêmio Nobel da Paz. São eles o bispo Dom Ximenes Belo e o jornalista José Ramos-Horta, que foram reconhecidos internacionalmente por seus trabalhos pela libertação de seu país.

Mesmo com um Nobel nas mãos e com Portugal intervindo junto à ONU em seu favor, os timorenses ainda sofrem com a displicência de muitos países. O Brasil é um deles. A falta de interesse da grande imprensa em tratar o assunto é equivalente às respostas do governo aos pedidos de ajuda emitidos pelos ganhadores do Nobel. Como resultado, brasileiros desinformados e alheios ao problema. Quem conhece a causa do Timor? Quem sabe o que é e



Os integrantes do Racionais MCs posam com a camisa do movimento América Unida por Timor: show é dia 27

onde fica Timor Leste?

Os Racionais MCs, cronistas urbanos acostumados a escrever sobre miséria, injustiça social e opressão, que sofrem os moradores das periferias, no próximo domingo, dia 27/09, vão cantar para que o Timor Leste deixe de ser a periferia da Indonésia e periferia do mando. Salve, Racionais! Salve, Timor!

Serviço: Os ingressos são limitados e devem ser retirados com antecedência na CUT (R. Caetano Pinto, 575, Brás, SP)

**TIMOR LESTE :
ELES FALAM PORTUGUÊS
E ESTÃO PEDINDO
SOCORRO !**

VENHA CONHECER A LUTA DO POVO TIMORENSE
CONTRA 20 ANOS DE GENOCÍDIO INDONÊSIO.

**PALESTRA COM O PROF. ANTÔNIO
BARBOSO DE MAGALHÃES/PORTUGAL**

**DIA 15/08 - QUINTA FEIRA
18:00HS. SALA 134**

REALIZAÇÃO: GRUPO SOLIDÁRIO SÃO DOMINGOS
APOIO: PASTORAL UNIVERSITÁRIA
CENTRO DE VIVÊNCIA PUC/SP

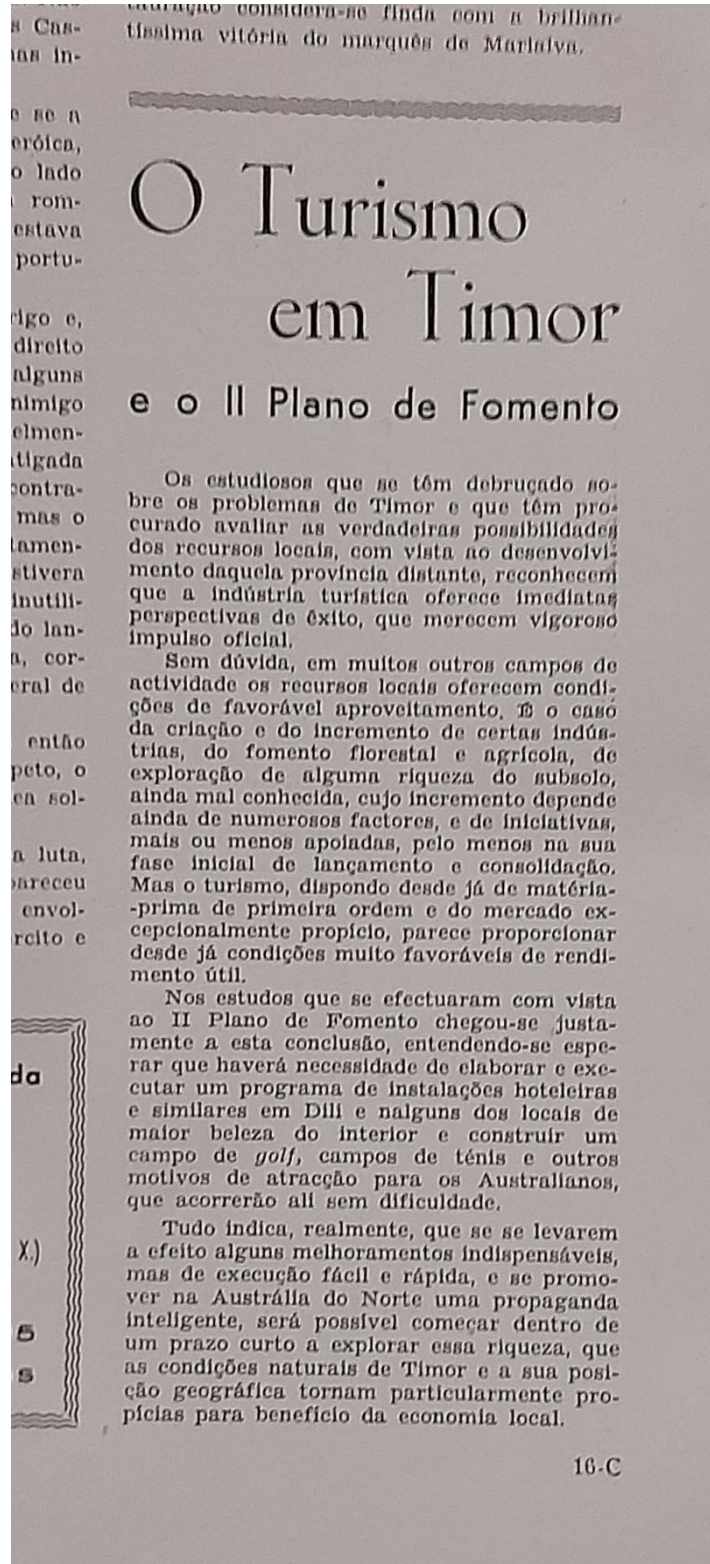


**AMÉRICA
UNIDA POR
TIMOR**

www.caferomano.org

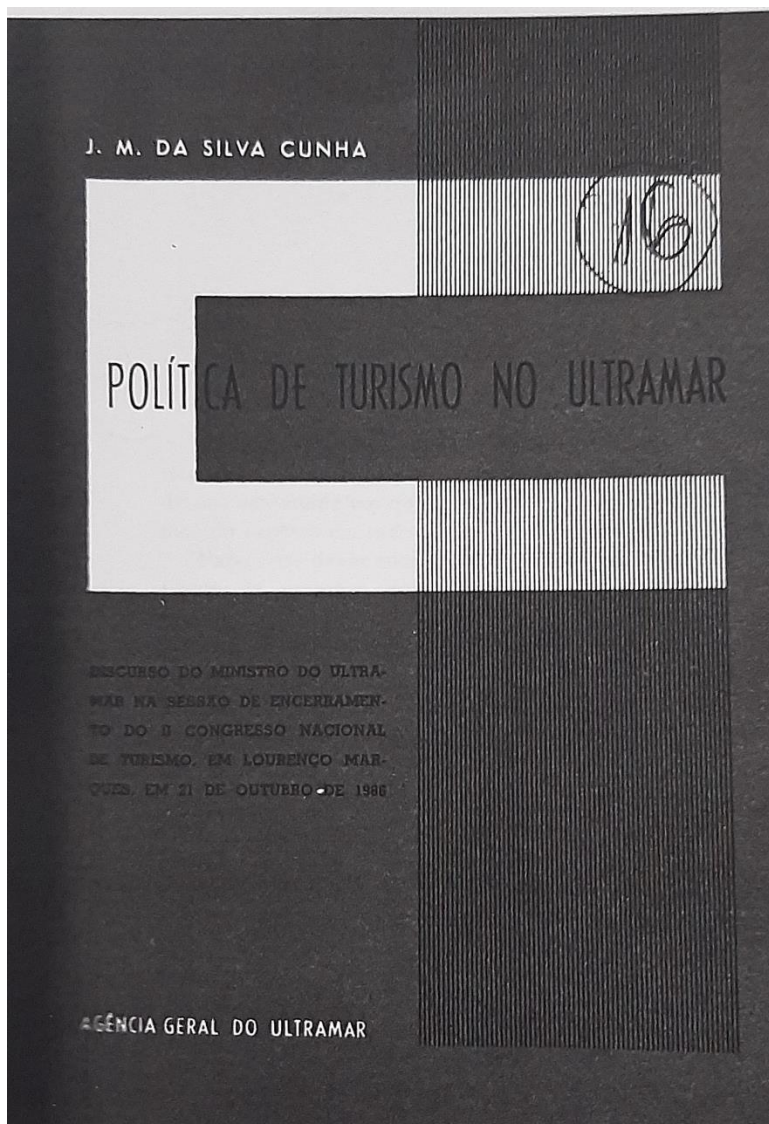
ANEXO - C

PRIMEIRA NOTÍCIA SOBRE TURISMO EM TIMOR (1957)



ANEXO – D

POLÍTICA DE TURISMO DO ULTRAMAR (1966)



Cabe-me a honra de proferir as últimas palavras nesta sessão com que se põe termo a alguns dias de útil actividade em que se analisaram os problemas do turismo em todo o espaço português.

Parece-me dever começar por encarecer o significado da presença de S. Ex.^ª o Subsecretário de Estado da Presidência do Conselho a quem agradeço as amáveis, mas imerecidas palavras que me dirigiu na sessão inaugural do Congresso e que são produto apenas de uma amizade que vem desde que, juntos, frequentámos a Faculdade de Direito de Lisboa.

Considero de justiça também realçar a elevação, a competência e o interesse com que decorreram os trabalhos (e que estão bem expressos nas conclusões cuja leitura acabamos de ouvir) e de assinalar a agradecer a franca e amável hospitalidade que o Governo-Geral de Moçambique, todas

7

É assim que, em Timor, onde só há muito pouco tempo se instalaram os Serviços respectivos, mercê do espírito de iniciativa do seu Governador e da boa vontade e competência daqueles a quem está confiada a direcção dos referidos Serviços, começaram agora os primeiros passos para atrair à Província as correntes turísticas do Norte da Austrália.

Em Macau, pela sua localização e especiais condições de vida, foi possível definir uma bem orientada política de fomento do turismo que está a ser executada com pleno êxito.

Esta bela terra de Moçambique, caminhando na vanguarda neste campo ocupa ainda, e por direito próprio, um dos lugares cimeiros no conjunto dos territórios situados ao sul do Sara, embora não nos possamos dar por satisfeitos com a obra realizada pois muito falta ainda fazer.

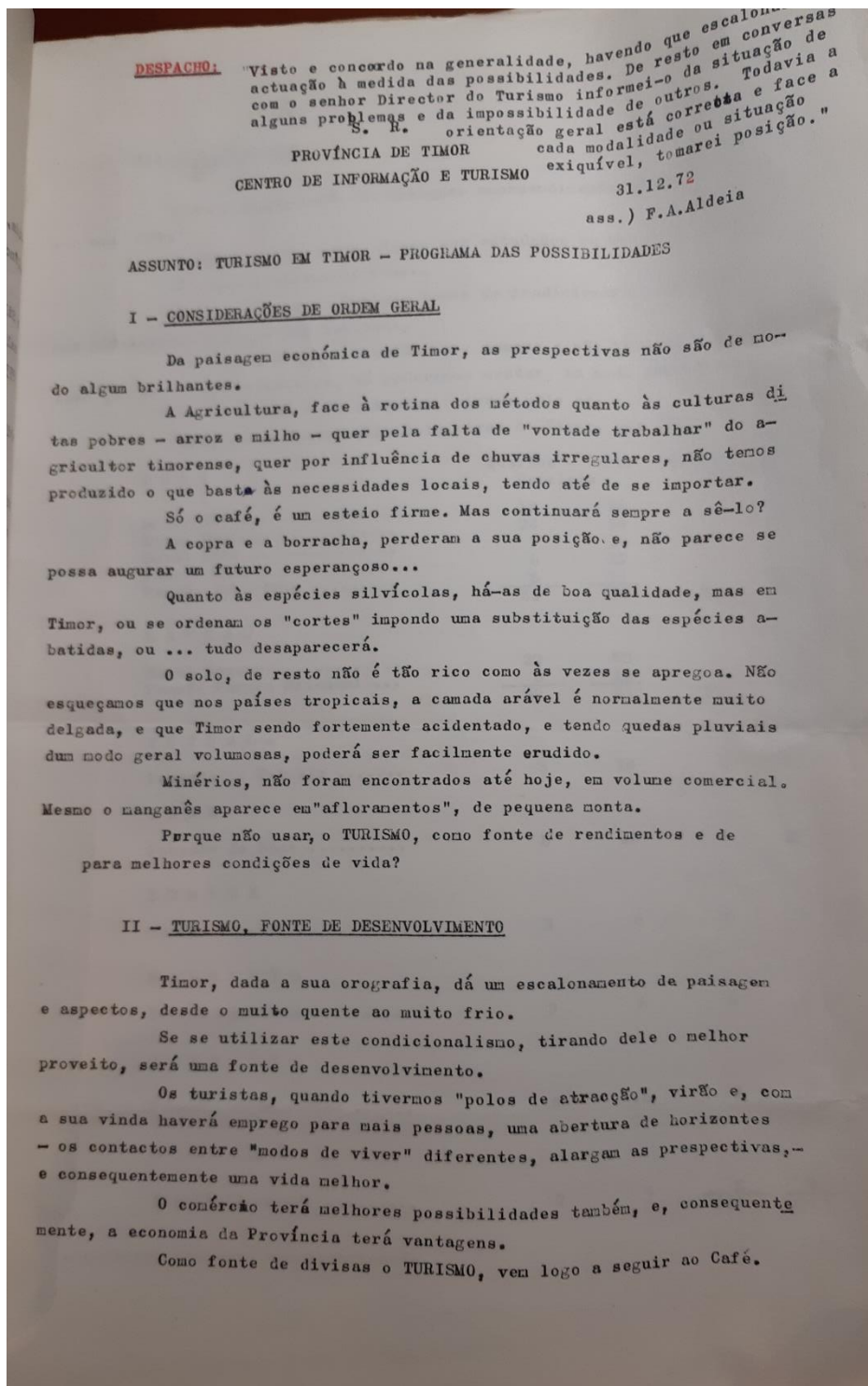
Em Angola, em Cabo Verde, na Guiné e em S. Tomé e Príncipe, as entidades responsáveis estão neste momento a encarar com todo o interesse o estudo da resolução dos problemas ligados a um efectivo aproveitamento turístico.

Urge, porém, caminhar depressa.

Na verdade, são evidentes as condições extremamente favoráveis que, para o desenvolvimento

ANEXO - E

TURISMO EM TIMOR: PROGRAMA DE POSSIBILIDADES (1972)



ANEXO – F

TURISMO: A QUEM SERVE?: JORNAL A 'A VOZ DE TIMOR' (1974)

TURISMO: a quem serve?

Uma das potencialidades económicas de TIMOR é o turismo, pelo menos assim tem sido afirmado nos últimos anos face ao aumento do capital movimentado em (e de) tal sector.

O turismo tem sido orientado face ao mercado internacional da procura, do mesmo, considerando a pouca valia do turismo interno, esporádico e pouco significativo.

Timor possui alguns (poucos) hotéis e pousadas os quais se encontram repletos após a chegada de alguma excursão estrangeira, fora desses períodos de intenso afluxo a ocupação média dos estabelecimentos hoteleiros e similares é reduzida.

Por vezes, nestas paragens de hábitos e costumes tão diferentes dos padrões europeus surgem problemas motivados pela inadaptação do procedimento dos responsáveis hoteleiros às reais necessidades do público em geral acostumado a dispor de estruturas turísticas mais complexas e eficientes.

Disto releva a validade do artigo que a seguir publicamos:

AO CORRER DA PENA ...

No mês passado (Junho), encontrando-se um casal de jovens portugueses, em Baucau, dirigiu-se à Pousada de Turismo, ali existente. Queriam instalar-se. Foi-lhes dito, que, dos quartos pretendidos (que ficam virados para o mar) havia um vago, mas que tinha a casa de banho es-

gueses, em Baucau, dirigiu-se a Pousada de Turismo, ali existente. Queriam instalar-se. Foi-lhes dito, que, dos quartos pretendidos (que ficam virados para o mar) havia um vago, mas que tinha a casa de banho es-

ANEXO - G

DA AUSTRÁLIA À TIMOR: JORNAL 'A VOZ DE TIMOR' (1974)

De Austrália a Timor

Sr. Director

Primeiro que tudo envio minhas saudações e felicitações pela continuação de «A Voz de Timor» do qual V. Ex.^a e mui digno Director.

Apresento-me através destas minhas letras:

J. Rogério Abrantes — Português — Residente em Darwin (genro de F. Favaro, Sr. Director, o envio destas minhas letras são com o fim de tornar Timor no melhor progresso e cabe-me a mim também ser responsável pois que Timor é para mim parte de recordação em minha vida e de verdade uma terra que me encanta e sempre que me é possível é com o maior gosto que visito, assim como da melhor maneira contribuo para o bem do Turismo aqui pelo norte de Austrália, espalho publicidade, tento fazer acreditar o que os estrangeiros desconhecem em verdade, e neste ponto que quero focar a V. Ex.^a:

Pouco antes falsamente era feita uma grande publicidade sobre a possível invasão da Indonésia a Timor, assim como a construção de estradas para o cerco etc. o que não passou de falsas notícias. Sobre este ponto nada disto vem a beneficiar no futuro progresso de Timor, os Turistas evitam deslocar-se a Timor com o medo Segundo as notícias que aqui lêem etc.

Pouco antes para evitar falsas notícias dirigi-me a redacção

das notícias dirigi-me a redacção do jornal em Darwin e donde tive a possibilidade de falar com o jornalista chefe responsável, tentando fazer-lhe ver que desta forma seria levar Timor ao

subdesenvolvimento, do progresso que está a ter presentemente: a resposta que me foi dada foi *satisfatória!* Nos não carecemos de notícias próprias vindas de Timor, e agradeciámos se houvesse alguém interessado de nos informar, pois que Timor representa muito referente a Austrália.

Sr. Director sempre que haja algo de novo na vida de Timor seria bom transmitir as fontes de informação próximas, neste meu ponto digo a Darwin eu proprio me encarregaria de levar a publicar notícias de Timor aqui no jornal de Darwin fazendo a tradução de Português a Inglês.

Com boas notícias representa o progresso do Turismo e de Timor.

Sou correspondente do jornal Português «A Voz Lusa» fundado recentemente em Sydney e de igual agrado publicaria notícias de Timor e assim a expansão da publicidade. Para este fim queira V. Ex.^a enviar-me o vosso prestígio jornal para o qual fiz minha assinatura e autorização da tradução de algumas notícias de interesse geral — desta maneira Timor vai avante com notícias da realidade.

Sr. Director estas letras são

ANEXO H

DÍLI, A TERRA PACATA: PARAÍSO DE HIPPIES: JORNAL 'A VOZ DE TIMOR' (1973)

Díli, A Terra Pacata: Paraíso dos Híppies...

Escrevo de Díli, do centro da cidade, com a cidade de Díli bem metida dentro de mim.

Díli é uma cidade morta, a horas mortas. E mesmo nas horas de ponta, quando a canícula de ponta a ponta nos varre os sentidos, parece que a vida há muito partiu sem um deus. Hoje ou ontem ou amanhã é segunda ou quinta ou sábado. É dia de avião da Austrália. A fisionomia da cidade parece querer despontar para o Turismo: um Turismo quase de encomenda... o hoteleiro prepara afanosamente os quartos do seu hotel na mira dos dólares, que mesmo a curto prazo suplantam de longe a magreza das patacas.

O avião chegou carregado de homens cabeludos, de mulheres semi-nuas, para mal dos nossos

boquiabertos espectadores. Os restaurantes populares da cidade gostam dos híppies. Quem-lhes como fregueses habi-

is. Eles deixam pouco dinheiro mas sempre deixam algum e, n'isso, nunca causam embargos ou prejuízos. Comem, bebem-pouco, é certo —, pagam e iram-se satisfeitos. De vez em quando lá aparece um «parceiro» que atraído pela simplicidade, cabeludos e mais ainda pela patia das australianas os dis- que com a oferta de umas idas. E todos ficam irmãos... porque são inimigos do mundo. Os híppies fazem-se amigos com toda a gente. O silêncio se- cial que mora em Díli dá a sensação de que a cidade fica si- da para além da geografia.

como os híppies se querem longe do mundo. Quem-lhes den- tro. É aqui o seu paraíso...

INÁCIO DE MOURA

turísticos pecados... Cabisbaixo, o industrial de hotelaria, à míngua de unhas para roer, começa a roer nos que têm unhas mas não sabem tocar guitarra.

Díli, a terra pacata, foi pacatamente invadida pelos híppies. Há mesmo uma casa destinada a esta espécie de turistas pouco perdulários. É a «Beach House», a «Casa da Praia», mandada construir pelo Município da capital timorense. E os híppies alojam-se aí.

Aí vivem, entregues a si-mesmos e às carícias do mar, sorrindo com inofensivo desprezo ao atrevimento de meia dúzia de boquiabertos espectadores.

ANEXO I

TURISMO E O IV PLANO DE FOMENTO: JORNAL 'A VOZ DE TIMOR' (1974)

TIMOR E O IV PLANO DE FOMENTO

Do jornal do «Comércio» transcrevemos com a devida vénia:

Durante o IV Plano de Fomento, cuja proposta de lei em breve será aprovada, de modo a ser executado no exercício de 1974-79, a província de Timor virá a beneficiar de importantes investimentos, que de muito longe superarão os registados no decurso do III Plano de Fomento. Embora com a mesma duração, as verbas consagradas a este, cujo último ano de execução decorre, elevaram-se a 560 500 contos ao longo dos seis anos da sua vigência, enquanto apenas três primeiros anos do IV Plano os investimentos previstos ascendem a 597 500 contos. Além disso, desde já se deve acentuar uma particularidade. É que se espera que os três últimos anos do Plano que no próximo ano entrará em vigor beneficiem do arranque proporcionado na execução dos três próximos, aguardando-se, por aí, não só uma planificação mais de acordo com a realidade a que se pretende chegar mas também com os meios de que felizmente se dispõe.

INVESTIMENTOS PRIORITÁRIOS

De notar também que no IV Plano há a considerar dois sectores. Um que respeita ao domínio dos investimentos prioritários, tendo em conta o papel de base que lhes cabe desempenhar na nova fase de arranque para o

TURISMO ANTI-TURISMO OU A ESTRANHA ATITUDE DE UM EMPREGADO DE MESA

Nem sempre as coisas correm bem. Bem os sabemos mas, por vezes, ainda as complicamos mais. Já tivemos oportunidade de ouvir lamentos no concernente à indústria hoteleira. Está tudo caro e cada vez mais, nem sempre se pode servir o cliente — o freguês — como gostaríamos. Enfim... uma série de dificuldades. Então, alguma coisa tem de se fazer para assegurar a clientela. Usam-se, pois, jogadas — chamadas chamariz — procurando bem servir o cliente com pessoal dinâmico e mais ou menos entendido no ofício, digamos aptos. Porém, aqui nis «aptos» é que residem o busflis, pois poucos são aqueles que têm cabais conhecimentos de hotelaria e mesmo civismo. Aliás até seria bom que se promovessem cursos ou coisas que o valha para ministrar certos conhecimentos necessários de hotelaria. Mas se fôssemos a falar disto teríamos tema para fazer correr muita tinta. Assim, limi-

correr muita tinta. Assim, limitar-nos-emos a falar, sucintamente, dos empregados, ou ditos empregados, com quem lidamos, se não diariamente, pelo menos de vez em quando.

Ainda não há muitos dias que um desses empregados dinamizados, com todo o seu charme, nos deixou boquiabertos e até com certo apetite a uma cena estilo «far-west». Entrámos num mini-restaurant, sentámo-nos à mesa, estávamos ladeados de pessoas que também queriam dar aos maxilares, esperámos que o empregado — Ah! desculpe-nos que o sr. empregado — nos viesse atender. Ao fim de dez minutos ele apareceu a completar as me-

sas com os respectivos talheres. Logo lhe pedimos uma cerveja (o calor aperta), mas usámos de boas maneiras e que o digam alguns dos que estavam presen-

ANEXO - L

TIMOR - O TURISMO DO FUTURO: JORNAL 'A VOZ DE TIMOR' (1973)

TIMOR - o turismo do futuro

Que o futuro de Timor está no turismo é uma verdade palpável. Mas que o turismo se pode fazer sem meios de transporte eficientes e cómodos e um parque hoteleiro convenientemente apetrechado já não ocorre a pessoas realistas.

As condições naturais desta terra, as suas extensas cadeias de montanhas verdes, os altos picos que se soerguem em prece ao céu azul, saplicado de nuvens brancas. Os vales, as planícies, as ribeiras traíçoeiras, as praias de areia fina, o mar de água limpa. O artesanato. A riqueza do seu folclore. Microclimas que agradam a todas as epidermes. As suas gente maravilhosas.

Tudo isso poderá fazer de Timor um centro turístico internacionalmente conhecido. Há que aproveitar o que a Natureza nos legou generosamente. Com boas estradas, pontes, boas pistas para

aviões, poderemos encarar com optimismo o futuro de Timor.

E é na verdade com optimismo que encaramos o futuro de Timor. Dentro de cinco a dez anos, será o turismo que trans-

formará radicalmente a feição económica desta provincia portuguesa.

Timor está a despertar para o progresso social e económico. A construção de estradas asfaltadas e de aeródromos será a alavanca do progresso. Não se pode fazer turismo sem boas estradas. Os turistas que cá vêm, depois de andarem aos trambolhões durante horas, de Dili a Baucau ou vice-versa, certamente que não vão ter vontade de repetir a viagem. E é lógico que vão contar aos seus amigos os maus bo-

tar aos seus amigos os maus bocados que aqui passaram. Isto sem nos referirmos já ao serviço hoteleiro. Nesse aspecto, há muito a lamentar. Mau serviço, falta de higiene (nalguns, note-se), desonestidade de alguns que querem ganhar mais do que oferecem, etc. Tudo isso não constituirá certamente um bom veículo de propaganda do nosso turismo.

Enfim, para se fazer turismo sério há que corrigir todas essas pequenas falhas.

Perto de 600 mil contos vão ser investidos em estradas e ae-

(Continua nas páginas centrais)

ANEXO – M

NOTÍCIA SOBRE PETRÓLEO NO JORNAL 'A VOZ DE TIMOR' (1973)

PETRÓLEO EM TIMOR: RIQUEZA OU "BLUFF"?

A conceituada revista «TEMPO» que se publica em Lourenço Marques inseriu recentemente uma reportagem sobre Timor, assinada pelo seu correspondente e nosso camarada de redacção Ramos Horta.

O articulista depois de se referir aos sectores de educação, indústria, comércio e agricultura, aborda um outro assunto que tem suscitado vivos comentários: o petróleo em Timor, sob o título acima.

Da referida revista transcrevemos uma parte significativa da reportagem:

«Quanto ao petróleo muito se tem falado e escrito. Mas o certo é as perspectivas não nada animadoras ao contrário do que querem fazer crer os relatórios da empresa concessionária.

«A concessionária, uma pequena companhia sem projecção económica nos mercados internacionais do petróleo, tem anun-

ciado a descoberta de algumas reservas na costa sul da província.

«Claro, as acções também têm subido proporcionalmente...

«Mas dos contactos mantidos com pessoas muito chegadas à referida empresa, conclui-se que o petróleo em Timor não pode dar-nos muitas esperanças de riqueza.

«Existe petróleo sim, mas em quantidades sem interesse comerciais».

A título informativo acrescenta-se que a **Timor Oil** já encerrou há alguns meses os seus trabalhos na costa sul, na região de Betano. Segundo informações de fontes fidedignas a interrupção dos trabalhos deve-se à falta de disponibilidades financeiras, não se sabendo quando serão reiniciados os trabalhos.

Provavelmente depois de se emitirem mais acções...

SIM, É VERDADE. POIS CLARO, O SEU NOME É FRANK FAVARO. JORNAL DA FRETILIN (25/10/1975)

NOVA SEDE DO NOSSO PARTIDO!

(Continuação da pág. 1) contra a linha definida pela FRETILIN.

Depois de dissertar sobre o significado daquela corintóia, o camarada Vice-Presidente falou da transformação que se operou na FRETILIN, que como movimento de libertação que foi passou a ser, agora, um partido, dada a fase superior da luta a que fomos chamados.

Eclareceu ainda a diferença

entre Partido e Governo, definindo o primeiro e outros as suas atribuições gerais.

Após terminar pediu muito trabalho, de todos, sem excepção, para podermos servir o povo dentro da orientação definida pela FRETILIN, pois, salientou o Vice-Presidente — «a exploração é uma grande tentação».

Logo depois toda a população entrou para visitar as novas instalações da sede do partido.

Na outra frente do combate

O Departamento de Saúde e Higiene Popular, tem desenvolvido grande actividade, mórmente na campanha de vacinação TAB em todas os Bairros da cidade e locais mais populosos.

Em Baucau também se iniciaram as campanhas de vacinação TAB, Anti-variólica e Trivax.

MALAS AÉREAS

A Estação Postal de Díli fecha as malas para o exterior de Timor-Leste, via Darwin e Sydney, todas as terças-feiras e sábados, dentro do seguinte horário:

- corresp. registada - das 8 às 9 horas
- corresp. ordinária - das 9 às 10 horas

AS ESCOLAS ABRIRAM!

— Encontra-se já em pleno funcionamento no nosso território as Escolas Agrícolas de Fatumaca e Chinesa de Díli.

LOJAS DO POVO — SÃO UMA REALIDADE EM BAUCAU

— Desde há mais de uma semana que se acha em plena actividade, na vila de Baucau, uma loja do povo. Também foram instaladas lojas populares em quatro zonas centrais de Baucau, que funcionam como sucursais daquela loja. Os referidos estabelecimentos comerciais são geridos por comissões administrativas eleitas pelo povo.

A OPMT ALARGA O SEU CAMPO DE ACÇÃO

— Seguindo o exemplo das camaradas de Díli, Alileu e outras zonas, também em Baucau se fundou, no dia 12 do corrente, a Organização Popular da Mulher Timor, orientada por uma Comissão Directiva constituída por três elementos.

A SECÇÃO AGRO PECUÁRIA TEM UM NÚCLEO NO INTERIOR

— Já se formou em Baucau a Secção Agro-Pecuária, encontrando-se o camarada Chico Benavides a responsabilizar-se por ela, coadjuvado por outros camaradas práticos agrícolas saídos do Colégio de Fatumaca.

PRODUZIR NA ESCOLA E NO CAMPO!

— Como a produção está na ordem do dia, a Comissão Coordenadora de Baucau decidiu que os professores e monitores escolares começassem a matricular os alunos, no sentido de iniciarem os trabalhos de agricultura numa horta colectiva própria.

A ESTACAO DA RADIO DE BAUCAU ENTROU EM FUNCIONAMENTO

— Desde o passado dia 20 que entrou em funcionamento a Estação Central Rádio Telégrafo Postal de Baucau.

Manutenção Militar Comunicado

— Considerando que é muito urgente o escoamento do interior para Díli de géneros alimentícios. — Considerando a falta de sacos de linhaça a Sucursal da MM em Díli solicita a boa compreensão dos camaradas de toda a guarnição Militar de Díli, Comandos, Pelotões e Secções que todos os sacos cedidos pela mesma Manutenção Militar no acto do levantamento de géneros sejam imediatamente devolvidos. Díli, 17 de Outubro de 1975. — O Comandante, José Correia Pinada.

IMPORTANTE! Não às escolas de condução! Sim aos exames!

— Por motivos de ordem vária, nomeadamente a escassez de combustíveis, não entrará para já em funcionamento a anunciada Escola de Condução. No entanto, todos os camaradas que se julgarem aptos a conduzir, aconselhamos a dirigirem-se à Secção de Obras Públicas onde lhes serão prestados todos os esclarecimentos sobre Exames de Condução.

SIM, É VERDADE. POIS CLARO... O SEU NOME É FRANK FAVARO

Hoteleiro e aviator e não só mas e/ou também, australiano, importado de Itália, residente em Díli (antes, DURANTE e após o reacçãoário golpe da UDT), figura do cinema ainda honrorário (ou lendário?), quem não conhece Mister FRANK ANTONIO FAVARO!...

Extremamente «capoiznado» por Timor Díli (pelo Timor dos «timorenses»), Mr. Frank Favaro tem-se sacrificado a tal ponto, que até nos custa acreditar como tem ele conseguido aguentar, de pé, os inúmeros prejuízos que o seu hotel, quase sempre de moças, lhe vem acarretando (!) desde longa data. E, na verdade, um homem formidável! Tem o seu hotel «só para turistas ver...». No fundo, o que ele pretende, assim deduzimos, é dar emprego às gentes da terra. O mais difícil, contudo, é pagar-lhes o justo salário. Que o diga o actual empregado, o «canta» Félix, que consigo trabalha desde o início e só ganha 50000 mensais! Que o diga o ex-empregado José Barros, que no dia 11 do corrente mês foi «comvidado» pela senhora Margaret Favaro a gozar uma curta Nença familiar (alegando que no hotel havia pouco trabalho) e quando passados nove dias se apresentou ao serviço foi simplesmente ESCORRAÇADO pelo patrão — ele, que até só ganhava 40000 mensais! Neste mês de Outubro, contudo, apenas recebeu o equivalente a 11 dias de trabalho.

Mas quem não conhece o sr. Favaro é família, limitada?... A respeito do nosso herói, há-se, a dado passo, no jornal australiano «NATIONAL U» de 8 de Setembro último: «... FAVARO É DE UMA MANEIRA GERAL DETESTADO PELOS TIMORES. É ADEPTO DA UDT DESDE LONGA DATA. ACHAVA-SE EM DILI DURANTE O GOLPE E EVIDENTEMENTE VIU-SE EM PALPOS DE ARANHA PARA SE DECLARAR «NEUTRO», IÇANDO A BANDEIRA AUSTRALIANO NO EXTERIOR DO SEU HOTEL...».

O que na verdade, nos deixa bastante intrigados é o facto de o sr. Frank Favaro não ter rendosos negócios em Timor-Leste (ou lá-los-dá sem a gente se aperceber?...), e dar-se ao luxo de possuir não sei quantos carros, um barco e um avião. Só que, nos artigos de bar do seu hotel (e talvez não só), fica o cliente muito mais escaldado — nos preços, evidentemente — do que noutros estabelecimentos congéneres e até de categoria superior. E como consegue ele vender tabaco estrangeiro por preços não muito convidativos? Ainda há poucos dias se vendiam no bar do Hotel Díli cigarros «Rothmans» de luxo, ao preço de 2500 cada maço. Pagariam eles elevados impostos aduaneiros, ou nem sequer teriam passado pela Alfândega?...

E, a propósito do «Hotel Díli», considerando previamente do «utilidade turística», que melhorias se teriam nele já operado para continuar a beneficiar de tal concessão? Enfim, amigalhões tinha ele: os ex-directores do Centro de Informação e Turismo e os outros ex-directores que o deixavam importar mercadorias isentas de impostos aduaneiros. Porque não haveria pois o senhor Frank Favaro de admirar o seu «querido» Timor-Díli dos velhos tempos colonialistas e que a reacçãoária UDT ainda sonhava restaurar?!

Por tudo o que fica dito e por tudo aquilo que não foi dito, mas que há-de ainda ser dito, a respeito de tão comestida figura do nosso meio, que o sr. Frank Favaro faça o seu exame de consciência e honestamente (se é que é honesto!) nos diga o que de útil já fez por Timor-Leste e pelos timores, de modo a poder justificar, aos olhos do povo maubere, a sua permanência nesta terra que se quer libertar, tão urgente quão radicalmente, dos exploradores e oportunistas de qualquer espécie, nacionalidade, cor ou feição.

Entretanto, «ARRIVERDERCI» FAVARO...

ANEXO – O
PROJEÇÕES ARTIFICIAIS DO MEGAPROJETO PELICAN PARADISE



ANEXO – P
PROPRIEDADE PRIVADA DO PELICAN PARADISE EM TIBAR



ANEXO – Q

IMAGENS E PROJEÇÕES ARTIFICIAIS RELATIVOS AO TASI MANE



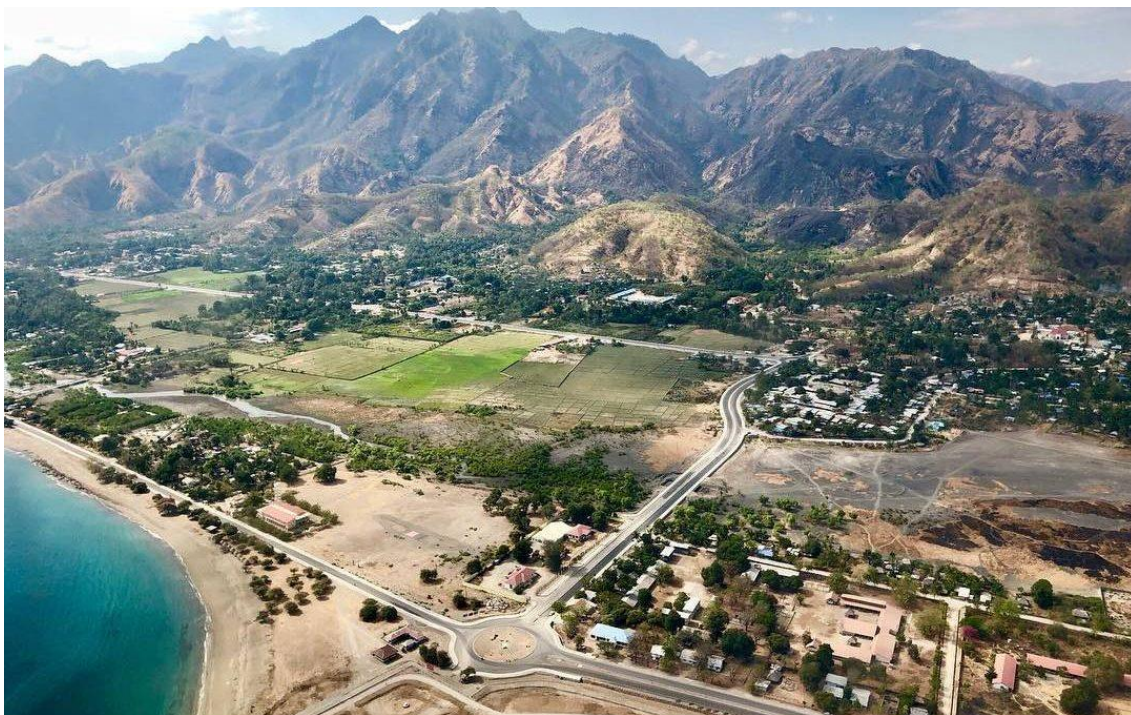
3D : Multi Family Residentials



3D : Single Family Residentials



ANEXO – R
IMAGENS E PROJEÇÕES ARTIFICIAIS DOS COMPLEXOS LIGADOS AO
ZEEMS



Apêndice - Matriz de Periodização de Eventos

	TEMPO	EVENTO	ECONOMIA	POLÍTICA
Sucessão de eventos	XIII	Timor identificado pela China Imperial como uma ilha rica em sândalo e madeira	Algumas relações comerciais centradas no sândalo, mas sem objetivos políticos	
	XV e XVI	A ilha também contactada por navegantes árabes	Comercialização de machados, porcelanas e artefatos de metal e madeira	
	1510-1514	Primeira representação portuguesa de Timor pelo cartógrafo português Francisco Rodrigues na obra "O Atlas do Mundo Moderno"		Primeiros contatos dos portugueses com as chefaturas locais
	1520	Portugal inicia atividades comerciais em Lifau (Enclave de Oecussé)	Se inicia a exploração do sândalo e outras madeiras na ilha de Timor	
	1589	Revolta dos habitantes da ilha de Solor contra os portugueses		
	1661	Holanda reconhece a soberania portuguesa da porção ocidental da ilha		Assinatura do primeiro Tratado de Paz entre Portugal e Holanda
	1703	Timor é reconhecido oficialmente por D. João V, Rei de Portugal		Antônio Coelho Guerreiro é o primeiro governador das províncias de Solor e Timor
	1719-1731	Revolta de Caicalo contra os invasores europeus, durando até 1731		
	1815		Primeiras experiências com a cultura de café	
	1844		Aumento da exploração de madeira de sândalo e café em razão da crescente importância comercial da China	
	1859	Oficialização do tratado de partilha da ilha de Timor entre Holanda e Portugal;		

		e reconhecimento da posse de Ataúro como parte do Timor português		
	1864	Díli é elevada à categoria de cidade		
	1897	Timor é alçado à condição de província, ganhando autonomia em relação à Macau	Fundação da SAPT (Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho), a mais importante empresa colonial da ilha	
	1898-1899	Estudos para demarcação da linha de fronteira entre o Timor português e território holandês, realizado pelo geólogo Gago Coutinho		
	1908-1912	Guerra de Manufahi, liderança por Dom Boaventura. Considerada a maior campanha anticolonial em Timor		
	1910-1920		Organização da <i>Timor Concessions Ltda</i> para tentativas de exploração do petróleo <i>onshore</i> Missão norte-americana inicia pesquisas em solo timorense <i>Internacional Petroleum Co</i> também realiza algumas prospeções na ilha	
	1919	Tribunal Internacional de Haia fixa em definitivo as fronteiras da ilha de Timor entre Portugal e Holanda		
	1936		Japoneses adquirem 40% da cota do SAPT	
	1937		Tentativa de exploração do magnésio em Baucau por industriais de origem holandesa	
	1940	Grã-Bretanha e Austrália costumam acordos de concessão para	Curta atuação da <i>Overseas Petroleum Company</i> em Timor, finalizada em 1942	

		exploração do petróleo		
	1942	Invasão japonesa da parte portuguesa da ilha de Timor, ocupando o território até 1945		
	1946	Austrália demonstra interesse em ocupar Timor. No mesmo ano, a Indonésia obtém o controle sobre a porção ocidental da ilha		
	1953	O Estatuto do Indígena, de Salazar, é suprimido, dando aos timorenses plena cidadania portuguesa		
	1958		Portugal notícia o II Plano de Fomento para Timor e aborda a importância do turismo para o desenvolvimento econômico da província	
	Década de 60		Maior diversificação da produção de alimentos, tais como milho, arroz, mandioca	
	1972	Demarcação da fronteira marítima no Mar de Timor entre Austrália e Indonésia, conhecido como <i>Timor Gap</i>	Apresentação de um detalhado Plano de Possibilidades e a Proposta de Planejamento da Atividade Turística para a Província de Timor	
	1974	Sob a liderança da FRETILIN, os timorenses buscam alavancar o processo de descolonização do território	Apresentação do IV Plano de Fomento para Timor, que seria executado entre 1974 e 1979	Fim da Ditadura de Salazar em Portugal e, em Timor, Francisco Xavier do Amaral, da UDT, torna-se Presidente do país
	1975	Invasão indonésia e início do controle e anexação territorial		Ocupação indonésia
	1989	Tratado do <i>Timor Gap</i> é selado	Jakarta inicia uma pequena abertura para estrangeiros entrarem em Timor	Ocupação indonésia
	1991	Massacre do Cemitério de Santa Cruz pelas forças indonésias		Ocupação indonésia

	1999	Referendo e consulta pela autodeterminação de Timor-Leste e retirada da Indonésia Chegada das forças militares da ONU (Interfet), substituída depois pela UNTAET		Início da Administração Transitória da ONU, sob a liderança de Sérgio Viera de Mello
	2000		Realização de Conferências em Tibar (Timor-Leste) e Brisbane (Austrália), delineando políticas econômicas pós-independência e evidenciando a importância do turismo sustentável	Administração transitória da ONU
	2002	Mudança efetiva da soberania sobre o território e os recursos econômicos	A área do <i>Timor Gap</i> antes pertencente à Indonésia passa automaticamente para Timor	IV Governo Constitucional de Timor-Leste (2002-2012), com Xanana Gusmão a frente do poder durante os próximos 10 anos
	2005		Criação do Fundo Petrolífero de Timor-Leste	
	2006	Conflito Ritual-Tribal em Timor-Leste, gerando deslocamento em massa da população timorense		
	2008		Início da costura do <i>Pelican Paradise</i> , considerado o maior empreendimento privado do país	
	2011	Apresentação do Plano Estratégico de Desenvolvimento (PED 2011-2030)	Início da implementação do megaprojeto de Infraestrutura Petrolífera Tasi Mane, na costa sul do território	V Governo Constitucional de Timor-Leste (2012-2015)
	2013		Início do plano de reordenamento territorial de Oecussé-Ambeno (RAEGO-ZEESM)	
	2014	Aprovação da Política Nacional de Turismo, lançada oficialmente em 2016		VI Governo Constitucional de Timor-Leste (2015-2017)

	2016		Empresa privada australiana <i>Timor Resources</i> inicia exploração e pesquisas <i>onshore</i> na costa sul de Timor	VII Governo Constitucional de Timor-Leste (2017)
	2018		Timor compra da <i>Shell</i> e <i>ConocoPhillips</i> a participação nos campos do <i>Greater Sunrise</i>	VIII Governo Constitucional de Timor-Leste, com Francisco Guterres na Presidência e Taur Matan Ruak na condição de Primeiro-Ministro
	2020-2021	Pandemia de Covid-19	O setor de petróleo é impactado pela queda global de remessas e instabilidade dos preços nos mercados globais. Com o impacto na mobilidade global, inúmeras instalações turísticas encerram as atividades	